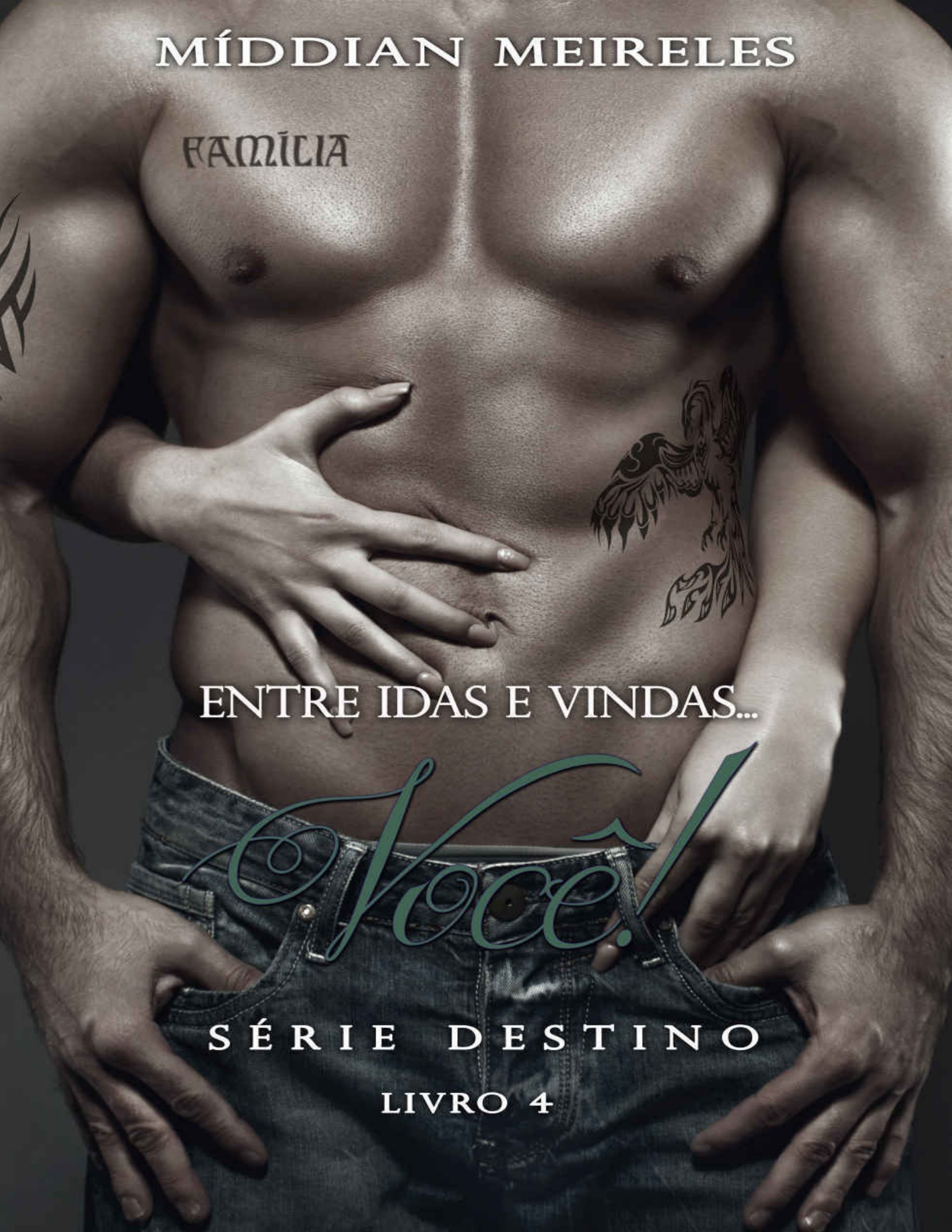


A close-up photograph of a muscular man's torso. He has a tattoo of the word 'FAMÍLIA' on his upper left chest and a large, intricate black tattoo of a phoenix or eagle on his right side. Two hands are placed on his chest, one on the left and one on the right, with fingers spread. He is wearing dark blue jeans. The background is dark and out of focus.

MÍDDIAN MEIRELES

FAMÍLIA

ENTRE IDAS E VINDAS...

Voce!

SÉRIE DESTINO

LIVRO 4



ENTRE IDAS E VINDAS...

Você!

SÉRIE DESTINO

LIVRO 4

MÍDDIAN MEIRELES

1^a EDIÇÃO

2017

Todos os direitos reservados à Míddian Meireles. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa & Diagramação Digital: Míddian Meireles

Revisão: Evelyn Santana

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Sinopse

Mia e Henrique se conheceram desde o nascimento. Eles eram melhores amigos e juntos descobriram o que era o primeiro amor. No entanto, no dia que decidem se entregar a paixão, eles descobrem um terrível segredo que pode mudar não apenas suas famílias para sempre, mas também os dois.

Depois de anos se escondendo atrás desse segredo e dos próprios sentimentos, eles resolvem finalmente dar uma chance ao amor. Até que Henrique tem que tomar uma decisão sobre seu futuro, que pode fazer com que ele perca Mia para sempre.

Entre idas e vindas, no passado e no presente, os dois se encontram, desencontram e reencontram. Mas o que acontece quando tudo o que eles mais tentam esconder de si mesmo, na verdade é o mais certo?

Será que eles sempre vão voltar um para o outro?

Não adianta mais eles fugirem ou se esconderem, chegou a hora deles descobrirem ao se reencontrarem.

Recado da Autora:

Olá gente, Henrique e Mia finalmente chegaram! \o/

Para quem não sabe, essa história sempre foi dividido em dois, mas tentei, porque tentei fazer em um único volume, mas acabei me rendendo e dividi novamente. Então como ia dizendo, “*Entre Idas e Vindas... Você*” é o primeiro livro da *Duologia Entre Idas e Vindas* e faz parte da série "Destino" e é o quarto livro da série, que conta a história de Henrique e Mia. Mas quem não leu os três primeiros livros que narram a história de Luca e Sophia pode ficar tranquilo, pois a duologia é independente. No entanto, quem quiser conferir a história de Luca, pode comprar os três livros em e-book na Amazon.

Como vocês podem ver o nome, o livro deles conta as idas e vindas do casal no passado e no presente, então aviso logo que teremos bastante passagens de tempo, intercaladas entre os capítulos para que possamos entender a história deles. No mais, preparem-se para rir, chorar, querer matar e claro, se apaixonar pelos dois.

Espero que vocês amem desses lesados tanto quanto eu e logo logo volto com o final da história deles.

Beijos,

Mí <3

“Aprendi que amar não significa estar junto, mas sim querer ver a pessoa feliz, mesmo que isso custe a sua felicidade.”

Querido John – Nicholas Sparks

Doze anos antes...

Prólogo

Com o barulho da porta do meu quarto batendo, acordei rapidamente, assustada. Eu provavelmente estava sonhando, porque vi Henrique vindo lindo em minha direção. Ele vestia uma calça de malha escura, uma camiseta da banda Raimundos sob seu casaco de moletom e calçava suas botas de montaria, além de carregar uma mochila nas costas.

Eu tinha quase certeza de que estava sonhando. Mas, para minha surpresa, ele pegou meu queixo e eu sabia que isso de fato era real.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei engolindo em seco e ele me deu aquele seu sorriso que fazia com que eu me derretesse a cada vez que sorria para mim.

— Coloque um casaco e suas botas. Vamos andar a cavalo — falou com um sorriso maior ainda.

— Você comeu merda, Henrique? — perguntei achando graça. — São quase duas da manhã! Nossos pais nos matariam, se soubessem! Volte a dormir. Amanhã andamos — informei, já voltando a colocar minha cabeça no travesseiro.

— Não. — Meu edredom foi puxado, me deixando imediatamente com frio, mesmo estando completamente vestida. — Se troque depressa, você perdeu o desafio hoje. Fora que vou dizer a Lore que foi você quem manchou aquela blusa dela que ela tanto amava. — Olhei para ele irritada pela ameaça e logo me levantei, não querendo o apocalipse com sua irmã.

Ouch! Isso foi golpe baixo!

— Ok. Você venceu. Mas depois que voltarmos do seu passeio maluco, você fará chocolate quente para gente. Tenho certeza de que minha bunda estará congelando! — apontei e seu sorriso só aumentou.

— Tudo bem — ele disse jogando meu edredom de volta na cama.

— E com pedaços de chocolate — continuei, quando comecei a calçar minhas botas.

— Como quiser, princesa Mia — respondeu com o sorriso travesso e me limitei a balançar a cabeça em negativa pela sua provocação sobre meu nome ser o mesmo da personagem do livro *O Diário da Princesa*.

Saímos pelo corredor do segundo andar do Casarão nas pontas dos pés e em silêncio, não querendo correr o risco de acordarmos ninguém. Assim que chegamos à porta de entrada, o vento frio nos atingiu mesmo que estivéssemos bastante agasalhados, e a minha vontade foi de correr de volta para a cama.

Sério! Que ideia de louco de sair assim!

Estava estupidamente frio na Região Serrana e, embora eu soubesse que era

“climatologicamente” quase impossível, não ficaria surpresa se nevasse. Henrique pareceu ler meus pensamentos, como sempre, porque tratou de jogar seus braços nos meus ombros, puxando-me junto a ele em uma tentativa de me aquecer. Agora eu não estava mais reclamando do frio. Jamais. Estava ótimo para mim.

Grudados um no outro, começamos a fazer nosso caminho até a Baía dos Cavalos. Com a penumbra que nos rodeava, podia parecer difícil chegarmos até lá, mas não para nós, que desde que aprendemos a andar fazíamos esse caminho, então andamos até lá sem problemas, mesmo estando completamente escuro agora.

Ainda assim me vi surpresa de encontrar Candy, minha égua cor de mel, e Dalm, o manga-larga malhado preto e branco de Henrique, já selados, parecendo estarem apenas à nossa espera. Então não foi difícil constatar que ele com certeza já tinha tudo sobre esse passeio planejado. Sem mais perguntas, montamos nossos cavalos e seguimos em direção a “sabe Deus onde”.

Durante o caminho, me perguntei uma e outra vez sua intenção. Eu não entendia por que Henrique tinha resolvido sair a cavalo e ainda por cima para irmos até a cachoeira do Véu, àquela hora da madrugada. Eu não estava com medo. Primeiro porque nunca tive medo do escuro, nem da natureza, eu adorava tudo aqui e praticamente respirava esse lugar. E segundo, porque estava com Henrique e ele me fazia sentir segura. Sempre fez. Eu só não sabia se deveria ter medo ou não do que ele queria fazer lá.

Ok, já estava ciente de todas as descobertas sexuais que ele veio fazendo desde que disse que havia perdido a virgindade, há dois anos. Mas o que eu não sabia era se ele tinha ideia do quanto meu coração parecia estar sendo moído aos pedaços a cada vez que ele falava alguma coisa sobre qualquer garota.

Eu sabia que estava sendo idiota, principalmente porque nunca tivemos nada além de um beijo jogando *Verdade ou Consequência*, mas era inevitável, era desta forma que me sentia. Só que ainda que doesse ouvi-lo dizer tudo isso, a dor de pensar em não tê-lo em minha vida era pior do que qualquer coisa. Então por isso eu preferia ser apenas sua amiga e ignorava a dor do meu coração.

Depois de não sei quanto tempo andando, Henrique parou seu cavalo bem em frente à cachoeira. Ele saltou e veio até o meu, para ajudar-me a descer. Apesar de estar tão tarde e escuro, foi impossível não ver o quanto a Lua iluminava esse lugar de forma incrível. Sempre vínhamos para cá, mas nunca tínhamos vindo tarde da noite antes.

— Que diabos estamos fazendo aqui? — perguntei nervosa por ele ainda estar me segurando pela cintura, e ele apenas sorriu.

— Andando a cavalo e passeando — respondeu com um sorriso ainda maior, antes de

começar a me puxar até a beira da cachoeira.

— Estou preocupada com sua sanidade, Henrique — eu disse achando graça. — É sério. Está tarde para caramba, você sabe que se nos pegarem fora da cama estamos ferrados — completei, mas ainda assim sentei ao seu lado na grama.

— Com medo de alguma coisa? Você sabe que eu posso cuidar disso — ele disse com uma piscadela.

— Uhum. — Revirei os olhos. — Não, obrigada. Eu passo. Acho que posso cuidar de mim mesma. — Mostrei a língua para ele, que riu achando graça da maneira como me deixou desconsertada.

— Estamos aqui para isso — ele completou com um sorriso malicioso.

Eu não disse nada, apenas olhei para qualquer lugar que não fosse ele. Pelo canto do olho, vi Henrique pegar sua mochila e abri-la, procurando alguma coisa. De lá ele puxou um edredom e seu *discman*, antes de estendê-lo sobre a grama. Voltei meu olhar para ele, curiosa, enquanto ele arrumava tudo com destreza, e, quando voltou a se sentar, Henrique estendeu a mão para que eu a segurasse. Sem hesitar, obedeci e logo me vi sendo puxada para ele.

Devagar, ele nos deitou e colocou minha cabeça em cima do seu peito. Em seguida, um lado do seu fone de ouvido foi para minha orelha e o outro para a sua. Respirei fundo e aproveitei aquele momento para deleitar-me com a sensação de estar em seus braços, sentindo seu cheiro, seu calor.

Nossa! Como isso era bom! Era como o céu!

Meu coração estava tão disparado, que a impressão que eu tinha era de que estava prestes a morrer. Era sempre assim que me sentia quando ele me segurava ou me tocava dessa maneira. Sentia-me tão dele, tão completa. Aproveitei para inalar seu perfume mais um pouco, querendo guardar esse momento, e tudo que eu mais queria era adormecer e acordar com ele assim.

Eu sempre soube que não deveria me apaixonar por ele, mas mesmo que tenha tentado evitar meus sentimentos, não acho que podia controlar a forma como me sentia diante dele. Sendo sincera comigo mesma, nunca consegui. Apenas parecia tão certo, embora eu soubesse que era tão errado.

— Sabia que às vezes faço isso do quintal lá de casa? — Henrique perguntou quebrando o silêncio, enquanto olhava para o céu.

— O quê? — perguntei, curiosa, e também me permiti enxergar o céu por algum tempo.

— Isso. Deitar sob a luz do luar, ver o céu, as estrelas e pensar sobre tudo e sobre nada. Mas garanto que em nenhum lugar que eu já tenha ido o céu parece tão bonito como aqui — ele disse fazendo-me sorrir.

— Sim é, verdade — concordei. — Eu gosto de observar o céu da janela do meu quarto. Por uma estranha razão, aqui, na fazenda, sempre parece mais estrelado. Apesar de nunca ter feito o que estamos fazendo agora — completei dando uma risadinha.

— Nem eu — respondeu, fazendo-me notar que ele estava rindo também.

Ficamos por algum momento em silêncio, só observando o céu iluminado pelas estrelas e pela grande lua cheia. Só nós dois e os mosquitos “simpáticos”. A madrugada estava fria, mas não me importei, porque estava com ele. Ouvindo a canção que nos embalava, continuei agarrada a Henrique, apreciando esse momento.

Ele tinha um gosto musical bem eclético. Ele gostava desde os Rocks pesados, até música clássica. *Stand By Me* de Ben E. King começou a tocar, provando exatamente isso.

— Mia? — ele me chamou de repente.

— Sim? — respondi em um sussurro.

— Você lembra quando a gente costumava dizer que iríamos ser amigos “ao infinito e além”? — perguntou.

Não pude esconder o sorriso que se espalhou pelo meu rosto com a lembrança. Como eu poderia esquecer? Nós dizíamos isso sempre desde que vimos o filme *Toy Story*. Costumávamos falar que nunca brigaríamos e que, quando completássemos dezoito anos, moraríamos em uma casa perto da praia e viajaríamos pelo mundo juntos.

— Sim, *Buzzy* — brinquei, fazendo-o rir, mas ele logo tratou de ficar sério.

— Eu quero o “além” — ele disse simplesmente, e levantei meu queixo do seu peito para olhá-lo.

— Não entendi o que quer dizer. O além? — perguntei confusa.

— O além — repetiu, prendendo seus olhos verdes nos meus. — Eu e você, Mia — disse baixinho, fazendo-me engolir em seco.

Oh, meu Deus! Ele estava dizendo o que eu estava pensando ou aquilo era um sonho?

— Henry... — gaguejei seu nome sem saber o que dizer.

O menino por quem eu era apaixonada desenhou meus lábios com seu dedo, deixando-me ainda mais chocada com sua admissão e pela forma como me olhava. Tocando-me de uma maneira que sempre desejei. Mas apesar do meu nervosismo, continuei a olhá-lo, esperando que dissesse mais, que dissesse tudo que eu sempre quis ouvir de sua boca. Era inevitável, a cada segundo meu sorriso apenas crescia, pois eu simplesmente não podia me conter.

— Você n-não quer? — Ele pareceu nervoso, pois sua pergunta saiu gaguejada.

— O que você quer? — perguntei, sentindo meu coração cada vez mais disparado, ainda tão surpresa que não sabia o que dizer.

— Não sei. Só sei que quero beijar você agora — afirmou antes de me beijar.

Vamos lá... Mesmo que eu tivesse quatorze anos, esse era meu primeiro beijo de verdade. Primeiro beijo este que era exatamente com o garoto com o qual sonhei e por quem era apaixonada minha vida toda. O beijo foi estranho no início, talvez fosse porque ambos estávamos um pouco assustados com o que acontecia, mas isso não quer dizer que a estranheza fez desse momento menos mágico.

Henrique continuou a beijar-me lentamente, enquanto segurava meu pescoço, e logo havíamos pegado o jeito. Nosso beijo foi se aprofundando e eu queria mais. Mais dos seus lábios. Mais dele. Seus lábios nos meus enviaram um arrepio por todo meu corpo, fazendo-me sentir coisas que achei que não fosse capaz de sentir. Não foi como o beijo que demos jogando “Verdade ou Consequência”. Sonhei com esse momento milhares de vezes, mas a realidade era mil vezes melhor. Muito melhor.

De uma coisa eu tive certeza naquele momento, dessa vez realmente atravessamos a linha da amizade. E foi nessa noite que tudo realmente começou. O que eu não imaginava era que as idas e vindas marcariam nossa história.

Tempos Atuais...

Eu respirava “moda” desde que me entendia por gente. Por isso, quando chegou a hora de escolher uma profissão, resolvi fazer faculdade de Moda e isso aconteceu quando fui estudar em Roma. Foi a decisão mais acertada que tomei e, apesar de ter andado sob a luz dos holofotes até meus dezessete anos de idade, foi dentro dos bastidores de uma revista que realmente me encontrei. Então, quando terminei meu curso, depois de alguns estágios em revistas, resolvi fazer Pós-Graduação em Escrita Criativa em Manhattan, que terminei no último verão.

Mesmo depois de tantos anos de faculdade, estágios e minhas próprias experiências no mundo da moda e da beleza, toda vez que eu andava pela *Madison Ave* e atravessava a porta de vidro desse prédio, parecia um pouco surreal quando eu pensava: *Eu realmente trabalho na Vogue!*

Sim, eu trabalhava apenas onde estavam os nomes mais importantes da moda do mundo todo. Onde as tendências de roupa, sapatos e acessórios eram influenciadas por esta revista. Onde moda e comportamento eram a “chave” do Universo. Um emprego na *Vogue*, mesmo que isso significasse uma pequena colaboração, podia impulsionar uma carreira no mundo da moda, além de trazer uma experiência infinitamente rica.

Meu estágio começou aqui há cerca de quatro anos e foi por indicação da mãe do meu ex-namorado, que era uma diretora de *Hollywood*. Apesar de ter conseguido por indicação, comecei como todo mundo e iniciei como assistente de uma das Editoras de maior nome e prestígio da revista, e sempre adorei. Ela não era a maravilhosa e toda poderosa Anna Wintour, mas minha chefe também era incrivelmente inteligente, enriquecedora e divertida. Eu realmente tinha prazer em trabalhar com ela.

Trabalhei duro desde que entrei por essa porta pela primeira vez. Dias e mais dias saindo tarde da noite enquanto editava as matérias. Dias correndo de um lado para o outro a fim de ter certeza de que tudo estava de acordo com o que queriam e esperavam que eu fizesse. Férias e feriados perdidos para cumprir com os prazos e cobrir desfiles com as próximas coleções da estação.

Claro que não era fácil conseguir um emprego na revista de moda mais prestigiada do mundo. Lógico que era meu desejo continuar crescendo aqui e, quem sabe, virar Editora, um dia. Mas há cerca de um ano fui surpreendida ao ser chamada pela minha chefe à sua mesa. Eu não tive muito tempo para pensar sobre o que ela poderia querer comigo antes de ela me entregar um rascunho do meu blog pessoal, que eu devo ter deixado cair ou se misturar com algum papel que

havia lhe entregado.

O tal texto era o que eu chamei de “*Tédio, o mal do Verão*”. Muito besta mesmo. Bem, eu estava obviamente entediada quando o escrevi, ele era pessoal e traduzia um pouco esse “sentimento devastador” chamado tédio. Eu adorava escrever e escrevia sobre tudo e sobre nada. Escrevia sempre sobre um sentimento momentâneo ou sobre o que eu “lia” nos sentimentos dos meus amigos. Era como minha segunda natureza.

Podia parecer besteira, mas além de um novo blog no site da *Vogue*, por causa dos acessos e do sucesso do blog, meu texto rendeu também um espaço na revista para publicar crônicas sobre moda e comportamentos.

Isso foi bem além do que imaginei, ao menos por ora, mas a verdade é que fiquei me sentindo nas nuvens com seu reconhecimento. Era um trabalho, mas também era apenas eu sendo “eu mesma” e escrevendo sobre o que costumava escrever, então não podia ser melhor. Fora que os brindes e presentes que ganhávamos, eventos VIPs de que participávamos e todos os lançamentos que ia, por si só, já valiam a pena. Além disso, eu recebia muito bem. Era mais do que perfeito para mim.

Realmente não me lembrava última vez que tive férias de verdade e desde que algumas coisas me aconteceram, não me importei realmente com isso. Por que me importaria? O máximo que conseguia eram alguns dias de folga e nada mais. Ainda assim, era definitivamente bom manter minha mente ocupada. Bom mesmo. Principalmente, quando eu saía de uma reunião com minha Editora, que mais uma vez havia elogiado meu trabalho. Era de fato compensador.

Sai do prédio da *Vogue* e, enquanto andava pelas calçadas da *Madison Ave*, em direção à *Fifty Avenue*, comecei a pensar sobre o tema que abordaria na próxima edição da revista. Comentei sobre alguns assuntos com minha Editora e ela se mostrou verdadeiramente empolgada com eles, mas eu queria fazer algo diferente do que costumava fazer.

Assim que chegue à *Quinta*, já estava arrependida de não ter pegado um táxi, porque meus pés doíam. Não culpava o meu querido par de *Impera Laser Cut Pumps* de *Christian Louboutin* por isso. Não, jamais faria tamanha injustiça, porque os únicos culpados foram os sapatos que usei na noite passada, quando resolvi sair para dançar com Lorena. Obviamente eu também deveria imaginar que usá-los não seria confortável. Então vou culpar Lorena por isso também.

Minha *Louis Vuitton* vibrou e eu sabia que deveria ser meu *iPhone* tocando. Ainda assim, esperei terminar de atravessar a rua para que pudesse resgatá-lo da bolsa. Sorri quando o nome do meu melhor amigo, “Luca Campanaro”, piscou na tela, acompanhado de uma foto nossa fazendo careta embaixo da água, em nossa viagem a Cancún, no último verão, o que foi de longe o mais

perto que tive de férias em muito tempo. E foi ainda melhor poder passar esses momentos deliciosos com nosso outro melhor amigo, Thiago Ryan.

— Ei, Tigrão! — atendi, deslizando pela porta aberta da *Starbucks*.

— *Oi, Tchuca. O que está fazendo?* — ele perguntou e logo em seguida escutei o motor do seu carro roncar.

— Parada na *Starbucks*, preciso comprar um café para pensar sobre o próximo artigo para a revista — respondi e enquanto ele ria, apontei no cardápio meus pedidos para garçoneiro.

— *Me conte uma novidade* — falou sarcasticamente, porque começamos o vício da cafeína juntos, enquanto estudávamos para as provas, nos tempos frios da Itália. — *Você poderia apenas escrever sobre o quanto é tentador ter um amigo tão bonito como eu* — sugeriu com ironia, antes de dar sua risada profunda.

Revirei os olhos pela sua falta de modéstia, porém, tirando a parte do “tentador”, era realmente verdade o quanto ele era bonito.

— Eu acho que eu deveria escrever sobre o quão modestos meus amigos são. Mas eu também não posso culpá-los, as mulheres lhes deram essa ousadia toda — falei e outra risada profunda dele aqueceu meu coração.

Meu sorriso cresceu, mas logo se desfez, pois eu sentia muita, mas muita falta dele, apesar de nos falarmos quase todos os dias.

— *Saudades de você, Tchuca. Sinto sua falta.* — Ele como sempre parecia ler minha mente e entender como eu me sentia.

— *Sim.* — Suspirei, porque apesar de ser feliz com a minha vida, estar longe da minha família e dos meus amigos me doía o coração. — Acabei de pensar nisso, você, como sempre, parece entender como me sinto.

— *Você está pensando em vir em breve?* — ele perguntou mais uma vez, mesmo sabendo melhor do que ninguém que não estava nos meus planos ir para o Brasil.

— Lógico que não! — respondi com uma careta, mesmo que ele não pudesse me ver. Mas Luca me conhecia como ninguém, e pela risada que ele deu, com certeza, deveria ter imaginado a cara que fiz.

— *Bem, acho que você deveria considerar vir. Na verdade, você está obrigada a vir. No sábado, para ser mais exato, pois estou dando uma festa de noivado com Sophia. Você sabe que não pode faltar, principalmente porque é minha madrinha* — ele disse com orgulho e eu sorri, ainda sem acreditar.

O que ele disse? Ele disse isso mesmo que ouvi?

— *Dio Mio!* Você realmente a pediu em casamento? — perguntei animada.

— *Claro que sim! Você sabe que não sou de deixar para depois o que quero para ontem* — afirmou e sorriu ainda mais.

Sim, inferno! Eu sabia!

Conhecia Luca há 26 anos, na verdade, desde antes de eu nascer. Nossos avôs são descendentes de italianos e eram os maiores fazendeiros da Região Serrana do Rio de Janeiro. Com todas as coincidências, acabaram virando grandes amigos e, por causa disso, nossas famílias sempre estiveram em torno da outra. Inclusive seus pais eram grandes amigos do meu pai. Morávamos um ao lado do outro, crescemos juntos e sempre fomos muito amigos. Melhores amigos.

Mesmo com a diferença de idade de dois anos a mais que eu, éramos três amigos inseparáveis, Luca, Henrique e eu. Frequentávamos a mesma escola e eles me defendiam ou brigavam por minha causa desde que pisei os pés pela primeira vez no jardim de infância. Até que Thiago mudou-se para casa em frente à nossa, e o nosso trio virou um quarteto, ficando ainda mais maravilhoso.

Algumas pessoas tinham dificuldade de enxergar ou apenas entender que poderia, sim, haver amizade entre homem e mulher, e mesmo sendo a única menina do grupo, nunca houve distinção deles em relação a mim. Éramos os melhores amigos. Para mim, eles eram os irmãos que viviam em uma casa diferente.

Os três sempre foram bonitos e se aproveitaram até demais desse fato. Thiago foi o primeiro a sossegar, quando se apaixonou por Mariah. Henrique gostava de um amplo leque e não levava ninguém lá para casa. Mas Luca era realmente minha maior preocupação, porque ele nunca se deixava envolver por ninguém. Nunca.

Luca Campanaro nunca passava a noite com uma mulher depois do sexo. E muito menos apresentava alguma delas para seus amigos. Era até mesmo raro que ele saísse com uma mulher pela segunda vez. Acho que ele sentia não apenas receio, mas também certo medo de se envolver. Bem, até Sophia.

Quando Luca me ligou dizendo que estava em Miami com uma mulher, eu sabia que estava fisgado. Ele sempre tentou manter-se distante, mas, pelo visto, Sophia o pegou de jeito, pois ele confessou para mim que estava apaixonado desde então. Sophia parecia ser exatamente o que Luca procurava, porque com um mês de namoro ele a convidou para morar com ele. Quando ela disse “não”, ele me ligou desolado, sem saber o que fazer para que ela mudasse de ideia. Até que, durante nossa conversa, ele mesmo chegou à conclusão de que iria pedi-la logo em casamento.

— *Tigrão, estou tão feliz por você* — eu disse, emocionada, e realmente quis dizer isso.

— *Eu sei que sim, Tchuca. Também estou feliz como nunca estive. Sophia é incrível. Eu*

realmente a amo e não consigo imaginar minha vida sem ela — ele afirmou com a voz irradiando felicidade.

— Você merece, sabe disso — eu disse com a voz trêmula de emoção.

— *Se mereço, realmente não sei, apenas sei que preciso dela.* — Suspirou. — *Você sabia que a primeira vez que a vi me lembrei de uma conversa que tivemos em Roma e eu soube que era ela imediatamente?* — confidenciou e sorri com a lembrança.

— Sim. Eu disse que você estava procurando nos lugares errados pela mulher certa — lembrei e nós dois rimos, porque eu não me cansava de repetir isso a ele.

— *Você estava certa, como sempre. Eu apenas sou grato por ter esperado tanto tempo para encontrá-la, pois valeu a pena* — limpei minhas lágrimas enquanto ele dizia.

— Sim, sempre vale a pena esperar pelo que é certo — falei e um pensamento passou pela minha cabeça.

Não. Não estava pensando nele! Não podia!

— *Isso significa que você está vindo?* — ele perguntou esperançoso e eu sabia que ele estava pensando exatamente o mesmo que eu.

— *Tigrão...* — Estremeci e ele me interrompeu.

— *Por favor, Tchuca. Preciso de você aqui. Você é minha melhor amiga, minha irmã do meio* — falou e eu adorava quando ele me dizia isso. — *Eu sei que não posso fazer nada para mudar o que aconteceu, mas se isso te faz sentir melhor, ele já me disse que não vem* — murmurou com a voz triste e soltei um suspiro profundo ao ouvir a dor em sua voz.

Ele não iria? Como assim?

— Luca, não é isso. Apenas não sei...

— *Mia Guiotto, ele não vai estar lá! Por mais que eu tenha tentado persuadi-lo a ir, ele me disse que não poderia. Mas nós sabemos que não é isso, ele quer apenas garantir que você vá. É meu noivado, eu não pretendo me casar de novo. É pedir demais que meus melhores amigos estejam comigo? Apenas venha!* — pediu e eu sabia que não podia evitar, uma vez que estaríamos juntos no casamento.

Ele estava certo. Eu não poderia negar isso a ele!

— Hum... Tudo bem. Estarei lá, por você — tomei coragem de dizer.

— *Eu sabia que podia contar com você, Tchuca. Sábado, meu jatinho pegará você e Thiago no Rio. Te ligo mais tarde para acertarmos tudo direitinho, ok?* — disse rapidamente, mostrando que ele já tinha tudo programado e não adiantava tentar fugir disso.

— *Good...* Está bom para mim. Nos falamos mais tarde. Te amo, *Tigrão* — eu me despedi.

— *Sim, eu sei. Obrigado, Tchuca. Também amo você* — ele se despediu antes de desligar.

Soltei um suspiro e fechei os olhos.

Quando *Story of My life* de One Direction começou a tocar, revirei os olhos pela ironia. Eu tinha que pensar. Eu sabia que havia prometido a Luca que iria, mas também não queria que eles tivessem uma briga por minha causa. Eu queria tanto ir, ver meus amigos, conhecer Sophia e sua filha, Giovanna. Queria estar lá e dividir essa felicidade com meu amigo, ele merecia. Mas eu podia fazer isso?

Depois de tantos anos, poderia ser injusta e egoísta a ponto de deixar seu outro melhor amigo de fora desse momento tão importante da sua vida, apenas por minha causa?

Na vida nós sempre teremos escolhas a fazer. E nem sempre, ou quase nunca, elas nos agradam. Dizer que minhas escolhas nos últimos anos não tinham me agradado, e muito menos me feito feliz, era eufemismo. Na verdade, nenhuma delas me fez feliz. Um belo exemplo recente disso foi a minha decisão de ontem à noite.

Eu ainda estava me sentindo mal por ter dito a Luca que não poderia ir para sua festa de noivado. Ele sabia que era mentira minha. Claro que sabia. Mas eu estava realmente aliviado por estar longe dele quando lhe disse isso, porque dessa forma não precisei ver a mágoa no rosto do meu melhor amigo. Era melhor assim. Eu ao menos esperava que fosse.

Desde que vi a foto de Luca e sua noiva estampadas em toda a mídia, no início do namoro, eu sabia que ele estava fora do mercado definitivamente. Vinte e oito anos de amizade fizeram com que a gente entendesse o que estava acontecendo só com um olhar. Era só olhar para Luca para ver que ele não estava apenas apaixonado pela primeira vez na vida, era mais do que nítido o fato de que ele estava completamente caído de amor por ela.

Eu também não julgava, apesar de não tê-la conhecido, mas apenas pelas fotos podia ver o quanto Sophia era linda. E, além disso, Luca também não parava de repetir o quanto ela era especial e tudo o mais. Eu estava feliz por ele. Realmente feliz, porém não podia negar que também estava com um pouco de inveja.

Só que eu não podia negar também que estava realmente mal por não estar lá. Eram 28 anos juntos em todos os momentos. Fossem eles ruins ou bons, estávamos sempre lá um pelo outro. Ele era meu melhor amigo, meu irmão, aquele a quem eu confiava minha vida.

A verdade era que não era que eu não quisesse estar lá com ele, mas apenas sabia que Mia precisava e deveria estar lá, e ela não iria se eu estivesse presente. Já era suficientemente ruim o fato de que teríamos de estar de braços dados no dia do casamento, pois isso definitivamente não poderíamos evitar. Ainda assim, nada se comparava à vontade de ir até lá e poder ter a chance de vê-la depois de tanto tempo.

Com o controle do som na mão, relaxei no sofá, tentando esquecer essa merda e pegando a revista em cima da minha mesa de centro. Coisa que fazia todas as vezes que recebia meu exemplar a cada mês. Qualquer um que entrasse agora no meu apartamento, de certo, não entenderia o motivo de eu estar lendo algo que definitivamente não combinava comigo.

Embora não quisesse ser pego, não me surpreendi quando Thiago entrou sem bater com sua

chave reserva. Ao ver o que eu estava fazendo, parou em minha frente com a sobrancelha levantada, em confusão.

— Sim, Jesus! Eu esperava que esse dia chegasse, mas não que eu encontrasse você lendo uma revista de mulherzinha! — disse com sarcasmo, seus braços cruzados sobre o peito, enquanto caía na gargalhada, e apenas rosnei para ele.

— Você sabe que meu nível de masculinidade está bem acima do seu, então pare de babaquice! — resmunguei, olhando para ele sério.

— Tudo bem! — ele disse com um sorriso, jogando os braços para cima em rendição, já indo em rumo à cozinha.

Thiago e Luca eram meus amigos desde sempre, para mim, eles eram realmente irmãos sem laços sanguíneos. Conheciam-me melhor que qualquer pessoa. Tínhamos laços tão fortes um com o outro, que nossos pais, sabendo disso, se juntaram e praticamente compraram todo o prédio e deram para cada um de nós um apartamento aqui. Isso incluía Mariah, meus irmãos, Leonardo, Lorena e também Mia, apesar de as duas ainda morarem nos EUA e seus apartamentos permaneceram alugados.

Luca sempre estava viajando e, se antes ele já estava mais em Manaus do que aqui, agora então eu tinha certeza de que ele viria bem menos. Já Thiago morava fixo aqui e era o que eu acabava vendo com mais frequência. Mas meus amigos adoravam as comidas de minha mãe e ela fazia questão de manter meu freezer abastecido de comidas congeladas, que fazia para mim e para Leonardo. Então eu tinha certeza de que Thiago estava indo para a geladeira atrás do meu suprimento.

Enquanto ele estava na cozinha, liguei o som e a voz de John Mayer ao som de Wherever I Go veio dar um tapa na minha cara para a realidade, e comecei a procurar no exemplar da *Vogue Magazine* Americana, o motivo pelo qual eu assinava essa revista nada máscula.

Sim, só assinava essa merda para ler uma maldita página!

Encontrei-a na página 62, linda e com aquele sorriso doce estampado no rosto que eu tanto amava. Apenas uma foto dela já fazia comigo o que muitas mulheres não conseguiam fazer pessoalmente. O texto do mês se chamava “**Chocolate: Not ou Hot?**”

No mundo complicado em que vivemos, para as mulheres — quando digo “mulheres” estou me referindo aos seres humanos normais com vícios e problemas — existem apenas duas coisas que fazem com que a gente se sinta melhor e que não é o sexo: compras e chocolate.

Como “comprar” sai, obviamente, mais caro do que pagar por uma barra de chocolate, 80% da mulherada são obrigadas a escolher essa opção. 5% preferem — ou podem se dar ao luxo de comprar — e os 15% são descartadas e

escolhem chocolate por puro prazer mesmo.

Sendo sincera comigo mesma, não sei onde me encaixo, mas nesse exato momento estou a um chocolate da obesidade ou da diabetes. Então, depois de abrir a fatura do meu cartão de crédito, eu me vi indo até ao mercado mais próximo do meu apê no Upper East Side, para garantir meu suprimento, porque existem duas coisas que não se divide na vida: homem e chocolate.

Quando cheguei ao corredor dos chocolates, sabia que estava na merda, porque me senti na “Fantástica Fábrica de Chocolate”. Tenho vergonha de admitir que até procurei Willy Wonka, com a esperança de ver Johny Depp.

Atire a primeira pedra quem não pensou nele, porque é meio que impossível não pensar nele quando pensamos nisso!

O motivo é que o tipo de homem Johnny Depp é tão tentador que, mesmo ficando velho, continua lindo e gostoso...

Sim... Ok! Voltando... Depois que acabei com as minhas esperanças de não ver meu amor, comecei a procurar pela prateleira por alguma barra de chocolate que me satisfizesse. Esse foi meu primeiro erro. Eu deveria ter fechado os olhos e pegado o primeiro que minha mão alcançasse, afinal, chocolate é chocolate, não é? Sim e NÃO!

Vejam bem, vocês já viram as inúmeras opções e milhares de sabores, marcas etc, etc de chocolate que podemos encontrar? Não? Então não veja, porque senão você vai surtar, como surtei. Só pode ser sacanagem dos fabricantes para que a gente pegue de um por um e experimente todos. O que no mínimo nos faria explodir. Mas como eu não estava muito contente com isso, resolvi “estudar” as barras mais a fundo.

Para início de conversa, o preconceito já começa com o preço do chocolate preto e o chocolate branco. O branco é monetariamente mais valorizado.

Graças a Deus que eu não gosto dele!

Chocolate com licor? Não, essa eu passei, porque é mais lógico e mais barato me servir uma taça de licor e comer chocolate ao leite enquanto bebo. Ponto para mim.

Chocolate amargo? Não, obrigada! Se eu não quisesse adoçar a minha vida, chuparia uma banda de limão.

Chocolate Diet? Light? Parei para analisar. Podem me explicar o que for, mas para mim eles são a mesma coisa. Estudei as calorias e eu engordaria quase a mesma coisa se comesse um de gente “normal”.

Quanto mais eu andava, mais entortava o nariz. Até que parei em frente a uma foto da propaganda de uma marca que me chamou atenção. A foto era de uma fita métrica rodeando a barriga de uma mulher e prometia emagrecer. Imediatamente fiquei interessada, quem não queria emagrecer comendo chocolate no café da manhã? Porque, para quem não sabe, para queimar as

calorias de um bendito M&M você precisa correr o equivalente a um campo de futebol. Seria triste, se não fosse trágico. Pra mim, o símbolo da paz deveria ser o chocolate, afinal, você já viu alguém querendo guerra quando tá comendo chocolate? Vide as mulheres com TPM!

De tanto tentar escolher um mísero chocolate, desisti. Eu sou dessas pessoas que não são pacientes e não sabem esperar. Mas também sou volúvel, então estava cansada e resolvi que uma garrafa de Tequila iria me ajudar ainda mais com meus problemas.

Sim, ela era minha amiga. A tequila não me julga!

Eu estava orgulhosa de mim mesma, por ter conseguido superar a tentação do chocolate quando cheguei à fila do caixa. Mas aí vi as malditas barras de novo. Sério. Deveria ter uma lei que proibisse os supermercados de colocar chocolate na fila do caixa.

Dica de beleza da Tia Mia: Coma bastante chocolate, porque assim você mata a vontade, causa uma diarreia e tem seu corpo de volta!

Pelo Amor de Deus! Não me escutem! Estou seriamente prevendo os inúmeros processos dos fabricantes de chocolate e das minhas leitoras depressivas, assim como eu. Comam frutas! Eu até queria comer frutas, mas chocolate é mais fácil de tirar da embalagem... Então, se você não tem força de vontade, como eu, Chocolate Not!

Beijos e Grifes para vocês.

Mia Guiotto,

Colunista e Escritora do Blog, pela Vogue Magazine New York.

Eu ainda estava rindo da matéria quando Thiago sentou-se ao meu lado com um prato de lasanha e ficou me olhando com um sorriso enorme no rosto. Ele foi a primeira pessoa que me viu com essa revista e mesmo que eu tenha recebido um olhar de entendimento dele, me senti um pouco constrangido por ter sido flagrado. Esse era meu segredo, mas era tarde demais e eu não poderia negar mais nada.

— Me deixa ler — ele pediu estendendo a mão e passei o exemplar da revista para ele.

Thiago ainda estava equilibrando o prato de lasanha com uma das mãos e a revista na outra quando começou a ler e, como eu imaginei que aconteceria, não demorou muito para que ele começasse a rir também. Um sorriso surgiu nos meus lábios, porque por mais que nossos sentimentos sobre Mia fossem diferentes, eu sabia que Thiago se sentia assim também: orgulhoso.

— Esse texto é tão ela — ele disse balançando a cabeça, e me vi sorrindo ainda mais enquanto concordava.

— Com certeza. Mia tem esse poder de se entregar nas palavras — afirmei, sinceramente.

— Sim. Ela nasceu para isso, *brother*. — Concordei com um aceno leve. — Olha isso... —

ele disse antes de começar a recitar uma parte do texto. — “*De tanto tentar escolher um mísero chocolate, desisti. Eu sou dessas pessoas que não são pacientes e não sabem esperar. Mas também sou volúvel, então estava cansada e resolvi que uma garrafa de Tequila iria me ajudar ainda mais com meus problemas. Sim, ela era minha amiga. A tequila não me julga!*” — Ele terminou e nós dois caímos na gargalhada novamente.

Malditamente certo!

Mia Guiotto era exatamente assim. Honesta, verdadeira, sincera, irônica, sarcástica e engraçada para caralho. Nada sobre ela era falso ou enganoso. Ela era apenas Mia em todos os momentos e também tinha a incrível capacidade de se entregar e conquistar todos com as suas palavras e, mais ainda, pelo seu jeito de ser.

Por mais que muita gente se surpreendesse que ela houvesse chegado aonde chegou sozinha, sem usar o nome da família para isso, eu não podia dizer que para mim foi surpresa. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo para que ela se encontrasse e brilhasse. Mia sempre fez isso, mesmo quando participava dos concursos de *Miss* que ela tanto odiava e ainda assim brilhava. Então por que ela não brilharia agora fazendo algo que realmente amava? Claro que iria!

— Por mais duro que seja admitir, ela está exatamente onde deveria — confessei, pensando alto, e Thiago me olhou intrigado.

— Sim, não vou dizer que você está errado. — Ele pausou, antes de continuar: — Ela realmente lutou para chegar onde está. — Concordei, mesmo que não estivesse presente como gostaria, mas eu a conhecia e tinha certeza disso.

— Essa é Mia — eu disse simplesmente, dando de ombros, e ele concordou.

Depois de um tempo em silêncio, ele perguntou, mudando de assunto:

— Você não vai mesmo para o noivado de Luca?

Eu sabia que essa pergunta viria. Eu sabia que ele perguntaria uma hora ou outra.

— Não — respondi, me levantando do sofá e indo em direção à cozinha, achando que era melhor ele não me olhar nos olhos também.

— Luca não me disse nada, mas você deve imaginar que ele está chateado. Nunca o vi tão feliz. Ele quer tanto que a gente conheça Sophia — ele continuou falando, agora parado no balcão da cozinha.

— Thiago, *brother*, sei que você está tentando fazer com que eu mude de ideia, mas isso não vai acontecer. — Peguei dois ovos, presunto e uma frigideira. — Estou feliz para caralho por Luca, você sabe. Sophia deve ser realmente muito especial e também estou doido para conhecê-la, mas não quero estragar nada para eles. Mia já se manteve distante demais todos esses anos. Ela merece estar lá mais do que eu — concluí, enquanto começava a bater os ovos para fazer uma

omelete.

— Não é questão de merecer. Henry... — Thiago suspirou. — ... ela me ligou — completou, fazendo-me olhar imediatamente para ele.

— Quem? — perguntei, sentindo o nervosismo no meu tom de voz.

— Mia — respondeu, como se fosse óbvio, e meu coração parecia que poderia sair do meu peito apenas pensando nela ligando para ele para falar sobre mim.

— Como ela está? — perguntei com a voz fraca.

A verdade era que essa era a porra da pergunta que parecia me manter de pé e são todos os dias da minha vida, desde que nos separamos pela última vez. Eu sempre precisava saber como ela estava. Sempre. Era isso ou eu ficava louco.

— Bem — respondeu apenas, mas seu olhar foi para longe. — Ela só queria ter certeza de que você não entrou em uma briga com Luca por não ir para o noivado dele. — Minha boca caiu aberta quando ouvi que ela realmente perguntou sobre mim.

Ela nunca pergunta. *Nunca.*

— Ela não precisa se preocupar — falei rapidamente, limpando minha garganta, enquanto me forçava a recomendar a bater as claras em neve. — Sou grandinho, sei me cuidar sozinho. — Terminei e logo joguei as claras em neve na frigideira já quente.

Confesso que queria mais do que isso. O meu desejo era que ela realmente quisesse saber sobre mim. E a decepção por não ouvir isso me arrebatou. Deixou-me mais fraco do que já era sem ela.

— Mia disse que não se incomoda que você vá. — Levantei meu olhar para ele, sentindo meu coração bater mais forte.

Ele não estava falando sério... Estava?

Isso não podia ser verdade. Mia evitava o Brasil justamente por minha causa. Nunca mais veio para cá. Sempre era a nossa família que se encontra com ela em algum lugar. E tudo por mim, porque ela não queria correr o risco de me ver. E agora Thiago veio me dizer que ela disse que poderia estar no mesmo lugar que eu? Não estava entendendo nada.

— Ela disse isso? — Ele concordou com um aceno e engoli em seco. — Você tem certeza? — perguntei incerto.

— Sim. — Ele suspirou antes de continuar: — Ela não quer que você perca isso também. — Meu coração bateu mais rápido com a possibilidade de vê-la, mas não estava certo disso.

Eu poderia... poderia?

— Não — falei, me forçando a voltar meu olhar para a frigideira. — Mia se importa, e você sabe. É melhor que eu não vá mesmo, não quero estragar nada para eles — repeti como um disco

arranhado, forçando o nó em minha garganta.

— Você sabe que não tem que ser assim, né? — Thiago disse com um tom preocupado.

— Não, não tem. Mas é assim. Ela escolheu que fosse assim, Thiago. Você sabe disso — respondi, dando de ombros como se não me importasse.

Eles poderiam dizer que sabiam, mas só eu sabia realmente o quanto me importava. O quanto doía. O quanto essa distância entre nós me matava mais um pouco a cada dia.

— Henry, cara, vocês... — ele começou e eu interrompi com um aceno cortante, não querendo ouvir o que ele tinha a dizer.

Estava na porra da minha cota!

— Basta, Thiago — rosnei. — Se for assim, por que você não deixa de ser um pau no cu e vai atrás de Mariah? — provoquei, não querendo me sentir mal quando sua expressão caiu. — Ela voltou! Ela está aqui há anos! Você é uma “dor na bunda” porque quer! — terminei sabendo que eu havia chegado exatamente na sua ferida e ainda assim senti-me péssimo.

Joguei o presunto em cima da massa, antes de repetir o processo com mais ovos em neve sobre a parte pronta. Eu não queria olhar para ele, não queria porque sabia como ele se sentia em relação à Mariah. Todos nós sabíamos.

Mesmo que fosse um dos maiores galãs de novela da televisão, Thiago Ryan tentava disfarçar seguindo sua vida, exatamente como eu fazia desde que a mulher que eu amava me deixou. Não precisava ser muito inteligente para saber que Mariah era sua *Kryptonita*, assim como Mia, quando se tratava de mim. Estava começando a achar que estávamos condenados a isso. Bem, pelo menos Luca parecia ter tido sorte e estava indo em direção à felicidade.

— Você sabe que não é assim! — Thiago rugiu, arrastando o banco do chão. — Mariah não quer me ver! Eu não a magoei como você fez com Mia uma e outra vez! E olha que não foram poucas as vezes desde que essa merda entre vocês começou! Olhe para você! — Ele apontou para mim. — Olhe para si mesmo, Henrique! Diga-me, ainda que você seja vice-presidente da *Guiotto's Indústria e Comércio de Alimentos*, que tenha um carro novo e top de linha sempre e uma conta recheada de dinheiro, isso significa que você está feliz? — ele perguntou retoricamente, e não pude fazer nada além de engolir em seco. — Sou seu amigo há dezesseis anos e posso afirmar com toda certeza que não, que você não é feliz! Você sabe disso! — bradou nervosamente, o que me assustou um pouco, porque ele nunca perdia o controle. — Você nunca foi o mesmo depois do que aconteceu entre vocês. E sabe de uma? Você nunca vai ser completo sem ela, seu babaca! — gritou, antes de sair e bater a porta da minha casa.

— Merda! — gritei jogando minha omelete para longe.

Foda-se! Eu sabia que ele tinha razão!

Qualquer pessoa que não me conhecia como meus amigos não tinha ideia de como minha vida foi alterada por causa dela. Com Mia longe, nunca mais fui o mesmo. Tudo que falava ou fazia trazia uma lembrança do tempo que passamos juntos. Mia sempre foi e sempre será parte de mim e não importa o que eu faça, tudo na minha vida se resumia a ela.

Será que a dor torturante em meu coração nunca iria embora? Ou será que terei que fingir pelo resto da vida que a porra do meu coração não estava ferido?

Nove Anos Atrás...

“*Odeio esse lugar. Odeio*”, eu repetia para mim mesma desde o momento que pisei meus pés fora do carro e agora encarava a enorme e suntuosa casa da Fazenda da minha família. O pior é que tudo que eu repetia era mentira. Eu definitivamente amava . Ao menos amei um dia. O que odiava mesmo eram as lembranças que ele inevitavelmente me trazia.

Respirei fundo e tentei não pensar em nada de ruim. Tentei não pensar em nada que pudesse mudar o que esse lugar realmente significava para mim. Eu apenas precisava aprender a lidar com o que sentia, porque por mais dolorosa que as lembranças fossem, esse lugar sempre fará parte de mim.

A casa diante de mim era uma daquelas enormes e intermináveis mansões coloniais dos senhores da época do café. O que de fato meu bisavô era, o Barão do Café. Meu tataravô, Henrique Guiotto, foi um nobre italiano decadente, que fez suas trouxinhas e veio tentar a sorte no Brasil na época da colonização italiana. Ele trabalhou dia e noite, quase como escravo, até conseguir comprar o primeiro pedaço de terra. O que na safra seguinte se transformou em outra e, na seguinte, em duas, e assim por diante, até que fizesse jus ao seu título.

— *O que ele tinha de diferente dos outros milhares de italianos que vieram junto com ele? Ele estudou e não tinha medo do trabalho!*

Era o que meu avô, Enrico, repetia sobre seu avô em todas as oportunidades que tinha. Isso enraizou tanto em minha mente, ficou tão guardado, que sempre que pensava em fazer uma pausa de cinco minutos dos estudos nas vésperas das provas, acabava desistindo.

Na crise do café, ele foi um dos únicos que não caiu junto com os outros fazendeiros. Porque ao contrário dos outros, ele não ficou na mesmice e sempre procurava por mais, diversificava. Suas fazendas de café se estenderam para gado. E com ajuda da melhor cozinheira do mundo, minha Tataravó Lina, criaram o que viria a ser a maior rede de cafeteria e confeitaria do Brasil: *La Dolce Lina*.

Há alguns anos, meu pai e seu amigo, Paulo, se conheceram enquanto faziam faculdade no Brasil e por isso ele conseguiu um emprego na empresa de meu avô. Quando estavam no segundo ano de faculdade, meu *Nonno* deu de presente para ele um ano de curso na Itália e também para meu pai, como era a tradição da nossa família.

Quando eles voltaram para o Brasil, meu *Nonno* resolveu que era hora de se aposentar, então meu pai assumiu seu lugar na Presidência da *Guiotto's Indústria e Comércio de Alimentos* e tio

Paulo trabalhou com ele para juntos abrirem a *Mama's Grill*, o que veio a se tornar, depois de alguns anos, uma rede de fast-food super popular no Brasil.

Foi nessa época que meu pai conheceu sua secretária, Mary Kate, que veio a se tornar sua esposa e, posteriormente, minha mãe. Tio Paulo se casou com Tia Socorro — *Help*, para os íntimos —, uma baiana arretada, filha rica de um Coronel do Cacau de Ilhéus, que veio estudar no Rio de Janeiro e se tornou mãe dos seus três filhos: Henrique, Leonardo e Lorena.

Tio Paulo e Tia *Help* eram grandes amigos dos meus pais e também meus padrinhos. Assim como meus pais eram de Henrique, que recebeu esse nome em homenagem ao meu *Nonno*. Desde que eu me entendia por gente passávamos a maior parte das férias aqui na fazenda. Com exceção do Ano Novo e alguns fins de semana que íamos para nossa casa de praia em Angra dos Reis.

Parecia louca agora? Talvez só um pouco, né?

As pessoas, muitas vezes, deviam pensar que eu era apenas mais uma riquinha mimada e não me suportavam. Pois bem, desculpe decepcionar, mas não era. Não odiava esse lugar por isso. Lógico que não. Tinha muito orgulho do que minha família fez e construiu ao longo dos anos. O problema estava em um fato que ocorreu há quase três anos e me fez odiar mais do que qualquer coisa estar aqui novamente depois de tudo.

— Me lembre de por que estou aqui mesmo? — perguntei a Lorena, que parava ao meu lado, juntamente com uma das suas cinquenta malas.

— Por que nossos pais vão se casar? — Com um sorriso enorme no rosto, ela mais afirmou do que perguntou.

— É, acho que sim — falei dando mais um passo para longe do carro.

Aí estava verdade. Não que eu não quisesse que nossos pais se casassem, muito pelo contrário, estava realmente feliz por isso e principalmente por eles. Minha madrinha era incrível e a melhor mulher que já conheci na vida e meu pai merecia alguém especial como ela depois de tudo pelo que passou. E é por trás disso que se encontrava toda a verdade por eu não querer estar de volta a este lugar.

O barulho de uma porta de carro batendo me despertou. Olhei para o lado para perceber que veio da caminhonete de Henrique. Ele estava descendo no lado do motorista, e um dos seus amigos, Daniel, desceu do carona. Enquanto Henrique estava debruçado sobre o carro, ele mantinha seu sorriso arrogante no rosto e olhei para ele como sempre fazia desde que tinha treze anos: fingindo não me importar.

O que acabou se tornando cada vez mais difícil por vê-lo todos os dias, porque agora ele morava na mesma casa que eu e estava quase sempre como agora, sem camisa.

Um crime, melhor dizendo!

Henrique era aquela mistura bem clichê masculina: bonito e estupidamente safado. *Não, a verdade é que Henrique era absolutamente lindo!* Talvez celebridades ou estrelas da música fossem assim, mas era raro ver alguém tão impressionante como ele era. Precisava mesmo dizer que era apaixonada por ele desde o tempo que “rebolava dançando ‘É o Tchan’...”? Não, né? Pois é, pelo visto esse deveria ser meu maldito carma.

Sério. Mesmo que eu me esforçasse, nunca deixava de me surpreender quando via sua pele dourada, seus músculos delineados e tatuados, em um corpo incrível com nada menos do que 1,94 m de altura. Ele tinha um nariz, mandíbula e uma boca, que pareciam ter sido desenhados, e os olhos verdes mais incríveis que já vi em toda a minha vida. Seus cabelos lisos eram castanho-claros, desgrehados e um pouco compridos, daquele jeito que dava vontade de bagunçar ainda mais.

Seu rosto era marcante, mas bem robusto e lindo, de um jeito bem másculo. Seu sorriso daqueles de tirar o fôlego de tão bonito e malicioso que era. Fora a covinha no queixo, que era uma “coisa”.

Sim, ele ainda era malhado e, diga-se de passagem, bastante gostoso!

Ele e nossos amigos faziam jiu-jitsu desde a infância e começaram a frequentar a academia desde os quinze anos, então o efeito era bastante visível no corpo. E para nossa alegria. Juntando isso tudo com seu jeito de *bad boy*, fazia a mistura realmente impressionante.

Henrique tinha 19 anos e era 2 anos mais velho do que eu e seu irmão, Leonardo, e 3 mais velho do que sua irmã mais nova, Lorena. Ele havia acabado de passar para o quarto semestre da faculdade de administração da UFRJ, enquanto eu ainda terminaria o terceiro ano do ensino médio apenas no final do ano.

Apesar de sermos muito amigos, nos conhecermos, convivermos desde sempre e morarmos na mesma casa há quase seis meses, Henrique e eu brigávamos mais do que *Tom e Jerry* e ainda dividíamos os mesmos melhores amigos. A verdade era que ele me provocava e esse parecia ser seu esporte favorito depois das suas conquistas. Como nunca fui de levar desaforo, sempre caía matando em cima dele e terminava espumando de raiva, enquanto ele ria da minha cara.

Mas o que realmente vinha me dando mais raiva nos últimos anos era o fato de ele ter assumido o papel de irmão mais velho ciumento. Eu era filha única, ainda assim não precisava de ninguém para me defender, pois aprendi a fazer isso muito bem sozinha. Tinha direito de me divertir com todos os “caras errados” como eu quisesse. Por isso odiava que Henrique agisse dessa forma, porque ele não era meu irmão e não era da maldita conta dele quem eu pegava ou deixava de pegar.

Ele era tão irracional, que, às vezes, eu me perguntava: *Por que diabos ele não fazia a*

mesma coisa com sua irmã? Sério, ele deveria considerar fazer uma intervenção com Lorena vez ou outra. Até eu tinha que intervir. Por quê? Porque ela, na melhor forma da palavra, era uma piriguete enrustida. Não que ela tenha pegado todos os caras da nossa escola, porque na verdade ela ainda estava com seu primeiro namorado e atual, pela segunda vez, mas. ainda assim, a cada término ela passava o rodo legal.

— Gosta do que vê, Mia? — Henrique sussurrou com a voz rouca ao meu pé de ouvido, enquanto se encostava atrás de mim, fazendo com que meu coração disparasse imediatamente.

Bastardo!

Aí estava ele. Esse era Henrique. Ele sabia muito bem que era lindo e estava ciente também do que provocava nas garotas, especialmente em mim. Ele não era burro, ele sabia. Henrique era apenas um idiota arrogante com o ego inflado. Mas eu também não o culpava inteiramente por isso, porque só bastava um olhar dele para as meninas ficarem, literal e metaforicamente, de “quatro” para ele.

E isso que Henrique estava fazendo agora comigo fazia parte do seu jogo. Então não era difícil imaginar o sufoco que passava com ele debaixo do mesmo teto que eu. Mas eu era capricorniana e teimosa, não dava o braço a torcer facilmente.

— Tanto quanto adoro que você me encha o saco — respondi com ironia.

Dirigindo a ele um olhar cerrado e um sorriso de desdém, o que era difícil estando muito perto dele, eu podia sentir seu perfume delicioso, enquanto ele me dirigia um daqueles seus sorrisos “arranca calcinha” que eu o via distribuindo muito mais do que gostaria.

— Henrique Ferraz, pare de ser idiota com Mia pelo menos por cinco minutos e venha ajudar a pegar nossas malas, porra! — Lorena gritou atrás da gente.

Ele me deu uma piscadinha e suspirei fundo antes de sair cambaleando para casa sem lhe dizer nada. Mas assim que cheguei à porta, arrisquei um olhar para trás e pude ver que Henrique ainda estava me olhando.

Sério, ele me irritava e me confundia na mesma medida!

Eu não sabia o que fazer em relação a Henrique. Tinha horas que sua paquera, como agora, era nítida. Mas, na maioria das vezes, ele era apenas o idiota arrogante querendo me ver fora do sério e, quase sempre, para não dizer sempre, ele conseguia. Eu odiava que ele fizesse isso. E odiava ainda mais que eu sentisse alguma coisa quando ele fazia isso comigo. Queria apenas não me sentir assim.

Às vezes, Henry me confundia com esse lance de amiga. Vez ou outra eu o flagrava me olhando de uma forma diferente ou então ele lançava uma indireta mais do que direta que eu apenas fingia não entender. Contudo, o pior mesmo era quando ele decidia dar uma de amigo

ciumento, não deixando que algum menino se aproximasse de mim. Sinceramente, eu só gostaria de compreender o que se passava na cabeça dele.

Não sabia o que pensar, porque tinha horas que achava que ele sentia alguma coisinha por mim e acabava me irritando com ele. Estava começando a achar que Henrique deveria considerar traduzir isso para mim, pois ele definitivamente não tinha vindo com manual de instruções.

Assim que entrei na sala, senti imediatamente meu coração disparar, ainda assim, decidi seguir e andar pelas tábuas de cedro do piso.

“Pare com isso. Não há nada aqui agora!”, eu me repreendia.

Subi as escadas correndo, não querendo encontrar ninguém, nem meu *Nonno*, que eu não via há duas semanas e de quem estava morrendo de saudades. Continuei a andar em direção ao meu quarto e, assim que entrei, me joguei na cama de dossel, sentindo-me cansada e tentando não pensar naquela maldita noite e também naquela terrível manhã de três anos atrás, o que era difícil de acontecer, estando aqui.

E para meu alívio, adormeci quase que instantaneamente.



Não sei quanto tempo passei dormindo, mas fui acordada por um assopro suave em minha orelha. Não precisei abrir os olhos para saber que se tratava da mulher que eu mais amava no mundo, minha madrinha e futura madrasta. Abri os olhos devagar e assim que olhei para ela, minha dinda estava sorrindo com ternura e amor para mim.

Tia Socorro era morena, com lábios carnudos e um sorriso contagiante, era realmente linda. Apesar de já ter mais de 40 e ter tido três filhos, ela era, sem dúvidas, a coroa mais linda e sexy que eu conhecia. Costumava brincar que ela era a *Angelina Jolie* brasileira, porque realmente parecia demais, apesar de achá-la muito mais bonita. Fora que seus olhos verdes eram incríveis e Angelina certamente choraria de inveja dela, se a conhecesse.

— Hora de acordar, boneca. Você dormiu o dia todo. Seu pai chegou há pouco e ficou preocupado quando soube disso — ela disse depois de me dar um beijo na testa, e eu sorri com seu carinho.

— Estava cansada. A semana de provas foi estressante. Principalmente aquela maldita seleção da agência. — Espreguicei-me na cama.

— Você está realmente bem? — ela perguntou preocupada.

Não. Não estava!

— Sim, dinda, estou. — Sorri tentando provar isso, apesar de não saber esconder muito bem como realmente me sentia nesse lugar.

— Ok. Então vamos descer e jantar, você sabe que os jantares são sagrados para seu pai e seu avô. Fora que você nem almoçou, mocinha. — Concordei com a cabeça, enquanto ela se levantava da minha cama.

Era verdade. Como descendente de italianos, jantar em família era tão sagrado para os Guiotto como missa e futebol aos domingos para alguns. Levantei-me da cama ainda me espreguiçando, sentindo-me imediatamente zozza de fome.

Sério, dormi muito!

— Vista alguma coisa decente e quente, está realmente frio essa noite — tia Socorro falou e deu uma piscadinha antes de sair batendo a porta.

Olhei para baixo para ver que ainda usava o short jeans e a camiseta que usei para viajar. O Rio estava quente quando saí de casa, o que obviamente justificava minha escolha, mas agora eu certamente precisava de algo compatível com o clima frio da região. Minha mala já estava ao lado da cama, provavelmente alguém a deixou ali em algum momento do meu sono e fui até ela, vasculhando até encontrar um blusão de frio e achei que isso estava bom para agora, visto que eu não pretendia fazer mais do que jantar.

Andei até a penteadeira antiga da minha avó e penteei meus longos cabelos loiros, antes de amarrá-los em um coque falso. Olhei-me no reflexo no espelho e vi minha cara amassada do sono, ainda assim, o azul dos meus olhos se destacava na minha “cara de travesseiro”.

Fui ao banheiro e, depois de fazer minhas necessidades, escovei os dentes e lavei o rosto antes de finalmente sair do quarto. Assim que bati a porta dei de cara com Daniel, que saía do quarto que ficava localizado em frente ao meu no corredor, onde ele provavelmente estaria hospedado nos próximos dias na fazenda. Ele sorriu ao me ver e também sorri de volta, porque eu o adorava.

Daniel era mais baixo do que Henrique e um pouco mais franzino, ainda assim era um gato. Ele era moreno claro, mas seus cabelos eram de um loiro mais escuro que os meus, seus olhos também eram claros e pareciam variar de um azul para verde. Seu nariz, que um dia foi arrebitado no futebol, conseguia lhe dar um charme ainda maior. Fora o belo sorriso com dentes muito brancos e covinhas, que definitivamente fazia a gente babar.

Seu pai era o médico cardiologista do meu *Nonno* e dono de um grande Hospital do Rio de Janeiro. Daniel havia decidido seguir os passos de seu pai e estava no primeiro ano do curso de medicina. Ele era amigo de Henrique desde os 14 anos de idade, quando *Nonno* trouxe sua família para conhecer sua fazenda pela primeira vez. Costumávamos andar juntos de vez em quando, mas ele acabou brigando com um dos meus melhores amigos, Thiago, pois ele havia pegado uma garota que Daniel queria. Como bom amigo, desde então Henrique tem se dividido entre os dois.

Eu gostava de Daniel. Na verdade, eu o adorava. Apesar de ele ser tão safado como Henry, ele era gentil, doce, inteligente, meigo e engraçado. O tipo de cara que as garotas realmente queriam namorar. Como Lorena dizia: *“Ele era daqueles caras raros para casar!”* Eu concordava totalmente com ela.

— A Bela Adormecida acordou — ele falou passando os braços no meu ombro e beijou minha testa, me fazendo rir.

Como não sorrir para um gato desses?

— Estava cansada. Sentiu minha falta? — Bati em seu ombro com o meu.

— Claro! — respondeu com seu sorriso sexy. — Quem, além de você, ganharia na corrida de cavalos do idiota do Henrique? — Revirei os olhos e Daniel me abraçou enquanto ria.

Hum... Adoro o perfume dele!

Era de praxe que a gente apostasse corrida aqui na Fazenda. Mas a disputa mesmo sempre havia sido entre mim e Henrique. Ele era um montador exímio com cavalos, mas fui obrigada a fazer aulas de equitação durante anos por minha mãe, assim como outras aulas estúpidas. Enfim, quem ganhava a disputa entre nós dois ganhava algo que escolhia e o direito de se gabar até a próxima disputa. O que era algo realmente importante entre nós.

— O que vocês estão fazendo? — Henrique perguntou aparecendo de surpresa no corredor, olhando de mim para Daniel com uma carranca.

Não me passou despercebida sua voz alterada. Era sempre assim. Henrique sempre parecia agir como um irmão ciumento em torno de mim.

— Nada — respondi o olhando séria e percebi que Daniel estava com a sobrancelha levantada, enquanto olhava para Henrique de maneira desconfiada.

— Mia, seu pai está te esperando na biblioteca. Ele quer falar com você antes do jantar — seu tom era irritado enquanto dizia.

Biblioteca? Oh, meu Deus. Não!

Imediatamente, senti meu coração disparar e um enjoo repentino pareceu querer dominar-me. *“Não quero ir lá. Não quero ir lá.”*, repeti internamente. Henrique deve ter percebido minha reação e a hesitação que senti com suas palavras, porque sua cara séria suavizou e, pelo seu olhar, ele pareceu realmente preocupado.

— Daniel, você pode ir descendo? Preciso falar uma coisa com Mia antes de irmos — falou ainda sem tirar os olhos de mim.

— Tudo bem. — Daniel olhou para nós dois sem entender, mas eu não podia olhar para ele, apenas o senti se afastar.

— Venha. — Henrique tratou de me puxar rapidamente para o seu quarto.

Não contestei como normalmente faria quando ele agia assim comigo. Eu não podia. Conseguia sentir um ataque de pânico vindo. Podia sentir e odiava saber disso. Não tinha um há algum tempo e nesse momento não estava em posição de fazer qualquer coisa, muito menos brigar com quem queria me ajudar.

Só depois que Henrique fechou a porta do quarto e me sentou na cama que tudo começou a rodar e pude ver tudo em mim ruir. Estava acontecendo.

“Ele é idiota, não vai perceber nada, querida. Nunca percebeu. Apenas vamos fazer logo isso”, a voz masculina sussurrava em meu ouvido, lembrando-me exatamente do que ouvi.

Por mais que me esforçasse para que não acontecesse, as lembranças daquela noite vieram a todo vapor. Minha visão pareceu se fechar. Meu peito se apertou a ponto de dor e meu corpo parecia instantaneamente mole, sem controle, provocando um tremor por todo ele. Senti-me tonta, o mundo parecia girar em torno de mim e respirar era tão difícil. Meu sangue parecia correr tão rápido quanto às batidas do meu coração, o que dificultava ainda mais que eu respirasse. A impressão que tinha, era que estava caindo em um enorme buraco interno.

— Mia, respire. Estou aqui com você. Sempre estive e sempre estarei — uma voz suave sussurrava em meu ouvido enquanto sentia mãos me abraçando e balançando-me de frente para trás.

Tentei seguir essa voz, tentei nadar através do pânico, acalmar minha respiração e me encontrar. Depois de algum tempo, o som repetido da sua voz fez com que minha visão clareasse. As coisas começaram a novamente fazer sentido ao meu redor e aos poucos minha respiração voltou a se equilibrar. Mas foi apenas quando vi Henrique, que estava me segurando com cuidado, seus olhos verdes ainda nos meus, que senti que tudo estava bem.

Graças a Deus!

— Você está se sentindo melhor agora, Mia? — perguntou preocupado, enquanto a vergonha por deixar isso acontecer, especialmente em sua frente, me dominou e engoli em seco.

— Sim. Desculpe — falei envergonhada, tentando de alguma forma me recompor.

— Não se desculpe — disse, segurando meu queixo, e olhei em seus olhos ainda sem jeito. — Eu não deveria ter dito dessa maneira. Ou deveria ao menos ter insistido que seu pai te encontrasse em outro lugar. Eu, de todas as pessoas, não poderia esquecer-me disso. Desculpe, Mia, eu deveria ter me lembrado. Mas fiquei tão chateado quando vi você com Daniel, que realmente não pensei sobre isso na hora — terminou de falar e engoli em seco, novamente, sem saber o que pensar sobre o que ele estava dizendo.

— Tudo bem — murmurei sem jeito.

— Fique aqui — ele pediu.

Henrique levantou-se de sua cama e pegou um copo, que encheu com a água da jarra em cima do criado-mudo, ao lado da cama, e me entregou. Enquanto bebia, vi que seus olhos não desgrudavam de mim. Ele estava preocupado comigo, sem saber o que fazer, e eu não queria que ele ficasse assim.

— Beba essa água e depois volte a deitar. Não saia daqui, entendeu? — Acenei em concordância, longe de querer fazer qualquer coisa. — Vou pegar algo para você comer — concluiu.

Henrique não esperou que eu respondesse antes de sair e bater a porta. Eu me deitei, sentindo-me exausta e esgotada mesmo depois de ter dormido o dia inteiro. Era sempre assim que me sentia depois que esse tipo de coisa acontecia comigo. Era horrível e estressante, para mim.

Meu primeiro ataque de pânico aconteceu três anos atrás, nessa fazenda. Curiosamente quem estava comigo quando ocorreu e evitou que uma outra tragédia se concretizasse foi Henrique. Eu não tive muitos desde o primeiro, mas era sempre a memória daquela noite que os desencadeava. Odiava me sentir fraca dessa forma. Mas odiava muito mais me lembrar disso e deixar que minhas lembranças ditassem quem eu era.

Sempre me considerei um cara centrado e, apesar de ter tido muitos problemas com brigas na escola, aprendi a controlar certas coisas com a ajuda das artes marciais e atividades físicas. Mas se existia algo nessa vida capaz de me desestabilizar completamente, esse *algo* se chamava Mia Guiotto. E vê-la vulnerável por causa de uma coisa fodida que tivemos o desprazer de viver apenas fazia com que eu me sentisse um inútil por não ser capaz de tirar sua dor.

Mia nunca contou para ninguém sobre seus ataques de pânico. Na verdade, nunca nem dissemos a ninguém realmente o que havia desencadeado seus malditos ataques. Não precisávamos de muitas palavras sobre esse assunto, apenas concordávamos que o melhor a se fazer era que nunca disséssemos a ninguém o que vimos naquela noite e, de certa forma, tentamos esquecer.

Só que vê-la assim, se perdendo, como aconteceu da primeira vez, me deixava sem chão. Dava-me ainda mais vontade de segurá-la, de protegê-la e não sair do seu lado jamais.

Talvez esse fosse meu grande dilema: eu a protegia demais. Mesmo que da minha maneira muito torta de ser. Minha dinda sempre reclamara disso. Mas era intrínseco, eu me sentia responsável por ela desde pequeno, e pensar em não estar ao seu lado quando ela mais precisava de mim me corroía completamente por dentro.

Sabia que precisávamos conversar sobre isso, mas só eu sabia também o quão cabeça dura ela podia ser. Mia sempre arranjava um jeito de mudar a conversa quando o assunto era esse, e eu, bobo, louco por ela, acabava deixando, porque não tinha nada que Mia não conseguisse de mim. E por mais que quisesse seu bem, dizer a meu dindo que ela precisava de acompanhamento psicológico estava definitivamente fora de cogitação.

Respirei fundo e tomei coragem para bater na porta do local que evitávamos a qualquer custo: A maldita biblioteca. Ouvi a ordem para que entrasse e, segurando a respiração, abri a porta, entrando no cômodo em seguida. Incomodado era pouco para o que sentia a cada vez que tinha o desprazer de entrar. A biblioteca, assim como todo o Casarão da Fazenda Guiotto, era um cômodo em estilo colonial e pertenceu ao meu xará, Henrique Guiotto, que motivou meu pai puxa-saco a me dar esse nome.

O lugar era repleto de livros, a maior parte deles sendo primeira edição, o que os tornava extremamente raros e valiosos. Além das paredes com imensas prateleiras do chão ao teto recheadas de livros, havia uma *chaise* dourada com estofado vermelho de veludo, uma mesa de escritório e mais duas cadeiras do mesmo estilo da *chaise* à sua frente. E era sentado atrás da mesa de jacarandá que havia herdado dos seus antepassados que meu dindo me observa entrar ali.

Vittorio Guiotto era pai de Mia, mais do que meu dindo e agora meu padrasto, ele era e sempre foi como um pai para mim. Meu referencial de homem, aquele exemplo que levamos a vida tentando seguir. Não tinha vergonha nenhuma, e sim muito orgulho de falar que sempre fui mais ligado a ele do que a meu próprio pai. *Ele* era o meu pai.

Meu dindo sempre apoiou minhas decisões e incentivou-me a ser o homem que sou e o que ainda queria e pretendia me tornar um dia. Ele era exatamente o homem no qual me espelhava. Só esperava que no futuro eu pudesse ser ao menos um pouquinho do grande homem que ele era. Se eu for, já estarei mais do que satisfeito, porque nunca conheci alguém tão íntegro e incrível como ele.

— Mia não acordou? — perguntou.

— Sim, dindo, Mia acordou. Só que ela comeu um pacote de salgadinho e não está se sentindo bem do estômago — menti.

Podem dizer o que quiserem sobre mim, tenho vários defeitos, mas mentir era algo que eu realmente odiava. Normalmente era sincero ao extremo e mentir para o meu dindo era mil vezes pior, pois me deixava com aquela sensação ruim de que estava fazendo algo errado. E estava. Mas por se tratar de um assunto tão delicado, sabia que era o melhor a se fazer.

— Henrique, tem certeza de que está tudo bem com Mia? — ele perguntou sério, sua expressão preocupada.

Droga! Eu odiava isso!

— Claro que está. Ela só está enjoada. Encontrei-a no corredor, parecendo que estava prestes a colocar as tripas para fora. Então pedi que ficasse no meu quarto enquanto eu descia e avisava a todos sobre isso e lhe preparava uma bandeja com algo para que possa comer. Acho que deve ter sido o excesso de trabalho que ela teve nesses últimos dias — comentei, e não era de todo mentira.

— É verdade. — Ele fez uma careta. — Mia teve muito trabalho conciliando a escola com seus compromissos profissionais — continuou, não parecendo muito contente, e voltou seu olhar para mim para perguntar: — Henry, você acha que Mia gosta do que faz? — Suspirei.

— O senhor quer minha opinião sincera de amigo dela? — perguntei, me sentando na cadeira em frente à sua mesa, e ele acenou em concordância. — Não. Ela não gosta. Mia odeia fazer tudo isso. Mas por algum motivo desconhecido, ela se sente no dever de continuar com o circo que minha dinda criou para sua vida — confessei com o gosto amargo na boca, e ele voltou a concordar.

— Sua mãe acha a mesma coisa. Tentei conversar com Mia sobre isso, mas ela é teimosa, apenas desconversou. Não quero e nunca quis que ela fosse obrigada a fazer esse tipo de coisa, Henry. Ela não precisa disso. Nunca precisou. Só que pelo visto a lavagem cerebral que Mary fez

nela foi tão forte, que, mesmo depois de tanto tempo, Mia continua a fazer exatamente o que ela queria. — Concordei.

— Mia é ótima no que faz. Ela brilha nas campanhas que participa, mas dá para ver que ela não fica feliz com o resultado. Acho que ela quer alcançar algo para que possa pôr um fim nisso tudo. Só que eu acho que ela precisa de uma razão forte para seguir com o que realmente quer — falei sério.

— Você tem razão, filho. Mia é muito obstinada para simplesmente largar tudo isso assim. Eu já sei até exatamente o que farei para que essa situação mude — ele disse, com um sorriso conspirador.

— O quê? — perguntei curioso.

— Tudo em seu tempo, filho. Vou conversar com sua mãe primeiro e ver o que ela acha. Assim que tiver com tudo acertado, diremos a vocês. — Voltou a sorrir e eu sabia que o assunto estava encerrado ali. — Vamos jantar e depois disso você leva algo para Mia comer.



Saímos andando juntos até a sala de jantar e durante o caminho conversamos sobre algumas coisas da empresa. Eu ainda era apenas um estagiário lá, mas trabalhava diretamente com meu dindo e ele sempre pedia minha opinião no que era importante. Eu amava fazer isso. Sentia-me útil, parte de algo. Saber que podia ajudá-lo de alguma maneira me dava um baita orgulho de mim mesmo. E sabia que ele se sentia assim também, pois meu dindo fazia questão de repetir isso para mim.

Nossa família já estava reunida à mesa quando chegamos à sala de jantar. Daniel já estava ali, conversando e rindo com todos, como se há poucos minutos não estivesse babando em cima de Mia. Só de olhar para ele já podia sentir a raiva borbulhar dentro de mim.

Eu sabia que era insano da minha parte. Que não deveria me sentir assim. Mas, por mais que eu não tivesse direito nenhum quanto a isso e mesmo que ele fosse meu amigo, eu não podia evitar o que sentia.

— Cadê Mia? — minha mãe perguntou assim que chegamos à mesa. — Daniel disse que ela estava descendo com você.

— Ela não está se sentindo muito bem, *mãinha* — respondi, sentando-me na cadeira ao lado de Léo.

— O que Mia tem? Estive com ela há pouco e ela me parecia bem — minha mãe falou, me olhando preocupada, embora seu olhar também estivesse desconfiado.

Merda! Lá vou eu mentir de novo!

— Ela comeu um pacote de salgadinho e começou a se sentir mal. Depois de jantar, vou levar algo para ela — falei, me servindo de uma deliciosa macarronada italiana.

— Zefa? — minha mãe chamou a secretária. — Por favor, querida, adiante cortando umas verduras e tire um pedaço de frango do freezer. Assim que terminar aqui, vou preparar uma canja para levar para a Mia no quarto — ela disse, como a mãe maravilhosa que era.

— Sim, senhora — Zefa respondeu e rapidamente foi atender ao pedido de minha mãe.

— Mia precisa ir ao médico. Ela está trabalhando demais. Duvido que esteja se alimentando direito — meu *Nonno* comentou chateado.

— Eu pego no pé dela quanto a isso, sogro. Sabá também está sempre atrás dela com um lanche, um suco ou uma salada de frutas. Esse mal-estar deve ser por causa de estresse — minha mãe falou e todos, sem exceção, concordaram.

— Ela tem 17 anos, estuda e trabalha como uma adulta. Não tem necessidades disso! — meu *Nonno* voltou a afirmar, não parecendo em nada satisfeito.

Meu *Nonno*, Sr. Enrico, apesar de não ser realmente meu avô de sangue, adotou a mim e meus irmãos como seus desde que nascemos. Ele era um cara tranquilo, observador e inteligente. Para ele dizer algo a respeito das nossas vidas, era porque realmente sabia o que estava falando. Pois se havia algo que o Sr. Enrico não fazia era dizer alguma coisa em vão.

— Tirando a parte dos estudos, Mia tem a vida que todas as meninas da nossa idade sonham em ter — Jogu uma torrada em Lorena quando terminou de falar suas asneirase ela me olhou irritada.

— Claro que você gostaria de ter, baixinha. Mas essa não é a vida que Mia quer para ela. Você sabe disso — falei sério.

— Mary Kate — minha mãe pensou alto e todo mundo voltou a concordar, antes de um pequeno silêncio se seguir.

Sempre ela!

— Acho que Mia precisa de alguma coisa que a incentive parar com isso — Léo disse.

— É exatamente isso que estou pensando, Léo. Tive uma ideia sobre o que fazer com Mia — meu dindo repetiu e trocou um olhar com minha mãe.

— Não sejam chatos, desembuchem — Lorena pediu.

— Breve, *Morena*. Breve. — Meu dindo falou seu apelido sorrindo enigmático.



O jantar continuou e nós conversamos sobre assuntos diversos. Aquela, para mim, era a melhor hora, independente do dia da semana. Era sagrado para a família Guiotto e sempre era o

momento em que todos se reuniam, principalmente quando estávamos aqui de férias.

— Vamos à cidade nos divertir? — Léo perguntou me surpreendendo.

— Quem é você e o que fez com meu irmão nerd? — perguntei sério, mas falhei, caindo na gargalhada, e ele me deu o dedo em resposta.

Ao contrário de mim, que não estudava muito para manter minhas boas notas, Léo era extremamente centrado e pragmático quanto aos estudos. Na sua idade eu já dirigia mesmo sem carteira, ia às boates com Luca e Thiago e tocava o terror com as mulheres. Mas ele, não. Meu irmão era muito mais na dele, evitava sair e estava sempre com a leitura em dia. Namorou uma ou duas meninas e, ao contrário dos caras na sua idade, parecia estar bem com isso.

Sério. Eu não ficaria surpreso se soubesse que ele ainda era virgem!

— Eu não preciso estar sempre na farra para me divertir. Tenho prioridades no momento, como o vestibular. Isso não quer dizer que não estou feliz com meu plano. Ainda tenho a vida pela frente para aproveitar — disse dando de ombros.

— Isso mesmo, bebê. Você está certíssimo. E tenho orgulho de você por pensar dessa forma — minha mãe concordou, soprando um beijo para o seu filho do meio.

— Você tem razão, filho. Mas de certo modo seu irmão também. Precisa respirar um pouco de vez em quando. Você estuda demais, *Leleco* — nonnocomentou, quase como um aviso. E eu sabia que ele estava certo

— Sim, *Nonno*, eu sei. Por isso quero aproveitar um pouco as férias, pois quando as aulas retornarem voltarei a me concentrar no vestibular — afirmou.

Léo estava no terceiro ano, na sala de Mia, para ser mais exato, e determinado a passar em uma faculdade de renome. Ao contrário dos caras da idade dele, que almejavam uma faculdade federal, como eu, Léo queria passar apenas as melhores faculdades como Harvard, Yale, Stanford ou Cambridge. Eu conhecia o potencial do meu irmão e tinha certeza de que ele iria conseguir o que queria.

— Por falar em aulas, você já foi até o consulado, Henry? — meu dindo perguntou.

— Fui. Eles estão aguardando a documentação da Universidade para que possam dar prosseguimento ao meu pedido e enfim validar meu visto de estudante — falei e ele acenou satisfeito.

Meu dindo e tio August decidiram que seria bom para mim e Luca passarmos um tempo na Itália, coisa que eles fizeram na nossa idade. Lá decidiríamos se iríamos querer ou não continuar nossa graduação por lá. Eu estava realmente animado, mas também triste por ir. Não podia não concordar que seria uma ótima experiência e também uma maneira de tentar esquecer, nem que fosse um pouco, uma certa loirinha.



Depois do jantar, enquanto eu esperava minha mãe fazer a canja para Mia, continuamos conversando na mesa. Meu *Nonno* arrancava risadas de todos ao contar sobre uma de suas muitas viagens ao redor do mundo e depois seguiu até a vez que dona Fiorella, avó de Luca, lhe jogou um balde de água quando ele fez uma serenata de amor para ela, anos atrás.

Do outro lado da mesa, Lorena reclamava de algo com Caio, seu namorado, que apenas concordava com o que a louca da minha irmã falava. Sério. Eu sabia que Lore era minha irmã e por isso mesmo não sabia como Caio aguentava tanta frescura dessa baixinha. Minha irmã caçula era um porre e o cara deveria ser canonizado. E olhando para eles eu via mais um dos motivos pelo qual não tinha relacionamentos: eu não tinha saco para isso.

— Sim, Henry, vamos ou não para a cidade? — Léo voltou a perguntar.

— Não, cara. Não estou nem um pouco a fim — respondi, e era verdade.

— Isso é raro — Daniel comentou desconfiado.

— Raro ou não, eu não vou — disse sério, sem dar margens para contestação.

— Vo... — Meu celular tocou, impedindo que Daniel continuasse.

— E aí, cara? — atendi, ainda olhando para Daniel com cara de poucos amigos.

— *Venha aqui no Bar da Pitty* — Luca começou.

— *Aquelas ali não tiram os olhos da mesa* — Thiago falou ao fundo.

— *Muito gostosa, a morena* — Luca acrescentou e revirei os olhos.

— Isso não vai acontecer — cortei logo.

— *Que diabos não vai acontecer?* — Luca perguntou, parecendo lembrar-se de estar ao telefone comigo.

— *O que foi?* — Thiago perguntou também.

— Não vou sair essa noite — falei simplesmente.

— *Ele disse que não vai sair essa noite* — Luca repetiu para o nosso amigo. — *Por que isso mesmo?* — perguntou para mim.

— Estou cansado. Vim dirigindo, andei a cavalo o dia todo e só ontem tive folga do estágio. No entanto, Léo, Lore, Caio e Daniel estão indo para a cidade. Direi a eles onde vocês estão — desconversei.

— *Hum. Estranho isso. E Mia?* — perguntou. — *Liguei para o celular dela e ela não está atendendo.*

Merda! Sabia que ele perguntaria!

— Mia comeu alguma porcaria que não fez bem para ela. Está no meu quarto descansando — comentei e fechei os olhos, aguardando o que ele diria.

Silêncio.

— *Henrique?* — ele me chamou depois de algum tempo.

— Hum? — murmurei, sabendo que lá vinha sermão.

— *Cuide bem dela. Não faça nenhuma besteira* — disse apenas e desligou.

Não disse? Filho de uma mãe!

Ele sabia. Eu sabia. Mia talvez fingisse que não sabia. Mas a verdade era que eu era apaixonado por essa loirinha desde antes de entender o que era o amor. Eu podia ser um filho de uma mãe que pegava todas, eu sabia disso, porém tanta coisa aconteceu desde nosso primeiro beijo naquela maldita noite, que achei que talvez fosse melhor que não nos perdêssemos no caminho.

Mas como, se por mais que estivesse ao seu lado como seu amigo, eu ainda me sentia completamente perdido sem ela?

Tempos Atuais...

Às vezes andamos tão perdidas em pensamentos, que nem sabemos muito bem como conseguíamos fazer realmente as pernas funcionarem. Era exatamente assim que me sentia agora. E tudo isso porque depois de uma longa viagem de Nova Iorque até aqui, eu havia acabado de desembarcar no Rio de Janeiro.

Sim. Estúpido, eu sabia. Eu não devo funcionar muito bem mesmo!

Combinei com Luca que me encontraria com Thiago aqui e então seguiríamos viagem no seu jatinho, que nos levaria até Manaus. Meu voo chegou horas antes do combinado, o que certamente me daria tempo suficiente de ir até a casa da minha família e revê-los. Mas apesar das saudades gigantes que sentia deles e da enorme vontade de ir até lá, eu simplesmente não fui. Era covarde demais para isso.

Então apenas fiquei esperando Thiago na sala VIP do aeroporto, próximo ao local que o jatinho de Luca já nos aguardava. Depois do que me pareceu uma vida, vida esta que fiquei lutando com a ideia de ir ou não até em casa, Thiago finalmente chegou.

Meu sorriso cresceu tanto quando o vi chegar, que percebi que estava prestes a chorar. Assim como com Luca, Thiago e eu nos falávamos quase todos os dias. Era tipo um ritual necessário nosso. Se Luca era como meu café diário, Thiago era como meu chocolate diário. Não havia um dia em que não trocássemos pelo menos uma mensagem, mas obviamente não era sempre que tínhamos a chance de nos encontrar.

Normalmente eu via Luca com mais frequência, pois ele estava sempre viajando a negócios e, quando podia, dava uma passadinha em Nova Iorque, mesmo que rápida, por isso tinha menos de dois meses que nos vimos. Já Thiago, por ter seus compromissos com gravações loucas, tinha a agenda bem mais apertada do que nós dois. Só que ainda que fosse mais difícil de nos vermos, também não tínhamos mais do que quatro meses do último encontro. Apesar disso, ficar alguns dias sem ver meus amigos definitivamente parecia uma eternidade para mim.

Basicamente Thiago e Luca sempre iam me encontrar. Eles eram meus irmãos. Meus amores. Os dois sempre foram e sempre serão meus melhores amigos. Eles são daquelas pessoas com quem você conversa e se sente extremamente feliz, não importa o quão idiota seja a conversa, mesmo que eu esteja péssima, eles conseguem me colocar um sorriso no rosto. E mesmo que eu tenha passado anos longe deles, que tenhamos feito novas amizades ao longo desse tempo, de certa forma, sempre demos um jeito de estarmos perto um do outro e não deixar o que temos se

apagar. E eu tinha certeza, no fundo do meu coração, que nossa amizade seria eterna.

Quase sempre combinamos nossas férias e viajamos juntos, mas como eu já disse, nunca era eu que vinha até eles. Talvez por ter esse sentimento de culpa, de fazer com que eles venham até mim a cada vez, que corri até os braços do meu melhor amigo para um abraço apertado. Thiago não pareceu surpreso com meu rompante, pois me pegou no colo com destreza e me rodopiou, rindo tanto quanto eu.

Thiago era aquele típico cara de capa de revista, o que de fato era, porque ele vinha seguindo a carreira artística dos seus pais desde pequeno. Seu pai era diretor de televisão e novelas, e sua mãe, atriz. Então ele começou cedo e hoje era, sem sombra de dúvidas, um dos grandes galãs da televisão e do cinema brasileiro. Seu sucesso é tanto, que repercutiu na mídia internacional, chamando atenção dos grandes diretores, o que o levou a estrelar inclusive em um filme em Hollywood, há pouco mais de um ano.

Ele era tão alto como nossos amigos, não tão forte como Luca e Henrique, mas o suficiente gostoso para as mulheres suspirarem por ele. Thiago era moreno claro, cabelos castanhos, que ele mantinha sempre impecavelmente penteados, coisa que definitivamente nossos amigos não faziam. Seus olhos não eram verdes, nem azuis, porém o castanho deles eram realmente lindos. Seu rosto perfeito e um sorriso torto que era lindo, sexy e, para mim, tão reconfortante.

Sim. Ele é todo lindo!

Thiago era aquele típico cara meigo, bonito e engraçado, que fazia com que as mulheres se abanassem e se apaixonassem pelo seu jeito encantador em menos de um minuto de conversa. Desnecessário seria dizer que era exatamente isso que acontecia. Ele realmente fazia o tipo “mocinho” de novela, que enlouquece as mulheres.

— Saudades, *Barbie* — sussurrou, apertando-me ainda mais em um abraço.

— Eu também estava morrendo de Saudades, Thi — murmurei chorosa.

Sim. Ele me chamava de Barbie!

A verdade era que tínhamos uns apelidos não muito felizes e eu praticamente pagava o mico por quase todos. Thiago me chama de *Barbie* desde pequena, por dizer que eu era praticamente uma. Henrique me chamava de “Princesa Mia”, por causa do livro e o filme Diário da Princesa ou de “Miamor”, mas isso não vinha ao caso. Já Luca me fazia pagar meus pecados quando me chamava de *Tchuca*, do apelido original de “Tchuctchuca” e eu o chamava de Tigrão. Sim. Exatamente por causa da música, pois na época em que ela estourou, nós íamos para muitos bailes funk e ele repetia o refrão insistentemente para mim “*TchuTchuca, vem aqui pro seu Tigrão...*” e o pior que pegou mesmo.

É. Cada um tem sua cruz e essa era uma das minhas!



Acomodados no jatinho de Luca, eu estava voltando um pouco mais a mim e já definitivamente contente de estar ali. Eu adorava viajar com meus amigos, mas viajar no jatinho dele era uma delícia. Quando íamos para algum lugar, me sentia a diva, porque era muito cômodo e confortável.

Nossa! Era tão bom ter amigo rico e não ter que encarar um voo doméstico sempre!

Como eu estava morrendo de fome, já havia começado a atacar o carrinho de lanches que a comissária levava no momento em que nos foi servido. Mesmo com a minha gula aguçada, pude ver Thiago olhando para o celular de forma estranha.

— O que foi, Thi? — perguntei sem entender sua reação repentina.

— Hum... Nada — desconversou, me dando um sorriso sem jeito.

— Ah, Thiago, qual é? Vai mentir para mim a essa altura da vida? Você fez aquele negócio de coçar a orelha que faz sempre que está mentindo ou escondendo alguma coisa. — Repeti o gesto, encarando-o com repreensão.

— Merda! Odeio que você me conheça, às vezes! — Riu sem jeito e coçou a garganta. — Bem, é o Henry — respondeu me olhando de esguelha.

Sim. A simples menção do seu nome ainda tinha a mim com o coração disparado!

— O que tem ele? Luca disse que ele não poderia vir — murmurei rapidamente, analisando o morango da minha salada de frutas.

— *Barbie*, sabemos que isso é mentira. Ele não veio não porque estava ocupado ou não quis vir, mas, sim, porque tinha medo de que você desse para trás por causa dele. Henrique tem todos os defeitos, no entanto ele sempre pensou em você antes mesmo de pensar em si — afirmou com a voz derrotada, e hesitantemente concordei.

— Eu sei. Mas... — Não consegui completar e ele suspirou quando percebeu minha hesitação.

— Sabe, eu conversei com Henrique no dia que Luca nos chamou para sua festa. Quando eu disse o que você me falou sobre não se importar que ele fosse, Henry ficou completamente abalado. — Ele parou por um momento e respirou fundo antes de continuar: — Sei o quanto tudo foi tão fodido entre vocês dois, mas eu só queria que vocês, não digo somente ele, como você também, que ambos não esquecessem que sempre foram e que ainda são amigos. — Ele coçou a cabeça, parecendo hesitante antes de prosseguir: — Mia, os últimos quatro anos têm sido fodas para todos nós! Muito desgastantes mesmo! Luca e eu amamos estar com vocês, porém às vezes parecemos filhos de um casal divorciado no litigioso. É chato para caralho termos que nos dividir com vocês. Às vezes tenho a impressão que temos que fazer uma agenda para nos revezar para ter

a companhia de cada um. Eu sei que você está morando longe. Muita coisa mudou. Sinceramente, Luca e eu passamos demais a mão na cabeça de vocês. Você é minha melhor amiga, merece minha honestidade e eu te confesso: É foda estarmos vivendo nessa faixa de Gaza! É horrível termos que controlar o que vamos falar sobre um na frente do outro. Nós crescemos juntos, caralho! Podemos não dizer, só que vocês têm noção do quanto nos faz falta ter nós quatro juntos? O quanto parece que estamos incompletos quando estamos com apenas um dos dois? — terminou com a pergunta e engoli em seco, não conseguindo mais evitar minhas lágrimas.

Eu sabia que era verdade. Sendo sincera comigo mesma, eu me sentia exatamente assim sobre isso. E mais, me sentia extremamente culpada por saber que eles se sentiam assim. Afinal, Luca e Thiago em nada tinham a ver com meus problemas com Henrique. Antes de nos envolvermos, éramos melhores amigos, os quatro. Éramos o *Quarteto Fantástico*. No entanto, tudo isso se quebrou por nossa causa.

Eu sabia que não era a única culpada e que Henrique também não era o único vilão da história toda, porém escolhi que fosse assim, afastei-o depois de mais um rompimento. E mais uma vez eu não conseguia deixar de me perguntar: Será que não estava sendo egoísta demais?

Luca e Thiago eram meus irmãos e eu sabia que Henrique os considerava da mesma maneira. Tudo bem que ele sempre foi muito mais do que apenas meu amigo, mas em algum momento deixamos que o que sentíamos um pelo outro interferisse em nossa amizade e companheirismo de uma vida toda. E isso não era justo com a gente. Para falar a verdade, não era junto com nenhum de nós. Nós já éramos adultos quando nos separamos da última vez, há quatro anos.

Até que ponto continuaríamos a deixar que nossas frustrações interferissem no relacionamento com nossos melhores amigos? Até que ponto deixaríamos que isso movesse nossas vidas?

— Eu sei. Me desculpe. Eu não queria... — Solucei e Thiago me envolveu em seus braços.

— Sei que não, Mia. Acredite em mim quando digo que tenho certeza de que Henrique também não queria que fosse assim. Vocês têm seus problemas, são dois cabeçudos, mas nós amamos vocês. Queríamos que tudo entre vocês fosse diferente, porém simplesmente não queremos que essa situação perdure para sempre. Vocês são amigos desde que você estava na barriga de Mary. Independente de um relacionamento fodido, de um sentimento de amor complicado, no qual eu definitivamente não quero me estender, vocês se amam, não digo apenas como homem e mulher, mas também como amigos. Isso deveria ser o suficiente para que muita coisa fosse diferente — falou com carinho e chorei mais um pouco em seus braços.

Eu sabia que ele tinha razão, mas a verdade era que perdoar era definitivamente mais fácil

na teoria do que na prática.



Após três horas de voo, finalmente chegamos à capital Manauara. Fiquei feliz de estar usando jeans e ter colocado um corselete por baixo do meu casaquete de couro, do qual logo me livreii, porque assim que coloquei os pés para fora do jatinho, o ar quente me deixou quase fervendo de calor, por mais que já fosse noite. Quando se dizia o quanto Manaus era quente, as pessoas achavam que era exagero. Mas, sério, não era. Era definitivamente muito pior do que imaginamos.

Tipo magma vulcânico, sabe? Não passava uma brisa sequer. Um horror!

E para quem viveu os últimos 9 anos fora do Brasil, antes na Itália e agora em Nova Iorque, onde tinha um dos invernos mais congelantes, não precisava nem dizer que a vontade de ficar nua para mim era grande, se não fosse o constrangimento e atentado ao pudor.

Sério. Agora eu entendia os índios. Por que as pessoas aqui hoje em dia não aderiram ao naturalismo? Eu não os julgaria por isso. Muito pelo contrário, até apoiaria a causa!

Marcos, o motorista de Luca, já nos aguardava no pátio do aeroporto com o carro para nos levar até sua cobertura, que felizmente não ficava muito longe dali. Logo avistamos um imponente prédio espelhado, de frente ao Rio Negro, e eu sabia que havíamos chegado.

Como não poderia deixar de ser, seu apartamento era enorme, lindo e finamente decorado com móveis modernos e belas obras de arte. Luca era muito organizado, gostava das coisas todas certinhas e sua casa era exatamente assim. Na verdade, todas elas eram. Marcos nos guiou para a área externa da cobertura, onde estava sendo realizada a festa, no espaço *gourmet* do apartamento, que tinha uma pequena piscina com fundo infinito para o Rio.

Luca comentou que, depois do escarcéu que foi a mídia com a notícia do seu noivado, eles decidiram fazer uma coisa bem íntima, com poucas pessoas. Isso explicava o porquê de uma longa mesa para os convidados, onde estavam prostrados pequenos arranjos ao redor de vasos, recheados com água, pétalas de rosas e velas flutuantes, dando um clima romântico e gostoso.

Havia mais uma mesa ao canto com alguns petiscos e uma tenda onde se encontrava um trio musical tocando. Logo estranhei Luca não estar fazendo as honras da casa, porque, antigamente, quando se tratava de festa de família, ele era o primeiro a estar com o microfone na mão.

Depois de dar uma olhada ao redor, logo vi meu contente melhor amigo noivo sorrindo para nós. Enquanto Thiago pediu licença para atender ao telefone, Luca veio ao meu encontro com sua noiva, Sophia.

“Luca Delícia Campanaro”, como era chamado pelas garotas na nossa adolescência, meu

melhor amigo, era definitivamente um dos caras mais lindos que já conheci na vida. Sério. Ele era forte e alto, só não mais alto que Henrique, com seus 1,94 m de pura gostosura. Luca era moreno claro, com cabelos bem pretos, sempre desalinhados, o que lhe dava uma aparência ainda mais marcante e interessante.

Seu rosto era esculpido e bonito de uma forma clássica. Seu complemento, com certeza, era o belo par de olhos azuis. Luca tinha um ar determinado e presunçoso de quem sabia que podia tudo. E podia mesmo. Mas poucas pessoas tinham a chance de descobrir que, por trás daquela personalidade forte, havia um cara doce e um amigo incrível.

Obviamente eu já tinha visto fotos de Sophia, primeiro porque os jornais e toda mídia não eram nada discretos quando se tratava do relacionamento dos dois. E segundo porque Luca era um bobo apaixonado e vivia me mandando fotos dela e da sua princesinha, a Giovanna. Então, mesmo que eu já tivesse visto fotos suas, fiquei logicamente surpresa por ver o quão mais bonita ela conseguia ser pessoalmente.

Usando um belo vestido tomara que caia curto prateado, com detalhes bordados de pedrarias de tamanhos, formatos e cores diferentes, um laço de seda amarrava a peça na sua cintura e, em seus pés, sandálias combinando. Ela estava linda. Sophia tinha um corpo de parar o trânsito, daquele estilo violão que faz os homens babarem.

Sua pele era branquinha, seus longos cabelos loiros tinham aquele tipo de mechas platinadas e batiam em sua cintura. Seu rosto era perfeito com uma maquiagem bem-feita. Olhos castanhos, nariz arrebitado com um mínimo piercing e um belo sorriso, e eu colocava minha mão no fogo como ela estava usando *Chatterbox* da MAC. Ela era sem dúvidas uma mulher linda e digna de um homem tão bonito quanto Luca.

— Mia — Luca falou antes de me puxar para um dos seus queridos abraços apertados, de que eu sempre sentia falta. — Como foi seu voo, *Tchuca*? — perguntou sorrindo.

— Foi ótimo. — Sorri contente e animada por estar aqui com ele. — Preciso ficar rica e comprar um jatinho igual ao seu, para poder suportar passar tantas horas de voo vindo para o Brasil — brinquei, batendo em seu braço e ele riu.

— Com certeza tio Vittorio presentearia sua princesinha se ela pedisse — Luca provocou e me limitei a revirar os olhos, mas ele logo virava para me apresentar para Sophia. — Mia, quero que conheça minha noiva, Sophia — apresentou irradiando felicidade.

— Enfim. Prazer, Sophia — eu a cumprimentei com dois beijos no rosto. — Ouvi muito falar de você. Estava realmente curiosa para te conhecer. Não é todo dia que vejo o maior jogador de todos sendo tirado de campo. — Luca começou a rir com a brincadeira. — Você sabe que não estou brincando, eu realmente não estou falando por mal, viu? — garanti, querendo me desculpar

pela brincadeira, e ela sorriu ainda mais. — Parabéns pelo noivado e pelo noivo. Você tem um grande homem em suas mãos. Mas pelo que já pude perceber, ele também tem muita sorte de ter uma bela mulher como você.

— *Oh*, eu sei que tenho um homem incrível, sim, que tive a sorte de tirar de campo, como você mesma disse. — Rimos. — De qualquer forma, obrigada — agradeceu, parecendo realmente feliz.

Posso dizer que eu já me sentia sua amiga de infância?

Sério. Coisa de *feeling*. Aquela velha história de “seu santo bater com o da pessoa”. Eu sabia que gostaria dela por tudo que ouvi ao seu respeito, mas foi exatamente o que senti agora conhecendo Sophia. Ela parecia ser tão simpática quanto Luca disse e realmente não exagerou em nada o quanto era linda.

— Oh. Meu. Deus! — ela disse pondo a mão sobre a boca ao olhar meus sapatos. — Isso não é... — começou a perguntar e, pela sua cara de admiração, eu sabia exatamente do que se tratava e sorri ainda mais.

Não disse? Bonita e de bom gosto. Admirava isso!

— Sim, são *Manolo Blahnik*. O próprio modelo *Hangisi* — falei sorrindo orgulhosa, deixando-a abismada.

— Santo Deus! Estou atrás de um desses desde... — começou a falar e mais uma vez completei:

— Desde *Sex and the City* e o pedido de casamento com um par de sapatos no closet — falei séria. — Eu sei. Entendo o sentimento, também fiquei exatamente assim quando coloquei meus olhos nele pela primeira vez — afirmei, fazendo-nos rir, e senti mais uma vez como se já nos conhecêssemos.

Sim. Como eu disse antes: eu a adorei!

Fiquei feliz por nos identificarmos logo de cara. Eu amava *Sex and City* e pela sua reação, tinha certeza de que ela também. Fora que hoje em dia era difícil encontrarmos uma mulher com tantos predicados juntos. Especialmente quando essa mulher estava de casamento marcado com seu melhor amigo.

Que sorte a minha, hein?

— Sério. Nunca consigo achar eles quando viajo. — comentou com pesar, ainda olhando para os meus sapatos, mas não de forma invejosa, e sim com admiração pela preciosidade que ela sabia que eu estava calçando.

— Não seja boba. — Acenei com as mãos. — Você não vai precisar pagar quase mil dólares para ter um desses. Basta me dar seu número que consigo para você — falei simplesmente, porque

trabalhar onde eu trabalho realmente costumava abrir portas.

Ou melhor: nos mantinha na moda. Contato era tudo nesse mundo!

— Sêrio? Ai, Deus! — Bateu palminhas e se remexeu animada, deixando-me sem ter como não sorrir.

— *Baby*, se eu soubesse que você preferia que lhe pedisse em casamento com um par de sapatos desses, teria economizado uma fortuna com esse anel — Luca brincou e ela revirou os olhos, fazendo um biquinho sexy para ele.

— Desculpe, Luca, mas acho que sua melhor amiga agora é minha — pirraçou seu amado, fazendo-nos rir.

Cumprimentei tio August, feliz por saber que Anitta, sua mulher insuportável, não estava aqui. Porque, sêrio, aquela loira oxigenada era uma pessoa que não me descia de forma alguma. E, bem, ela, graças a Deus, também não era nem um pouco minha fã. Na verdade, Anitta sempre teve ciúmes de mim com Luca. Acho que porque ele deu a entender que tínhamos alguma coisa tantas vezes, a fim de se livrar daquele projeto malfeito de Paris Hilton de *Angra dos Reis*.

Dou um abraço cheio de saudades em Mariah, a quem eu não via há uns cinco meses, e logo começamos a colocar as fofocas em dia. Essa era outra de quem eu não conseguia passar muito tempo longe, e nos falávamos sempre. Os irmãos Campanaro eram realmente meus amores.

E quando Thiago finalmente retornou, mais uma vez me diverti por Luca não ter dito a Sophia que ele não era apenas nosso amigo, que também era Thiago Ryan, o ator mais gato das telinhas. Luca e Henrique sempre fizeram isso, não gostavam de dizer quem era quando falavam sobre ele.

Sêrio. Às vezes até parecia que nosso amigo tinha uma identidade secreta como o 007!

Depois do choque inicial de Sophia ao conhecer Thiago, fui apresentada à sua família e aos seus amigos, Carol, seu namorado, Rodrigo, e Nick, um loiro dos olhos claros muito lindo. Carol parecia ser encantadora e eu tinha quase certeza de que gostaria dela tanto quanto já gostava de Sophia.

Já a reação do encontro de Mariah e Thiago foi exatamente como pensei que seria: Estranha. Mariah o evitava tanto quanto eu evitava Henrique. Mas eu acreditava que o trabalho deles era bem maior, porque eles estavam de certa forma perto um do outro. Engraçado que os dois costumavam falar sobre mim e Henrique, mas acabavam esquecendo que faziam o mesmo entre eles.

Apesar de discordar completamente dos motivos de Mariah continuar mantendo esse final de relacionamento e já ter lhe dito isso várias vezes, como amiga, eu apenas respeitava sua decisão. Só que tinha que confessar que também achava Thiago um babaca por não ter tentado

mudar em nada a situação deles ao longo dos anos.



Conversamos muito e, exatamente como pensei, Sophia e os amigos dela eram ótimos e logo nos identificamos. Entre um drinque e outro nos divertimos com bobagens, parecendo que nos conhecíamos a vida toda. Uma brincadeira e uma provocação com Luca e Sophia levou a todos a contarem sobre sua primeira vez. É lógico que Luca e Thiago não perderiam a chance de me provocar, coisa que eles faziam sempre que tinham oportunidade, e eu tive vontade de matá-los.

Mariah ficou surpresa, pois apesar de sermos muito amigas, não me lembrava de ter lhe dito com quem havia sido minha primeira vez. Acho que para mim era tão “certo”, que não achei que faria diferença lhe dizer. E dela também veio outra revelação, que fez Luca enlouquecer quando soube que sua primeira vez não foi com nosso amigo. Eu já sabia, e sabia também que esse havia sido o motivo da cachaça errada que Thiago teve no mesmo dia. Mas pelo menos essa cachaça resultou no início do relacionamento dos dois no dia seguinte.

Depois de muita risada com as descobertas de coisas do passado de cada um, na hora do jantar, Luca emocionou a todos os presentes, tirando lágrimas dos olhos de todas as mulheres com a declaração apaixonada que fez para sua *Princesa*, como ele a chamava. Sophia ficou muito emocionada ao ganhar o poder de fazer o projeto de uma casa para eles. Como arquiteta, claro que ela amou o presente. E eu tinha que confessar que o amor deles era uma coisa linda de se ver, fazendo-me invejar um pouco tudo isso.



A festa seguiu animada. Pela primeira vez em muito tempo consegui me divertir, tentando me desligar de tudo que me mantinha distante de todos. Estávamos agora na sobremesa quando Sophia chamou a atenção de quem estava próximo a ela.

— Não! — Sophia negou algo para Rodrigo, que apenas sorria.

— O que, amor? — Luca perguntou curioso, olhando de um para o outro.

— Nada — respondeu, e até mesmo eu, que havia acabado de conhecê-la, saquei que ela estava tentando desconversar, mas Rodrigo tratou de rir antes de lhe entregar:

— Mentira, Luca. É que ela sabe exatamente o que estou pensando — explicou, ignorando completamente o olhar ameaçador da loira.

— O quê? — Luca perguntou curioso, olhando dela para ele.

— Cantar — ele respondeu.

Oi?

— Cala a boca! — Sophia rosnou, atirando-lhe seu guardanapo, e ele gargalhou.

— Espera. Você canta mesmo? — Luca perguntou, agora parecendo entender o que ele dizia, e ela não conseguia dizer nada.

— Oh, sim! — Carol respondeu por ela. — O fato de Sophia cantar era o principal motivo pelo qual conseguíamos nos embriagar de graça nos bares durante a faculdade — disse rindo juntamente com seus amigos, e Sophia estava tentada a matá-los com apenas um olhar.

— Espera aí — Mariah quem falou. — Você canta, Sophia? — perguntou retoricamente. — Meu Deus! Vocês não podiam ser mais perfeitos juntos! Eu odeio vocês! — disse dando um murro de brincadeira em seu irmão, que apenas riu.

Nem eu acreditava que ela também cantava. O destino poderia ser mais perfeito?

— Eiii. Quem não entendeu agora fui eu — Sophia falou, olhando diretamente para Luca.

— Ah, sim! Luca era o *Rockstar* da escola e dos bares da Zona Sul do Rio. — Thiago disse e Sophia olhou para Luca boquiaberta, ele deu de ombros.

— Você canta, Luca? — ela repetiu, não acreditando que essa fosse a verdade sobre meu melhor amigo.

— E toca — complementei.

Eu não estava surpresa por ele não ter lhe dito. Não que ele tivesse vergonha nem nada, até porque ele era Luca Campanaro e não tinha motivos para se envergonhar, mas ele não costumava gritar ao mundo suas habilidades musicais. Até porque, se tivesse realmente feito isso, eu não tinha dúvidas de que hoje ele não usaria terno e gravata atrás de uma mesa, e sim trabalharia em um palco.

— Por que você nunca me disse isso? — ela perguntou para ele.

— Por que você nunca me disse isso? — Luca repetiu e em seguida lhe deu um beijo.

— *Ohh*, vocês dois! Precisamos de um show — Mariah disse batendo palmas, certamente animada com a ideia de vê-los em ação.

— Vamos, *amore*. — Luca se levantou e puxou a noiva pela mão.

— Oh! Onde? — Sophia nitidamente não entendia o que ele queria.

— Cantar — respondeu apenas.

— Uh... Que tal não? — ela respondeu com os olhos arregalados, fazendo-me rir baixinho.

— Deixa disso, vá logo — Nick disse.

— Não, não. De jeito maneira — continuou a negar.

— Estamos em família, *Sophie*! — sua mãe disse com carinho, e notei o orgulho que ela deveria ter da filha.

— Concordo. Não é como se você já não tivesse feito isso antes. — Sophia ficou vermelha e

nitidamente constrangida com as palavras de sua amiga.

— Ok! Eu canto uma música sozinho e na outra você me acompanha, tá?

Luca não esperou que ela respondesse, apenas seguiu até a tenda onde estava a banda e seus instrumentos. Com um violão na mão, ele se sentou no banquinho em frente ao microfone e, com a familiaridade, logo dedilhou o instrumento. Foi impossível não sorrir. Eu já o tinha visto fazer isso tantas vezes quando éramos mais jovens, tantas, que perdi até as contas.

Ainda assim foi impossível não lembrar-me de quantas vezes fomos aos seus shows e, a cada vez que via a plateia delirar por sua causa, eu sempre ficava tão animada e orgulhosa do meu melhor amigo por ser tão bom e fazer isso tão bem.

— Boa noite — ele disse animado ao microfone.

— Boa noite! — gritamos de volta.

— Já faz um longo tempo que não faço isso a não ser para mim mesmo, mas como um incentivo pra minha linda e adorável noiva, estou disposto a encarar. Vou cantar uma música para relembrar os velhos tempos — ele falou e, depois de piscar para sua noiva, olhou diretamente para mim.

Parecia que eu sabia o que Luca ia tocar, na verdade, meu coração sentia. Tinha certeza de que ele havia escolhido de propósito, afinal, ele sabia, claro que ele sabia. Foi então que Luca começou a dedilhar as primeiras notas de uma música que marcou tanto a minha vida: *Wherever You Will Go*, The Calling.

*“Ultimamente tenho pensado
Quem estará lá para ocupar meu lugar
Quando eu for, você vai precisar de amor
Para iluminar as sombras em seu rosto
Se uma grande onda caísse
E caísse sobre todos nós
Então entre a areia e a pedra
Você conseguiria se virar sozinha?*

*Se eu pudesse, então eu iria
Eu vou aonde quer que você vá
Muito lá em cima ou lá embaixo
Eu vou aonde quer que você vá*

E talvez, eu descubra

*Um jeito de voltar algum dia
Para te vigiar, para te guiar
Pelos seus dias mais escuros
Se uma grande onda caísse
E caísse sobre todos nós
Então eu espero que haja alguém lá fora
Que possa me trazer de volta para você*

*Se eu pudesse, então eu iria
Eu vou aonde quer que você vá
Muito lá em cima ou lá embaixo
Eu vou aonde quer que você vá*

*Fuja com meu coração
Fuja com minha esperança
Fuja com meu amor*

*Agora eu sei, exatamente como
Minha vida e meu amor poderão continuar
Em seu coração, em sua mente,
Eu ficarei com você por todo o tempo*

*Se eu pudesse, então eu iria
Eu vou aonde quer que você vá
Muito lá em cima ou lá embaixo
Eu vou aonde quer que você vá*

*Se eu pudesse voltar no tempo
Eu vou aonde quer que você vá
Se eu pudesse te fazer minha
Eu vou aonde quer que você vá... ”*

Um turbilhão de emoções passou por mim. A verdade era que eu estava ali, mas por dentro estava inundada por lembranças. Era inevitável não sentir. Não recordar tudo. Tentei me controlar, mas uma lágrima acabou escorrendo dos meus olhos pelo meu rosto, e lutei, mais uma vez, para

não ceder à enorme vontade de chorar, porém era quase impossível diante de tantas recordações.

Como se ele sentisse que eu estava pensando nele, o *iPhone* de Thiago vibrou sobre a mesa e o nome de Henrique piscou na tela. Thiago olhou do celular para mim e com o polegar limpou mais uma lágrima que me escapou, antes de ignorar a chamada e me dar seu ombro, que tanto me era preciso agora.

Ouvindo uma música que marcou tanto nosso relacionamento, olhando para meus dois melhores amigos, eu me perguntava exatamente o que a música falava: “*E se eu pudesse voltar no tempo?*”

Nove Anos Atrás...

Henrique voltou para o seu quarto mais de meia hora depois. Ele trouxe consigo uma bandeja nas mãos e, sorrindo, com aquele seu sorriso lindo que me deixava igual uma boba, colocou no meu colo a bandeja com um prato de canja, uma porção de torradas e um copo de suco de maracujá, logo se sentando ao meu lado.

— Desculpe a demora. Pensei em te mandar uma mensagem para avisar que minha mãe resolveu fazer uma sopa para você, mas imaginei que você estava sem seu celular. Seu pai nos obrigou a jantar, você deve saber. — Ele revirou os olhos, porém riu em seguida. — Você está bem? Sentiu mais alguma coisa? — perguntou, voltando a me olhar preocupado.

— Sim. Estou, obrigada — respondi, olhando para o prato que ele colocou em minha frente. — *Papa* não perguntou nada sobre eu não ter ido ao jantar? — questionei assim que tomei a primeira colherada da canja, que, por sinal, estava uma delícia.

— Sim. — Ele bufou em resposta. — Você sabe que odeio mentir para ele, não é?

Eu sabia que sua pergunta era retórica, no entanto concordei baixando meu olhar para a canja, sentindo-me meio culpada, porque eu sabia. Henrique realmente considerava meu pai demais para fazer isso e ainda se sentir mal por causa disso.

— *Mãinha* também perguntou. Todos queriam te ver, mas eu disse que você tinha comido um pacote de salgadinhos antes do jantar e estava mal. Luca me ligou também, disse que tinha ligado para você. Chamou a gente para ir para o Bar da Pitty. Daniel, Leonardo, Lorena e Caio foram na cidade, acho que vão se encontrar com Luca, Thiago e Mariah. Nossos pais também já foram se deitar. — Levantei meu olhar de surpresa para ele.

— Por que você não foi com eles? — inquiri, curiosa, sabendo perfeitamente que ele não negaria uma noite de farras.

— Não. — Balançou a cabeça em negativo. — Além de não estar nem um pouco a fim de ir, eu não queria ter de deixá-la sozinha — confessou parecendo meio sem jeito.

— Obrigada. Mas não precisava. — Eu lhe dei um sorriso fraco em agradecimento, pois nunca imaginei que ele trocaria uma noitada para cuidar de uma desequilibrada como eu.

— Você tem tido muitos? — ele perguntou, ainda preocupado, tirando uma mecha do meu cabelo da frente do meu rosto e colocando atrás da orelha, quando eu já estava quase na metade da canja.

— Não. — Melei a torrada na canja e coloquei na boca, não querendo falar sobre isso, e ele

me conhecia muito bem para saber disso.

Ou eu ao menos esperava que sim.



Depois que terminei de comer, Henrique não me deixou ir para o meu quarto e ainda permitiu que eu escolhesse um filme para assistirmos. O que era muito estranho, porque ele sempre me provocava sobre meus gostos. Mas já que ele estava tão bonzinho, resolvi que assistiríamos *“Dez Coisas que eu Odeio em Você”*, só para testar sua generosidade. Mais uma surpresa, pois ele apenas entortou a boca em desgosto, porém não reclamou. Juro que até mesmo chegou a rir enquanto o filme rolava.

Eu tinha que admitir que ele estava se esforçando para me fazer sentir bem. Como estava frio, até mesmo chocolate quente ele nos fez ao darmos uma pausa no filme, o que era uma coisa extremamente rara de acontecer. E olha que ele fazia o melhor chocolate quente que já provei na vida.

Ficamos conversando sobre amenidades e, como ele era um palhaço arrogante, acabei rindo das suas besteiras e idiotices sem tamanho. Eu podia dizer muitas coisas sobre Henrique, mas uma das maiores qualidades dele era que ele sempre foi super protetor em relação a mim. Desde pequeno, ele e Luca pareciam estar apenas à espera e na espreita para defender a minha “honra”, de alguma forma, seja na escola ou até mesmo em casa. Depois Thiago acabou se juntando ao time. Mas entre todos eles, Henrique sempre foi o que mais ia em minha defesa. Não importava com quem era. Ele literalmente brigava com Deus e o mundo para me defender.

Henrique estava sempre lá, pronto para limpar as lágrimas que caíam quando eu chorava. Inclusive, sempre deixou claro que ele não queria me ver sofrendo ou chorando por qualquer que fosse o motivo. Então, mesmo que nós brigássemos demais, ele era e sempre foi o meu Príncipe Escudeiro.

A verdade era que mesmo ainda sendo muito amigos, as coisas mudaram para a gente de alguma maneira. Eu podia dizer, sem sombra de dúvidas, que há anos eu não o via tão atencioso e carinhoso dessa maneira comigo. Ele continuava sendo meu amigo, óbvio. Continuava sendo super protetor. Mas de alguma maneira parecia que tudo havia mudado desde aquela maldita noite. A noite em que enfim nos beijamos. E, sim, realmente aquela noite mudou tudo.

Antes de hoje à noite, sempre havia uma tensão e mantínhamos certa distância entre nós. Parecia que sempre estávamos receosos ou desconfortáveis quando em torno um do outro, talvez com receio de uma aproximação maior depois de tudo. Mas hoje eu estava realmente feliz por estarmos assim.

Deveria me sentir péssima por ter gostado do que me aconteceu hoje só por estarmos aqui?

— Você sabe que deveria procurar ajuda para isso — ele falou depois de um tempo em silêncio, parecendo realmente preocupado enquanto estávamos enrolados no edredom, e eu, deitada sobre seu peito, sentindo seu cheiro e seu calor.

— Não, não é nada — garanti, tentando não me irritar e continuar aproveitando esse momento com ele.

— Como não é nada? — continuou a falar, parecendo frustrado, sua voz se alterando levemente. — Eu conheço você, Mia. E conheço um ataque de pânico quando vejo um. Ou esqueceu que fui eu quem ajudou você quando quase morreu naquela maldita noite? — perguntou irritado.

“Não falarei com ele sobre isso. Prometemos não falar mais sobre aquela noite”, pensei irritada.

E mesmo sabendo disso, ele estava aqui querendo dizer que eu precisava de ajuda. Flashes do que realmente nos aconteceu naquela noite piscaram em minha memória e tentei evitar a todo custo as imagens da minha “quase” tragédia. Mas era difícil. Era sempre difícil quando eu pensava sobre isso.

Levantei-me da cama extremamente furiosa e, quando me virei para sair do quarto, ele me segurou pelo cotovelo.

— Você não vai sair daqui — disse sério.

— Vou sim — respondi indignada, tentando me soltar, e seu aperto em torno do meu braço só aumentou.

— Não, você não vai! — rosnou entre os dentes, antes de baixar a voz. — Não vou deixar você ficar sozinha nessa casa! Não do jeito que você está! Eu não seria eu mesmo se a deixasse sozinha agora! — terminou de falar com tom preocupado, e eu o ignorei.

— Quem pensa que eu sou para você achar que pode mandar em mim? — perguntei cuspiendo de raiva.

— Você... — ele gaguejou — é minha amiga, e é como uma irmã para mim — disse antes de ficar instantaneamente pálido e fervendo de raiva.

— Não, não sou — neguei também com a cabeça. — Você deveria saber disso. Não é porque moramos na mesma casa agora e nossos pais vão se casar, que significa que vai mudar algo sobre nós. E sinto lhe informar, mas você não é e nunca será meu irmão! — bradei.

Tentei me soltar mais uma vez, mas ele era obviamente mais forte e me puxou para junto dele. Ficamos um de frente para o outro. Cara a cara. Tão perto como estivemos há três anos, e eu sabia, no fundo eu sabia, que essa era a única lembrança realmente boa que tivemos daquela

maldita noite.

Curiosamente, essa lembrança não me deixava com medo de ter outro ataque de pânico. Muito pelo contrário, era uma das lembranças mais felizes da minha vida.

Mentira, era definitivamente a mais feliz!

Nenhum de nós se moveu pelo que me pareceram horas e depois suas mãos prenderam abaixo dos meus quadris. A intensidade do seu olhar sobre mim me deixou com o coração disparado. Minha respiração de repente ficou presa e me senti meio tonta.

Eu podia tentar negar isso a ele e a mim mesma todos os dias, porém ele sabia o quanto mexia comigo. Mexia até demais. Eu poderia ter apenas 17 anos, mas sempre foi muito mais do que hormônios adolescente entre nós. E de uma forma completamente estranha, eu sabia, lá no fundo, que o sentimento era recíproco.

Henrique encostou sua testa na minha e fechou os olhos com força. Sua respiração parecia tão forte quanto a minha. Não consegui me mover quando ele começou a roçar seu nariz no meu e depois o arrastou para minha bochecha, deixando-me arrepiada e com o coração acelerado, devido à nossa aproximação. Sua respiração era quente contra meus lábios e tinha cheiro de chocolate, o que só me fazia desejá-lo ainda mais.

Deus, eu o queria tanto! Eu o amava tanto!

— Sei que não sou seu irmão — murmurou com a voz rouca, ainda com seu rosto colado ao meu. — Mas a forma que me sinto sobre você me assusta pra caralho. — Ele engoliu em seco. — Eu não deveria me sentir dessa forma por você... — fsua voz não passou de um sussurro baixinho.

Senhor, ele realmente sentia algo por mim? E mais, ele sentia algo que ele tentava controlar?

— Por quê? — foi minha vez de balbuciar a pergunta, pois queria tanto que ele não apenas me beijasse, mas também confessasse o que de fato sentia por mim.

— Porque... Porque... — gaguejou antes de Deus ouvir minhas preces e ele finalmente me beijar.

E não foi um beijo calmo, mas, sim, desesperado. A urgência e necessidade do nosso beijo desencadeou um desejo arrebatador em meu corpo. Eu já tinha beijado outros caras antes, no entanto nada se comparava ao nosso beijo agora. A dança erótica que nossas línguas faziam e o movimento possessivo das suas mãos pelo meu corpo fizeram-me querer coisas que jamais quis antes com outra pessoa.

Sempre foi ele que eu queria assim... Sempre!

Henrique me puxou para a cama e caímos juntos, ainda sem desgrudar nossas bocas ávidas. Com seu corpo encaixado ao meu, ainda que estivéssemos totalmente vestidos, ele gemeu, me

dando certeza do quanto eu o afetava e, principalmente, do quanto ele realmente me queria também.

Deus! Eu queria! Não... Eu precisava dele!

Agarrei-me a ele, querendo e precisando de mais. Sentindo seu cheiro delicioso e me deleitando com o gosto doce do chocolate quente que acabáramos de tomar misturado com o seu próprio gosto, me vi cada vez mais perdida.

Divino! Mistura perfeita: Henrique e Chocolate.

Mas mais do que isso, estar assim com o cara por quem eu era apaixonada por toda minha vida estava definitivamente além das palavras. Era tudo que sempre quis para mim e eu estava determinada a segurar esse momento para sempre.

Quando ele desgrudou sua boca da minha e desceu para meu pescoço, quase me perdi. O toque dos seus lábios sobre a minha pele me deixou completamente em chamas. Eu o queria nesse momento, eu o desejava, porque sempre foi tudo que sempre ambicionei.

Puxei a barra da sua camisa, precisando sentir sua pele na minha, e ele sorriu de um jeito perverso ao levantar os braços, sabendo exatamente o que eu queria. Sua camisa saiu rapidamente e aproveitei para passear minhas mãos pelo seu corpo lindo, como sempre, desejando. Passeei meus dedos através da sua barriga malhada com aqueles benditos gominhos, que eu admirava de longe e tanto ambicionava tocar todos os dias. E enquanto eu fazia o que queria, Henrique não dizia nada, apenas me observava mordendo os lábios e gemendo baixinho.

Lindo demais. Gostoso demais!

Contornei com os dedos o desenho da fênix tatuada em suas costelas e meu gesto fez com que Henrique gemesse mais forte dessa vez. Meu sorriso se ampliou por saber que ele se sentia dessa forma apenas com meu toque e me senti poderosa por isso.

Aproximando sua boca da minha, Henrique voltou a me beijar com mais necessidade. Eu não queria mais nada além de continuar sentindo seu peso sobre mim. Seu corpo no meu. Sentir seus lábios e não largar mais. Eu não queria fazer isso, mas deixei escapar um gemido quando ele mordeu meu lábio inferior e subiu a mão até a cúpula do sutiã que eu ainda vestia.

— Mia... — ele sussurrou com a voz rouca.

Eu não conseguia nem falar. Meu coração estava batendo tão forte, que parecia que ele poderia chegar aos meus ouvidos. Sonhei com este momento por tanto tempo, que só queria congelar no tempo. Eu estava com tanto medo de estar sonhando, que eu não conseguia sequer me mover.

Henrique passou as mãos pelo meu corpo e, beijando minha clavícula, segurou meus seios ainda cobertos com suas mãos, brincando com meus mamilos. Ele capturou meus lábios com os

seus de novo e me beijou com tanta paixão que eu queria chorar.

Depois moveu-se um pouco longe dos meus lábios, e seus olhos se prenderam aos meus. Seus dedos tocaram minha pele nua e senti o contato quente, delicioso, que eu tinha certeza de que poderia ser capaz de incendiar todos os meus nervos. Eu estava à flor da pele e essa foi de longe a melhor sensação que já experimentei.

Apesar de toda excitação, havia um aperto em meu peito me lembrando daquela noite. Lembrando-me do momento em que nós dois voltamos para casa felizes depois do nosso passeio e, então, tudo desmoronou ao nosso redor. Uma parte minha parecia ter mais medo de pensar que tudo poderia acontecer novamente.

Eu não queria. Não queria que acontecesse aquilo mais uma vez!

Sim, eu amava Henrique. Eu o amava mais do que tudo. Mas eu precisava ter certeza de que existia “nós” antes de tudo. Não queria ser apenas mais uma e muito menos estava preparada para que essa noite fosse esquecida novamente.

— Henrique, espera — consegui pedir.

Ele se afastou rapidamente, sua mão ainda segurando meu seio, enquanto me olhava confuso.

— O que foi? — perguntou com a voz rouca e ofegante.

— Desculpa. Eu apenas não posso... Não acho que eu esteja pronta ainda — confessei envergonhada.

— Desculpe, você está certa. Eu não deveria me aproveitar de você desta forma. Não quando há algumas horas você não estava bem. — Ele suspirou e fechou os olhos, antes de voltar a abri-los e se deitar ao meu lado. — Não podemos nos apressar. Eu sei. Vou esperar por você — afirmou com convicção, puxando-me para ele. — Posso te pedir uma coisa? — fez a pergunta enquanto colocava uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, e eu assenti. — Quero você aqui comigo. Prometo me comportar. Quero senti-la comigo e acordar com você em meus braços. Você vai apenas dormir aqui comigo, Mia? — Henrique pediu em um sussurro.

Putá merda. Isso estava realmente acontecendo?

Olhei em seus belos olhos verdes e me perdi. Era como se eu não pudesse acreditar que ele estava fazendo essa pergunta. Eu mal tinha forças para responder. Sempre sonhei em dormir em seus braços, em poder dormir com ele em torno de mim. Eu queria tanto isso, que tinha medo de ser tudo fruto da minha imaginação.

Uma parte minha, a parte que ainda tinha medo, relaxou nitidamente porque sabia que ele não dormia com qualquer garota. Mas essa mesma parte também me dizia que ele não precisava esperar por qualquer garota. Ele tinha todas que queria.

Ele seria realmente paciente comigo como disse? Ele realmente me esperaria?

— Sim, eu fico — respondi, ainda nervosa.

Henrique sorriu, mostrando suas covinhas daquele jeito que eu tanto amava. Beijou minha testa carinhosamente e em seguida me deu um beijo doce nos lábios. Virou-me de costas para ele antes de prender meu corpo com uma chave de pernas, colocando um braço em volta de mim, de forma protetora. Mantendo seu corpo colado ao meu depois de jogar o edredom sobre nós.

Ficamos assim, aninhados um ao lado do outro, seus lábios depositando beijos em meu pescoço, fazendo-me arrepiar. Não demorou muito para que eu sentisse sua respiração quente em minha pele, indicando que ele já havia dormido, e isso inevitavelmente me fez sorrir.

Era tão bom estar assim com ele que nem ousei me mover. Eu não queria acordá-lo. Exatamente por isso, não consegui dormir até ver o sol nascer e vi-me pensando em tudo. Pensando em nós. Pensando na nossa família. A verdade era que eu estava morrendo de medo de que tudo isso não passasse de um sonho. Ou pior, que Henrique finalmente se desse conta de que isso não poderia acontecer entre nós dois.

Tempos Atuais...

Capítulo 5

HENRIQUE

Eu estava ali. Apenas alguns metros nos separavam, mas não consegui encontrar coragem suficiente e muito menos conseguia ser forte o bastante para ir até lá. Por isso eu estava me torturando, via-os à distância, ouvindo ao longe o som da música e até mesmo das risadas. As risadas que eu gostaria, mais do que qualquer coisa, de compartilhar com eles.

Era loucura, eu sabia. Era loucura ter vindo de tão longe apenas para vê-los a distância como um maldito *stalker*. Era covardia comigo mesmo e principalmente com meu melhor amigo, que merecia mais de mim. Mas eu tinha que fazer isso justamente porque não sabia o que aconteceria caso eu fosse.

O que aconteceria se eu chegasse lá?

Eu não sabia dizer. E esse era meu maior medo. Não tinha medo apenas de atrapalhar a festa de noivado de duas pessoas que se amavam e em nada tinham a ver com nossos problemas, meu maior medo mesmo era de ser rejeitado, desprezado como já havia sido e continuava a ser desde aquele dia, há quatro anos.

Era tolice também, eu sabia. Deixar que meus temores ditassem não apenas quem me tornara, mas com que eu queria estar, e isso era absurdo. Até mesmo egocêntrico da minha parte me permitir sofrer assim e fazer com que as pessoas que eu amava sofressem por uma decisão minha.

Sim, era uma decisão minha, porque, no fundo, eu sabia que se lhe dissesse a verdade por tantas vezes, principalmente naquele fatídico dia, as coisas poderia ser diferentes entre nós. Só que mais uma vez eu não era corajoso, nem mesmo para isso.

Foi então que ouvi os primeiros acordes da música. Aquela música. Quando a gente ama alguém sempre há uma e a minha era aquela. A música que há tanto tempo eu havia cantado como se fosse uma promessa de que estaria sempre com ela.

Mas onde estive, desde então? Por que deixei que tudo isso fosse mais forte do que essa promessa de estar onde ela estivesse?

Quando as primeiras lágrimas vieram, eu comecei a correr. Comecei a correr como se minha vida dependesse disso. E, de certa forma, dependia. Não me importei em soar como um desesperado, porque na verdade eu era um, apenas corri em direção aonde eu queria estar. Para quem eu queria estar.

Eu não estava realmente longe. Apenas alguns metros separavam o apart hotel onde eu

estava hospedado do prédio de Luca. E quase como uma punição, pensei em descer os degraus da escada, em vez de usar o elevador, mas eu demoraria demais para chegar até lá embaixo. E eu já havia demorado muito. Muito tempo, tempo demais.

Tanto tempo havia passado, tantas oportunidades foram perdidas, tive tantas chances de lhe dizer a verdade e apenas deixei que a vida se encarregasse de nos manter distante. E o mais importante e pior de tudo: Permiti que ela duvidasse do que eu realmente sentia por ela e até mesmo de quem eu era.

Quando achei que teria que esperar por uma autorização, enganei-me, pois meu nome estava na portaria com permissão de entrar, parecia até mesmo que Luca sabia que eu viria. E sabia mesmo. Eu não duvidava nem por um segundo que meu amigo sabia. Subi o elevador ansioso, meu coração batendo descompassado de uma forma que eu sabia que só acontecia com ela.

Eu não podia chegar assim sem nenhum preparo, por isso tentei ligar para Thiago. Talvez, dizer a alguém que eu estava chegando poderia ajudar de alguma maneira, ou ao menos evitar que as coisas saíssem piores do que eu gostaria. Mas Thiago não atendeu. Na verdade, ele recusou a chamada, o que me deixou sem saber realmente o que achar disso.

Pensei em voltar, mas eu já havia chegado até ali e resolvi seguir. Havia demorado tanto tempo para tomar coragem de vir e não poderia deixar que meu medo fosse maior que minha sensatez agora. Eu estava fazendo a coisa certa. Ao menos era o que eu repetia para mim mesmo.

Depois de tocar a campainha, fui recepcionado pela governanta, que me encaminhou para onde estava acontecendo a festa. Eu não sabia o que esperar do que viria, mas, ao final da canção, ver de longe Mia visivelmente amparada por Thiago não era o que eu esperava encontrar.

Eu não precisava ver seu rosto para saber que era ela. Eu também não precisava encontrar seu olhar para saber que ela não apenas havia se lembrado da canção, como também estava sofrendo com o que se recordava dela. E, mais uma vez, após as milhões de vezes que aconteceu ao longo dos anos, culpei-me por ter feito isso com ela.

Lembrei-me de quando eu era criança, ainda, e prometi protegê-la, e depois de todas as vezes que prometi não fazê-la sofrer, mas acabava fazendo, mesmo quando eu me dizia que era o melhor para ela. A verdade é que a vida é feita de escolhas e as minhas, mesmo que eu lutasse para fazê-la feliz a todo custo, pareciam sempre ter o efeito contrário sobre nós.

Luca olhou para mim e nada disse, apenas balançou a cabeça em negativa, de forma quase imperceptível, e entendi o que ele queria. Olhando uma última vez para o amor da minha vida, mais uma vez usei de toda minha força para fazer o que me matava sempre que tinha que fazer: virei as costas e fui embora.

Nove anos atrás...

Capítulo 6

MIA

Contrariando tudo que pensei, no dia seguinte, fui acordada com um beijo de tirar o fôlego. Desnecessário seria dizer que isso me fez mais do que feliz. Depois de mais uns amassos matinais, descemos para tomar café da manhã com nossa família. Ninguém desconfiou de nós dois e decidimos manter assim, ao menos por enquanto, e isso significava que permaneceríamos nos vendo às escondidas.

Como ele teve de começar a dividir o quarto com Leonardo, por causa da chegada dos convidados, normalmente ele se esgueirava para o meu quarto à noite ou nos encontrávamos nas baias ou no celeiro e então íamos para um passeio delicioso ao redor da fazenda. Eu sabia que era arriscado, qualquer pessoa poderia nos ver e dizer tudo para nossos pais, mas tentávamos ser cuidadosos. Não tinha acontecido nada de mais, ainda assim, era muito bom estar com ele.

O casamento de meu pai e minha madrinha aconteceu alguns dias depois de começarmos a ficar juntos. Como não era a primeira vez que os dois se casavam, eles não queriam uma festa grande, mas, sim, algo íntimo, apenas para a família e amigos mais próximos, e minha dinda fez questão que fosse ao pôr do sol.

A família dela chegou uns dias antes da cerimônia e se acomodou nas 35 suítes do casarão, motivo pelo qual Henrique agora não dormia mais sozinho. Eu já os conhecia desde sempre e os adorava para caramba. Estar com eles para mim era como se eu também tivesse uma família grande e eu amava isso, mesmo que significasse ser mais difícil para ficarmos juntos.



Na hora da cerimônia, estávamos todos realmente emocionados. Meu pai estava na beira da lagoa que ficava em frente ao casarão, debaixo de uma tenda que era o altar improvisado. O corredor até o altar estava enfeitado com um tapete de pétalas de rosas brancas e pequenos arranjos de lírios e folhagens.

Lorena e eu usávamos um vestido bege pálido com flores brancas rendadas, busto tomara que caia, cinturado e de saia rodada acima do joelho, e calçávamos um sapatinho de boneca da mesma cor. Nosso cabelo estava solto, com leves ondulações, e a maquiagem era bem singela. Em vez de um pequeno buquê, usávamos uma pulseira de pérolas com uma única orquídea.

Leonardo e Henrique estavam usando um terno preto simples, sem gravata, com apenas um cravo preso no bolso. Estavam lindos. Lorena e Leonardo foram os primeiros a entrar de braços dados, ao som no violino de *Somewhere Over the Rainbow* e em seguida foi a minha vez com

Henrique. As oitenta cadeiras de madeira ao nosso redor já estavam ocupadas por todas as pessoas especiais para os dois, e depois de andarmos pelo corredor, finalmente chegamos em frente ao meu pai, não podendo deixar de sorrir para ele. Estávamos todos realmente felizes por esse momento.

Quando a marcha nupcial começou a tocar, mesmo que já tivesse visto minha dinda vestida, não pude deixar de me emocionar. Ela usava um vestido sereia de alcinhas com decote em “V” e todo rendado, na cor branca. Ela optou por não usar véu, preferiu um *voilett* em seu lugar, e também não tinha outras joias além do brinco de pérolas em forma de gota. Seus cabelos estavam presos em um coque baixo e ela carregava um lindo buquê de orquídeas.

O sorriso que meu pai deu ao avistá-la vindo ao seu encontro e a emoção no olhar dos dois foram a minha certeza do quanto se amavam e se faziam felizes. Quando o padre começou a falar e eles prosseguiram com os votos, comecei a chorar baixinho. Foi impossível não me recordar de tudo que eles passaram antes de chegarem até aqui. Tudo que sofreram. Não havia dúvidas, para mim, meu pai e tia Socorro mereciam mais do que ninguém darem uma chance ao amor. E eles descobriram, através da amizade e da dor, que ainda poderiam ser felizes e amar novamente.

Lembrava-me de como armamos para os dois de saírem pela primeira vez, com a desculpa de que eles precisavam se distrair e curtir a vida um pouco. Lógico que fizemos conscientes de que seus encontros se tornariam românticos. Acho que com o passar do tempo, e por saberem da nossa aprovação, eles finalmente se renderam ao que começaram a sentir um pelo outro. Foi tudo muito puro entre eles, mas era definitivamente amor verdadeiro. Era realmente lindo de se ver.

Quando Henrique notou que eu estava emocionada, sorriu para mim e me puxou em um abraço, para que colocasse minha cabeça em seu peito. Por um momento pensei em nós. Era precipitado pensar assim, mas era impossível não me trair com meus pensamentos e não podia deixar de imaginar em quando seria a nossa vez de subir ao altar.

Não queria me precipitar. Estávamos juntos agora, eu era muito nova ainda, ambos erámos. Tínhamos muito que viver ainda. Mas eu seria hipócrita em dizer que não sonhava que esse dia chegasse. Tudo ao seu tempo, não teria pressa. Eu apenas tinha certeza em meu coração de que seria com ele que queria chegar até aqui.



Apesar de meu pai ter transformado *A tulha*, como era chamado o prédio onde o café era beneficiado e armazenado, em um Salão de Festas, a festa também foi organizada à margem da lagoa. A decoração era simples e no estilo *vintage*, deixando tudo ainda mais lindo. Conforme anoiteceu, as luzes foram se acendendo, as velas, o varal de lâmpadas e lanternas apareceram para

dar ainda mais brilho. Era como uma peça de teatro com suas nuances mudando. Estava realmente incrível.

Depois do jantar, eu estava observando a festa, sentada à mesa, conversando com *Nonno*, quando a banda começou a tocar. Enquanto Henrique conversava com Leonardo e seus primos, Luca e Thiago, não perderam tempo e já estavam dançando com dois rabos de saia.

Luca era do time de Henrique, dos safados. O IBGE certamente deveria fazer uma pesquisa nacional para achar alguém mais safado do que meus amigos. Também não poderia culpá-lo, porque apesar de ser sua melhor amiga, eu não era cega e via perfeitamente que ele era um pedaço de mau caminho. Ainda assim, nada me impedia de revirar os olhos quando ele dava seu sorriso “matador” e as mulheres faltavam se derreter com esse simples gesto.

Desde que a família Ferraz chegou da Bahia, Luca estava *pegando* uma prima de Henrique, a Renata. Eles agora estavam dançando um *Pout Pourri* da *Banda Mastruz com Leite*, e pelos olhares safados que Luca enviava para ela, eu sabia que não demoraria muito tempo antes que ele a levasse para algum lugar para fazer suas ousadias. Como imaginei, não demorou muito — mais precisamente uma música — para que ele cochichasse alguma coisa em seu ouvido, e ela logo tratou de se afastar dele e saiu, cheia de risinhos, enquanto ele vinha até mim. Provavelmente para despistar.

— *Tchuca*, se alguém perguntar por mim, fui ali. Acho melhor não me procurarem — Luca disse sorrindo malicioso, piscando para mim.

Eu não disse? Um cachorro!

— Seja menos óbvio, por favor. Gostaria de ficar só na suposição e não ter certeza do que fará. Você não pode simplesmente segurar esse seu “negócio” quieto por uma noite? — perguntei com uma careta e ele desatou a rir.

— Sabe, se você tivesse experimentado, saberia que não podemos dispensar as oportunidades que a vida generosamente nos traz. E fora que ela está ansiosa para isso. Não posso deixá-la esperando. — Bufe e ele voltou a rir.

Antes de sair sorrateiramente para encontrá-la não sei onde, me abraçou e me deu um beijo na testa.

Sim. Era a última vez que eu o deixaria pegar em mim hoje. Argh!

Já Thiago, eram outros quinhentos. Há uns oito meses, Thiago não era mais o mesmo *Don Juan* que costumava ser desde que seus hormônios adolescentes a floraram. Isso poderia passar despercebido por qualquer um, mas não pelos seus amigos, e não precisei pensar muito para entender o que estava acontecendo: Ele estava apaixonado pela irmã mais nova de Luca, Mariah.

De cara, fiquei sem saber o que pensar sobre isso, porque via a maneira que Luca agia

quando algum garoto dava em cima dela e fiquei um pouco preocupada que isso pudesse abalar a amizade deles. Henrique poderia ser um tapado para algumas coisas, mas ele sacou logo também, no entanto não falamos sobre isso com nenhum dos dois e deixamos os comentários entre nós.

Lembrei-me de um episódio que aconteceu uns seis meses atrás. Estávamos nós quatro em um bar em Copacabana, em que Luca tinha acabado de tocar, e então seguiu a conversa:

— *Alguma merda está acontecendo com Thiago.* — Luca suspirou olhando para trás, enquanto Thiago dispensava uma morena que ficara no seu pescoço a noite toda. — *Vocês sabem de alguma coisa?* — perguntou correndo seu olhar por mim e Henrique.

— *Não* — Henrique respondeu imediatamente, tomando seu gole de cerveja em seguida e olhando para mim em pânico.

— *Uh. Acho que não* — respondi, desviando meu olhar para o cardápio, que parecia muito interessante neste momento.

— *Foda-se! Vocês acham que eu sou idiota?* — Luca rosnou a pergunta, fazendo-me levantar o olhar para encontrar o dele, que estava brilhando de divertimento. — *Assim vocês me ofendem! Eu também sei que vocês não são burros e já sacaram que o bastardo está apaixonado por Mariah.* — Olhei em choque de Luca para Henrique, que parecia que tinha visto um fantasma.

— *Uh...* — gaguejei e as palavras sumiram.

Luca pareceu achar engraçada nossa reação, porque começou a rir da nossa cara, enquanto eu olhava para Henrique sem entender nada e ele também parecia estar compartilhando do mesmo sentimento.

— *Você está bem com isso?* — Henrique perguntou cauteloso, assim que conseguiu falar.

Luca só levantou uma sobrancelha, parecendo achar que sua pergunta foi retórica e até mesmo idiota.

— *Por que eu não estaria?* — perguntou de volta, dando de ombros, e eu entrei em choque mais uma vez por sua reação.

— *Oh! Talvez porque você saiba que Mariah é não-tão-secretamente apaixonada por ele desde o tempo que usava fraldas, ou seja, o sentimento é recíproco* — apontei. — *Além do mais, nós três somos testemunhas de quantas calcinhas ele arrancou desde que começou sua vida “ativa”, e eu não achei que você poderia ficar bem com isso, não quando sabe que o interesse é tirar a calcinha da sua irmã* — tomei coragem de dizer e Luca fez uma careta antes de começar a rir de novo e, em seguida, tomou um gole de sua cerveja, deixando-me cada vez mais confusa.

— *Você está certa. Mas Thiago me conhece, também sei que ele está ciente do que eu poderia fazer com ele, caso sacaneasse minha irmãzinha. Duvido seriamente que ele vá fazer algo sem pensar duas vezes. O que eu não duvido que outros garotos fariam, caso estivessem com ela* —

concluiu como se fosse óbvio, e eu fiquei imensamente surpresa e aliviada pela forma racional que ele estava pensando.

Mas eu tinha que concordar, pois sabia que ele tinha razão. Thiago nunca magoaria Mariah de propósito.

Apesar de nós três sabermos que Thiago era apaixonado por Mariah, nada aconteceu desde então. Na verdade, aconteceu de ele estar cada vez mais ciumento e dispensando mulheres a cada oportunidade. Decidimos não nos intrometer. Mas isso vinha com um porém. Como era tudo entre nós, decidimos começar a provocá-lo. Henrique o chamava de “viadinho” e eu não perdia uma oportunidade de fazer algum comentário maldoso. Luca apenas ria e fingia não estar vendo nada.

Mesmo que Thiago estivesse dançando com a amiga de Renata, que parecia mais do que certo estar doida para abrir as pernas para ele, ele, no entanto, parecia ter olhos para apenas uma pessoa nessa festa: Mariah.

Sério. Como eles podiam ser tão estúpidos e não se resolverem logo?

Eu estava rindo das tentativas frustradas de Caio tentando dançar com Lorena ao som de *Me Usa*, quando fui surpreendida pelo meu amor com a mão estendida para mim.

— A princesa Mia poderia me dar a honra dessa dança? — Henrique perguntou, com aquele sorriso malicioso que eu tanto amava.

Sorrindo, eu aceitei. Tudo que eu queria essa noite, e em todas as outras, era estar em seus braços. E enquanto ele me levava até a pista de dança, era exatamente isso que pedi silenciosamente a Deus: *Eu queria tê-lo sempre comigo!*

Quando nossos corpos se juntaram para a dança, tentei ignorar o quão bem nos encaixávamos. Mia era perfeita para mim. A forma como as coisas entre nós pareciam se encaixar me assustava um pouco, mas no fundo eu entendi: era apenas o certo estar com ela.

Eu poderia ser convencido sobre muitas coisas, mas eu dançava forró bem para caralho. Deveria ser por causa do sangue nordestino correndo em minhas veias. Mas, definitivamente, poucas eram as mulheres que conseguiam me acompanhar.

E foda-se se Mia não parecia ser minha parceira perfeita!

*“Momentos de amor, quero com você
Momentos eternos pra nunca esquecer
Se você me ama, me leva pra cama
Acende essa chama de amor e querer
Só nós dois em nosso ninho
Testemunhas para quê?
Nossos corpos coladinhos
Suadinhos de prazer
Amor, me leva, faz de mim o que quiser
Me usa, me abusa, pois o meu maior prazer
É ser tua mulher...”*

Estava tudo perfeito demais. O dia era realmente especial para todos nós. Muito havia acontecido para que chegássemos até aqui. Mas o que realmente importava era que havíamos chegado, e eu não poderia estar mais feliz pela minha mãe e meu dindo. Por mim e por Mia também.

A letra da música que tocava ao fundo e a maneira como seu corpo mexia colado ao meu estavam me fazendo pensar coisas que eu definitivamente não poderia pensar aqui, não no meio de tanta gente. Eu apenas precisava aprender a me controlar.

Ela ficou olhando para mim com um sorriso tão doce e inocente que meu coração derreteu.

Santo Inferno! Eu nunca ia ser capaz de passar por este dia sem beijar seus lábios tão doces!

— Não faça isso tudo mais difícil para mim — sussurrei em seu ouvido.

— Oh. Por que, gato? — ela perguntou de forma provocativa.

— Estoulouco para te beijar — admiti. — E não acho que fazer isso na frente de todo

mundo não vá chamar atenção — sussurrei de volta e aproveitei para lhe dar uma mordidinha, que a fez gemer.

Sim! Essa dança havia sido má ideia! Eu precisava de um pouco de distância!

Depois de algumas músicas dançando colado com a minha menina, eu ia me afastar, mas então mudou completamente o ritmo da música e começou a tocar *Wherever You Will Go*, e, olhando em seus olhos, eu fiz as promessas que eu ainda não conseguia dizer em palavras. Acho que ela entendeu o que eu queria dizer, porque seus olhos brilhavam de emoção e até mesmo uma lágrima escorreu de seus lindos olhos, que eu tratei de limpar. Queria apenas que ela tivesse a certeza de que eu estaria com ela até o fim.

Depois desse nosso momento, resolvi que um pouco de espaço era necessário para que eu acalmasse não apenas meu coração, mas meu pau, para que eu não fizesse a besteira de agarrá-la na frente de todo mundo. Não precisávamos de uma cena aqui. Ao menos não agora.

Só quem sabia realmente sobre mim e ela era Luca e Thiago, porque eles eram nossos melhores amigos e sacaram imediatamente quando os vimos logo depois que ficamos. Fora eles mais ninguém. Não poderíamos simplesmente jogar na cara de todos o nosso relacionamento.

Mesmo que tudo isso fosse novo para mim, Mia nunca foi qualquer uma para mim. Queria fazer tudo certinho e não trocar os pés pelas mãos. Queria fazer o melhor para ela. Não apenas em respeito ao meu dindo e à nossa família, mas principalmente em relação a ela.

Enquanto tomava a minha cerveja, eu olhava hipnotizado para a pista de dança, ao passo que Mia dançava com Leonardo. Acho que eu só não ficaria doido de ciúmes com ela dançando com meu irmão mesmo, pois eu tinha a ligeira impressão de que teria ciúmes até dos nossos melhores amigos.

Depois da nossa dança, eu tentei me manter longe para não dar bandeira, mas a forma como ela se movia, mexia seus quadris e balançava aquela bundinha deliciosa me fazia cada vez mais doido. Eu não conseguia parar de olhá-la e queria furar o olho de todos os caras que babavam olhando para ela na pista de dança.

Deus! Ela era tão perfeita!

— Um dia vamos nos casar. — Eu me ouvi dizer, enquanto Thiago engasgou com a cerveja ao meu lado.

— Puta merda, Henry! Você só joga isso em cima de mim assim, sem nenhum preparo psicológico. Sério. Isso não se faz, cara. — Balançou a cabeça. — Depois dessa, preciso de mais uma cerveja — praguejou antes de se levantar, me fazendo sorrir.

Foda-se! Eu não estava mentindo mesmo!

Um dia eu faria isso. Um dia a pediria em casamento e depois seria a nossa vez de subir ao

altar. Eu poderia ter dúvidas de muitas coisas em relação ao meu futuro, mas uma certeza eu tinha: eu já tinha a mulher certa para isso ao meu lado.

Eu ainda olhava encantado para Mia na pista, e *Nonno* sentou-se ao meu lado sem que eu percebesse. Acho que eu estava hipnotizado demais pela minha loirinha para reparar qualquer coisa que acontecia ao meu redor. Era esse poder que ela tinha sobre mim. Deixava-me completamente alheio a tudo e a todos. Era mais forte do que eu.

— Ela é linda, não é? — *Nonno*, perguntou me fazendo olhar para ele.

— Quem? — eu me fiz de desentendido, enquanto bebia mais um gole da minha cerveja.

— Mia — ele respondeu, ainda olhando para ela.

— Sim, ela é — confirmei, porque nem que eu fosse cego poderia negar isso.

— Mia parece realmente feliz. Eu nunca mais a tinha visto feliz desse jeito. — Concordei, sentindo-me um pouco esperançoso por pensar que eu poderia ser o motivo dessa sua felicidade.

— Acho que sim. Ela ama *mãinha* e sei que Mia também quer ver meu dindo feliz — falei, tentando manter as coisas longe de nós.

— Sabe, Henry, Mia tem sorte de ter tido Sabá e principalmente Socorro na vida dela. — Assenti, pois isso era verdade. — Sua mãe e ela foram como mães para Mia. Mães que ela precisava ter. O que Mary Kate fez como mãe foi horrível. Ela era uma criança, mas era como uma boneca na mão de sua própria mãe — ele disse, desviando o olhar dela para mim. — Depois de tudo o que aconteceu, Mia se quebrou. Você sabe. Eu não a via mais sorrir assim e isso me doía tanto, porque eu não sabia o que fazer para que minha menina voltasse a sorrir. — Seus olhos azuis e sábios me encaravam com seriedade. — Eu não sei se Mia poderia suportar mais uma decepção. Ela se finge de forte, mas ela é uma pessoa frágil que merece ser amada por todos. Mia não merece mais passar por qualquer dor. — Terminou de falar e apenas concordei com a cabeça, chocado demais para responder quando ele bateu no meu ombro, sorriu e se levantou.

Meu coração parecia estar fora do peito enquanto pensava em suas palavras. Eu acho que deveria ter uma cara péssima, porque quando Thiago voltou para a mesa e sentou-se na cadeira ao meu lado, ele estava me olhando de maneira preocupada.

— O que diabos aconteceu? — Thiago perguntou.

— Nada — menti, tomando minha cerveja em um gole só.

— Será que Sr. Enrico te disse alguma coisa que fez sua cara ficar verde?

Sim. Apenas a verdade!

Por pior que fosse admitir isso, ele estava completamente certo. Mia era frágil. Eu era o único que sabia sobre seus ataques de pânico. Era o único que sabia o que tanto a assombrava. Ninguém além de nós sabia o que tínhamos visto naquela noite. Ela não merecia mais sofrer.

Talvez nunca mais possamos superar isso, mas eu não queria que Mia carregasse esse peso para sempre consigo.

Eu não poderia ir embora. Jamais conseguiria ir de qualquer maneira. Mas e se eu fizesse com que ela sofresse? Se eu não fosse o bastante para ela?

Não. Eu não poderia. Não podia ser egoísta.

Só o pensamento de machucá-la me fazia sofrer de forma torturante. A realização desse pensamento me perfurava por dentro. Eu me importava muito mais com os seus sentimentos do que com os meus próprios. Preferia sofrer como um condenado a vê-la passar por qualquer coisa mais.

— Eu não sei se posso, Thiago — finalmente disse, sentindo minha voz falhar.

— Do que está falando? — perguntou, cada vez mais preocupado.

— Mia — respondi.

— Você não vai querer apenas tirar sua calcinha e depois deixá-la, não é mesmo? — perguntou sério.

— Não. Eu nunca faria isso com ela. Nunca. Mia nunca foi apenas sexo para mim. Você sabe disso — afirmei, com a voz séria.

— Então por que isso agora? — ele perguntou, sem entender a complexidade da coisa.

— Eu não posso fazer isso, Thiago. Eu não posso arriscar perdê-la. Se as coisas não se saírem bem, o que é provável de acontecer, porque sempre fodo tudo, eu a perco para sempre. Eu a amo mais do que tudo. Ela é a minha vida. Eu não acho que posso viver sem ela... Mesmo que isso signifique que eu seja infeliz e que ela seja apenas minha amiga — terminei de falar, sentindo meu coração ser arrancado do meu peito.

E ali, eu, Henrique Ferraz de Oliveira, prometi não só para Deus, mas para mim mesmo, que a partir daquele dia e pelo resto da minha vida, a felicidade dela viria sempre antes da minha.

Tempos Atuais...

Eu nunca imaginaria que teria um dos piores momentos da minha vida, em plena *Sephora da 5ª Avenida*. Justamente lá, que era praticamente minha segunda casa, um dos meus lugares preferidos do mundo todo. Estava lá, precisando repor o estoque de alguns produtinhos meus e olhando as novidades que nunca eram demais, antes de tudo acontecer.

Quando entrei na loja, fui direto procurar o *kit 3 passos da Clinique*, que era meu ritual diário de pele, e depois fui conferir as prateleiras como me era de costume. Uma moça me convidou a sentar, para que fizesse uma demonstração de novos produtos da loja, e eu poderia estar um pouco sem tempo, mas aceitei imediatamente, porque magreza e pele boa eram sempre bem-vindas. Você nunca podia dizer não a isso.

Com uma cesta recheada de produtos, que eu não tinha intenção alguma de comprar quando cheguei ali, fui andando em direção ao caixa quando meu celular tocou. Abri a bolsa e peguei meu *iPhone*, fiquei confusa ao ver o número do celular de Lia. Não que fosse estranho minha irmãzinha me ligar, mas porque ela normalmente me ligava do telefone de minha dinda.

Mil coisas se passaram em minha cabeça naquele momento. E a sensação ruim que senti em meu peito não me ajudou em nada. Nervosa, atendi imediatamente.

— *Hello, Sis*. Está tudo bem? — perguntei, preocupada.

— *Mana, não, não está tudo bem* — respondeu e a escutei chorar em seguida, o que fez com que eu me arrepiasse.

Merda! Eu sabia!

— Lia, o que houve? Por que você está chorando? O que está acontecendo? — perguntei, sentindo meu peito doer ainda mais por ouvi-la sofrendo.

— *Mia, foi o Nonno...* — Ela parou antes de continuar a chorar.

Ai. Meu. Deus. Não.

— O que houve com o *Nonno*, Lia? Por favor, me diga que está tudo bem! — pedi, sentindo as lágrimas encherem meus olhos.

— *Eu não sei. Ele estava aqui em casa jantando e passou mal. Ai, Mia... Foi horrível!* — Ela voltou a chorar e senti minhas próprias lágrimas sendo derramadas.

— Lia, Você está aonde? Onde estão todos? — perguntei, jogando a cesta do que eu ia

comprar de qualquer maneira nos meus pés, sem me importar com nada, já indo em direção à porta de saída e tentando em vão me manter calma.

— *Estou em casa com Vittoriozinho, ele está trancado no quarto. Não nos deixaram ir com eles para o hospital. Sabá ficou com a gente.* — Ela voltou a chorar enquanto explicava e tomei uma respiração profunda.

— *Sis, se acalma, tá bom? Vai ficar tudo bem* — eu disse, tentando acalmá-la, mas ao mesmo tempo tentando me acalmar também. — Me deixe falar com Sabá — pedi nervosa, e ela resmungou alguma coisa antes de passar o telefone.

— *Alô? Minha menina Mia?* — Sabá falou assim que pegou o telefone.

— Sabá, sou eu. O que houve com meu *Nonno*? Por favor. Ele está bem? — perguntei já na rua, sinalizando para um táxi.

— *Mia, eu não sei* — disse com a voz triste, e, pelo seu tom de voz, eu sabia que ela estava tentando se controlar por nós. — *Eles saíram daqui e o levaram para o hospital, mas até agora não tivemos notícias. Seu pai estava em São Paulo, mas já deve estar chegando. Dona Socorro, Leonardo e Henrique estão no hospital com ele* — falou nervosa.

— Sabá. Você sabe o que houve com ele? — minha voz soou desesperada enquanto abria a porta do táxi assim que ele parou. — *Aiport* — murmurei para o taxista meu destino.

— *Não, minha menina. Ele estava bem, mas então, de repente, sentiu uma dor e caiu da cadeira.* — Sua voz tremeu e eu sabia que ela estava chorando, assim como eu estava.

— Sabá, p-por favor. Cuide dos meus irmãos. Eu estou indo. Ligue-me com qualquer novidade — pedi com uma respiração profunda.

— *Claro, minha menina. Você sabe o quanto amo vocês. Estarei aqui* — garantiu, com o carinho de sempre.

— Eu sei, Sabá. Obrigada — agradei, emocionada. — Nos falamos mais tarde, ok? Beijos — eu me despedi.

— *Viu, Mia. Venha com Deus, filha. Beijos* — ela disse antes de desligar.

Resfoleguei e com uma enorme dor no peito pensei no que fazer antes de ligar para Lorena, pois sabia que ela surtaria se não tivéssemos mais notícias. Então precisava me acalmar primeiro e descobrir melhor o que estava acontecendo antes de tomar qualquer atitude.

Tentei ligar para o celular de meu pai, no entanto ele caiudireto na caixa postal. Tentei o da minha Dinda, mas também tive o mesmo destino. Mais uma vez tentei me acalmar e, como uma última tentativa de ligar para quem não queria, decidi ligar para Leonardo. Felizmente, ele atendeu um pouco antes de cair na caixa postal.

— *Ei, Mia lindinha* — ele me saudou, tentando soar tranquilo, mas eu o conhecia demais

para saber que ele estava fingindo que estava tudo bem para não me preocupar.

— Léo, não me esconda nada. Eu já sei o que houve. Como está o *Nonno*? — perguntei diretamente, e ele soltou um suspiro.

— *Não sabemos ainda, Mia. Ele teve um ataque cardíaco, nos garantiram que ele está dormindo, acho que está sedado para fazer novos exames. Mas não nos disseram muito desde então.* — Fechei os olhos e respirei fundo, aliviada por saber que ele ainda estava vivo.

— Graças a Deus! — Soltei o ar que nem sabia estar prendendo.

— *Sim. Mãinha está aqui nervosa. Tio Vittorio chegou há pouco e foi medicado, porque a pressão dele está lá nas alturas. Henrique está tentando se fazer de forte, mas você sabe como ele é osso duro de roer, não quis nem medir a pressão e tenho certeza de que a dele está bem alta. Estou preocupado com Sabá também, ela já não é mais tão nova assim e ficou muito nervosa quando Nonno passou mal. E-eeu...* — ele gaguejou, parecendo cansado, e não conseguiu completar o que diria.

— Jesus, Léo! — Joguei meu corpo para trás, inspirando e expirando, tentando me controlar, pois minhas lágrimas escorriam sem cessar. — Eu imagino como você deve estar, tentando segurar tudo isso também. — Respirei fundo mais uma vez. — Vou ligar para a Lorena agora. Me avisa qualquer coisa — pedi.

— *Tudo bem, Mia. Pode deixar que qualquer novidade aviso. Não nos deixem sem notícias também. Precisamos de vocês aqui. Beijos* — ele disse antes de nos despedirmos.

Demorei um minuto para terminar de chorar, antes de tomar uma respiração profunda e ligar para Lorena. Eu sabia o que tínhamos que fazer, eu só precisava ser forte pela minha família. Pelo meu *Nonno* especialmente.

— Se alguém não morreu, eu posso fazer isso acontecer. — Lorena atendeu com a voz arrastada de sono, e eu ainda podia imaginá-la deitada em sua cama com máscara de dormir.

Mas a piadinha mórbida que ela fez ao atender foi infeliz e um tapa na cara para realidade.

— Lore — comecei a falar seu nome, mas senti minha voz travar. — *Nonno...* — Não conseguir continuar, porque voltei a chorar.

— O que houve com o *Nonno*? — Sua voz estava mais acordada e, pelo baque que ouvi, tinha certeza que ela levantou-se da cama em um pulo.

— Ele passou mal hoje no jantar... — Ela me interrompeu com um gemido alto.

— Oh, meu Deus! *Nonno* não podia morrer, ele prometeu que esperaria que a gente casasse e lhe desse bisnetos. Ele prometeu! — Ela começou a chorar e eu engoli em seco ao pensar que talvez isso poderia realmente vir a acontecer.

Por favor, Dio Mio... Não leve meu Nonno!

— Não! — exclamei, assustando o motorista ao volante. — Ele está no hospital, teve um ataque cardíaco, está sedado. Ainda não sabemos muito — falei rapidamente, tentando me recompor.

— *God!* Onde você está? — ela perguntou, e pelo barulho dos cabides batendo, eu sabia que ela estava se mexendo através do closet.

— Indo para o aeroporto... — Ela voltou a me interromper:

— Sim. Encontrarei você lá. Vou colocar uma muda de roupas na mala e garantir nosso passaporte — ela disse, como sempre entendendo o que tínhamos que fazer.

— Obrigada — agradei voltando a chorar.

— Pelo quê? — Ela chorou assustada. — Ele é meu Nonno também, eu não preciso pensar duas vezes antes de ir ficar ao lado dele. Precisamos garantir que ele esteja bem. Preciso vê-lo. Não há outro lugar no mundo que seus netos poderiam estar a não ser ao seu lado — Lorena disse com convicção, e eu sabia que ela queria dizer isso.

— Sim, eu sei. Você sabe que sempre será a *Ló* dele — falei emocionada.

— Sempre — falou firme e fez uma pausa para fungar. — Mia, eu não estou preparada para perdê-lo — confessou e assenti em silêncio, porque eu também não estava. Na verdade, eu não sabia se um dia estaria.

Que Dio não permita que a gente descubra isso por muito tempo!



Não muito tempo depois, Lorena e eu nos encontramos no aeroporto. Felizmente conseguimos pegar o primeiro voo disponível para o Rio de Janeiro, o que significava que chegaríamos lá pela madrugada. Mas não nos importávamos nem um pouco de viajarmos como duas doidas, apenas precisávamos ir.

No nosso desespero de chegar logo e estarmos ao lado do Nonno e de toda nossa família, acabamos não avisando que estávamos embarcando. O que só aconteceu horas depois, quando em uma conexão consegui falar com Luca e aproveitei para mandar mensagem para Thiago e Leonardo para avisar da nossa chegada.

Quando o comandante anunciou que levantaríamos voo, desliguei meu telefone e, como fazia a cada vez que me sentia ansiosa ou que precisava extravasar meus sentimentos de alguma maneira, peguei o pequeno caderno que havia em minha bolsa e que era mais como um pequeno diário.

Eu iria começar a escrever alguma coisa, mas foi então que me lembrei de umas fotos que eu tinha escondidas ali. Olhei para o lado e, quando vi que Lorena estava dormindo, peguei apenas

uma delas e olhei. A foto era minha e de Henrique no dia do casamento dos nossos pais. Parecíamos tão felizes juntos. Nem fazia ideia que eu ia me foder alguns dias após ela ser tirada, e depois tantas outras vezes.

Encontrá-lo agora seria inevitável. Mas estaríamos juntos com apenas um propósito. No entanto, estaria eu preparada para vê-lo? Eu sabia que não. No fundo, só esperava que pudesse nos ver dando esse sorriso em breve.

Nove Anos Atrás...

Capítulo 8

HENRIQUE

Eu sempre apreciei a companhia de Mia, porque, além de linda, ela era engraçada e muito divertida. Fora que ao contrário do que aparentava, por ela estar sempre linda e bem-arrumada, ela não tinha frescura com nada. Fosse para andar a cavalo, tomar banho de cachoeira ou qualquer merda que inventássemos ou nos desse na telha de fazer.

Desde que começamos a ficar, há algumas semanas, sua companhia tinha sido mais constante e muito mais agradável sem nossas brigas e provocações. As provocações, na verdade, ainda eram grandes, mas de uma forma bem mais interessante e proveitosa para ambos. Sinceramente, o jogo havia virado e acho que eu estava sendo mais provocado do que ela.

Felizmente, não tivemos problemas em esconder da nossa família o porquê estarmos passando mais tempo juntos ou sairmos mais vezes, já que sempre fomos grudados mesmo, então não foi estranho para ninguém. Claro que a gente se aproveitava disso e às vezes eu gostava de brincar com nossa sorte, como agora, quando a beijei no celeiro em frente ao casarão da fazenda.

Eu estava tentando ir devagar com ela e Mia sabia, então eu estava deixando-a me levar. Por isso, quando Mia aprofundou nosso beijo, agarrando o meu cabelo e me puxando para mais perto dela, como se estivesse precisando daquilo, deixei que ela o fizesse.

Antes que pudesse me parar, eu estava pressionando-a mais forte contra a porteira. Eu queria cravar meu pau no seu corpo delicioso e ficar lá para sempre. Definitivamente, ficar apenas de amassos, sempre de pau duro e com as bolas doendo no final, estava se tornando cada vez mais complicado para administrar.

Putá merda... Minha cabeça estava girando!

Comecei a colocar minhas mãos sob sua blusa, a pele da sua barriga era tão suave e macia, que eu simplesmente não conseguia me conter. Ela moveu as mãos sob minha camiseta e começou a ir para cima e para baixo em minhas costas, fazendo meu corpo todo se arrepiar.

Eu nunca na vida tinha experimentado um beijo tão insano e descompensador como esse. Só que quando eu não achava que poderia ficar melhor, ela pareceu tomar coragem e desceu a mão entre nós, antes de começar a mover ao longo de minha ereção. Gemi em sua boca e ela se apertou contra mim ainda mais forte. Levantei a minha mão e comecei a desabotoar sua bermuda, prestes a deslizar minha mão dentro da sua calcinha.

Que diabos eu estava fazendo? Eu precisava parar... Agora, antes que isto fosse mais longe!

Mia ainda era virgem e eu não queria que a primeira vez dela fosse em um maldito celeiro.

Não. Sua primeira vez tinha de ser especial. Ela merecia apenas o melhor, e eu lhe daria isso.

Comecei a recuar minha mão, mas Mia agarrou-a. Ela estava praticamente ofegante quando se afastou um pouco dos meus lábios para dizer:

— Não! Por favor, Henrique... Por favor... Eu preciso disso pra caralho! — murmurou e eu rosnei em resposta, antes de voltar a beijá-la com mais vontade.

Acho que meu cérebro parou de funcionar quando coloquei minha mão dentro do seu short e puxei sua calcinha para o lado. Corri um dedo através de seus lábios vaginais e depois o deslizei lentamente dentro dela.

Caralho! Ela parecia estar prontinha para mim!

— Puta merda, Mia! Você está tão molhadinha! — rosnei.

Mia gemeu, antes de começar a empurrar ainda mais seus quadris contra minha mão, rebolando deliciosamente contra ela. Deslizei outro dedo e depois mais um dentro dela, começando a mover mais rápido, enquanto eu a beijava vorazmente. Mia se afastou da minha boca e jogou a cabeça para trás. Puxei seus cabelos longos e parecia incapaz de tirar os olhos da minha princesa, ao passo que ela agarrava minha camisa e movia seus quadris cada vez mais rapidamente contra mim.

— Oh, meu Deus, Henrique! — ela gemeu de forma deliciosa, o que me deu um maldito sorriso arrogante.

Subi minha outra mão pela sua blusa e empurrei seu sutiã para baixo, segurando seus seios fartos, e logo tratei de chupar seus mamilos rosados. Mia tinha os seios mais lindos que já vi. Eram grandes na medida exata e tinha os mamilos empinados e suculentos, que me faziam babar para tê-los em minha boca.

Amava sentir sua pele quente, fora que ela cheirava bem pra caralho. Mas agora ela não era a única que estava entregue ali, eu também estava, e vulnerável de uma maneira que jamais estive antes.

Eu brincava com um mamilo com a língua e depois belisquei com os dentes, quando ela começou a gritar o meu nome. Juro que pensei que morreria ali mesmo quando ouvi meu nome sendo chamado pela sua voz doce, enquanto ela gozava lindamente para mim.

Afastei-me de seus seios e observei o quanto ela ficava mais linda corada, enquanto se desfazia em meus braços, fraca pelo seu gozo. Eu a senti ficar mais apertada em meus dedos e juro por Deus que foi a coisa mais quente que eu alguma vez tinha experimentado na vida.

A impressão que eu tinha era de que o orgasmo que lhe dei não acabava nunca e desejei que meu pau estivesse no lugar do meu dedo. E desejei ainda mais que fosse sempre eu a pessoa a lhe proporcionar tamanha satisfação.

Mia finalmente levantou a cabeça e olhou para mim. Seus olhos azuis brilhavam de uma forma que eu nunca havia visto antes. E olhando-a assim, era como se ela tivesse capturado a última parte de mim que ainda não tinha se rendido a ela. E ela lentamente começou a sorrir de forma tímida para mim.

Putá merda!

Seu sorriso era incrível. Se ela soubesse como esse sorriso tímido e doce poderia me obrigar a fazer qualquer coisa que ela me pedisse, jamais sairia do meu lado. Eu não conseguia respirar. Era como se ela tivesse sugado todo o ar dos meus pulmões. Meu coração estava batendo mais rápido do que nunca e tudo que eu sentia se resumia apenas a ela.

Enquanto nós dois ainda nos olhávamos, a respiração de Mia foi voltando ao normal. Ninguém disse nada. Não precisava. Eu também não podia, não conseguia parar de olhar para ela.

— Eu quero você, Henry — ela disse tímida.

E suas palavras foram como um gatilho do meu maior medo.

Por mais tentador que fosse e eu quisesse absolutamente ao contrário, puxei minha mão para fora de seu short e me afastei dela.

Que merda acabei de fazer?

Eu sabia que tínhamos que dar um basta nisso, desde a conversa fatídica com nosso *Nonno*, eu soube que o melhor para ela era que nós ficássemos separados. Ainda assim, eu estava sendo um bastardo egoísta o suficiente para continuar as coisas com Mia, simplesmente porque não conseguia me manter longe dela. Todavia eu deixei que chegássemos até aqui.

Mas não podia continuar. Não depois disso. Exatamente por esse motivo me ouvi dizer:

— Não, Mia. Me desculpe. Isso que aconteceu agora não deveria ter acontecido. Foi um erro — menti, sentindo meu coração rasgar no processo.

Tempos Atuais...

Quatro anos e seis dias. Não que eu esteja contando, claro, mas isso era exatamente quanto tempo fazia desde que vi Henrique pela última vez. Doze anos se passaram desde o nosso primeiro beijo. Nove anos se passaram desde que ele preferiu não me assumir diante da família, escolhendo sua carreira e abrindo mão de ficar comigo... mais de uma vez.

Ele estragou tudo. Ele não cumpriu nenhuma de suas promessas e exatamente por isso que fui embora sem querer olhar para trás. Fugi por anos, sem querer voltar. Sem querer me reencontrar com ele. Sem querer me reencontrar com aquele que havia magoado meu coração uma e outra vez. Agora estávamos aqui, cara a cara novamente.

Eu sabia que nosso encontro seria inevitável, até porque fazíamos parte da mesma família. Se eu fosse honesta comigo mesma, achava que esse encontro havia sido até adiado por tempo demais. Nem sabia realmente como consegui evitá-lo por tanto tempo. Mas confesso que, de todos os pensamentos que tive sobre quando isso acontecesse, nada me preparou realmente para esse momento.

Como eu poderia estar tão errada?

Em quatro anos, Henrique conseguiu a proeza de estar ainda mais bonito. Ele parecia bem maior do que já era também. Seus 1,94 m de altura estavam tentadoramente mais fortes e eu já conseguia imaginar seus músculos todos divididos por causa da malhação excessiva, que ele agora escondia por trás daquela camisa branca apertada e calça jeans.

Quando virei-me para Henrique, nossos olhos se encontram e senti aquele choque de adrenalina tão familiar, enquanto ele parecia enxergar tão profundamente dentro de mim. Eu queria ignorá-lo, fingir que não existia isso entre nós. Que nunca existiu. Então, por que eu tinha tanta dificuldade de desviar o olhar daqueles verdes mais lindos?

Tentei me recompor. Tentei dizer para mim mesma que não poderia me abalar com ele depois de tudo. Mas novamente eu estava errada. Henrique me deu aquele sorriso, aquele sorriso provocativo que sempre me balançou e, diante de mim, eu só vi o sorriso mais magnífico me olhando. Aquele sorriso que continuava assombrando meus sonhos, que ainda mexia comigo sobremaneira.

Meu coração batia tão forte, que não sei como alguém não o ouviu. Meu corpo inteiro se sentia fraco e tive que me concentrar para respirar e tentar me manter de pé. Era como se algo tivesse voltado para o lugar e eu não gostei dessa sensação.

Então ele veio até mim e me abraçou com tanta vontade, que senti que poderia quebrar ali. Seu cheiro doce, familiar e irresistível atingiu-me diretamente nas minhas narinas e teve reflexo direto com meu corpo. Não teve como não sentir saudade de dar um daqueles abraços que a gente dava. Era como um lembrete do quanto me sentia feliz em seus braços. E por mais dolorosos que tenham sido muitos dos nossos momentos, verdade seja dita, eu também fui muito feliz ao seu lado.

Henrique me abraçou com força e a vontade que me deu foi de não largá-lo mais, porque eu tinha que admitir que estava com saudades e esperei muito, mas muito tempo por isso.

Em seguida, Henrique beijou minhas bochechas de forma torturantemente devagar, os lábios meio úmidos, arrepiando-me os cabelos da nuca e do resto do corpo. Eu me odiei e o odiei mais ainda por provocar isso em mim, mesmo depois de tantos anos.

Droga! Como depois de tanto tempo tudo pareceu apenas se intensificar?

— Mia — ele sussurrou, me fazendo estremecer.

Oh, Merda! Por que, Deus?

Quatro anos sofrendo quietinha. Quatro anos tentando ignorar que sentia falta dele o tempo todo. Quatro anos sentindo aquela agulha cravada em meu peito, gritando para mim o quanto queria estar com ele. Fiquei mal por meses após termos terminado na última vez. Depois passei meses bem. Meses tentando acreditar que tudo que passou, passou e fim. Tentei me iludir que poderia ficar bem quando o reencontrasse, mas aí a saudade veio com força total no momento que nossos olhos se encontraram e o ouvi sussurrar meu nome.

Porra, Mia! Vamos manter a porra da calma!

Precisava me lembrar de tudo que ele fez. Lembrar quantas vezes ele me magoou. Era só me manter longe dele. Longe, bem longe. Longe nada afetava... Ou quase nada.

Santo Inferno! A quem eu estava tentando enganar? Era Henrique Ferraz, merda! Ele sempre me afetou!

Ele também sabia disso, pois me conhecia mais do que ninguém. E seus olhos agora me diziam que ele se sentia da mesma maneira.

Então, sim. Eu estava fodida em todos os sentidos!

Há coisas que não mudam e, pelo visto, sempre seriam assim.

Santo Inferno! Mia estava deslumbrante e fodidamente linda!

Sim, ela era linda de morrer há quatro anos, mas agora... Porra eu estava completamente sem palavras! Olhando para ela, eu sabia que precisava parar, porque além de estarmos na porra de um hospital, todos estavam nos olhando. Mas por mais que soubesse de tudo isso, vê-la depois de tanto tempo parecia ter inibido a função do meu cérebro e eu não estava conseguindo pegar no tranco.

Muitas mulheres podem não saber, mas mulheres bonitas realmente prejudicam profundamente a cabeça dos homens. Algumas nos danificavam a ponto de nos deixar fazer papel de tolo na frente delas. Pelo menos, isso que ela fazia comigo.

Foda-se! Era Mia. Mia sempre me afetou e eu sabia que sempre seria assim! Era irreversível!

Droga. Ela era tão linda. Não que eu tenha esquecido isso, porque, acredite em mim, não havia como esquecer-me dela, mas depois que as coisas terminaram daquela forma tão fodida entre nós, da última vez, eu meio que esperava que ela ainda continuasse exatamente a mesma. Mas eu não deveria me surpreender, porque o tempo fez com que ano após ano ela se tornasse cada dia melhor e mais linda.

Por que o tempo não me sacanearia e faria com que ela estivesse mais linda do que nunca?

Seu corpo, que sempre foi perfeito, parecia ainda mais perfeito do que antes. Mia estava mais magra, mas notei que seus músculos estavam ainda mais trabalhados. Ela, com certeza, esteve frequentando a academia nesse meio tempo. Seus seios, bunda e pernas eram ainda melhores. A verdade era que Mia era tão linda, que merecia ser apreciada por todos. Mas eu preferia que não, porque eu sempre tive ciúmes para caralho dela.

Sim! Mia Guiotto era a porra de um espetáculo para ser apreciado!

Seus cabelos estavam bem mais compridos e loiros do que a última vez. Seus lábios rosados pareciam estar à minha espera. Seu sorriso, como sempre, fez com que meus joelhos ficassem fracos e meu coração batesse cada vez mais forte. Eu faria qualquer coisa para mantê-la assim, com esse sorriso perfeito, no seu rosto perfeito.

Deus! Aqueles olhos...

Eles eram surpreendentemente azuis. Seu olhar era realmente impressionante e eu nunca vi uma cor tão bonita como aquela. Quando os olhos azuis mais lindos que poderiam existir encontraram os meus, esqueci que ainda precisava respirar. Por um segundo, acho que vi ali a mesma saudade que guardava escondida dentro de mim todos esses anos.

Tudo isso bateu forte no meu peito, e eu não consegui lembrar por que fiquei tanto tempo sem vê-la. Por que merda estive longe dela mesmo? Não sabia, mas pretendia não deixar mais isso acontecer.

Ela estava aqui! Caralho, eu nem podia acreditar nisso!

Eu estava mais do que contente nesse momento. Mais do que contente de reencontrá-la. Eu não pude me conter e sorri para a minha princesa.

Sim, ela nunca deixou e nunca deixará de ser minha princesa!

Eu queria senti-la em meus braços, segurá-la e nunca mais largar. Dei tudo de mim para controlar-me ao abraçá-la. Seu cheiro, sua pele, seu calor... Tudo sobre ela me fazia maluco. Quando encostei minha boca em sua bochecha, fechei os olhos para tentar me lembrar de que não podia beijá-la aqui, não na frente de todos.

Deus! Eu sentia a falta dela como louco!

A minha ruína foi quando a vi prender a respiração por minha causa. E quando me aproximei, a vi dar uma pausa, como se precisasse de tanto controle quanto eu. Foi quase imperceptível, tanto que eu duvidava que alguém tivesse percebido. Mas eu percebi, e isso era tudo que me importava. Ali eu tive certeza de que, por mais que as coisas tivessem terminado fodidas entre nós, que ainda houvesse mágoas, Mia ainda se sentia da mesma forma que eu. Nada mudou. Na verdade, nossa atração parecia mais forte do que nunca.

Putá merda! Eu precisava tanto dela, que sinceramente não sabia como vivi tantos anos sem ela!

Mia sempre fazia com que eu me sentisse fraco na sua presença, porém hoje eu me sentia não apenas fraco, mas também mais forte, como se meu coração tivesse voltado a bombear. Como se estivesse voltando à vida. E estava, porque ela era a minha vida. Só de vê-la consegui me sentir um pouco mais vivo outra vez.

Eu não sabia o que fazer quando ela se afastou e me controlei para não puxá-la de volta para mim. Eu a queria novamente, porque eu estava precisando dela em meus braços, onde era o seu lugar.

Porra... Eu estava tão fodido!

Nove Anos Atrás...

Eu nunca, em minha vida, tinha experimentado nada que chegasse perto do que Henrique me fez sentir quando me tocou verdadeiramente pela primeira vez e me deu meu primeiro orgasmo. Era como se meus pés não tocassem mais o chão e eu estivesse flutuando no paraíso. Uma dor deliciosa e viciante, que me deixou querendo mais. Muito mais.

Nós estávamos juntos. Eu sabia que estávamos juntos e ele me queria tanto quanto eu o queria. No entanto, Henrique estava aqui dizendo que isso fora um erro? Que diabos estava acontecendo aqui? Eu mal podia acreditar nas palavras que saíram da sua boca.

— O que você quer dizer? — perguntei, incapaz de acreditar.

— Sinto muito. Eu não deveria ter deixado isso acontecer. Prometo que isso não vai se repetir.

Oh, inferno! Eu estava para lá de confusa!

O que ele queria dizer com isso? Claro que eu queria que esse momento se repetisse, foi o melhor de toda a minha vida. Eu sabia que ele havia sentido isso também. Eu estava tão confusa, que me afastei ainda mais dele, passei as mãos no meu cabelo e sacudi a cabeça, tentando clarear meus pensamentos, porque nesse momento eu era incapaz de acreditar no que ele estava falando.

— O que diabos você está falando? Como você pode dizer que foi um erro? Eu queria isso. Você também. Nós estamos juntos — eu disse baixo, mas no fundo queria gritar.

— Mia, não podemos continuar com isso. Nós dois somos um erro. Nós somos da mesma família. E eu também não estou pronto para me prender a ninguém — ele disse enquanto segurava sua nuca, olhando para o meu short ainda desabotoado.

O que, inferno?

Não, ele não ia fazer isso. Isso não era uma desculpa. Nós já havíamos superado esse fato. Ele não era meu irmão. Não tínhamos nenhum laço sanguíneo. Henrique não ia usar a nossa família para tentar colocar isso em nossa frente. Ele não ia usar essa desculpa para fugir do nosso relacionamento. Eu não ia deixá-lo inventar uma desculpa de merda quando sempre soube sobre nossa situação.

— O que você está dizendo? Nós já tínhamos conversado sobre isso. Eu quero isso. Nós queremos isso. Eu te amo, Henrique — admiti.

Eu apenas admiti que o amava e ele ficou parado, olhando para mim. No começo ele parecia feliz com a minha confissão, mas, então, de repente, pareceu magoado, e eu não conseguia mais

entendê-lo. Várias emoções apareceram no seu lindo rosto e de repente comecei a me sentir nervosa e assustada.

Mas foi o que aconteceu a seguir que acabou comigo: Ele simplesmente começou a rir.

Do que diabos ele tá rindo?

— Você não me ama, Mia. Apenas ficou abalada porque lhe dei seu primeiro orgasmo e por causa disso está um pouco confusa sobre o que sente por mim. Mas não é nada. Isso... — Ele apontou para nós dois. — ... não foi nada. Não podemos ficar juntos. Na verdade, eu não quero.

Meu Deus! Ele não poderia ter dito isso!

Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Não conseguia acreditar no que ele estava me dizendo. Estávamos juntos há semanas e ele vem me dizer toda essa baboseira justamente agora? Como ele poderia estar dizendo isso para mim? Sequer deveria ter pensado.

Comecei a perder o ar e me apressei a tentar evitar que um novo ataque de pânico viesse. Lembranças da pessoa que deveria me amar incondicionalmente me deixando começaram a querer me dominar. Tentei esquecer que o único cara que já amei acabou de me dizer que estava me dando um pé na bunda e caindo fora. Eu apenas precisava ser forte. Foi pensando exatamente nisso que segurei as lágrimas que ameaçavam cair. Eu não iria chorar na frente dele. Ele não merecia.

Respirei fundo e me virei, antes de sair correndo para casa. E ele deixou.

No corredor do segundo andar, acabei esbarrando em Lorena. Ela deveria ter visto que eu estava um pouco atônita, porque me olhou com preocupação e tentei mais uma vez esquecer que a minha vida era uma merda, para não cair na escuridão dentro de mim.

— O que aconteceu? — ela perguntou preocupada.

— Nada — respondi, depois que limpei a garganta.

— Você não estava com Henrique? — ela perguntou, procurando por ele ao meu redor.

— Sim. Mas ele foi andar a cavalo novamente. O sol estava muito forte e eu quis voltar — menti.

— O que aconteceu com você? Parece que viu um fantasma — falou, me olhando atentamente.

— Uh... Nada. Só estou com dor de cabeça. Vou me deitar — eu disse, abrindo a porta do meu quarto.

— Está quase na hora do jantar. Você não vai comer nada? — perguntou cautelosa.

— Estou sem fome. Vou tirar um cochilo. Se eu acordar mais tarde com fome, desço e como um sanduíche. Só avise a todos que estou bem, ok? — pedi e ela assentiu, antes de eu fechar a porta do quarto.

Podem me chamar de péssima amiga, mas eu só não sabia se conseguia falar sobre Henrique

com ela, afinal, ele era seu irmão, ora bolas! Eu sabia que poderia falar sobre qualquer coisa com Lorena, mas passei anos guardando o que sentia e só precisava de um espaço, nesse momento.

Liguei para Luca e, como ele me conhecia, não consegui esconder o que estava acontecendo quando perguntei se podia ir para a fazenda dele no dia seguinte. Apesar de Henrique ser amigo dele também, recebeu bons xingamentos, o que de alguma forma me deu certo conforto.

Eu demorei horas para dormir, como imaginei que aconteceria. Não fiquei com fome também. Não me arrisquei a descer ou a sair do quarto. Eu não estava querendo estragar o clima de ninguém com meu humor fúnebre e muito menos dar de cara com Henrique depois de tudo.



Apesar da produção comercial de café da empresa da família não ser mais feita aqui, o cotidiano ainda era de uma fazenda cafeeira em plena atividade. Aqui ainda eram feitas em pouca quantidade todo o processo, como seleção, torra e moagem dos grãos. O aroma do café secando ao sol no terreno pairava no ar. Mesmo que eu não tomasse café, amava esse cheiro, para mim ele era fascinante. Era como se fosse o cheirinho de casa.

Pela manhã estavam todos reunidos na mesa de café como de costume. *Nonno* estava contando para Leonardo algumas de suas histórias, assim que começamos nosso desjejum. Para ser sincera, eu ainda estava sem fome nenhuma e estava ainda mais louca para sair daqui, mas café da manhã costumava ser minha refeição preferida e por causa desse pequeno detalhe era certo desconfiarem que havia algo de errado comigo se eu não comesse nada. Então por isso que estava forçando-me a comer um pão com queijo — delicioso da fazenda — e suco de laranja.

— *Papa*, posso ir para a fazenda dos *DiPalacci* hoje? — perguntei, assim que tirei meu primeiro pedaço do pão.

Meu pai abaixou o jornal que estava lendo para me olhar com os olhos azuis iguais aos meus.

— Ver Luca? — perguntou com uma ruguinha na sobrancelha, e todos pareceram subitamente interessados na nossa conversa.

— Claro... E Mariah — confirmei, porque era óbvio que eu queria ver meu melhor amigo e sua irmã, que também era minha amiga.

— Tem certeza de que vocês não têm nada, filha? — inquiriu preocupado, e fiz uma careta, porque não aguentava mais essa pergunta vindo dele ou de qualquer um.

— Uh... Com certeza não. Mas se o senhor acha que tentar dar juízo para os meus amigos é “alguma coisa”, então eu tenho — respondi com outra careta, o que fez com que meu *Nonno* e minha madrinha comesçassem a rir.

— Tudo bem, filha. Só queria que você soubesse que não a impediria de namorar com Luca.
— Bateu em cima da minha mão com carinho e revirei os olhos. — Ele é um bom rapaz, apesar de precisar diminuir o fluxo de garotas, como Henrique — ele concluiu de forma sarcástica, mas nisso eu tinha que concordar.

Sim. Eles realmente precisavam!

— Estou bem com meu fluxo, dindo — Henrique afirmou de forma arrogante, e meu pai lhe respondeu com um sorriso de orgulho, que me fez revirar os olhos para os dois machistas.

Ridículo! Idiota. Arrogante. Precisava dizer isso?

— Absolutamente não, *Papa*. Luca está bem fora de cogitação nos meus romances — falei com o ar decidido, o que era inteiramente verdade.

Não havia nem nunca iria haver nada entre nós. Luca sempre foi e sempre será meu amigo.

— Hm... Está com romance à vista? — minha dinda perguntou imensamente interessada.

— Só se for com um pote grande de *Nutella* — respondi com ironia, fazendo todos rirem, enquanto Henrique enchia sua boca com um pedaço enorme de croissant, como se quisesse garantir que ela estivesse ocupada para não falar.

Eu achava bom mesmo!

— Tudo bem, filha. Você pode ir — meu pai concordou. — Pretende voltar hoje? — perguntou, enquanto mastigava seus ovos com bacon.

— Er... — Parei para pensar sobre isso. — Acho que não. Vou para casa amanhã com Luca, de qualquer maneira. Segunda-feira tenho uma sessão de fotos — falei, com desgosto evidente em minha voz.

— Ok. Precisa de carona? — meu pai voltou a perguntar.

— Sim — respondi, aliviada por conseguir sair daqui.

— Henrique? — Prendi a respiração e comecei a orar, pedindo que meu pai não estivesse fazendo o que eu estava pensando. — Você pode levá-la até lá?

Merda! Isso eu não havia previsto!

— Pai, ele não preci... — comecei a falar, mas logo fui cortada.

— Claro, Dindo. — Ele voltou seu olhar para mim. — Eu te levo, Mia — Henrique respondeu com um sorriso torto, sabendo muito bem que eu com certeza queria distância dele nesse momento.

Filho da puta!

— Obrigada. — Engoli em seco. — Aprecio muito seu gesto — falei, tentando controlar meu tom sarcástico.

Inferno! Não havia nenhuma maneira de que eu fosse com ele!

O que eu faria? Talvez pudesse ir com ele até a cidade e de lá pegar um táxi ou o que quer que fosse para ir à fazenda de Luca, afinal, não era tão longe.

“*Sim. Farei exatamente isso*”, pensei decidida. Voltei a sorrir para meu pai, tentando mostrar que estava satisfeita com o arranjo e feliz como tinha feito durante quase toda minha vida.



Depois do café, subi correndo para arrumar minhas coisas. Eu estava determinada a dar um jeito de me livrar de Henrique, ficar menos tempo possível nessa maldita casa, esquecer tudo que aconteceu aqui há três anos e durante os últimos dias. Mas, no fundo, eu sabia que teria que voltar, se não quisesse contar toda a verdade para a minha família. E, sim, acho que as férias eram algo que eu não poderia evitar, por mais que quisesse.

A porta do meu quarto se abriu subitamente e Lorena entrou, desfilando em sua plataforma de quinze centímetros. Era inacreditável até para mim, que a conhecia, que mesmo estando em uma fazenda era exatamente isso que ela usava. Como ela conseguia andar livremente com um salto desse tamanho era uma coisa que nem mesmo a Física parecia ser capaz de explicar.

Lorena não tinha absolutamente nada fisicamente em comum comigo. Na verdade, nem mesmo com seus irmãos. Ela era uma viciada em chapinha e cliente assídua de progressiva para conseguir domar seus cachos. Seus cabelos eram castanhos e seus olhos cor de mel. De todos os filhos do meu dindo, Lorena era definitivamente a que mais se parecia com ele.

Ela tinha um sorriso lindo e quase não precisava dele para mostrar suas covinhas. Como ela era bem mais baixinha do que eu, compensava o fato de ela ter pernas mais roliças do que as minhas. Mais eu também havia sido mais abençoada no quesito seios e bunda.

Um dos seus defeitos era que ela não sabia quando parar de falar. Se a gente desse ousadia, ela tagarelaria o dia todo e sem parar. Lorena também tinha o pavio curto, se estressava facilmente. Mas ninguém deveria se deixar enganar pelos seus 1,58 m de altura, porque ela tinha um gênio terrivelmente forte e dominador, e, ao mesmo tempo, um coração enorme e doce, capaz de fazer tudo para defender aqueles que amava.

Eu sorri para ela, tentando mostrar que estava bem, mas ela estava me olhando com aquela cara que fazia quando cismava com alguma coisa e o arrepio na minha espinha me dizia que tinha algo a ver comigo.

— Tudo bem, já te dei tempo e espaço demais. Agora me conte, o que está acontecendo? — perguntou decidida, assim que bateu a porta atrás dela.

— O quê? — respondi com outra pergunta, tentando soar inocente, mas voltando meu olhar para minhas malas, decidida a não olhá-la nos olhos.

— Você e Henrique. Eu sabia que estavam juntos, mas nos últimos dois dias vocês estão insuportavelmente ridículos — acusou, e olhei de volta para ela, incrédula.

— Como você sabe sobre a gente? — perguntei chocada.

— Sério mesmo, Mia Guiotto? — perguntou com a mão na cintura e um olhar de desafio. — Você é simplesmente minha melhor amiga e ele é o idiota do meu irmão mais velho! Cresci vendo vocês dois sendo apaixonados um pelo outro e sendo babacas quanto a isso. Como posso não saber quando algo muda? — inquiriu com a sobrancelha levantada em sinal de desafio.

— Ok. — Eu me dei por vencida, me jogando na cama, exausta, e ela se deitou ao meu lado, me olhando pacientemente para que eu comesse a contar a ela: — No dia que passei mal... — Engoli em seco ao lembrar o que realmente aconteceu. — ... nós nos beijamos e estávamos juntos desde então. — Lorena abriu a boca em surpresa. — Mas ontem ele decidiu terminar tudo comigo. Sua desculpa é que ele não sabe se pode se prender a ninguém e também estava com medo de lidar com a reação dos nossos pais — falei de uma vez, tentando engolir o caroço que se formou em minha garganta.

— *Peraí.* — Ela levantou a cabeça e apoiou-se com um cotovelo na cama para me olhar. — Vocês transaram? — perguntou, como se isso fosse muito relevante nesse momento.

— Não! — gritei em resposta, e ela riu, me fazendo revirar os olhos.

— Sério, não consigo ver Henrique sem fazer alguma coisa, a não ser transar com uma garota. O que já é um avanço — disse pensativa. — Mas vocês fizeram outra coisa, não? — perguntou agora realmente interessada.

— Bom... — Eu me senti ficar vermelha. — Talvez tenhamos feito algumas coisas mais adiante. Mas nunca chegamos a terminar — garanti, ainda que a confissão tenha me deixado envergonhada.

— Uh... Isso é bom. Conte-me mais! — ela disse rindo, parecendo realmente empolgada e fiz uma careta para ela.

Afinal, de maneira nenhuma que eu discutiria o que fiz com o irmão dela.

— Não sei se reparou, mas não é nada bom. — Sentei-me na cama antes de lhe apontar o óbvio: — Ele terminou o que nem começamos — terminei de falar, sentindo minha garganta arranhar.

— Ele vai acordar, Mia, você vai ver que ele vai se arrepender. Ele é um idiota apenas — ela disse com carinho, e tentei não fisgar esse fio de esperança que ela estava me dando.

— Uh... Tudo bem. Não importa. — Dei de ombros. — Estou indo para o Rio com Luca, não quero ficar aqui com ele. Já basta vivermos na mesma casa e ter que dar de cara com ele todos os dias — falei, voltando a arrumar minhas malas e Lorena soltou um suspiro.

— Você realmente é apaixonada por ele, né? — perguntou preocupada e desviei o olhar, não querendo lhe responder.

Eu nunca gostei de dividir o que sentia com ninguém. Era simplesmente mais fácil lidar com o que se passava dentro de mim.

— Está tudo bem. Não é realmente grande coisa — menti e fiquei aliviada que no momento em que ela pareceu querer contestar, alguém bateu na porta. — Entre — falei, feliz por ter me livrado dessa.

— Mia, querida. — Minha madrinha entrou no quarto. — Seu pai mandou dizer que Henrique já está te esperando na sala — falou com um sorriso que sumiu assim que colocou seus olhos em mim. — Você está bem, princesa? — perguntou, entrando ainda mais no quarto e chegando até mim.

— Sim, dinda — menti mais uma vez e me odiava por isso, pois tinha horas que achava que seria mais fácil se ela não pudesse me entender tão bem. — Só cansada por ter esse trabalho na agência essa semana — respondi rapidamente, o que não era de todo mentira, mas ainda assim ela me olhou como se quisesse ter certeza de que eu estava falando a verdade.

— Por que você apenas não desmarca com seu agente? — perguntou cautelosamente.

— Porque eu tenho um contrato com a marca e um prazo a cumprir. — Suspirei.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não é? — voltou a perguntar, parecendo preocupada, pois ela sabia muito bem que eu não gostava de fazer isso.

— E deixar de aparecer nos catálogos de moda e da mídia? — Lorena se meteu, incrédula com as palavras de sua mãe. — Eu daria meu braço direito para estar no lugar dela — falou, séria e minha dinda lhe deu um olhar de repreensão, que, com certeza, seria capaz de matar alguém.

— Ok. Passa o braço, pode ficar no meu lugar — falei rindo, tentando amenizar o clima.

— Mia, minha filha, você pode ter um contrato, o que for. Tudo que tem a fazer é dizer a seu pai que não quer mais fazer isso. Não é só porque sua mãe queria que fizesse que você tem que fazer — disse com carinho, enquanto engoli em seco por causa de suas palavras, que tocaram exatamente no ponto.

Desde bebê, minha mãe me colocou para fazer todos os tipos de trabalho que uma criança da minha idade poderia fazer. Propagandas, revistas, concursos e até mesmo novelas. Felizmente, essa última parte foi deixada de lado quando completei doze anos. Aos sete ganhei o *Miss Infantil Rio de Janeiro* e posteriormente o *Miss Pré-Teen* e o *Teen Rio de Janeiro*, que me levaram a disputar o *Teen Brasil*. No próximo mês, disputarei *Miss Teen Universe*.

Todo mundo pensava que eu adorava fazer isso, que estava realizando o sonho de muitas, mas a verdade era que eu realmente odiava tudo isso. No entanto, eu apenas não conseguia sair.

Como consequência ao meu título, era obrigada a cumprir uma agenda como *Miss* e com ele veio meu contrato na grife de moda adolescente da qual eu era a garota propaganda, por isso estava sempre fotografando, filmando ou desfilando todas suas novas coleções. Fora isso, eu ainda tinha que cumprir outros trabalhos com a agência.

No fundo eu sabia que poderia sair. Sabia que, se pedisse, meu pai não hesitaria em pagar a multa que fosse para que ficasse livre disso, mas eu simplesmente não podia. Pode parecer babaquice da minha parte, só que, às vezes, era como se essa fosse a única coisa que ainda me mantinha perto da minha mãe.

Ainda doía pensar nela, na verdade, acreditava que em qualquer tempo doeria. Isso era o que ela queria que eu fizesse, era o que ela queria para mim. Eu sabia que não era a “filha perfeita” que ela queria que eu fosse, mas havia me esforçado a vida toda para ser, por mais que odiasse tudo isso.

Minha mãe era realmente fria e fútil, mas ainda assim era a minha mãe. Ela também sabia que eu não gostava de todas as aulas idiotas que me forçava a fazer. Eu também fazia Balé, Jazz, Inglês, Espanhol, Italiano, Hipismo, piano e qualquer outra atividade que para encher linguiça, apenas para agradá-la e ela acreditava ser “importante” para que eu me tornasse a mulher que esperava.

Passarela não era algo que daria certo para mim, apesar dos meus 1,70 m, porque eu tinha herdado a forma curvilínea de minha mãe e poderia preencher todos os pré-requisitos de peito, bunda e coxa que a mulher brasileira tinha, apesar do restante de mim ser nitidamente de origem italiana. Meus fios loiros, olhos azuis, lábios carnudos e minha pele branca davam a certeza de uma origem europeia.

Meu pai sempre foi completamente diferente de minha mãe, era carinhoso, amoroso e preocupado com tudo. E, principalmente, preocupado com a minha felicidade. Talvez fosse pela sua criação, não sabia, porque meu *Nonno* era igualmente assim com meu pai e comigo.

O fato era que sempre fingi para meu pai que gostava de tudo isso, porque sabia que ele não concordaria que eu fizesse algo de que não gostasse, e se isso acontecesse seria outro motivo para que minha mãe se virasse contra mim, como sempre fazia, por mais que eu me esforçasse para agradá-la.

— Tudo bem, dinda. — Suspirei. — Dá para aguentar. — Dei de ombros e ela segurou meu queixo, fixando seu olhar no meu.

— Querida, você sabe que pode fazer qualquer coisa, não é? — mais afirmou do que perguntou.

Bem que eu queria, dinda! Bem que eu queria!

— Sim — falei, achando que essa era resposta correta a dar. — Não se preocupe comigo. Vou continuar nesses desfiles e campanhas, até que eu saiba o que eu realmente quero para mim. Prometo — prometi e ela sorriu para mim com carinho.

— Assim é melhor. — Seu sorriso se ampliou.

— Mia? — Leonardo me chamou entrando no meu quarto também. — Luca está aí — avisou, dando de ombros, e eu imediatamente me preocupei.

— É. Acho que você vai pular a carona com Henrique — Lorena me provocou, sem conseguir segurar a risada.

Ignorei sua provocação e sem mais uma palavra saí do quarto para ir até ele, sabendo que deveria ter acontecido alguma coisa. Luca sabia que eu estava indo para lá desde ontem à noite. Então se ele tinha vindo até aqui, era porque ele deveria ter algum motivo para isso.

Assim que desci o último degrau, o vi sentado no sofá da sala, conversando com Henrique.

Muitas pessoas condenavam amizade entre homens e mulheres, porém nunca houve isso entre nós. Poderia ser sua única amiga mulher, mas eu o conhecia melhor do que ninguém. E pela forma como sua mandíbula e seu olhar estavam cerrados, eu sabia que ele não estava nada bem.

— Ei, *tigrão* — chamei por ele. — Eu já estava indo para a sua fazenda, só estava terminando de arrumar minhas coisas — afirmei, enquanto que lhe dava um abraço e ele retribuiu, para depois passar as mãos no cabelo, como fazia quando estava nervoso.

Sabia! Aconteceu alguma coisa!

— Mudança de planos, *Tchuca* — respondeu com meu apelido, seguido de um levantar de sobrelance, e eu sabia que isso significava que nos falávamos depois.

É. Para um bom entendedor, uma levantada na sobrelance basta!

— Pensei em irmos para o Rio hoje mesmo, o que acha? — perguntou e eu quase pude ouvir nas entrelinhas seu “por favor”.

— Para mim está ótimo. Vou pegar minhas coisas — respondi, já virando as costas, mas Henrique me segurou pelo cotovelo.

— Oh. Oh. Oh. Para onde vai? — Henrique perguntou e olhei para a cara dele irritada pela pergunta idiota, sabendo muito bem que ele havia escutado o que dissemos.

— Acho que você acabou de ouvir para onde — respondi entre os dentes.

— Você disse para o Dindo que ia para a fazenda e só iria para casa amanhã. Então acho que você não estará indo para o Rio hoje — falou sério e bufei irritada, soltando-me do seu braço.

Quem ele pensava que era?

— Olha só, Henrique Ferraz, se você quer ser um idiota, problema seu — comecei a falar

com o dedo na sua cara. — Mas não se esqueça de que não é da sua maldita conta o que faço ou deixo de fazer. É melhor você ficar na sua e não se meter no que faço, ou vou lhe chutar nos ovos e você sabe que não sou apenas de ameaçar — adverti prestes a perder o controle.

— Ei. Vocês dois, podem parar. — Luca se pôs entre nós dois e completou com a voz baixa, mas não menos intimidadora: — Eu sei que vocês estão com uma merda de problema, porém se não quiserem criar outro ainda maior chamando a atenção da família de vocês, tratem de se calar — falou olhando de mim para Henrique. — Oh, Henrique, não se faça de idiota, você sabe muito bem que sei o que está acontecendo aqui! — respondeu ante a cara de surpresa de Henrique.

— Estou indo pegar minhas coisas. E quero ver quem vai me impedir de fazer isso! — eu o desafiei, antes de sair sem olhar para trás, mas ainda pude ouvir o suspiro derrotado que Henrique dera quando lhe dei as costas.

— Que diabos você está fazendo, seu idiota? — Luca perguntou me dando um tapa na nuca, enquanto eu ainda olhava Mia subir os degraus da escada.

— O quê? — perguntei irritado.

— Ela. — Apontou para o corredor do segundo andar, por onde Mia desapareceu.

— Não sei do que está falando — respondi, andando até o carrinho de bebidas que ficava na sala de estar.

Será que faria mal uma dose de uísque às 9h da manhã? Não. Não faria. Eu realmente precisava!

Era uma merda. Não gostava de beber tão cedo, mas eu precisava de algo forte agora. Algo forte para adormecer o que sentia. Algo forte para tentar me fazer esquecer toda essa porra. Eu não sabia se poderia me controlar se não bebesse algo imediatamente. O pensamento de Mia no Rio de Janeiro, sozinha, depois do que nos aconteceu, fazendo o que quisesse, sem ninguém para impedi-la de fazer besteira, me deixava louco.

— Ela me contou o que aconteceu — Luca disse irritado.

Diabos! Ela disse a Luca que a toquei?

— Vocês estavam tão bem. Por que você foi dizer aquele monte de baboseiras? ele continuou o interrogatório.

— Luca, não estou a fim de conversa — eu me limitei a responder, o que mais me pareceu um rosnado.

— Problema seu, idiota! Apenas me responda: por que você terminou com ela? — insistiu com o assunto.

— Porque sim. Não devíamos estar nos vendo. É errado em muitos sentidos — respondi, tentando omitir meus verdadeiros motivos.

— Deixe de cuspir suas merdas, Henrique! Thiago me contou sobre seu pensamento idiota no casamento. Não vê que está fazendo isso pior ainda para vocês? — perguntou, não parecendo convencido da minha resposta, e eu suspirei.

Droga! Por que isso tinha que ser tão difícil?

— Não. Fiz a coisa certa. É melhor não magoá-la mais — afirmei antes de virar de costas para o meu amigo, pois eu não podia olhar em sua cara.

— Henry, cara, isso é um monte de merda, e você sabe. Você pode me dizer qualquer coisa aí, mas eu sei o quão louco você é por ela. Sempre foi, cara. Eu via isso nos olhos dos dois, na

verdade. Então por que você está colocando essa merda na sua frente? Deixando que qualquer coisa seja mais importante do que o que vocês têm? — inquiriu, deixando-me sem saber como responder.

Eu fechei os olhos e suspirei. Tentei ignorar o quão quebrado e impotente me sentia nesse momento. O quão quebrado estava por dentro. Mia poderia estar magoada agora, e eu sabia o quanto ela estava, pois eu podia sentir, porque o que tínhamos era forte demais para que não pudesse. Só que a verdade era que eu estava pior, por ser a causa disso. Mas um dia ela entenderia que fiz a coisa certa. Quem sabe no futuro Mia entenda que eu daria tudo, qualquer coisa, até mesmo a minha felicidade para que ela não sofresse mais. Nunca mais.

Tempos Atuais...

Capítulo 11

HENRIQUE

A espera por notícias era agonizante. Entretanto também era agonizante e não me ajudava em nada ver que Mia ainda não estava olhando para mim, e por causa disso eu sentia meu coração batendo na garganta. Eu precisava de um pouco dela, precisava do seu apoio para me fazer acreditar que ficaria tudo bem. Mas eu não poderia esperar muito dela depois de tudo.

Seu doce rosto estava amassado com preocupação, e ela parecia prestes a quebrar em lágrimas. Eu queria confortá-la. Eu queria lhe dizer que ficaria tudo bem e embalá-la em meus braços, porque fazer isso me confortaria também. Seu avô, que para mim também era como se fosse meu, era muito importante para ela. Ele era especial demais para todos que aqui, por isso estávamos tão agoniados, precisados de notícia.

Enquanto esperávamos, foi impossível não pensar nos momentos que vivi ao lado dele. Dos mais dolorosos até os mais felizes. De quantas vezes me aconselhou, me disse uma palavra sábia, daquelas que só ele sabia dar. Enrico Guiotto era um dos homens mais sábios que tive o prazer de conhecer, e mais, tinha a chance de chamar de “avô”, porque desde sempre esteve comigo, sendo muito mais importante para mim do que o sangue.

Minha mãe fora e ainda é, sem dúvidas, uma mãe sem igual. Mas eu não poderia agradecer apenas a ela pela minha formação como pessoa, porque se hoje eu era o homem que era, meu avô e meu padrinho tinham grande parte nisso. Eles eram meu referencial, não seria nem metade do que sou se não fosse por eles.

E por mais que soubesse que um dia isso inevitavelmente aconteceria, eu não estava preparado para perdê-lo. Não estava. Ainda precisava tanto do meu *Nonno*, precisava dos seus conselhos, da sua sabedoria. Precisava dele comigo. Ainda não era a hora de ele ir, eu sentia dentro do meu coração e estava me apegando a isso.

— Trouxe um café para você — Sophia disse, estendendo o copo de isopor para mim, e eu sorri quando ela sentou-se ao meu lado.

— Obrigado — agradei.

— Imagino o quanto isso deve estar sendo duplamente difícil para você — ela continuou a falar e segui seu olhar, ela estava falando sobre Mia e eu concordei, porque era a mais pura verdade.

Eu não fazia ideia do quanto Sophia sabia sobre nós, provavelmente não muito, porque por mais que eu soubesse que meus amigos não tinham conhecimento sobre tudo, eles também eram

muito discretos e respeitavam nossa privacidade. E Mia, pelo visto, preferia cortar sua língua a ter que dividir nossos problemas com alguém. O que eu honestamente não tinha certeza se era bom ou ruim, afinal, eu sabia também o quanto guardar as coisas para si fazia mal para ela.

Mas quem era eu para falar alguma coisa? O Rei de esconder as coisas!

— Às vezes eu queria que as coisas fossem diferentes — afirmei, sem conseguir tirar os olhos de Mia, que agora conversava com Thiago e Luca e continuava evitando meu olhar a qualquer custo.

— Não podemos mudar o passado, apenas o futuro. Às vezes esse poder de escolha está em nossas mãos e apenas nos acomodamos com o que não temos. É fácil reclamar dos nossos problemas, mas ignoramos o fato de que somos autores da nossa própria história e os únicos capazes de escrever cada capítulo do que vivemos. — disse serenamente e mudei meu olhar para ela.

— Você é muito sábia. Estou impressionado — brinquei e ela riu baixinho.

— Não fique muito impressionado. Já ouviu falar daquele velho ditado: “Casa de ferreiro, espeto de pau”? Pois bem, eu sou aquela pessoa ótima para dar conselhos e péssima para me resolver com meus próprios problemas. — Deu de ombros, parecendo um pouco sem graça, e segurei sua mão.

— Entendo bem dessas coisas. — Pisquei para ela. — Mas existe uma grande diferença entre errar por ter medo de acertar e errar para tentar acertar. — Forcei um sorriso.

— Talvez sejamos mais parecidos do que pensávamos — foi a vez dela brincar e foi impossível não rir.

Eu a havia adorado. Não era à toa que Luca havia se apaixonado perdidamente por Sophia, ela não era apenas uma mulher linda, nas últimas horas ao lado dela vi o quão doce e amiga ela era.

— Tudo bem por aqui? — Luca perguntou sentando-se ao lado da noiva.

— Tudo sim, *brother*. Mas acho que temos um pequeno problema — falei sério e ele franziu o cenho antes de perguntar:

— Qual?

— Acho que acabei de me apaixonar por Sophia — falei, fazendo-a rir e Luca fechar a cara para mim.

— Mãos fora, Henrique! — disse Luca, pegando a mão de Sophia que eu ainda segurava. — Não é nada engraçado, Henrique — resmungou, enquanto nós dois ríamos do seu ciúme.

Como se ele não soubesse que eu só tinha olhos para uma pessoa!

Novamente meus olhos me traíram e olhei para onde Mia estava, e, no momento que fiz

isso, ela desviou o olhar do meu.

Merda! Isso seria difícil!



O dia já estava amanhecendo quando o médico finalmente veio nos dar notícia de que a cirurgia havia sido um sucesso e que meu Nonno passava bem. Ainda assim, com exceção de minha mãe e Lorena, o restante da nossa família permaneceu no hospital, esperando por mais novidades, ainda que os médicos garantissem que estava tudo bem com ele, que estava apenas em observação no pós-operatório.

Mia também resolveu ficar, mesmo que seu pai tivesse insistido para que ela fosse, afinal, ela viajara por muito tempo para chegar até aqui, e por mais linda que ela ainda estivesse, seu cansaço era visível. Ainda assim, ela se negou a ir. Tentei me aproximar, tentei chegar mais perto, mas vi que ela não me daria espaço e mais uma vez decidi respeitar. Especialmente depois de que foi tomar café e retornou acompanhada por Daniel e desde então ignorara todos nós e desatou a conversar com ele de maneira empolgada.

Porra! Não acredito que eles estavam se dando o desfrute dentro de um hospital!

Eu estava puto. Realmente puto, e não estava mais conseguindo disfarçar como me sentia. Por isso achei que o melhor era ir embora, para não ter que me ver fazendo uma besteira da qual eu sabia que me arrependeria mais tarde.

— Acho que vou para casa — falei para meu Dindo e Léo, que estavam tomando café depois de terem tirado um cochilo ali mesmo, na sala de espera. Enquanto eu não conseguira nem mesmo pregar os olhos.

— Mas você acabou de dizer que não iria para casa — Léo disse confuso.

— Mudei de ideia — respondi, com a voz um pouco mais seca do que pretendia, e Léo me olhou cismado.

— Deixe seu irmão, Léo — meu dindo falou antes de se virar para mim. — Vá para casa, meu filho. Você não conseguiu descansar nada. Qualquer coisa te chamamos. — Assenti e pedi a bênção do meu padrinho antes de me despedir deles e sair dali.

Não queria “interromper” qualquer coisa entre Mia e Daniel, por isso apenas passei por eles sem dizer nada. Eu precisava ir para casa. Precisava tomar um banho, deitar na cama, descansar e tentar colocar minha cabeça no lugar. Pois, por mais que esse reencontro com Mia tenha mexido comigo sobremaneira, só tinha uma coisa que realmente importava nesse momento: a recuperação do meu Nonno.

Nove Anos Atrás...

Eu não dei mais nenhuma oportunidade para Henrique me dizer qualquer merda. Apenas não podia lidar com isso agora. Depois que desci a escada de volta para a sala, me despedi de todo mundo e em dez minutos já estava no *Mustang* preto novinho que Luca ganhou de presente de aniversário de dezenove anos, há algumas semanas.

Quando entramos no carro, Luca começou seu ritual de sempre e o fazia a cada vez que entrávamos no seu *possant*, como ele chamava: Abaixou a capota, ligou o som — que nesse momento foi preenchido pela música *Californication*, de *Red Hot Chilli Peppers* —, colocou seu *Rayban* estilo aviador e completou o show com o ronco V8 do carro ganhando vida.

Como sempre, me vi revirando os olhos, e quando uma risada me escapou, isso fez com que ele risse também.

— Estamos conversando sobre isso agora ou depois? — perguntei, colocando meus pés no painel do carro assim que passamos da porteira da fazenda.

— Tudo bem, *Tchuca*. — Suspirou antes de olhar para mim por um segundo e voltar o olhar para estrada. — Você sabe que me arrependi para caralho da noite que comi Anitta, não é? — perguntou de forma retórica, mas fui obrigada a responder:

— “Comer” é terrível. — Revirei os olhos. — Você poderia utilizar uma palavra menos machista e pejorativa? Embora ela mereça — comentei, tentando descontraí-lo um pouco, e funcionou, pois ele começou a rir.

— “Foder” está bom para você? — perguntou de forma provocativa, porque sabia que uma coisa que eu odiava era quando eles começavam a falar sobre essas coisas de forma grosseira só para me provocar.

— Que seja! — Fiz minha melhor cara de desdém e ele riu novamente.

— Pois voltando — continuou agora sério. — Você sabe que me arrependi daquela merda de noite e do quanto ela vem me enchendo o saco depois disso. — Concordei, me lembrando de quantas noites tive que fingir que estávamos nos pegando, apenas para que ela largasse do seu pé. — Então, hoje de madrugada desci para pegar algum remédio para dor de cabeça e flagrei ela na sala transando com meu pai. — Olhei para Luca boquiaberta, sem acreditar no que ele falara.

— Oh, meu Deus! — exclamei com a mão na boca, em estado de choque.

Por que essas coisas apenas se repetem? Como uma novela clichê?

— Não acredito! — Parei para pensar melhor. — Não que não acredite que ela faria isso,

porque sei que ela é uma vadia louca. — Luca acenou em concordância. — Mas não acredito que seu pai tenha feito isso com sua mãe. Ele é tão louco por ela — falei embasbacada, porque era realmente a verdade.

Era nítido para quem convivia com tio August e tia Paola o quanto eles se amavam. O quanto pareciam apenas perfeitos juntos, loucos um pelo outro e não tinham vergonha de negar ou esconder isso. A história deles era tão linda, por isso eu me chocara tanto.

— Pois é. Eu também achava. — Luca suspirou irritado mais uma vez. — Eu não podia ficar lá. Você entende, não é? — perguntou desviado seu olhar da pista para mim e assenti, engolindo em seco para não pensar mais sobre isso.



Assim que o carro estacionou na garagem de Luca, que ficava ao lado da minha casa, Thiago saiu pela porta da casa em frente à sua, como se estivesse esperando que chegássemos. Morávamos em um condomínio do Alto Leblon e eramos vizinhos há anos. Minha casa e a de Luca eram separadas por um muro e já consideramos quebrá-lo várias vezes e colocar uma porta, para não termos tanto trabalho de ir na casa do outro. No entanto, nossos pais nunca acataram nossos pedidos, muito pelo contrário, apenas achavam engraçado quando sugeríamos.

Henrique também conhecia Luca há tanto tempo quanto eu. Na verdade, dois anos a mais, visto que eles tinham a mesma idade e ele sempre esteve mais aqui do que na sua própria casa. E apesar de ser mais nova e a única menina do grupo, eles nunca fizeram realmente uma distinção quanto a isso.

A maioria das pessoas que nos conhecem ficava intrigada e costumava perguntar se eles me contavam tudo, tudinho, e a resposta era sim. Sim, eu escutava quase todos os detalhes sórdidos de suas conquistas e por vezes me dava um nojo das porcarias que tinha que ouvir. Sério, havia horas que eu realmente não sabia o que essas gurias tinham na cabeça por se sujeitarem a tais coisas.

Pensando bem, acho que sei!

Eu diria com quase 100% de certeza que a culpa de que eu ainda seja virgem era certamente deles e suas histórias. Porque, juro, às vezes não sabia como eles ainda não haviam se encrencado seriamente, levando em conta tudo que eles aprontaram.

Eles eram realmente bonitos, lindos, melhor dizendo, e não era que eu fosse imune ao charme deles, apenas não entendia o que levava essas mulheres a se jogarem aos pés deles e perderem completamente a dignidade. Era irritante, e a maioria das vezes revoltante. Talvez elas não pensassem da mesma maneira depois de meia hora de filme, pipoca, cerveja e o concurso nojento — e super adulto —, de quem arrota e peida mais.

Triste, né? Pois era exatamente isso que tinha que aguentar deles!

— Ei! — Thiago estava obviamente surpreso com nossa chegada. — Achei que vocês viriam só amanhã — disse, me abraçando e me mantendo debaixo do seu queixo.

— Uh... Problemas — eu me limitei a responder.

— Um monte de merdas, se quer saber — Luca disse, pegando sua mochila do banco de trás e puxando facilmente minha mala de rodinhas. — Você está ficando em casa comigo, *Tchuca* — afirmou e não me esperou para concordar, antes de se dirigir para dentro da sua casa, e eu sabia que isso não estava em negociação.

— Que merda? — Thiago me fez olhar em meus olhos enquanto esperava a resposta.

— Ambos estamos fodidos esse fim de semana — afirmei, ainda que relutante.

— O que me leva a crer que hoje estaremos pulando o almoço e a janta, e o dia será regado a cerveja — Thiago disse rindo e me puxando para dentro, enquanto eu concordava inteiramente.

Sim! Malditamente certo!

Muitas pessoas acreditavam que o fato de sermos adolescentes de uma família com dinheiro significava que não tínhamos nossos problemas ou até nossos demônios. Isso era uma grandíssima mentira. Não era apenas o fato de nos gostarmos que nos mantinha unidos desde sempre, mas, sim, porque a gente se entendia em tudo. Todos nós tínhamos nossas cotas de merdas.

Meu relacionamento com minha mãe sempre fora meu problema, ela sempre foi fria comigo. A parte do “amor de mãe” eu meio que nunca tive quando se tratava dela, minha dinda e Sabá sempre fizeram esse papel para mim. Minha mãe era distante e se preocupava basicamente com a imagem em tudo, então eu tinha que fazer tudo como ela queria. Ela me controlava segundo às suas leis: Beleza e Perfeição. Isso significava mais para ela do que seu marido e filha. Eu sinceramente não saberia dizer o que o meu pai viu nela, porque ele era exatamente seu oposto.

Nunca conheci meus avôs maternos. Minha mãe fugiu de casa quando eu tinha quinze anos, para tentar a carreira de modelo, e desde então não manteve mais contato com sua família. Eu nem sei se tinha um tio ou primos. Meu pai teve um irmão, mas ele morreu de pneumonia quando tinha seis anos. Como éramos apenas nós, a família de Luca e da minha dinda acabaram se tornando minha família também.

Talvez, apenas talvez, se a minha mãe não tivesse fugido de casa tão cedo para tentar a carreira de modelo, muita coisa poderia ter sido diferente. Se ela não fosse tão fria e tivesse aprontado o que aprontou, minha relação com o meu pai poderia ter se tornado só a metade do que era. E eu o amava demais para não ter o “inteiro” dele para mim.

Já Henrique sempre brigou com tio Paulo. Nunca entendi bem o porquê, mas tio Paulo sempre foi distante, frio e muito crítico quando se tratava do seu filho mais velho. Nada do que

Henry fizesse parecia bom o suficiente para ele. Mesmo que ele sempre tenha tido boas notas e se destacasse, tio Paulo sempre parecia menosprezá-lo.

Fazia questão de dizer em cada oportunidade que Leonardo era o “filho de ouro” e Lorena o “mimo” dele. Minha madrinha brigava constantemente com ele por conta disso, eu sabia que ela amava seus filhos da mesma forma, mas como Henrique não tinha o suficiente do pai, ela acabava sempre ao lado dele. Talvez por isso que Henrique tenha sido apegado ao padrinho, e a verdade era que meu pai tratava o afilhado como seu próprio filho.

Quando Henrique foi ficando adolescente, ele começou a enfrentar meu dindo e não se importava mais com as besteiras que ele proferia. Ao menos era isso que ele repetia para nós. Tatuagem, farras, brigas, bebidas, cigarros e garotas. Foi realmente foda essa época. Eu via o tempo da minha dinda endoidar, mas Henrique não fazia besteira, apenas fazia o que queria e não tentava mais agradá-lo. E depois de tudo que houve, ele ficou mais reservado, mudou um pouco, principalmente comigo.

Já Luca sempre teve problemas com seu pai por causa da música e do seu nonno. Como sua mãe era filha única, seu *Nonno* fazia todas as vontades de Luca e ele sentiu o baque com sua morte há quatro anos. Luca sempre foi o primeiro da classe, mas ainda assim levava sua música muito a sério. Tio August brigava e dizia que ele deveria parar de ser um menino mimado, porque a música não encheria sua barriga, acabaria o levando para o caminho das drogas e ele se perderia no mundo, se persistisse. Besteira, eu sabia, mas Luca nunca deu ouvidos e brigava pelo que queria fazer.

Com Thiago o negócio era mais embaixo. Seu pai, Caco Ryan, era diretor de televisão e cinema, que fora casado com uma atriz que abandonou a família para fugir com seu amante, quando Thiago ainda era pequeno. Isso aconteceu um pouco antes de se mudarem para cá. Embora tio Caco seja uma pessoa sensacional, ele trabalhava demais e nunca mais se casou. Talvez por trauma. Sua mãe lhe encontrava muito pouco, mas sempre algo muito frio e ele também não fazia muito questão, uma vez que ele tinha tia Paola e minha dinda.

A coisa em tudo isso era que, por termos nossos problemas, a gente sempre se apoiava. Sempre fomos honestos e sinceros, porque, de certo modo, a gente entendia o que cada um passava. Erámos como uma âncora para o outro. E desde o início da adolescência, começamos a lidar com os nossos problemas de outro modo mais divertido: a bebida.

Bebíamos, fosse por diversão ou porque tentávamos enterrar alguma coisa. Era o que tínhamos feito desde então. Lógico que no início foi por pura curiosidade, mas quanto mais velhos ficávamos, mais nós usávamos isso para escapar da realidade de nossas vidas.

Felizmente, minha santa e maravilhosa madrastra mantinha a geladeira de casa abastecida de

forma substancial com comidas congeladas para ocasiões do tipo ou emergências. O que salvou nossa pele de comer *deliveries* ruins. Passamos o dia todo na piscina e mesmo que já fosse tarde da noite, ainda estávamos de roupa de banho.

Muitas pessoas teriam vergonha de ficar de biquíni na frente de meninos bonitos como eles, mas eu tinha três motivos para não ficar nem um pouco constrangida: Um, eles eram meus amigos e já me viram assim mais vezes do que eu poderia contabilizar; dois, às vezes eles poderiam me provocar dizendo me achar “gostosa e boa para comer” e que, talvez, se eu dissesse que topava, eles não reclamariam também, mas no fundo eles não me olhavam desta maneira, ao menos não Luca e Thiago; e três, eu desfilava tantas vezes de traje de banho nos concursos e para tantos estranhos, que o olhar dos meus melhores amigos não tinha por que me assustar.

Estávamos enchendo a cara e sem moderação na churrasqueira da casa dos Campanaro. Beber sem pausas ou controle não era nenhuma novidade para eles, mas, para mim, era, porque eu ainda era menor de idade e tinha que me preocupar em beber com moderação. O que não era o caso agora, pois não tinha que me preocupar em ser pega ou ter medo do que meu pai diria, porque ele não estava em casa nesse momento.

Além do mais, Henrique não estava aqui para me fiscalizar e tentar me controlar para parar de beber como em muitas ocasiões costumava fazer. Mas pelo visto ele não havia se esquecido disso nem mesmo com sua ausência, e havia pressentido o que estávamos fazendo, pois obviamente não o impedia de ligar para Luca e Thiago o dia todo para fazer o que ele sabia fazer.

Eu estava completamente irritada com isso. Louca para lhe dizer poucas e boas, mas não lhe daria esse gostinho. O telefone de Luca começou a tocar de novo e ele suspirou quando olhou para a tela, antes de atender:

— Que diabos, Henrique! — Suspirei, enquanto Luca esperou Henrique começar a falar. — Não, seu merda! Estamos na minha casa. — Ele olhou para mim, revirou os olhos e jogou um amendoim na boca. Enquanto isso, Thiago começou a rir e chutei sua canela, irritada com tudo. — Ok. Já terminou? — Luca perguntou, agora irritado. — Até amanhã, *brother* — falou, antes de desligar.

— Ele não tem o que fazer? — perguntei irritada, embora estivesse curiosa para saber o que ele realmente queria.

— Ele só queria garantir que você estava dentro das suas calças. Ou eu deveria dizer a ele que você ainda está de biquíni? — Terminou a pergunta rindo e fez uma cara feia para ele, em resposta.

— Que seja! — Levantei-me irritada e fui até a geladeira para pegar mais uma cerveja, decidida a ficar ainda mais bêbada.

— Você sabem que não vão poder se ignorar, não é, Mia? — Thiago perguntou de forma retórica e me virei para encará-lo, já com minha cerveja na mão.

— Gostaria de dizer que sim. — Tomei um longo gole da bebida gelada, tentando anuviar ainda mais minha mente confusa. — Pelo menos me livrarei dele quando vocês forem para a Itália — falei isso olhando para Luca, e ele riu.

Eu realmente não queria dizer uma coisa dessas. Ele sabia. Era triste pensar nisso. Mas de comum acordo com tio August, pai de Luca, meu pai e tia Socorro decidiram mandar Henrique e Luca para a Itália, para fazerem um intercâmbio por pelo menos um ano. Eles achavam que seria enriquecedor para os filhos e eu não podia discordar só porque estava morrendo de inveja.

Thiago iria, se pudesse, mas ele ainda estava terminando a novela em que estava atuando e ainda assim tinha vários outros contratos e uma agenda a cumprir. Não sabia ao certo se ele queria fazer faculdade de alguma coisa, sendo bem sincera, acho que nem ele sabia se queria isso para si. Mas prometemos visitá-los sempre que desse.

A coisa nisso tudo era que metade do nosso grupo iria embora. Eu sabia que morreria de saudades de Luca. Nunca ficamos realmente muito tempo separados desde que eu me entendia por gente. E apesar de estar com uma puta raiva de Henrique pela próxima vida inteira, eu sabia que sentiria sua falta também. Seria estranho, sem eles aqui, e eu sabia que Thiago se sentia da mesma forma que eu.

— Não chore ainda — Luca riu, certamente percebendo o que eu estava pensando. — Ainda teremos dois meses para despedidas, *Tchuca*. — Piscou para mim, fazendo-me revirar os olhos, mesmo que por dentro eu estivesse com meu coração doendo pela partida iminente. — Pense pelo lado bom, você poderá se juntar a nós no próximo ano. — Levantei minha sobrancelha para ele.

— Não conte com isso, *Tigrão*. Já disse que prometi a Lorena e Mariah esperar por elas — respondi, sentindo uma coisa estranha ao pensar em ficar pelo menos dois anos para me juntar a eles, por causa das meninas.

— Por que diabos vocês têm que ir mesmo? — Thiago perguntou bufando e bebeu sua cerveja, balançando a cabeça descontente.

— Por que não larga a carreira de filme pornô e vai fazer alguma coisa decente na vida? — Luca provocou-o como ele e Henrique costumavam fazer, e Thiago levantou o dedo do meio em resposta, me fazendo rir.

— Não sei se você sabe, mas eu não tenho um avô que me deixou uma montanha de dinheiro e nem uma família disposta a me sustentar. Tenho que trabalhar para pagar minhas contas — Thiago respondeu em tom sarcástico e ri de novo, porque, no fundo, era verdade.

— Você sabe que poderia fazer faculdade de... sei lá... Cinema na Itália — falei para

Thiago, agora séria, e ele concordou com a cabeça, parecendo pensar sobre o assunto.

— Sei. Mas também sei que tenho uma porrada de contratos para cumprir. Você sabe que a emissora não me liberaria por mais de um par de meses. É apenas foda, esse contrato me sufoca, às vezes. — Bufou, exasperado, e concordei.

— Você já pensou em pedir uma revisão? — Luca perguntou sério, o lado empresário que ele costumava esconder na maioria das vezes falando mais alto.

— Já. — Thiago deu de ombros, em seguida, lançou um amendoim para cima e abriu a boca para comê-lo. — Mas não mudaria muita coisa, não se for isso que realmente quero, e, bem... Vocês sabem que é — completou sem jeito.

— Eu sei. Pelo menos você sabe o que quer e faz isso. Eu odeio o que faço e não sei realmente o que quero fazer — confessei com uma careta.

— Larga essa merda e fim — Luca disse sem piscar, e eu sabia que ele estava falando sério.

— Na-ão é tão simples — gaguejei, e os dois negaram com a cabeça automaticamente.

— Só não é quando a gente complica. Você não gosta dessas merdas de “*Miss-Frescura*”, para que fazer continuar fazendo tudo isso, então? — Luca perguntou irritado.

— Porque tenho contrato — respondi tímida.

— É, mas eles já venceram e você os renovou porque quis. Tenho certeza de que seu pai não a obrigaria a continuar a fazer essas merdas que você odeia — ele afirmou e balancei a cabeça, frustrada.

— Eu quero parar, e-e-eu só não sei como... — comecei, Thiago me lançou um olhar de soslaio e me cortou:

— *Barbie* — ele me chamou pelo apelido que me deu na infância e me olhou de modo sério, coisa que raramente fazia. — Você pode fazer o que quiser. — Era a segunda vez que eu escutava isso em menos de 24h e balancei a cabeça, concordando. — Basta você querer. Nada disso pode mudar, se não tiver isso em mente — falou.

— Tudo bem. Eu sei. — Soltei um longo suspiro, fechando os olhos por um segundo, tentando pensar. — Mas não é tão simples. Especialmente quando não se sabe o que fazer. Eu cresci fazendo isso... — comecei a falar, e Thiago me interrompeu novamente:

— Eu também. As pessoas às vezes acham que é fácil para mim, mas a verdade é que é muito mais complicado por ser quem sou. A cobrança é maior. Sempre vai haver aquela coisa: “*Ah! Ele é Thiago Ryan, filho de Caco Ryan, ele só está aqui por isso.*” E você sabe que não trabalho nunca com meu pai para evitar exatamente isso. Ou então que tenho que fazer melhor, porque a puta da minha mãe é realmente brilhante. E por mais que eu tenha sempre que fazer isso por mim, me doo muito mais para calar a boca dessa gente — disse sério. — E sabe o quê? — Ele

se debruçou sobre a mesa e me olhou diretamente nos olhos. — Eu ainda faço porque realmente gosto, amo tudo isso. Senão mandava tudo à merda e me mataria de estudar para fazer um vestibular qualquer.

Eu sabia que era verdade. Eu conhecia meus amigos e sabia que eles não mentiriam sobre uma coisa dessas. Mas a pergunta que eu me fazia era: *Eu poderia lidar com meu futuro quando ainda nem podia com meu passado? O futuro que eu nem ao menos sabia o que fazer?*



Já era mais de uma da manhã quando Thiago voltou para sua casa, pois tinha que descansar um pouco para uma gravação de manhã cedo, no estúdio. Fiquei com Luca terminando mais algumas cervejas, até que resolvemos dar esse dia de merda por encerrado. Eu não queria pensar sobre o que tinha que fazer quanto à minha carreira e também não queria pensar sobre o que aconteceu comigo e Henrique e que ele estaria de volta mais cedo amanhã. Eu estava simplesmente exausta e bêbada.

— Você sabe que vou sentir sua falta né, *Tigrão*? — perguntei a ele, estávamos deitados na sua cama, eu com a cabeça na sua barriga e ele também bêbado acariciava meus cabelos.

— Eu também, *Tchuca*. — Suspirou. — Por mais que esteja empolgado para caralho em ir, eu também estou com a porra de um nó no estômago por deixar você, Thiago, Mariah e minha mãe aqui. — Assenti, pois imaginava como ele se sentia. — Mas, sério, eu realmente acho que preciso ficar longe de casa depois de tudo. — Concordei novamente, sabendo o que ele queria dizer, e me sentei para encará-lo.

Eu entendia bem o sentimento...

— Vai ser estranho ficar sem vocês aqui — murmurei chorosa, e ele se levantou para enxugar as lágrimas que começaram a escorrer do meu rosto sem permissão.

— Você sabe que, mesmo longe, estarei sempre por perto, não sabe? — Concordei quando mais lágrimas começaram a cair. — E que você ainda vai continuar sendo a única garota além da minha mãe e minha irmã que amo? — Ri e chorei ainda mais com a declaração, que por uma estranha razão o fez sorrir.

— Nós nunca ficamos mais do que alguns dias sem nos ver, Luca. A última vez que viajei ficamos com calos nos dedos de tantas mensagens de texto que trocamos. — Comecei a chorar com a lembrança e ri também com o pensamento.

Nossa! Talvez eu esteja um pouco emotiva demais ou bêbada mesmo!

Mas alguma coisa pareceu acontecer quando o ouvi falar meu nome:

— Mia...

Sua voz soou suave e um pouco rouca, e eu não sabia muito bem se era porque estávamos bêbados ou não. Pisquei rapidamente quando percebi o quão perto nossas bocas estavam, conseguia sentir seu hálito de cerveja misturado com o mentolado da pasta de dentes. Vendo a forma que ele olhava para minha boca, me senti de um modo diferente em relação a ele. Diferente de uma maneira que nunca aconteceu em tantos anos de amizade.

Confusa, virei-me para o outro lado, desviando nosso olhar, tentando entender o que estava sentindo diante do meu melhor amigo. Mas Luca não pareceu querer o mesmo, pois virou minha cabeça de volta para ele e simplesmente me beijou.

Deus, ele estava me beijando! Luca estava realmente me beijando!

A língua dele estava na minha boca e era estranho, por ser ele, mas muito bom. Correspondi seu beijo com o mesmo ímpeto, porque de uma forma ou de outra, era delicioso e eu queria isso também. Luca me pegou pela cintura e me virou para me jogar na cama antes de ficar em cima de mim. Quando suas mãos fortes passearam pela minha coxa, comecei a entender o porquê de as meninas rasgarem suas calcinhas por ele.

Minhas mãos foram para seu pescoço, o puxando para mim, antes de beijá-lo com ainda mais vontade, pois eu precisa e queria desesperadamente mais e mais dele. E, no fundo, mesmo que na minha névoa alcoólica, eu sabia exatamente aonde isso daria.

Muitas meninas praticamente me matariam para estarem em meu lugar. Afinal, estávamos falando de Luca Campanaro. E falando a verdade, eu não era totalmente imune ao charme de Luca em 98% do tempo. E minhas chances contra ele pareciam ter voado para o espaço.

Luca estava visivelmente excitado e eu também estava, afinal, tinha um pedaço de homem gostoso em cima de mim me devorando com a boca. Mas ainda que isso fosse bom demais, não parecia horrível, porém também não parecia certo. Era como se por mais quente que estivéssemos nesse momento, não fosse definitivamente a coisa certa a fazer. Luca era meu melhor amigo, eu era apaixonada por outro e não queria perder nada sobre a sua amizade. Era muito errado. E foi pensando nisso que tirei forças não sei de onde e fiz a última coisa que achei que faria nesse momento: comecei a rir.

Luca se afastou e me olhou com curiosidade, para então começar a rir também. Ele saiu de cima de mim e me puxou para deitar com a cabeça sobre ele, enquanto eu ainda ria de forma descontrolada. Definitivamente, fomos pegos de surpresa por isso.

— Olha, *Tchuca*, já causei muitas reações nas garotas, mas um ataque de risos definitivamente é novo para mim — disse com a voz divertida. — Acho que deveria me sentir ofendido. Você acabou de magoar meu ego — murmurou dramático, enquanto eu continuava gargalhando sem parar.

— Desculpa — pedi, quando consegui me controlar, e enxuguei uma lágrima, que escorreu de tanto rir. — Apesar de você não ter problema algum com esse seu ego enorme, pois tenho certeza de que o que eu disse não fez nem cócegas, eu realmente não queria te ofender. Mas é você! — Apontei para ele, mostrando o óbvio. — Isso é muito estranho para mim. Não parece certo. Eu ia acordar mega arrependida — confessei, antes de voltar a rir, e senti seu corpo tremer pelo próprio riso.

— Graças a Deus! — murmurou de forma irônica, e bati em seu braço. — Sério. Por mais que eu esteja com um tesão do caralho nesse momento, seria estranho acordar do seu lado e não poder te dispensar depois. — Foi impossível não rir quando ele disse isso, porque eu sabia que era exatamente o que ele fazia com as outras garotas.

— Quem garante que eu não dispensaria você? — entrei na brincadeira, mesmo que no fundo soubesse que seria uma situação constrangedora para ambos.

— Ugh. — Ele fez uma careta de óbvio. — Você viu aqui o porquê. As meninas não me chamam de “Lucas Delícia Campanaro” à toa. — Piscou seus belos olhos azuis para mim e joguei a cabeça para trás para numa gargalhada. — Mas, sério. — Olhei para ele, atenta, embora ainda risse. — Se eu já achava Henrique um idiota por te dispensar, sabendo a garota que é... Agora vendo você e provando... — Ele me cutucou, fazendo cócegas, e ri de leve, antes de vê-lo se levantar da cama e sacudir a cabeça. — Ele definitivamente é um idiota completo. — Ele olhou para baixo, em direção à sua cueca. — Desculpa, *Tchuca*. Mas estou indo para o banheiro resolver um pequeno problema que você me causou — avisou, antes de se retirar para o banheiro.

Oh, meu Deus! Não acredito que ele vai fazer isso!

Escondi minha cara no travesseiro, envergonhada, mas morrendo de rir da situação em que nós mesmos nos metemos.

Tempos atuais...

Engraçado como as coisas costumam ser. Às vezes o destino parece querer brincar com a gente. Algumas horas atrás eu estava a milhas de distância daqui, vivendo minha vidinha cosmopolita na *Big Apple*, fingindo que esse idiota que estava tão perto agora e não tirava os olhos de mim não era ninguém além de um “cara” que passei no meu próprio jogo do *Monopoly*. E por mais que eu brigasse, esse mesmo estúpido coração, que apanhou por tantas vezes por sua causa, ainda assim insistia em bater mais forte por quem não merecia.

Tentei me enganar que talvez fosse apenas a emoção de reencontrá-lo. A fragilidade do momento em que nos encontrávamos. Mas, no fundo, eu sabia que era por apenas um motivo que eu me sentia assim: eu ainda o amava. E temia, temia por mim, por me sentir dessa maneira por ele depois de tudo.

Porra, por que meu coração tem que ser tão estúpido?

Precisando me manter acordada e longe de Henrique, resolvi que precisava urgente de um pouco de açúcar e cafeína. Disse que iria ao banheiro, com medo de sofrer alguma intervenção no caminho, pois eu precisava realmente do meu “pretinho”. E de distância também, claro. Precisava respirar.

Eu era uma viciada em cafés. Quando eu digo viciada, era viciada mesmo. Costumava tomar facilmente mais de um litro por dia. Na época da faculdade ou até mesmo quando estava finalizando um artigo, tomava dois litros facilmente. Lorena costumava dizer que qualquer dia desses o diretor do *The Walking Dead* me contrataria como Zumbi para poupar na maquiagem. Mas eu não ligava, afinal, existiam três coisas sem as quais eu não sabia viver: café, chocolate e meus cartões de crédito.

Hospital era um lugar ao qual eu não gostava de ir. Na verdade, eu preferia passar longe, até mesmo do outro lado da calçada. Mas eu já tinha dito para mim mesma que só sairia dali quando tivesse certeza de que meu nonno estava bem. Caso contrário, eu acamparia ali, se necessário fosse.

Passeando pelos corredores apáticos do hospital, sentindo aquele cheiro de éter que me agoniava, finalmente encontrei a lanchonete após alguns minutos de procura. Eu estava entrando, quando percebi um belo pedaço de homem de costas. Ele segurava um jaleco nos braços, enquanto se servia do que me parecia ser um Buffet de café da manhã.

Eu não era uma completa idiota. Muito pelo contrário, era esperta até demais para meu

próprio bem e não besta para dispensar um presente que Deus me mandava tão bondosamente. Um colírio para os olhos não faria mal. Eu tinha 26 anos e muitos hormônios, além de muito meses de seca no processo, então parei de andar, com o intuito de apreciar a vista.

E, puta que pariu, que vista!

Se o cara era gostoso, era claro que eu repararia na sua bunda antes do sorriso. Afinal, eu não estava nem um pouco morta. E esse, eu tinha de admitir, que tinha uma bela bundinha revestida com uma bela calça jeans. Mas eu tinha que me lembrar que iria apenas admirar, afinal estava em um hospital e a última coisa que queria era flertar com um desconhecido.

Mas pegar o telefone para depois não faria mal, certo?

Concordei com minha astuta ideia de deixar para depois que estivesse tudo bem. Porém, no instante em que ele se virou, eu congelei. O sorriso charmoso, de uma covinha só, era mais do que familiar para mim. Esse era um dos poucos sorrisos que mexeram comigo ao longo da minha vida. E não pude evitar, porque ele sempre fez com que eu sorrisse de volta, então assim eu fiz.

Meus olhos viajaram rapidamente de cima a baixo, por seu corpo, e o beberam um pouco mais do que o necessário. Ali estava, meu muito belo e agora forte e construído, ex-namorado, Daniel Trindade.

Putá merda! Santa Mãe, meu ex estava mega gostoso e a cara do Chris Evans!

— Olha se não é minha eterna Miss — ele me cumprimentou com meu antigo apelido e com seu sorriso torto, enquanto abria os braços para um abraço.

— Oh, meu Deus, Dan! — eu disse, antes de abraçá-lo e sentir o perfume 212 e o seu próprio cheiro que eu tanto adorava e de que me lembrava.

— Eu não vou dizer que estou surpreso em te ver aqui, porque sabia que iria te ver — ele falou um pouco preocupado, assim que se afastou do abraço.

— Você soube do meu avô — afirmei, porque seu pai era médico do meu Nonno, e ele assentiu com pesar. — É. Corri para cá com Lorena assim que soubemos. — Forcei um sorriso, pois por mais que eu estivesse feliz em revê-lo depois de tantos anos, o motivo que me trouxera aqui ainda me preocupava.

— Não esperava nada menos de você — disse com um sorriso triste, que tive que retribuir.

— Sim. Estou aqui desde então. Não consegui ir para casa ainda — tentei explicar meu estado lamentável.

Afinal, não era apenas a primeira impressão quando se encontrava alguém que teve um relacionamento no passado. A primeira impressão depois de anos sem ver nosso ex-namorado também contava, e muito.

— Apesar de você ainda assim estar deslumbrante, imaginei que não tivesse saído ainda.

Vim de São Paulo para cá direto também. Estava pensando em ir até vocês dar o meu apoio depois daqui. — Seu sorriso aumentou. — Mas já que está por aqui, não aceita tomar um café comigo? — perguntou esperançoso, e foi impossível não sorrir diante seu convite.

— Claro! Por que não? — respondi sinceramente.

Nove anos atrás...

Depois do meu incidente com Luca, as semanas se passaram sem grandes novidades. Nada mudou entre nós, muito pelo contrário, parecia que nossa amizade havia ficado até mesmo mais forte depois do nosso “pequeno deslize”. Eu ignorava Henrique em todas as oportunidades e, após de alguns dias, ele começou a fazer a mesma coisa comigo. Em seguida ele simplesmente decidiu passar uns dias na fazenda de cacau do seu avô Ferraz, no interior da Bahia. Talvez nos manter afastados fosse mesmo a coisa certa a se fazer. Ao menos era isso que eu costumava repetir.

No final de julho, viajei com a família toda para a Argentina para concorrer *Miss Teen Universe*. Apesar de ter ficado em primeiro lugar e ter sido indicada a concorrer o *Miss Brasil* do próximo ano, finalmente decidi que essa seria a última vez que concorreria. Os concursos para mim haviam chegado ao fim. Finalmente. Afinal, a vontade de minha mãe havia sido realizada e eu estava com a sensação de dever cumprido. Talvez fosse exatamente isso que faltava para me livrar desse fantasma que fazia com que eu me sentisse obrigada a continuar com essa história.

E parece que depois que decidi virar essa página na minha vida, as coisas começaram a mudar para mim em todos os sentidos, e foi exatamente isso que aconteceu. Passado alguns dias, descobri que Daniel me via além da neta do meu Nonno e amiga de Henrique. O que definitivamente fora uma surpresa para mim.

Isso aconteceu quando Luca e eu fomos com meu Nonno para o aniversário do seu pai, no salão de festas do condomínio onde moravam. Como já era de se esperar, na primeira oportunidade, Luca pegou uma menina e foi dar uma “volta”.

Pois é, belo amigo que ele era! Não podia ver um rabo de saia!

Durante a noite tinha recebido alguma atenção de pessoas que me reconheceram, e eu realmente não gostava disso, me sentia desconfortável. Meu Nonno estava conversando com alguns conhecidos da festa e eu estava sozinha escolhendo o que comer no Buffet, tentando fugir dessas pessoas que vinham falar comigo, quando Daniel encostou ao meu lado e sorriu para mim.

— Te disse que está ainda mais linda essa noite? — perguntou, enquanto descia o olhar pelo meu corpo, me fazendo corar.

— Uh... Acho que um elogio vindo de você, eu certamente lembraria — respondi, sentindo meu rosto queimar.

— Você quer alguma bebida? — ele perguntou, com o sorriso ainda maior.

— Não sei. — Olhei para os lados à procura do meu Nonno. — Estou com meu Nonno, você

sabe que ainda não posso beber — respondi, torcendo a boca, e ele deu uma risadinha.

— Um coquetel de frutas não vai matar ninguém, ou melhor, não vai te deixar bêbada. Você sabe que seu avô gosta de conversar, ele não deve vir tão cedo. — Deu de ombros e concordei, sabendo que era verdade.

Ficamos conversando um tempão e um coquetel de frutas se tornou vários, mas Daniel sempre revezava, um com álcool e o outro sem. De vez em quando, ele me lançava um sorrisinho e um olhar de canto de olho quando achava que eu não estava olhando, que me fez pensar que talvez ele não estivesse fazendo algo além de querer simplesmente conversar.

Luca voltou, conversou um pouco conosco, mas não ficou mais do que duas cervejas antes de sair com a garota novamente. Não queria nem imaginar o que eles estavam fazendo, apesar de ter uma ideia e ter a certeza de que ele infelizmente me contaria depois.

Depois que dispensei Luca para que continuasse com seu “encontro” e estava pensando em pedir um táxi, Daniel gentilmente se ofereceu para nos dar uma carona para casa. Não tive como recusar, afinal, ele estava sendo gentil durante toda festa. E quando ele nos deixou na porta de casa, já era tarde. Eu realmente não queria que a noite terminasse, estava meio que querendo protelar.

— Daniel, Obrigado. Você sabe que não precisava. Ainda assim obrigado mesmo. Boa noite para você, filho — meu *Nonno* agradeceu, apertando as mãos de Daniel no banco da frente.

— Foi um prazer, Sr. Enrico — ele respondeu com um sorriso, antes de meu *Nonno* sair do carro.

— Obrigada, Dan. Boa noite — agradei e já estava com a mão na maçaneta, quando ele segurou no meu braço.

— Espera, Mia — ele me chamou, fazendo-me olhar para ele.

— Sim — respondi meio nervosa, sacudindo a cabeça, querendo evitar seus olhos

— Hum... — Limpou a garganta. — Er... Eu pensei que amanhã, talvez, pudéssemos sair para jantar ou algo assim... Só nós dois — completou a frase, parecendo um pouco nervoso.

Oh, merda! Não, não era engano! Daniel estava realmente interessado em mim!

Minha cabeça ficou a mil considerando as implicações de sair com o amigo de Henrique. Seria arriscado aceitar seu convite? E se a coisa ficasse séria e depois acabasse mal? Nossa amizade sobreviveria? Ou, no mínimo, não seria estranho voltar a falar com ele depois?

Pensei em dizer “não” por míseros segundos ou em arrumar alguma desculpa qualquer para evitar um conflito de interesses. Mas também me lembrei de que ele era um cara legal e inteligente, bonito e maduro, não acreditava que ele iria deixar esse tipo de coisa acontecer. Fora que se eu dissesse “não”, Lorena e Mariah diriam que eu era completamente louca por dispensar

um encontro com um cara gato e bom partido como ele. Não poderia discordar delas também.

— Bem, não acho que jantar seja uma boa ideia — comecei e vi a carinha dele ficar triste, antes de eu continuar: — Mas depois do jantar, acho que há uma possibilidade de uma sobremesa ou um sorvete — respondi com um sorriso, e o tamanho do sorriso que ele me deu fez meu coração dar um pulo.

Sim. Com certeza não será uma má ideia!

Pode me chamar de piegas, mas um sorvete soava romântico e encantador, especialmente no sol escaldante e no clima seco que estava fazendo no Rio de Janeiro nos últimos dias.

— Pense pelo lado prático. Nossas famílias já se conhecem, não teríamos muito o que esconder — ele disse brincando e tive que rir, porque não era mentira. — Me ligue quando estiver pronta — falou com uma piscadela e assenti.

Debrucei-me para frente do seu banco e lhe dei um beijo na bochecha. Ele ficou surpreso, mas eu fiquei mais surpresa ainda quando ele segurou meu queixo e me olhou nos olhos, antes de me dar um selinho na boca.



Lógico que havia sido surpreendida por Daniel me chamando para sair. Lógico que fiquei surpresa, pois nunca poderia imaginar que ele estaria interessado em mim desta maneira, achei que seus flertes eram apenas brincadeiras. Começamos a sair e fiquei satisfeita em descobrir que Daniel era realmente um cara incrível, que me fazia rir e era mega atencioso. Ele confessou que estava de olho em mim há algum tempo, mas que não tomou nenhuma atitude antes porque Henrique o desincentivou. Nem poderia imaginar por quê.

Depois do nosso terceiro encontro, ele me pediu em namoro e começamos a namorar. *Papa* ficou contente e minha dinda também. Meu *Nonno* brincava, dizendo que ele seria mais bem tratado agora que sua neta namorava com o filho do médico dele. Os pais dele também aprovaram nosso namoro e eram super simpáticos comigo, me recebendo sempre com maior carinho. Até mesmo me convidaram para jantar no *Satyricon*, um restaurante famoso especializado em frutos do mar, que artistas como Madonna e Mick Jagger já frequentaram, e foi muito agradável.

Lorena e Mariah ficaram em êxtase, dizendo que eu tinha fisdado um dos melhores partidos da cidade. Elas passaram a me levar mais constantemente ao shopping e ao salão, dizendo que eu precisava ficar mais bonita para ele. Eu não poderia negar, porque adorava fazer essas coisas de mulher, mas não diria a elas que era apenas por isso.

Estávamos há quase um mês juntos e não tínhamos ido muito longe. Eu ainda era virgem e Daniel estava bem com isso, não me forçava a nada e era sempre paciente quando eu sinalizava

para pararmos. Era reconfortante estar com alguém assim, que não apenas me respeitava, como me fazia tão bem. Ele era doce e incrível comigo, percebi que talvez não demorássemos muito para que me apaixonasse por ele de verdade, acho que realmente isso já estava começando a acontecer.

Daniel começou a sair constantemente comigo e com os meninos, o que o levou a fazer as pazes com o Thiago e os dois superarem a briga por uma menina com quem nenhum dos dois ficou no fim. Foi um pouco estranho no início, mas eles ficaram bem e ambos pediram desculpas ao outro. Fiquei feliz e aliviada com isso. Eu realmente não queria que meu namorado não se desse bem com um dos meus melhores amigos.

Era madrugada de sábado, quando voltamos de uma boate que Luca havia tocado. Daniel e eu estávamos nos despedindo em seu carro, e, bem, mais uma vez eu estava quase colocando limite quanto a me entregar ao meu namorado, mas ainda assim tentando me controlar. Eu não queria que fosse de qualquer maneira, queria ter certeza do momento certo. E ainda não achava que ele havia chegado.

Quando me afastei dele, colocando nosso ponto de retirada, nos abraçamos enquanto tentávamos controlar nossas respirações e foi quando senti Daniel ficar um pouco tenso embaixo de mim. Olhei para cima para ver que seu olhar fora em direção a um vulto saindo da garagem da minha casa. Olhei para a caminhonete estacionada mais na frente e entendi sua reação ao ver quem era: Henrique.

Engoli em seco, meu coração disparou quando o vi parado com os braços cruzados e o olhar sério para dentro do carro onde ainda estávamos abraçados. Henrique estava usando apenas seu short de dormir e nada mais. Com exceção de estar mais bronzeado, ele parecia exatamente o mesmo cara arrogante de sempre. Havia passado apenas um mês que não nos víamos, mas percebi naquele momento o quanto eu estava com saudades e isso me irritou completamente.

Daniel beijou o topo da minha cabeça e se levantou para sair do carro. Como sempre cavalheiro, veio até minha porta e a abriu antes de estender a mão para que me ajudasse a sair. Fiquei em pé na minha plataforma branca, enquanto ajeitava minha saia jeans curta e meu top rendado.

Depois de um silêncio prolongado e de uma tentativa da minha parte de controlar meu nervosismo sem propósito, me permiti encarar Henrique, que ainda estava carrancudo. Daniel enrolou seus braços na minha cintura e sorriu sem jeito para seu amigo.

— E aí, cara? Eu não sabia... — Daniel tentou quebrar o gelo, mas Henrique interrompeu:

— E aí, cara? — Henrique perguntou perplexo. — Que porra está acontecendo aqui? Alguém pode me dizer o que vocês dois estão fazendo juntos? — ele nos perguntou estupidamente

irritado.

— Henrique, não sei se você se lembra, mas esse é Daniel, um dos seus melhores amigos, e agora também meu namorado — respondi de forma sarcástica, e ele arregalou os olhos, me mostrando que não sabia nada sobre nós dois.

— Como assim, namorado? — perguntou incrédulo.

— Namorado — repeti, tentando não soar tão irônica quanto queria. — Você sabe, aquilo de andar de mãos dadas, trocar beijos, carícias e dar uns amassos — decidi provocá-lo. — Ah! Desculpe. Esqueci que você não sabe o que é um relacionamento. Afinal, nunca teve um. — Terminei com um enorme sorriso, me sentindo extremamente bem quando o vi engolir em seco pelo que falei.

Sim! Indireta recebida com sucesso!

— Cara — Daniel voltou a falar, um pouco nervoso —, eu ia te contar sobre nós dois, mas não tive oportunidade e achei que talvez o melhor fosse falar com você pessoalmente — confessou, e voltei a sorrir cinicamente para Henrique.

— Há quanto tempo estão namorando? — Henrique perguntou ainda puto, como se fosse um irmão ciumento.

— Quase um mês — respondemos em uníssono, e ele voltou seu olhar cerrado para mim, que fiz questão de sorrir de volta.

— Bom, acho melhor eu ir — Daniel falou para mim, parecendo entender a deixa silenciosa de ter que sair.

— É, também acho — Henrique disse sem pesar, e o fuzilei com os olhos.

— Boa noite, minha *Miss*. — Daniel chamou-me pelo apelido carinhoso que ele me dera, antes de me puxar para perto dele.

— Boa noite, “Mô” — frisei a palavra, antes de lhe dar um longo beijo e, pelo canto de olho, vi Henrique voltando para casa parecendo nada satisfeito.

Depois de nos despedirmos e de eu ver o carro de Daniel se afastar, comecei a fazer o caminho de volta para casa e refletir se agi corretamente. Confesso, eu tinha gostado de provocar Henrique, porque ele realmente merecia, mas minha intenção em estar com Daniel não era verdadeiramente essa. Eu gostava de Daniel, muito. Adorava sair com ele e adorava ainda mais a forma como nosso namoro se desenrolou e o quanto isso me fazia bem.

Mesmo que não tivéssemos muito tempo para ficar juntos, porque ele tinha uma faculdade quase integral e eu, o terceiro ano para concluir, além da minha agenda, sempre tentávamos dar um jeito de ficarmos juntos ou ao menos nos falar. Nosso namoro era fácil, gostoso. Ficava feliz quando ele me ligava, nem que fosse para desejar apenas um bom-dia ou um boa-noite, ou para

dizer o quanto sentia minha falta. E ficava feliz quando um suspiro de desejo contido me escapava no final da noite no momento em que ele me deixava na porta de casa e se despedia. Então eu realmente não queria que Henrique interpretasse nosso namoro de maneira incorreta.

Eu estava decidida a pedir desculpas a Henrique, por mais que achasse que não coubesse, mas eu não queria que isso atrapalhasse a amizade deles e muito menos que ele achasse que eu estava em um relacionamento com Daniel apenas para atingi-lo. Mas fui surpreendida por ele me puxando assim que passei pela porta da nossa casa.

— Que porr... — comecei e ele colocou sua mão na minha boca, para me impedir de continuar a falar:

— Fale mais alto e todo mundo nesta casa acorda — disse sério e tentei empurrá-lo, mas ele não me deixou sair, apenas me apertou mais contra parede. — Vamos conversar agora e você não vai mais fugir desta maldita conversa, entendeu? — perguntou.

Seu olhar travou em mim e precisei de fôlego para respirar quando vi desejo e fúria misturados em seus belos olhos verdes. Sem ver saída, concordei com um aceno e ele relaxou seu aperto, antes de se afastar de mim um pouco.

— Tudo bem. — Senti minha voz um pouco rouca antes de continuar: — Cospe! — Resolvi manter minha pose de cadela, porque por mais que tivesse concordado com essa conversa, ele já me tirara do sério.

— Por que diabos você está namorando Daniel, Mia? — perguntou diretamente, cruzando os braços sobre seu peitoral.

Precisava ser gostoso desse jeito? Infeliz!

— Bom... — Fingi pensar sobre o assunto. — Você já o viu? Daniel é divertido, carinhoso, bonito e bem gostoso, para falar a verdade. Preciso mesmo dar mais motivos? — perguntei de forma provocativa, e Henrique bufou irritado.

— Você só pode estar brincando! — ele falou negando com a cabeça, como se esse ato pudesse confirmar o significado do que ele disse.

— Bem, se você não quer acreditar. — Dei de ombros. — Descubra por si só, então.

Não esperei por uma reação da sua parte e passei por ele antes de subir as escadas, não sabendo como me sentir diante disso naquele momento. Assim que alcancei a maçaneta da porta do meu quarto, Henrique me puxou novamente, me levando sem muito esforço e sem uma palavra para a porta em frente à minha, seu quarto. Engoli em seco, sem ter como reagir como gostaria. Eu sabia que ele tinha ciência de que uma vez que eu chegasse ao meu quarto, nossa conversa terminaria, porque eu o dividia com sua irmã. Mas eu também sabia que não queria estar em um ambiente fechado com ele depois do que nos aconteceu na fazenda.

— Diabos! Você não tem o que fazer? — perguntei, soltando meu braço de sua mão assim que ele bateu a porta.

— Não terminamos de falar ainda, Mia — avisou, trancando a porta, e o encarei ainda mais irritada.

— Que merda, Henrique! O que você quer? — perguntei indo até sua cama e sentando nela, me sentindo exausta daquela conversa.

— Eu quero saber... — começou a falar com a voz dura, mas em seguida baixou o tom antes de continuar: — Que porra é essa de estar namorando com ele? — Eu o olhei e minha boca caiu aberta.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar. Mas se puder adiantar, fico grata. Tenho uma sessão de fotos às 9h e preciso dormir — informei relutante.

— Sério mesmo que você não está entendendo? — ele perguntou incrédulo.

— Não. E não estou a fim de ficar nesse jogo de adivinha — respondi simplesmente.

Levantei-me da cama decidida a sair daquele quarto e acabar de vez com aquela conversa sem noção. Ele estava me dando nos nervos.

— Aonde pensa que vai? — perguntou, quando me aproximei da porta.

— Aonde eu deveria estar nesse momento, meu quarto. Se me der licença... — Fui interrompida por ele me empurrando contra a porta.

Quando seu corpo forte encostou-se ao meu, suas mãos apoiadas em ambos os lados da minha cabeça, me aprisionando contra ele, eu tive que tentar lembrar que precisava me manter longe dele. Tinha que me lembrar de que eu tinha um namorado agora. No entanto, o seu olhar me hipnotizou de tal maneira, que não consegui me mover.

— Que diabos, Henrique! Me solta! — bradei, me debatendo contra ele.

— Não — negou, apertando ainda mais o controle sobre mim.

— O que você quer comigo? — perguntei tentando manter minha voz firme.

— Você — sussurrou contra os meus lábios.

Meu coração disparou descontroladamente e engoli em seco, quando senti sua mão descendo pela minha cintura, me segurando junto a ele.

— Pare com isso. Você terminou comigo. Disse que nós éramos um erro — falei, empurrando o nó na minha garganta e tentando me manter firme diante do que ele havia nos causado. — Não estamos nem nos falando — voltei a dizer.

Minha voz era fraca e meu corpo traidor o queria. Mas minha cabeça insistia, dizendo que eu tinha um namorado fofo. Um namorado que não merecia isso de mim. Um namorado que me merecia de verdade e não um que havia me magoado na primeira oportunidade.

— O fato de não falar com você não quer dizer que eu tenha parado de pensar em você. Muito menos em nós dois — afirmou, me fazendo olhar nos seus lindos olhos verdes.

— Henrique, eu... — comecei a falar, mas ele me calou com o dedo nos meus lábios:

— Shhhh... Eu percebi que estava errado, Mia. — Ele se aproximou mais ainda da minha boca e completou quase sem distância nenhuma: — Eu quero ver aonde podemos ir. Quero ficar com você. De verdade.

Henrique queria ficar comigo de verdade. Ele queria!

Pela primeira vez tomei atitude e o beijei assim que ele terminou de falar. Henrique me pegou pela cintura, me erguendo do chão, e logo me vi enrolando minhas pernas ao redor da dele. Não havia mais espaços entre nós e nossas bocas diziam o que queríamos.

Henrique me beijou como se estivesse compensando o mês inteiro da sua ausência. Não sabia dizer onde minhas mãos acabavam e as dele começam, apenas nos agarrávamos loucamente. Eu gemia em sua boca, com a descarga de adrenalina que parecia ter jorrado no meu corpo, sua mão espalmada na minha bunda, me apertando, me segurando rente a ele, e me vi puxando sua boca para o meu pescoço, em uma tentativa de recuperar o fôlego sem largá-lo.

Eu sentia seu cheiro delicioso, o gosto dos seus beijos misturado com café e o seu calor. Eu estava cercada por ele e queria mais. Muito mais. Tudo que sentia por ele transbordando em nossos beijos, nossos toques. E Henrique parecia entender minha mensagem silenciosa, pois me vi sendo cada vez mais pressionada contra ele.

— Vou te beijar agora e não vou parar — sussurrou em minha boca como um aviso, e eu desejei que ele fizesse exatamente isso.

— Não quero que pare — respondi, movendo minha boca de volta à sua e ele gemeu antes de nos lançar na cama.

Henrique se moveu até a minha orelha e então veio descendo com seus beijos até o meu pescoço. Ele alcançou a barra da minha blusa sem tirar os olhos de mim e esperando que eu dissesse alguma palavra que o impedisse. Mas eu não diria. Apenas coloquei meus braços para cima, lhe dando livre acesso ao meu corpo.

Habilmente treinado como eu sabia que Henrique era, ele abriu meu sutiã tomara que caia com uma mão só. Ele se afastou um pouco, sorrindo para mim, e beijou meus lábios antes de levar sua boca mais para baixo e beijar os meus mamilos, antes de chupá-los. Minha respiração ficou presa e saiu pelos meus dentes cerrados, enquanto minhas costas se arquearam de prazer.

— Foda-se! — murmurou, ainda apreciando meus seios. — Deus! Você é tão linda que dói. Olha que seios lindos do caralho! Olha esse corpo! — Ele passou as mãos pelo meu corpo e foi beijando cada pedacinho meu.

Quando ele chegou à minha cintura, eu não estava pensando em mais nada a não ser em nós dois. Era como se estivéssemos em uma bolha só nossa e nada mais importasse no momento. Suas mãos e boca estavam em cada parte de mim, era como se ele estivesse memorizando cada centímetro do meu corpo e quisesse me ver enlouquecer ou entrar em combustão a qualquer momento.

Eu estava achando muito injusto que ele fosse o único que estivesse se aproveitando de mim e comecei a tocá-lo também. Sua resposta foi imediata, eu sabia que ele estava gostando pelo gemido que me deu.

— Minha vez — avisei e vi o sorriso malicioso que ele deu quando tentei empurrá-lo para que ficasse em meu lugar e ele compreensivamente obedeceu.

Beijei todo o seu peitoral, enquanto ele movia suas mãos pelo meu cabelo e costas. Beijei as tatuagens dele, uma por uma, porque eu as amava. Cada desenho tatuado ali tinha um significado e eu queria me fundir a ele, como cada uma delas. Primeiro o dragão em suas costas, depois a fênix na lateral da costela e com os olhos fechados um som de contentamento saía de sua garganta, me fazendo sorrir. Mas o melhor de tudo foi quando alcancei a frase “*Carpie Diem*” na lateral da virilha, e ele gemeu forte, quase como um rosnado, antes de rapidamente se virar de volta para cima de mim. E me vi mordendo os lábios, satisfeita com sua reação diante do que eu lhe provocava.

Suas mãos exploraram o resto de mim, indo mais para baixo e eu sabia exatamente do que precisava. Passei minhas mãos em suas costas e agarrei seu traseiro, puxando-o mais próximo a mim. Fazia tempo que o queria comigo e eu não queria perder mais tempo. Por isso o beijei novamente e com mais vontade, querendo lhe mostrar o que eu queria a seguir. Movi minha mão até sua cueca e ele prendeu a respiração.

— Mia, se você me tocar lá nesse momento, não serei capaz de aguentar — avisou sério e, mesmo frustrada, movi minhas mãos para longe dele, não querendo estragar o momento.

Henrique voltou a lambe meus mamilos, antes de descer pelo meu estômago, e terminou de puxar o restante da minha saia jeans, que nesse momento já se encontrava acima do umbigo. Minha saia viu seu caminho para longe quando Henrique jogou-a sem olhar para trás.

Eu deveria me sentir constrangida por estar usando uma calcinha-short toda estampada com carinhas do Pato Donald, mas o olhar dele e a mordidinha nos lábios que deu me mostraram que ele realmente gostava da minha calcinha inocente. Habilmente, ele a atirou longe e gemeu quando a última parte do meu corpo, que ele ainda não tinha visto, estava descoberta.

Mesmo antes de ter um momento para pensar sobre o que ele estava prestes a fazer, sua boca estava lá. Gemi agarrando os lençóis da sua cama, enquanto ele lambeu e colocou um dedo dentro

de mim. A cada minuto a sensação de êxtase parecia querer me dominar. Eu chamei o nome dele, puxando seu cabelo, e minhas costas arqueavam, tentando encontrá-lo de alguma forma.

Então, eu acho que totalmente deixei essa Terra. Eu nunca na minha vida experimentei um orgasmo tão intenso desde que ele me tocou pela primeira vez. Parecia que nunca iria parar com a sensação, tamanha a magnitude, que parecia querer dominar cada pedacinho do meu corpo. Quase precisei pedir que ele parasse, para que eu pudesse consegui respirar.

Assim que eu estava voltando do topo do meu orgasmo, ele moveu sua boca mais para baixo, colocou um dedo no meu clitóris, brincando com ele de uma forma espetacular, arrancando da minha boca um grito, pois seus outros dedos continuaram seu trabalho dentro de mim.

Santo inferno! Não novamente! Eu não sabia se poderia aguentar!

— Henrique... Oh, meu Deus... Henry... Eu não posso... Oh, Deus! — eu ofeguei baixinho.

Eu não tinha mais controle sobre meu corpo. Tudo o que eu podia fazer era gemer e repetir o nome dele, pois estava completamente entregue e à mercê da sensação de prazer que ele me proporcionava. Ofegante e sem fôlego, já não conseguia nem ao menos respirar.

Henrique beijou minha barriga e foi subindo o caminho até meus seios, onde ele pegou meu mamilo com a boca novamente. Inferno! Eu estava tão perdida, que devia estar segurando a minha respiração já escassa, porque depois ele suavemente colocou beijos no meu pescoço e se inclinou para sussurrar no meu ouvido:

— Respire, princesa. — Sua voz terna, antes de ele voltar a me beijar delicadamente.

Henrique se levantou para tirar seu short de seda e quase engasguei.

Merda... Ele era ENORME!

Bem, não que eu realmente pudesse compará-lo a qualquer outro, porque este era o primeiro que já vi de perto. Mas lá no fundo não foi uma surpresa tão grande, pois ele era um cara todo grande. Por que isso seria diferente? Eu pensei que era grande quando eu senti na fazenda, mas agora vendo...

Santo inferno! Como diabos isso vai se encaixar em mim?

— Você tem certeza? — ele voltou a perguntar quando notou minha hesitação, tremendo um pouco de nervoso.

— Sim — respondi, depois de respirar fundo.

— Você confia em mim? — perguntou com a voz suave, passando as mãos no meu rosto delicadamente.

— Sim — minhas resposta saiu quase em um sussurro, ainda abalada com o orgasmo que ele acabara de me proporcionar.

— Você conhece minha mãe, ela me faz fazer exames a cada dois meses, mesmo que eu lhe

garanta que não faço nada sem camisinha. — Concordei me recordando de todas as vezes que ela o levava com Leonardo para o médico. — Eu não tenho nada, mas realmente quero que essa experiência seja boa para você. Não sei se está usando pílulas, mas posso comprar “pílula do dia seguinte” e não teremos problemas. Você está de acordo? — perguntou.

— Tudo bem, estou tomando pílula — falei, minha resposta falhando ainda mais.

Mas era verdade, eu tomava pílula desde os quatorze anos para regular minha menstruação. Eu tinha um período horrível, então já era como minha segunda natureza.

Henrique pareceu satisfeito com minha resposta, pois logo estava de volta a me beijar e a satisfação tomou conta de mim, com a sensação de sua pele quente contra a minha. Beijando-me profundamente, ele deixou cair uma mão para o meu quadril e empurrou delicadamente os dele contra mim.

Uma dor aguda e ardor passaram por mim. Eu tentei respirar para meu corpo relaxar e se ajustar ao dele. Era uma sensação nova e estranha, mas eu não queria parar. Não sabia explicar, porque por mais que doesse, ainda assim era estranhamente bom. Lágrimas de surpresa picaram meus olhos e congelei com a pressão incrível que começou a querer se construir dentro de mim.

— Você está bem? — Ele respirou fundo, se acalmando. — Amor, você está bem? — insistiu e eu assenti.

— Sim — confirmei, tentando parecer mais segura.

Estava sentindo meu coração bater mais forte, pela forma amorosa que ele me chamara. Por tudo que estava acontecendo agora. Eu podia sentir seu coração batendo tão descompassado quanto o meu e fiquei contente em notar o quanto ele estava preocupado comigo, mesmo que tivesse que controlar a si mesmo.

Henrique continuou imóvel dentro de mim e logo voltou sua boca para a minha, me beijando devagar, com ternura, e tão profundamente que senti um tipo diferente de lágrimas subirem aos meus olhos. Meu peito se encheu de amor e eu já não sentia mais a dor do início, e tudo que estava acontecendo parecia ser incrivelmente bom.

Ele continuou parado, tentando retomar a respiração e algum tipo de controle que eu acreditava que deveria ter perdido em algum momento quando começamos. Mas eu parecia ter perdido o meu próprio controle, porque queria mais dele. Quando finalmente balancei um pouco contra ele, ansiando por mais, ele gemeu e travou.

— Por favor. Só me dê um minuto, amor. Sonhei tantos anos com esse momento e você é tão fodidamente incrível, que preciso de um tempo — confessou.

Com meu coração disparado, senti Henrique respirando fundo, antes de voltar a olhar nos meus olhos novamente.

— Ei — sussurrou, segurando meu queixo. — Olhe para mim, preciso ver seus olhos enquanto te digo isso. — Obedeci. — Eu amo você, Mia. Eu sempre amei você — ele disse com a voz rouca e lágrimas embaçaram a minha visão.

— Eu também te amo — sussurrei de volta com a voz trêmula, incapaz de deixar minha boca longe da dele.

A declaração que ele fez me levou lágrimas aos olhos e, enquanto ainda lutava para acreditar no que estava acontecendo, o fato de ele confessar me amar também, a forma que me sentia fez com que meus músculos internos vibrassem em torno dele, então de novo me balancei.

— *Miamor* — sussurrou, como se fosse uma palavra só. — Desse jeito não vou ser capaz de aguentar e vou gozar — murmurou rouco em minha boca e me apertei mais contra ele.

Tomando um fôlego, ele embalou meus quadris, empurrando para frente, arrancando um grito abafado de prazer de mim, acompanhado por um rosnado gutural dele. Segurei seus ombros, enquanto envolvia minhas pernas em volta da sua cintura, trazendo-o mais profundamente dentro de mim. A forma como nos movíamos, a intensidade crescendo, transformando nossos movimentos em um ritmo febril e minha cabeça girou com a construção de felicidade dentro de mim.

Henrique se moveu mais rápido e mais seguro. Nossa pele coberta de suor, enquanto seus movimentos se tornavam mais intensos, empurrando-se mais profundamente dentro de mim. Sua mão deslizou entre nós e foi muito bom, o movimento dos seus dedos no meu ponto certo, tornando tudo ainda mais intenso, e não demorou para eu me ver jogando minha cabeça para trás, estremecendo em um orgasmo desenfreado em torno dele. E pelo grunhindo que soltou em seguida, eu sabia que ele havia alcançado seu êxtase também.

O momento foi incrível. Os espasmos balançaram meu corpo todo, me deixando um pouco tonta com o prazer, e eu parecia ser capaz de ver estrelas. E eu estava mesmo vendo.

Henrique voltou a me beijar suavemente, enquanto recobrávamos nossa respiração, antes de rolar para o lado e me puxar para perto, me deixando de frente para ele. Colados de nariz para nariz e o restante do corpo, como se tivéssemos um ímã entre nós. Nunca tinha me sentindo dessa forma. Nunca. Tão realizada e também tão completa. E eu sabia que só me sentia assim porque foi com ele.

Minha primeira vez havia superado todas as minhas expectativas e sonhos com Henrique. Foi incrível. O sentimento sobre o que tinha acabado de acontecer ainda era tão forte, tão intenso e ainda tão vívido, que senti que poderia chorar de emoção.

— Isso f-ooi... — ele gaguejou, sorrindo para mim com ternura. — Não há palavras para descrever — falou, com seus lindos olhos verdes iluminados pela luz do luar e tão presos aos

meus. — Você está bem, amor? — ele perguntou agora parecendo preocupado.

— Sim. Você foi perfeito — garanti sorrindo, tentando demonstrar como me sentia verdadeiramente agora e tudo que eu via refletido na forma como ele estava agindo comigo.

— Não — negou, me trazendo pela nuca mais próximo a ele. — Se fui perfeito, foi por causa de você. — Terminou mordiscando meus lábios.

— Er... Então foi bom pra você? — perguntei, expressando uma das minhas preocupações.

— Amor, foi mais do que bom. Isso deu um novo significado a palavra. Eu nunca usaria bom para descrever estar com a garota que eu amo. Foi incrível — afirmou sem hesitar.

Henrique sorriu para mim com a expressão satisfeita, antes de voltar a me beijar com amor. Eu não me lembrava de ter me sentido tão bem alguma vez na minha vida toda como me sentia naquele momento. E eu sabia que ele era a única pessoa capaz de me fazer sentir assim, tão completa e amada.

Tempos Atuais...

Capítulo 15

HENRIQUE

Não consegui fechar os olhos um segundo sequer. Toda vez que fazia isso, tinha medo de dormir e acontecer alguma coisa com meu nonno, sem que eu estivesse ao seu lado. Ou então era impossível dormir quando não conseguia tirar da cabeça o olhar que Mia me deu quando nos reencontramos e a forma como ela reagiu à minha presença, mesmo depois de tanto tempo.

Eu sabia que um reencontro seria difícil, mas não fazia ideia do quanto isso realmente mexeria comigo, fazendo com que eu me sentisse tão fora de mim. Mia era uma parte minha, não importava quanto tempo passasse, ou o quanto tentássemos ignorar nossos problemas, eu nunca deixaria de amá-la. Por mais que tivesse tentado com todas as minhas forças fazer isso acontecer.

Por isso que quando vi que não conseguiria mesmo pregar os olhos, preparei um shake nutritivo com todas as frutas que encontrei na geladeira, antes de seguir até a academia do meu prédio, e passei o restante da manhã treinando pesado, batendo forte no saco de areia, descontando minhas frustrações e a raiva que sentia de mim mesmo.

Quando mal conseguia respirar, sabia que estava no meu limite e por isso fui para casa, onde me enfiei embaixo do chuveiro por um longo tempo. Depois disso fui para a casa de Luca, onde Mariah nos preparou um almoço tardio e tentei me distrair com a companhia dos meus melhores amigos e suas digníssimas mulheres.

O pior é que por mais que estivesse brincando, por mais que gostasse de pirraçá-los e provocá-los até que pedissem arrego, eu sentia um pouco de inveja deles. Sentia inveja e sabia que era feio me sentir assim, mas era mais forte do que eu, pois por mais que eles tivessem tido seus problemas de relacionamentos, ainda assim souberam resolvê-los e colocaram o amor que sentiam em primeiro lugar. Ao contrário de mim e de Mia, que acabamos nos perdendo durante nosso caminho.

Thiago e Mariah saíram, certamente para tentar “procriar”, então me restou segurar vela de Sophia e Luca, enquanto assistíamos ao filme com pipoca e refrigerante. A verdade era que por mais inconveniente que eu pudesse estar parecendo ser, eu realmente não queria ficar sozinho. Não queria, porque fazer isso dava vazão para que eu pensasse sobre meus problemas isso era a última coisa que eu queria no momento. Principalmente quando eu tinha certeza que não estava bem para isso.

O clima estava ótimo, por alguns minutos até mesmo esqueci-me do turbilhão que se passava dentro de mim. Mas foi só por alguns minutos mesmo, porque bastou o celular de Luca

tocar para que eu me visse completamente louco novamente.

— Oi, Tchuca — meu melhor amigo atendeu ao telefone.

Se fosse sincero comigo mesmo, eu meio que estava esperando uma ligação dela para um dos nossos amigos. E como isso aconteceu, não me fiz de rogado e não tirei meus olhos dele, tentando de alguma maneira decifrar a conversa.

— Hm... Não... Tô em casa. — Ele parou para ouvi-la — Não... Mariah foi para o apê dele com ele. Eu, Sophia, Henry... — Empertiguei-me ao ouvi-lo falar meu nome. — Hm...Ok. Tá bom... Você tem certeza? Er... Certo... Chego aí em meia hora. Também amo você. Beijo — falou antes de desligar e olhar para mim.

— O que ela queria? — perguntei sem consegui me conter.

— Hm. Ela ainda está no hospital, tio Vittorio não quer sair de lá. Ela não quer pedir a Léo para pegá-la, porque ele saiu de lá mais de duas da tarde, então perguntou se eu não poderia fazer isso...

— Eu pego. — Nem esperei que ele terminasse e me ofereci, já me colocando de pé, e Luca suspirou antes de responder o que eu mais temia, por mais que fosse o esperado, levando em conta nosso histórico:

— Henry, cara... Acho melhor não. Mia está cansada, esgotada. Preocupada com razão. Ela viajou por horas e está até agora no hospital. Fora que você também não está muito descansado. Eu não acho que seja a hora propícia para você simplesmente chegar lá, como se nada tivesse acontecido entre vocês — Luca respondeu e eu sabia que ele não tinha dito tudo.

— Ela não quer vir para cá, né? — perguntei, embora soubesse a resposta, e Luca assentiu meio sem jeito. — Ela não quer vir por minha causa, é isso, não é? — tive que perguntar, ainda que já soubesse a resposta, e a derrota no meu tom de voz dizia exatamente isso.

— Sinto muito, cara — Luca respondeu sem jeito, e aquilo, por menor que fosse, acabou com todo ânimo que eu havia conseguido durante minhas horas de distração.

— Eu sei. Você tem razão. Melhor você ir pegá-la — falei, ainda que estivesse frustrado, não queria demonstrar o quanto essa pequena coisa mexera comigo, mas sabia que não estava sendo tão bem sucedido e por isso respirei fundo, tentando de alguma forma colocar minha cabeça no lugar.

— Você quer ir comigo, amor? — Luca perguntou para Sophia quando se levantou do sofá.

Por um momento pensei em ir contra ao que era melhor a se fazer agora, mas mais uma vez tentei agir com a razão e aceitar a escolha de Mia. Por mais que isso me doesse para caralho.

— Não. Acho que vou ficar para terminar o filme com Henrique — Sophia respondeu, antes de sorrir para Luca, e ele lhe deu um beijo.

— Tudo bem. Eu não devo demorar. — beijou Sophia outra vez antes de se virar para mim e dizer: — E você... Quero suas mãos longe da minha mulher! — Luca avisou em seu modo ciumento, que ainda era tão estranho para mim, e isso me fez rir, fazendo-me esquecer, ao menos por ora, o que tanto me atormentava.

— Tão seguro esse, meu amigo — eu o provoquei, voltando a cair na gargalhada.



Depois de trocar de roupa e se despedir, Luca se foi para onde eu queria ir: encontrar-se com Mia. Durante anos essa vontade me moveu, porém sempre respeitei o pedido que ela me fizera da última vez que nos separamos e não a procurei mais, por mais que eu quisesse ter feito isso.

E agora ela estava aqui, tão perto e ainda assim tão longe, e isso me doía. Essa vontade louca de ir até ela me deixou por alguns minutos sem saber como agir de agora em diante, mas quando Sophia me olhou nitidamente preocupada e meio sem saber o que fazer, eu sabia que não poderia ficar guardando tudo isso apenas para mim. Eu precisava conversar um pouco com alguém.

Por isso, depois de tanto tempo sem falar, depois de tanto tempo sem dividir meus sentimentos com alguém, eu me vi querendo fazer exatamente isso e vi na mulher do meu melhor amigo alguém com quem eu poderia compartilhar o que estava sentindo e até mesmo contar, se precisasse dela. Por isso me vi perguntando:

— Você deve estar se perguntando que merda há comigo e Mia, né?

— Não posso negar que realmente me perguntei isso — respondeu dando de ombros. — Mas não se preocupe. Não precisa dizer nada. — Ela me pareceu sincera e por mais que me incomodasse dividir isso com qualquer pessoa que fosse, eu realmente precisava disso agora.

— É complicado. — Suspirei. — Você deve saber que eu e ela tivemos um envolvimento passado. Luca deve ter lhe contado. — Ela assentiu levemente. — Bem, só o fato de saber isso já diz que você sabe mais do que muitos. Mas é realmente muito mais complicado do que imagina. Minha história com Mia tem tantas idas e vindas que até eu me perco — confessei, com um sorriso triste.

— Hm... Eu entendo. Mas, por favor, não se sinta na obrigação de me contar. Se você estiver desconfortável, Henrique, podemos falar sobre isso outra hora — ela me garantiu e novamente eu sabia que ela estava sendo sincera.

— Não. Tudo bem. Na verdade não tem uma hora certa para que esse assunto não seja desconfortável para mim — um suspiro forte me escapou enquanto pensava sobre o assunto. — Enfim, que bom que você está com pipoca, porque a história é bem longa.

E era verdade. Nossa história tinha realmente tinha tantas idas e vindas, que além de me

perder, na maioria das vezes não sabia como consegui seguir em frente depois de tudo. Mia sempre foi e sempre seria meu primeiro e único amor.

— Não sei realmente quando essa coisa entre nós começou. — Eu me vi sorrindo. — Talvez no momento em que ela nasceu, ainda era pequeno, mas me lembro claramente do quanto fiquei encantado com seus lindos olhos azuis e o quão linda ela era. Mia parecia uma boneca perfeita — afirmei.

— Ela ainda parece — Sophia disse e eu tive que concordar.

— Sim. Mia é a mulher mais linda que já conheci — falei e logo tratei de me desculpar: — Sem ofensas, Sophia — brinquei e ela caiu na gargalhada.

— Imagina, não se preocupe que não me senti ofendida. — Sorriu para mim de modo compreensivo.

— Então fomos crescendo e quanto mais ela crescia, mais eu a admirava e mais tentava protegê-la. Mas de alguma maneira temia que as coisas entre nós se acabassem, caso eu tentasse algo mais e por isso demorei tanto tempo. — Fiz uma careta ao me lembrar. — Ela e eu tínhamos 14 e 16 anos respectivamente quando demos nosso primeiro beijo. Foi perfeito, foi maravilhoso e estar com ela só firmou meu desejo de seguir em frente e namorá-la, mas tanta coisa aconteceu... — Balancei a cabeça não querendo lembrar o que vivenciamos. — ... que achei que o melhor era nos afastarmos.

— Mas por que seria? — Sophia perguntou genuinamente curiosa.

— Porque naquela noite minhas maiores inseguranças foram colocadas à prova e temi perdê-la verdadeiramente. — Sorri sem que achasse graça realmente. — Quase perdi Mia aquela noite e eu não podia deixar acontecer, por isso achei que era melhor tentar me afastar. — Suspirei. — Mas óbvio que não fui tão bem-sucedido, embora tenha conseguido me manter amigo dela durante dois anos.

— Ela nunca tocou no assunto? — inquiriu curiosa.

— Na verdade, não. E nem mesmo eu. Apenas acordamos no dia seguinte e fingimos que a noite anterior nunca acontecera. E talvez por isso que eu tenha seguido com isso, porque se Mia tivesse vindo falar comigo, qualquer coisa que fosse, não acho que teria sido forte o bastante. — Dei de ombros.

— E o que aconteceu depois? — ela perguntou e lhe contei sobre quando voltamos a ficar juntos antes do casamento dos nossos pais, embora tivesse pulado a parte em que Mia tivera um ataque de pânico, que me levou a esquecer meus receios depois disso.

— Então depois que terminei com ela, Mia começou a namorar Daniel. — Fiz uma careta, que a fez rir.

— Agora entendi sua cara enfezada de madrugada.— comentou rindo e eu tive que concordar. A verdade é que depois que Mia saiu e Daniel chegara junto com ela, não consegui disfarçar muito que estava puto com sua presença.

— Ninguém pode me culpar por isso — apontei o óbvio e ela concordou, antes de eu continuar a lhe contar nossa história.

Não me importei em admitir meus sentimentos, não apenas porque eu sabia que poderia contar com ela, contudo não tinha por que escondê-los. Meu amor por Mia era tão certo quanto respirar. Era tão certo quanto cada batida do meu coração. E quanto mais contava nossa história, mais certo do meu amor por ela eu ficava. Então quando Sophia me disse do seu modo tão peculiar que talvez Deus estivesse “mexendo” os pauzinhos para que nos acertássemos, naquele momento tive mais uma certeza: eu lutaria por ela e dessa vez não a deixaria fugir. Só não sabia como faria isso ainda.

O dia havia sido cansativo e por mais que eu tivesse a certeza de que meu nonno estava bem, não consegui arredar o pé do hospital, mas teve uma hora que a exaustão de uma viagem de milhares de quilômetros e mais de 24 horas cobrara seu preço. Minha dinda já havia voltado para o hospital, porém meu pai se recusara a ir para casa descansar. Então, depois de ligar para Luca vir me buscar, era minha vez de ir.

Quando liguei para ele, pensei mesmo em ficar no seu apartamento, não apenas porque era mais perto do hospital onde meu nonno estava internado, mas principalmente porque, por mais que soubesse que Henrique morava no mesmo prédio, ir para minha casa de infância talvez deixasse o espaço ainda mais aberto para que ele chegasse mais perto de mim. O que rapidamente desisti de fazer quando Luca me falou que eles estavam juntos, vendo filme, e voltei com a ideia inicial.

Luca buzinou e segui andando até seu carro.

— Chegou rápido, *Tigrão* — falei ao entrar no seu carro e cumprimentá-lo com um beijo na bochecha.

— O trânsito estava tranquilo vindo para cá — respondeu, indo em direção à saída.

— Preciso de um banho e de um prato de comida. Não quero comer salgados por pelo menos um ano — falei com uma careta ao lembrar-me de tudo que havia comido aquele dia, e ele riu.

— Mariah fez lá em casa um talharim ao molho branco que estava de comer rezando — falou como quem não quer nada, e eu sabia muito bem o que ele estava tentando fazer com isso.

— Er... Hum... Apesar de conhecer a potência do talharim ao molho branco da Mariah, prefiro ir para a casa do meu pai. Lá Sabá prepara qualquer coisa para que eu possa comer e em seguida durmo — desconversei, mas pelo canto de olho o vi revirar os olhos. E eu sabia que logo viriam as perguntas.

— Isso não tem nada a ver com o fato de você não querer encontrar com Henrique, não é, *Tchuca*? — perguntou, embora ele soubesse muito bem a resposta.

— Luca, você sabe que é melhor não — respondi, com a minha melhor cara indiferente.

— Melhor não por quê? — ele insistiu com o assunto e bufei, começando a ficar irritada com sua insistência com o assunto.

— Porque é melhor para mim e Henrique que fiquemos cada um no seu canto. O fato de eu ter voltado não quer dizer que perdi a memória. Não muda em nada o que ele me fez — respondi sem conseguir esconder minha irritação sobre o assunto.

— Ou melhor dizendo, o que vocês fizeram? — ele perguntou com a nítida intenção de me

ver reagindo, e quando fui responder ele me cortou: — Porque convenhamos, Mia, nenhum dos dois é inocente nessa história. Cada um tem sua parcela de culpa. Vocês não são dois estranhos. Acho que está mais do que na hora de se sentarem para conversar — ele disse sério e eu não falei nada, me limitei a virar para o outro lado, sem nem ao menos lhe responder.

Eu não queria falar sobre isso. Nem agora e talvez nunca. Henrique era como uma ferida que nunca foi cicatrizada e mexer nela apenas pioraria algo que não tinha mais conserto e nem mesmo cura.



O restante da viagem foi feito em silêncio, pois por mais que eu soubesse que de alguma maneira ele estava certo, tínhamos que acabar de uma vez por todas com essa guerrinha que criamos ao longo dos anos e não podíamos passar o resto da vida agindo como duas crianças birrentas. Ainda assim, Luca sabia respeitar meu tempo, ele sabia que tinha me dado no que pensar e também sabia que quando eu estivesse preparada falaria com Henrique.

Talvez ele e eu devêssemos conversar, como adultos que agora eramos, afinal, não eramos mais dois adolescentes que viviam se magoando, mas isso ficaria em segundo plano. Eu primeiro precisava ter certeza de que meu nonno estava bem para depois poder pensar em qualquer coisa.

Quando Luca entrou com seu carro no lugar onde eu havia crescido e criado minhas melhores lembranças, foi impossível não sorrir. Fora naquele condomínio que aprontamos tantas coisas, que tínhamos feito tantas algazarras, como crianças e até mesmo quando adolescentes. E parando em frente à casa da minha família, tudo isso estava tão claro, tão enraizado em mim, tão forte em cada pedaço meu, pois foi ali que cresci e me tornei quem era. Senti tantas saudades de tudo e bateu uma baita vontade de voltar ao passado e viver tudo outra vez.

Mas minha emoção de voltar para casa logo se desfez quando dei de cara com a última pessoa, quer dizer, cadela, com quem esperava dar de cara saindo dali.

Que porra Anitta estava fazendo aqui?

— Mas olha só. Quem é vivo sempre aparece. Cansou de tentar ser cosmopolita? — perguntou para mim, irônica.

— Infelizmente, aparecer e dar de cara com você era a última coisa que eu queria. É, sem dúvidas, um dos motivos mais fortes que me fizeram preferir ficar longe. E embora não seja da sua conta, nunca tentei ser algo que não sou, ao contrário de você. Mas eu ao menos ralo para ser a “cosmopolita” que você tanto tenta ser, porém não consegue ser nada além de uma cadela que veste grife — respondi sem pesar.

— Isso tudo é inveja, queridinha? — perguntou, tentando não demonstrar o quão ofendida

estava com minhas palavras. — Será que esse ressentimento todo para com a minha pessoa é apenas porque dei uns pegas em Henrique? — perguntou maliciosa.

Mas o quê?

Senti todo meu sangue fugir. Meu coração praticamente parar. Luca pareceu perceber que eu estava prestes a cair, pois me segurou para que isso não acontecesse.

— É, acho que eu estava certa com minhas suspeitas sobre os dois. Você acabou de confirmar tudo. Obrigada — Anitta falou de modo perverso, sem conseguir esconder seu sorriso.

— Para com essa merda, Anitta! — Luca exigiu, puto da vida.

Não. Eu realmente não deixaria que ela viesse com essa para o meu lado, não quando eu sabia que ela era uma rampeira. Não quando eu sabia tudo que ela falara para Sophia em uma tentativa inútil de tentar destruir o relacionamento de Luca. Eu não deixaria que ela continuasse a levar a melhor.

— Sua vaga... — Eu estava prestes a partir para cima dela, mas Luca me segurou e me calei quando ela me cortou e começou a falar:

— O que é? Você acha mesmo que o fato de ter lhe jogado verde significa que eu estava blefando sobre o que eu disse? Não mesmo. Aproveitei-me muito daquele corpinho delicioso que Henrique tem. *Carpe Diem*, queridinha — Anitta falou enigmaticamente, se referindo à tatuagem com a frase na virilha que ele escondia e riu quando percebeu que eu havia entendido, antes de sair, acabando de acabar comigo.

Porra! Eu não podia acreditar que isso estava acontecendo!

Anitta poderia ser uma cadela, mas depois do que disse, eu sabia que ela estava falando sério. Eu estava apenas chocada, decepcionada, sem conseguir acreditar que Henrique fora capaz de ir para a cama com ela sabendo a pessoa horrível que ela era. E tudo que já tinha me feito, o quanto me humilhara e ainda fora a responsável pela traição do pai de Luca.

Ela, de todas as pessoas, era a última com quem ele poderia ter feito isso. Henrique sabia bem como eu me sentia em relação a ela e ainda assim teve a coragem de ir lá.

— Depois dessa bomba que essa cadela jogou na minha cara, você ainda acha que eu devo sentar para conversar com aquele idiota? Não mesmo! — neguei com convicção e, tentando parar de chorar por causa desse idiota, dei as costas para o meu melhor amigo e entrei em casa depois de tantos anos.

Chega! Não vou mais chorar por alguém que não merece minhas lágrimas!

Nove Anos Atrás...

As primeiras luzes da manhã começaram a surgir na janela e quando isso aconteceu, tentei me levantar, mas grandes mãos e pernas pesadas me prendiam contra um corpo deliciosamente quente e nu. Tentei me afastar mais uma vez, o que fez com que ele soltasse um pequeno gemido descontente e foi nesse momento que senti sua “monstra ereção matinal”.

Mesmo que ainda estivesse um pouco dolorida de tudo que fizemos durante a madrugada, o calor reverberou pelo meu corpo. Foi impossível não sorrir ao me recordar do que acontecera nas últimas horas. Havia sido, sem dúvidas, a melhor noite da minha vida.

Henrique logo começou a trabalhar sua magia, beijando meu pescoço e me puxando mais para ele. Ele não precisou me persuadir, para falar a verdade, ele não precisou de nenhuma palavra para comemorar nossa primeira manhã acordando juntos, pois logo me vi completamente entregue.

Era oficial: ele era incrível e eu estava viciada nele!

Depois de um banho juntos no seu banheiro e de muitos protestos por parte dele, espreitei o corredor pela porta do seu quarto e ele saiu para confirmar que não havia ninguém por ali. Quando viu que o caminho estava livre, saí correndo para porta do meu quarto, mas ele me puxou antes para me dar um beijo. Rindo baixinho, bati nele para que me deixasse sair, mesmo que eu estivesse tentada a ficar.

Como imaginei, Lorena ainda estava dormindo na cama ao lado da minha quando fechei a porta do nosso quarto. Como já tinha tomado banho, fui direto para o closet que dividia com ela, indo atrás de um pijama para usar para tirar um cochilo antes de levantar para meu compromisso da manhã.

Essa casa sempre foi exageradamente grande e quando todos vieram morar aqui, cerca de seis meses atrás, Lorena poderia ter um quarto só dela. Mas conversarmos e resolvemos pedir ao meu pai que juntasse dois quartos para nós duas e saímos ganhando, pois tínhamos mais espaço no quarto e no closet.

Mas hoje, pela primeira vez desde que isso acontecera, eu gostaria de ter um quarto só meu. Não que eu não gostasse de dividir um com ela, porque na verdade eu adorava, mas porque a última coisa que eu queria, além de me verem saindo do quarto de Henrique, claro, era que alguém acordasse e me visse com as roupas de ontem. Mesmo que essa pessoa fosse Lorena, porque eu sabia que teria respostas a dar.

Meu Deus! E se mais alguém tivesse me pegado no corredor? Papa certamente pensaria que eu estava até agora com Daniel...

Travei no exato instante em que me dei conta do que fiz. *Eu o traí*. Traí o meu namorado. No calor da emoção, simplesmente esqueci que tinha um. Mesmo que Daniel não fosse realmente o cara por quem eu estava apaixonada, ainda assim eu o traí e trair alguém era a última coisa que eu pretendia fazer na minha vida. Eu conhecia o sentimento de traição e isso não era algo que queria para ninguém.

Comecei a me sentir mal. Por mais que não tivesse sido planejado, eu não queria que tivesse acontecido assim. Havia sido perfeito, mas não queria que tivesse sido assim, ao menos não estando com outra pessoa. Por mais que eu gostasse de Daniel e o adorasse, eu sabia desde o início que, no fundo, eu queria estar com Henrique, por mais que me esforçasse para que as coisas entre nós desse certo.

Daniel era um cara maravilhoso, que apenas havia me dado seu carinho e atenção e vinha sendo um namorado tão querido. E o que fiz? Eu o traí na primeira oportunidade. Fiz com ele o que prometi nunca deixar acontecer: enganar outra pessoa.

— Porra, Mia! O que você fez? — reclamei baixinho, sentindo aquele embrulho ruim no estômago.

Eu não sabia o que aconteceria comigo e Henrique. Não sabia se ele surtaria e desistiria de nós novamente em breve, mas decidi que mesmo que nós dois não ficássemos juntos, ainda assim eu daria um tempo nos relacionamentos, até ter certeza de que o esquecera. Eu precisava terminar com Daniel.

Suspirei, sabendo que o dia mal começara e eu já sentia, talvez pressentisse, que hoje o dia não seria fácil.



Depois de cumprir meus compromissos durante o dia, no sábado à noite, acabei saindo com os meninos para mais um show de Luca. Meu telefone havia tocado tanto desde que cheguei aqui, e eu já estava começando a ficar com raiva da música do meu toque, *Complicated* de *Avril Lavigne*.

As primeiras ligações foram de Henrique, mas as duas últimas tinham sido de Daniel. Se eu não sabia o que dizer para Henrique, com a culpa que estive carregando desde a última noite e sabia o que tinha que fazer, eu não tinha a mínima ideia de como falar com Daniel.

— Daniel de novo? — Thiago perguntou enquanto Luca me olhava com desconfiança com seu copo de chope. — Você não vai atender ainda? — Suspirei

antes de tomar mais um gole do meu.

— Não — respondi apenas.

— Ok. Que diabos está acontecendo aqui? — Luca perguntou me encarando.

— Nada — menti tomando outro longo gole, me fazendo de desentendida.

— Nada? — ele repetiu, com a sobrancelha arqueada em desconfiança.

— Nada — insisti na mentira

— Nada? — Thiago repetiu a pergunta e eu já estava achando esse jogo chato.

— Inferno! — exclamei. — O que diabos vocês querem saber? — perguntei irritada, dando-me por vencida, e a cara que fizeram demonstrou que eles sabiam que haviam ganhado o jogo e eu tinha reagido exatamente da maneira que queriam.

— Primeiro Henrique chega depois de quase um mês longe, mais feliz do que pinto no lixo, lá em casa, e de manhã cedo e no sábado... — Luca dá ênfase ao fato de que Henrique odeia acordar cedo, principalmente quando se tratava dos fins de semana. — Depois ele liga o tempo todo para você, que não o atende — pontuou nos dedos. — Aí, depois de ir atrás de você, ele me liga para perguntar se está aqui comigo. Para completar, você não atende o telefonema do seu “namorado”, em quem até ontem você estava sempre grudada ou então se derretendo no celular — disse colocando aspas com os dedos na palavra namorado, e revirei os olhos. — Óbvio que aconteceu alguma coisa desde que Henrique chegou. Tenho minhas suposições, mas eu gostaria de ouvir da sua boca. — Terminou de falar com um sorriso malicioso e bufei irritada, porque não tinha dúvidas de que ele sabia.

A melhor parte de ter amigos, no caso, melhores amigos, era que eles te conhecem e sabem tudo sobre você. A pior parte de ter melhores amigos era que eles também te conhecem muito bem, te “leem” e sabem tudo sobre você. Então não adianta tentar mentir ou fingir que nada aconteceu, eles sempre saberão.

— Ok. Vocês venceram — falei jogando os braços para cima em rendição. — Ontem, quando eu estava voltando da boate com Daniel, Henrique nos flagrou do lado de fora e tivemos uma discussão. — Os meninos abafaram risinhos e olhei para eles irritada. — Bom... nem preciso dizer o que aconteceu. — Revirei os olhos e cruzei os braços chateada, enquanto eles caíam na risada.

— Aê! Abriu o “porta-joias”! — Thiago me provocou sobre a minha ex-

virgindade e lancei um olhar mortal para ele, antes de lhe dar o dedo. O que apenas os fez cair na gargalhada novamente.

— Então, como foi? — Luca perguntou assim que eles se acalmaram.

— Não vou falar com vocês sobre isso — resmunguei, embora meu sorriso me traísse.

— Você sabe que saberemos de qualquer maneira — Thiago me lembrou e bufei, dando-me mais uma vez por vencida.

— Bom — respondi e sorri, ciente de que Henrique ficaria puto da vida comigo se escutasse. Eu sabia que “bom” não era a palavra certa para descrever, mas eu não queria dividir o nosso momento com ninguém.

— Só bom? — Luca perguntou parecendo frustrado e me olhava com um olhar divertido, porque, merda, que ele sabia que não fora apenas isso.

— Inferno, eu odeio que vocês me conheçam! — bufei. — Tá bom. Foi incrível! — finalmente respondi-lhes a contento, e os dois caíram na risada.

Felizmente fui poupada de dar mais detalhes para eles, porque Luca foi chamado pelo dono do bar para ir ao palco fazer a passagem de som. Ainda tive que aguentar Thiago no meu pé, mas não demorou muito, porque logo Mariah e Lorena chegaram com seus respectivos namorados, o que fez meu melhor amigo esquecer-se de mim. E felizmente eles não demoraram muito à nossa mesa e encontraram uma para eles, pois eu estava achando que Thiago bateria em Peter a qualquer instante.

Sinceramente, já estava ficando cansada de ele não tomar uma atitude sobre Mariah. O que eu realmente não entendia, pois desde que Mariah se entendia por gente que ela era apaixonada por ele. Se Thiago continuasse a tentar fugir do que sentia por ela, em breve a perderia. Só esperava que ele não deixasse isso ir tão longe.

Enquanto esperávamos o show de Luca começar, eu estava bebendo um chope com Thiago e acabei olhando para o corredor de mesas ao nosso lado, quando percebi Bia Soares se aproximando da nossa. Ela usava uma saia jeans que parecia mais um cinto e uma blusa de alcinha curta, mostrando seu piercing no umbigo, que tinha uma enorme estrela pendurada em uma corrente.

Vaca!

Assim que ela ficou de frente a Thiago, se abaixou provocativamente, lhe dando visão dos seus seios, e lhe tascou um grande beijo na bochecha.

— Oi, *superstar* — ela o cumprimentou, com aquele seu jeito que mostrava estar “disponível” para ele hoje à noite. Ou em qualquer outra.

— Oi, Bia. Como você está? — Thiago perguntou com seu sorriso encantador, sempre muito educado mesmo com quem não merecia.

— Estou bem melhor agora. — Ela lhe deu um sorriso malicioso e revirei os olhos para o quanto ela era óbvia. Bianca então pareceu me notar e voltou seu sorriso de rapariga para mim. — Mia, amiga — ela disse antes de me cumprimentar, me dando beijinhos ao vento.

— Olá, Bia — respondi friamente, tentando respirar longe do seu perfume enjoativo de rapariga.

Bia era loira do tipo oxigenada, cabelos cacheados, alta, magra e com seios enormes, presente de seu pai quando completara quinze anos, e ela se orgulhava em dividir, principalmente com os garotos. Ela fez algumas participações em novelas, mas nada sério. Talvez não tenha conseguido nada melhor, porque ainda que fosse tão nova, ela tinha uma cara de biscate. E, sim, ela era dessas.

Eu não julgava as pessoas pelo tamanho das suas roupas, mas eu conhecia Bia. Ela usava propositalmente saias jeans feitas para “flertar”, blusas de alcinha para lhes dar um acesso fácil, juntamente com sandálias de salto “quinze”. Era bem digna de uma esquina. Quase todos os garotos bonitos da escola já dormiram com ela, incluindo, claro, meus amigos.

— Adoro quando nos encontramos fora da escola — ela disse para mim. — Você está linda. Nem parece a mesma sem aqueles uniformes horríveis que temos que usar. — Fez uma careta e sorri, sentindo inveja de Thiago por ele ter tanta paciência com pessoas como ela.

Bia estudava na mesma turma que eu, mas isso não queria dizer que tínhamos qualquer vínculo de amizade. Muito pelo contrário, eu não a suportava, porém era muito educada para dizer. Ela era tão ridícula, que tentava forçar uma amizade entre nós, apenas por causa dos meninos. Estava claro que ela não me conhecia, porque eu já estava vacinada contra esse tipo de amiga “pomba gira” e interesseira há muitos anos.

— Vocês fazem falta na escola — ela continuou a tagarelar.

— Mas sempre acabamos nos encontrando. — Thiago, mais uma vez, tentou ser simpático.

— É verdade, mas não tanto quanto eu gostaria — falou descarada e revirei os olhos. — E Henrique, não vai dar o ar da graça hoje? — perguntou com um sorriso ainda mais malicioso, e senti meu sangue queimar.

— Uh... Ele já deveria ter chegado — Thiago respondeu, tentando desconversar, voltando a tomar um gole na sua caneca.

— Ele é um querido — afirmou e ignorei-a enquanto ela se debruçava sobre a mesa dando uma visão dos seus seios para Thiago.

Sim, ela era tão ridícula e óbvia, meu Deus!

De canto reparei Mariah olhando diretamente para nossa mesa, mais precisamente para Thiago e Bia. Se tivesse um ovo na mão, eu certamente poderia fritar sobre Mariah, porque ela estava fervendo de raiva. Quando vi como ela estava, pedi licença e fiz meu caminho até a mesa dela.

— Você pode vir comigo ao banheiro? — perguntei assim que parei na frente dela.

— Sim — Mariah concordou, se pondo de pé imediatamente, parecendo aliviada por eu tê-la resgatado das garras de Peter.

No caminho para o banheiro, encontramos algumas pessoas, acenamos para alguns e fingimos que não vimos outros que a gente não suportava. Felizmente nosso *feeling* era bem parecido, porque costumávamos não gostar das mesmas pessoas, então isso facilitava, e muito, nossa vida.

Assim que chegamos ao banheiro, olhei para Mariah e ela estava um pouco vermelha ainda.

— Você está bem? — perguntei preocupada.

— Sim. — Suspirou. — Estou bem — garantiu mais para si mesma, antes de pegar o gloss do seu bolso e passá-lo nos lábios, olhando-se no espelho.

— Mesmo, Mah? Você sabe que pode falar comigo, não é? — perguntei, esperando que a resposta fosse afirmativa.

— Claro! Você é minha amiga. Eu só estava precisando de um pouco de ar mesmo — sua resposta veio com um sorriso que não chegou aos seus olhos.

Nesse quesito Mariah era muito parecida comigo, nós gostávamos de esconder o que sentíamos. Mesmo que eu já soubesse a verdade, ela havia me confessado o quanto era apaixonada por Thiago. Mas ela me fez prometer que não falaria mais sobre isso, pois também odiava dar o braço a torcer. E por mais que eu tivesse prometido para mim mesma que não me intrometeria, era uma pena que ela não quisesse isso, porque eu sabia o quanto eles dois se dariam bem.



Quando cada uma voltou para sua mesa, Thiago parecia ter dado um jeito de se livrar de Bia. Quando perguntei o que havia feito, ele só me deu aquele sorriso malicioso e tive certeza de que mais uma vez ele tinha me usado como desculpa. Sério. Eles faziam isso tantas vezes, que se fossem contabilizar cada uma delas, eu certamente teria levado o troféu de *Galinha do Século*.

Eu estava no meu segundo copo de chope e Luca se preparava para começar o show, quando notei Henrique se aproximar do palco. Nós não havíamos nos visto hoje depois que saí do seu quarto. Eu sabia que ele obviamente apareceria, mas ainda assim meu coração bateu mais forte com sua visão.

Henrique chamou Luca, que se abaixou na beira do palco, e cochichou alguma coisa em seu ouvido. Luca olhou para Henrique com a sobrancelha levantada, antes de olhar para nossa mesa e de volta para ele, com um leve sorriso nos lábios. Henrique disse mais alguma coisa com nosso amigo já de pé, que concordou antes de se dirigir para o centro do palco.

Henrique se virou na nossa direção e veio caminhando até a mesa sem tirar os olhos de mim. Embora temesse que alguém reparasse, não consegui desviar o olhar. Era como se a conexão dos nossos olhos fosse impossível de se quebrar. E era, porque me vi presa naquelas duas esmeraldas de forma irrevogável.

As meninas do nosso colégio tentavam chamar sua atenção, mas ele as ignorou. Sempre foi assim, elas ofegavam e molhavam suas calcinhas cada vez que ele sorria em sua direção. Mas ele nem ao menos estava sorrindo para elas, estava sorrindo para mim. Se ele tinha tudo isso, se tinha todas elas, por que ele estaria olhando apenas para mim?

Como sempre, ele me olhou como se lesse dentro de mim e respondeu com os lábios: “Quero só você”. E eu sabia que era verdade, sentia isso e não me incomodava, porque nós dois sabíamos o que sentíamos um pelo outro. Eu sabia que ele me amava. Nós podíamos brigar, nos estapear, mas a verdade era que não podíamos mais negar o que havia entre nós. *Nós dois*. Deus, isso só parecia certo!

Sem pedir licença, ele sentou-se ao meu lado e me deu um beijo no canto dos lábios. Um arrepio vibrou pelo meu corpo e eu sabia que ele também sentira pela forma que me olhava. Não sabia explicar como eu conseguia sentir a reciprocidade vindo dele, mas parte de mim me garantia que era porque o que tínhamos era forte demais para esconder. Mas a outra parte, aquela que ainda ouvia o que minha mãe dizia sobre mim, me dizia que estava exagerando sobre seus sentimentos por mim.

— Boa noite, galera! — Luca falou ao microfone, interrompendo nossa conversa silenciosa. — Para quem não me conhece, sou Luca e estou aqui para abalar a noite de vocês — disse arrogantemente e em seguida dei uma piscadinha para as meninas que estavam em frente ao palco, que deliraram e soltaram gritinhos.

Revirei os olhos e comecei a rir. Sempre acontecia isso nos seus shows, as mulheres simplesmente enlouqueciam com qualquer coisa que ele falasse. Não sabia por que ainda me surpreendia. Luca então começou a cantar *Epitáfio* de Titãs e as meninas suspiraram com sua

interpretação.

Sim! Imagine só ter que aguentar isso todo show!

Sério, eu adorava ver meu amigo no palco. Ele era bom no que fazia e me surpreendia mesmo que ele não quisesse seguir carreira, porque ele tinha tudo que um artista completo precisava: Era um gato, tinha carisma, era talentoso, sua voz era linda e ainda tocava violão. O que convenhamos, não havia nada mais sexy do que homem que tocava violão.



— Você falou com Daniel? — Henrique perguntou no intervalo da canção.

— Henry, nós precisamos conversar... — tentei falar, me sentindo mal por me lembrar do que havíamos feito, mas Henrique me cortou:

— Não, Mia. Sem desculpas — falou sério. — Ele está te ligando, atenda e apenas termine tudo — exigiu, estendendo meu celular, que tocava, para mim.

Engoli em seco e fiz como ele me pedira. Eu disse que precisava falar com ele, mas Daniel me surpreendera ao dizer animado que estava chegando. Não soube o que dizer, apenas concordei.

— O que foi? — Henrique perguntou.

— Ele está vindo aqui — respondi sem jeito e ele bufou, nada contente.

— Eu não vou tolerar aquele cara em cima de você, Mia — ele avisou puto.

— Para com isso, Henry. Eu vou chamá-lo para conversarmos e só — afirmei.

E foi nesse momento que Luca começou a falar ao microfone e disse algo que chamou minha atenção:

— A próxima é um pedido de um amigo, que pediu para dizer para a sua garota que a ama, e com essa música ele quer dizer que vai “aonde quer que você vá” — ele disse, olhando diretamente para nossa mesa.

Meu coração bateu desesperadamente no meu peito e com lágrimas nos olhos eu tive que me lembrar de respirar. Quando a música começou a tocar, eu esqueci tudo. Sobre o quão ruim eu me sentia por ter traído Daniel. Sobre o quanto estava com medo de Henrique me magoar. Esqueci. Esqueci porque ele estava aqui, me olhando como se eu fosse a única pessoa que ele queria ao seu lado.

Quando a canção terminou, eu malmente conseguia controlar minhas lágrimas e quando Henrique começou a secá-las, ele me disse algo que não esperava ouvir dele:

— Eu não vou mais para a Itália, Mia. Não sem você.

O quê? Como assim? Como ele não iria?

— O que quer dizer com isso? — perguntei esperando estar errada e não ter realmente

escutado o que ele falou.

— Eu não vou. Ao menos não agora. Não sem você. Se for o que quer fazer, nós iremos depois. Mas por enquanto não vou me afastar de você, *Miamor* — assegurou sorrindo e me vi rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Você só pode estar louco! Você sonha com isso desde que nos entendemos por gente! — eu o lembrei e ele voltou a sorrir.

— Mas no meu sonho você sempre esteve comigo. Então ir sem você apenas não faz sentido — disse com convicção e eu acariciei seu rosto.

— Você é realmente louco — falei sem consegui esconder meu sorriso.

— Louco por você! — falou sem tirar os olhos dos meus.

Eu estava prestes a esquecer-me do que deveria mandar tudo para o alto antes de beijá-lo, sem me importar com quem veria ou deixaria de ver. Mas então a voz da razão me chamou, mais conhecida como Thiago limpando a garganta.

— O quê? — Henrique perguntou irritado pela interrupção.

— Daniel — ele respondeu em um murmúrio, tentando disfarçar com a caneca na boca.

— Mia? — Daniel chamou meu nome.

Ai. Deus! Daniel! Como pude esquecê-lo?

Novamente me senti mal por tê-lo traído. Mas ainda que soubesse que o que fiz foi errado, eu tinha plena certeza de que seria ainda mais errado em persistir em nosso namoro. Principalmente depois de tudo e com Henrique abrindo mão do seu sonho para me esperar. Para ficarmos juntos.

— Dan. — Eu me pus de pé rapidamente, ficando de frente para ele. — Que bom que chegou — falei sem jeito, antes de completar: — Precisava falar com você.

— Eu também, minha Miss. Estava com saudades — afirmou antes de vir me beijar, e ainda que eu tivesse tentado desviar, já era tarde demais.

Antes mesmo de me afastar do rápido beijo, vi a cadeira de Henrique se arrastar, e por mais que eu soubesse que tinha que terminar logo o que tínhamos, algo foi mais forte do que eu naquele momento, me impulsionando a segui-lo, e me vi pedindo licença para ir atrás dele.

Corri o mais rápido que pude para alcançá-lo pela multidão, mas foi mais difícil do que pensei. E quando finalmente o encontrei, minutos depois de deixar a mesa, ele estava perto do corredor do banheiro e não estava sozinho: ele estava com Bia. Beijando-a.

E meu mundo caiu!

Tempos atuais...

Voltar para casa depois de tanto tempo foi bom, ainda assim, tão estranho. Difícil. Há anos eu não vinha passar nem ao menos um fim de semana aqui. Há anos que não deitava na minha cama ou comia do tempero de Sabá ou minha dinda. E pela primeira vez entrei e meu nonno não estava lá para me receber, e isso foi o mais difícil de tudo.

Por mais que soubesse que ele estava bem, que estava se recuperando, ainda assim era como se faltasse um pedaço naquela casa. E todos pareciam se sentir da mesma maneira, porque o clima não era dos melhores sem ele ali. Apertei e beijei muito meus irmãos caçulas, enchi Sabá de beijo e só depois de tomar um banho e comer um prato de dobradinha digno de pedreiro, que finalmente fui para o quarto que dividia com Lorena para dormir.

Não importava quanto tempo tinha passado, bastou pisar na minha casa novamente para que meu relógio biológico voltasse a funcionar, porque às sete da noite em ponto eu me vi acordando, embora não tivesse dormindo muito. Esse era o horário sagrado de jantar dos Guiotto e sabia que se eu descesse, os encontraria à mesa. E foi o que fiz.

A extensa mesa já estava posta com as melhores comidas do mundo, e com nossa família ali reunida ficou mais difícil não notar a ausência de meu nonno, porque ela tornou-se ainda mais árdua de ser sentida.

— Boa noite. — Eu me obriguei a sorrir ao cumprimentá-los.

— Boa noite, minha filha. Que bom ouvir isso daqui e não a milhares de quilômetros — meu pai falou sorrindo e fiquei feliz e também aliviada por ele ter voltado do hospital, por isso fui até ele lhe dar um beijo.

— É bom estar aqui também, *Papa*. — Beijei seu rosto mais uma vez, antes de ir me sentar na cadeira que ficava em frente à sua, pois jamais ocuparia o lugar que sempre seria do meu nonno.

Mas, infelizmente, tinha acabado de me sentar e não demorou para que cadeira ao lado da minha fosse ocupada.

— Desculpem o atraso. Mas acabei pegando um engarrafamento quase chegando aqui — ele se desculpou ao se sentar e, como se não fosse nada de mais, se virou para mim: — Olá, Mia. — Beijou meu rosto e sorriu aquele sorriso que costumava me deixar louca de paixão e agora eu apenas queria esmurrar.

Convencido dos infernos!

A mesa era enorme e por causa disso estava repleta de assentos vazios, mas ainda assim Henrique resolvera se sentar justamente ao meu lado. Era no mínimo uma provocação. E o pior era que eu nem mesmo poderia me levantar para mudar de lugar, o que certamente levantaria suspeitas.

— Consegui fazer Vittorio sair do hospital depois que o médico o deixou ver meu sogro rapidamente — minha dinda desconversou, chamando nossa atenção para ela.

— E como ele está? — Lorena quem perguntou.

— Está ótimo. Se recuperando bem. O médico garantiu que ele ficará apenas o necessário no hospital, apenas por precaução, para que se convalesça bem. Mas que logo estará em casa. — Meu pai sorriu nos tranquilizando.

— Graças a Deus! Fiz tanta promessa para que o Sr. Enrico ficasse bem. — Sabá se benzeu antes de limpar suas lágrimas, e Léo, que estava ao seu lado, beijou-a com carinho.

Nossa “babá” não fora apenas a pessoa que cuidou de cada um de nós quando pequenos, ela também era um pouco nossa mãe, fazia parte da nossa família. Dedicou-se e amava cada um de nós como filhos, além de ter meu nonno como o pai que perdera tão cedo, um pouco antes de vir da Bahia cuidar de Henrique, quando ele nascera, e ainda era tão nova.

— Todos estamos felizes com a notícia. Acreditam que nos poucos minutos em que ficara acordado ele teve a coragem de me dizer que apenas assim para a família toda se reunir na sua casa? — papa disse de modo acusatório, sem tirar os olhos dos meus, e engoli em seco, tentando controlar minhas lágrimas.

Foi impossível não me sentir culpada, quando eu sabia que ele tinha razão. Quando eu sabia que isso, especialmente essa escolha de não voltar, fora minha, apenas minha. Mesmo que o motivo esteja ao meu lado, não nos encontrarmos foi meu motivo de não querer voltar.

— Deixa de bobagem, querido. Não importa onde nossos filhos estejam, sempre estamos juntos — minha dinda tentou, como sempre, remediar, embora meu pai ainda não tivesse tirado os olhos de mim.

— Não é bobagem, querida, mas se antes eu já achava bobagem essa ideia de continuar a viver longe, hoje, depois do que aconteceu com *mio papa*, acho completamente absurdo — afirmou, me fazendo abaixar meu olhar para o meu prato.

— Nós temos uma vida lá, *papito* — Lorena resmungou.

— A vida de vocês é onde a família está — reclamou emburrado, antes de continuar: — Até mesmo seu namorado mora aqui, *Morena*, não sei por que ainda insistem em continuar em Nova Iorque.

— Caio entende — respondeu simplesmente.

— Claro que entende, afinal, 99% do tempo você está terminando com ele e no restante do tempo você está sendo louca com ele — Léo acusou, tirando risos de todos à mesa, enquanto ela tratava de insultá-lo.

Ele tinha razão. Lorena e Caio tinham o namoro mais estranho e temperamental da face da Terra. Eles facilmente superavam minhas idas e vindas com Henrique, embora o término deles nunca tenha sido tão substancial a ponto de passarem mais do que duas semanas separados.

— Pelo menos eu tenho um relacionamento — Lorena alfinetou Léo, que não se incomodou nem um pouco com sua indireta, tanto que logo respondeu:

— Se for para ter um relacionamento louco como o seu, prefiro continuar solteiro. Honestamente, eu não sei como Caio consegue te aguentar, louca — complementou, deixando Lorena enfurecida.

Mais uma vez Leonardo tinha razão. Eu já tinha dito para Lorena uma e outra vez que não sabia como Caio conseguia aguentar seus surtos, pois ela era realmente a louca do relacionamento. Vez ou outra ela terminava com ele, sem motivo aparente ou apenas porque ela se achava no direito de ser louca, e na semana seguinte os dois voltavam, porque Caio era tão apaixonado por Lorena, que mesmo com suas loucuras, ele parecia não saber viver sem ela. Não era à toa que eles estavam juntos há mais de doze anos.

— Vocês dois podem parar. Parecem que não crescem. Deveriam seguir o exemplo de Mia e Henrique, que acabaram com as briguinhas adolescentes — minha dinda apontou, fazendo-me engasgar.

Ah, se ela soubesse!

Henrique teve que me acudir, o que eu não sabia se tinha sido pior, porque no momento que ele encostou em mim, me vi perdendo o ar. Sabá se levantara para me dar um copo de água, enquanto minha dinda me abanava com o jogo americano e Henrique continuava a dar tapinhas em minhas costas, em uma tentativa de me desengasgar.

— Está melhor, boneca? — minha dinda perguntou, quando bebi um gole da água e finalmente consegui me desengasgar.

— Estou sim — garanti, me desvencilhando de Henrique, que ainda não me soltara, enquanto ela me olhava como se estivesse me analisando.

Ah, não, dinda! Não faça isso!

— O que foi isso? — ela perguntou olhando de mim para ele.

Droga! Droga! O que eu diria?

— Nada. Acho que devo ter comido rápido demais. Estava faminta — menti, mas ao meu

lado pude ouvir Henrique fingir um espirro dizendo: “*Mentirosa*”. O que lhe rendeu um bom pisão no pé, mas ela continuou sem arrender dali, como se esperasse por uma resposta.

— Mãinha, a senhora não deveria parecer tão surpresa. Acho que nossa última refeição decente foi há meses. — Lorena tentou chamar sua atenção e felizmente conseguiu, porque ela nos olhava indignada agora.

— Como assim há meses? — Sua pergunta foi um pouco acima dos decibéis suportáveis. — Vocês me garantiram que estavam se alimentando bem! — ela falou de modo acusatório.

Nem tive tempo de agradecer a Lorena por ter nos livrado de um interrogatório, porque minha dinda começou a reclamar sobre nossa má alimentação, o que apenas deu mais motivos para que meu voltasse a falar sobre ainda morarmos fora.

Se tinha uma coisa com a qual dona Socorro não brincava era com nossa alimentação. Desde pequenos que ela pegava no nosso pé quando o assunto era esse, pois com isso não se brincava e, para ela, comer e dormir eram as coisas mais importantes do dia. Não era à toa que até hoje, mesmo que seus filhos mais velhos morassem fora, ela ainda assim garantia que a geladeira deles estivesse sempre abastecida e deixava suas refeições prontas apenas para que eles esquentassem.

Uma baiana obcecada com comida não poderia combinar mais com um descendente de italiano, que era apaixonado pela família e gostava de seguir a cultura italiana à risca. Por mais condescendente que minha dinda tentasse ser com nossas escolhas, ela poderia nos apoiar, mas assim como meu pai, ela gostaria de ter todos os seus “filhotes embaixo das suas asas”.

— Para de drama, mãinha. Nem sempre temos tempo para nos preocupar com isso — Lorena continuou com uma briga que era mais do que certa que perderia.

— Drama? — Minha dinda colocou a mão sobre o coração. — Não é drama querer apenas o melhor para os meus filhos. Eu me preocupo com a saúde e qualidade de vida de vocês. Julgue-me por isso! — dramatizou e eu tive que tentar segurar o riso.

Não disse? Briga perdida!



O jantar seguiu e quase morri de tanto comer, porque Lorena realmente não estava mentindo quando disse que não tínhamos uma refeição decente há um bom tempo, ainda assim encontrei espaço para sobremesa. Se não fosse pudim de leite eu me julgaria pela minha gula, mas como era, apenas comi sem pensar em quantas horas de academia eu precisaria para tentar recompensar a celulite que iria para minha coxa depois do segundo pedaço.

Então quando o jantar terminou, seguimos para a sala em mais um momento da família, onde tomávamos um cafezinho enquanto assistíamos à novela das nove, e quase sempre víamos

Thiago interpretando algum papel, e depois seguíamos para o nosso quarto.

Normalmente eu era uma das últimas a me recolher, porque acabava pegando um livro para ler ou qualquer coisa assim, mas depois das poucas horas de sono, eu ainda estava cansada demais para ver o jornal do horário noturno terminar.

— Gente, me desculpe, mas vou me retirar — avisei entre um bocejo e outro.

— Vá, boneca. Você quase não descansou — minha dinda disse com um sorriso.

— Mia? Vamos tomar banho de piscina amanhã? — Lia pediu, e eu rapidamente concordei.

— Vamos sim. Só tenho que ver se ainda tem algum biquíni meu antigo perdido por aqui. —

Dei um beijo em seu rostinho e continuei: — Mas apenas pela manhã, ok? Porque depois tenho que ir ver nosso nonno no hospital — avisei e ela concordou entusiasticamente.

— É injusto não podermos ir para o hospital também — Vittoriozinho disse emburrado.

— Crianças não podem fazer visitas no hospital, filho — papa lhe disse, e seu bico aumentou ainda mais.

— Eu não sou mais criança. Tenho dez anos, sou aborrecente — resmungou, nos fazendo rir.

Meu irmão mais novo era tão Henrique, que chegava a assustar. Ele era realmente um “mini-ele” tão perfeito, até mesmo com seu jeitão independente e suas imperfeições.

— Cresça e apareça, aborrecente — Henrique o provocou, bagunçando seu cabelo, o que o fez ficar ainda mais irritado e seu bico crescer.

— Deixe ele, Henrique — falei, pela primeira vez me dirigindo a ele desde que nos falamos no hospital, mas logo tratei de desviar meu olhar do seu. — Não fique assim, mini-Henrique, vou perguntar para o médico se vocês podem vê-lo, mesmo que seja rapidinho. E se permitir, prometo levá-los, lá. Tudo bem? — perguntei para os dois, que assentiram animados, e dei um beijo no meu irmão mais novo antes de me despedir do restante da família e sair dali.

Mas eu não deveria ter ficado aliviada por saber que estava indo dormir, e muito menos em me livrar de Henrique, porque assim que cheguei ao segundo andar, ele me alcançou.

— O que foi, Henrique? — perguntei quando ele segurou meu braço, impedindo que eu seguisse em frente.

— Quero falar com você — afirmou sem me soltar.

— Me desculpe, mas eu não tenho nada para falar com você — tentei me desvencilhar dele enquanto lhe respondia, mas embora ele tivesse me soltado, ainda assim não saiu da minha frente.

— Até quando você vai continuar me evitando, Mia? — ele perguntou sério, parecendo até mesmo irritado.

— Até quando eu morrer — respondi, ficando igualmente irritada.

— Você mudou...

— Graças a Deus! — respondi sarcasticamente, e me virei para sair.

Diabos que ele me seguiu e parou a menos de dois centímetros na minha frente!

Tão perto que o calor do corpo dele envolveu cada centímetro meu. Os olhos verdes buscaram os meus e depois desceram para inspecionar o resto do meu corpo. Eu devia mandar que ele parasse, ou fazer um comentário sarcástico, ou pelo menos me sentir humilhada por ele estar fazendo isso depois de tudo, mas nada disso aconteceu. Muito pelo contrário, meu coração bateu tão desesperadamente, como se uma descarga de adrenalina tivesse sido injetada e ele voltasse a bater como não batia há anos.

Mesmo depois de tanto tempo e depois de tudo que nos aconteceu, o sentimento, a atração... estava tudo presente e muito mais intensos do que já foram um dia.

Sério. Eu deveria ser considerada um caso para internação, com uso de camisa de forças!

— Você não pode ter mudado tanto. Você não pode achar que eu devo continuar a me manter distante de você — ele disse, quase em um sussurro.

Ah, obrigada! Isso me fez recobrar minha consciência e me lembrar do que me fez manter distância!

— O que você queria, Henrique? Que eu continuasse a mesma Mia que era com dezessete, dezoito anos? Aquela que você trocou pela sua maldita carreira? Ou aquela que você deixou tantas e tantas vezes? Sinto te dizer, mas o tempo passou. Eu cresci, aprendi com meus erros e mudei. Hoje sou outra, pois tive que aprender sozinha a viver sem você. E tenho que te dizer: estou feliz desde então — não houve pesar algum em minha voz enquanto eu falava, nem mesmo quando passei por ele e deixei-o ali com um olhar magoado no rosto.

Nove Anos Atrás...

Fiquei ali olhando a cena por um tempo que me pareceu eterno e, quando Henrique empurrou a vadia da Bia, depois de um tempo que me pareceu eterno, eu finalmente acordei do meu torpor, e foi nesse exato momento que ele também me notara. Eu vi em seus olhos que ele fora pego tão de surpresa quanto eu, por Daniel, ainda assim isso não diminuía em nada a dor que senti ao vê-lo beijar outra. Por isso simplesmente lhe dei as costas e ignorei suas tentativas de chamado.

— Mia, olha para mim... — ele pediu e o interrompi, fazendo sinal para o garçom, que passava com uma bandeja de chope, e peguei um para mim.

— Bota na conta dele, ele paga — falei apontando para Henrique, antes de tomar a bebida em um gole só, e voltei a entregar a caneca vazia.

— Espera! Por favor! — gritou, enquanto o garçom ia embora e eu tentava passar por ele.

— Henrique, relaxe, está tudo bem. Você teve o que queria. Não se sinta na obrigação de abrir mão da sua vida e dos seus sonhos por minha causa. Especialmente quando você não quer abrir mão da sua solteirice, como já me disse uma vez. Pelo menos tive o prazer de perder meu cabaço em uma foda incrível. — Seus olhos se arregalaram e sua boca caiu aberta quando terminei de falar. — Assim... Agora pode seguir em frente e continue comendo todas, está bem? Só me deixe em paz — falei, antes de voltar para a nossa mesa, onde peguei as mãos de Daniel e o levei para a pista de dança.

Não sei quanto tempo fiquei dançando com Daniel, mas uma vez que me senti cansada de tanto dançar e notei que Henrique não estava mais por perto, voltei para a mesa, mas apenas porque eu precisava desesperadamente de uma bebida.

— Outro chope, por favor — pedi ao garçom que tinha um *timing* perfeito e chegara para anotar nosso pedido.



Outro chope foi transformado em vários outros e eu sinceramente perdi o controle sobre a quantidade deles. E assim eu oficialmente me transformei no grande exemplo de por que adolescentes não devem beber.

Daniel se tornou a pessoa mais hilária na face da Terra, ou pelo menos era o que parecia, porque eu não conseguia parar de rir enquanto ele falava. Do jeito que eu estava, eu certamente acharia hilário até mesmo se ele me contasse em detalhes sobre os inúmeros tipos de doenças venéreas nojentas que ele certamente aprendia na faculdade.

— *Tchuca*, chega para você! — Luca rosnou, quando fui pegar a outra caneca de chope que pedi ao garçom.

— Por quê? — perguntei, tentando manter o controle sobre minhas palavras.

— Porque você está malditamente bêbada! — ele respondeu, como se fosse óbvio.

— Sim. Você está — Thiago concordou, levando para longe minha caneca, e tentei soar ofendida.

Sim, eu estava condenada!

Ser advertida por beber demais por Luca Campanaro e Thiago Ryan era o cúmulo da ironia e vergonha. Normalmente, era eu quem fazia esse papel de tentar colocar limite neles. Mas eu tinha que admitir, era a mais maldita verdade. Eu estava tão bêbada, que poderia concordar que estava realmente bêbada.

— Deixa que te ajudo — Daniel se ofereceu quando Luca me colocou de pé e me vi escorando-me nele.

— Não precisa, cara. Pode deixar que cuido dela e a levo para casa — Luca garantiu.

— Tem certeza? — Daniel perguntou, parecendo preocupado.

— Ohhhh! Que bonitinho! Ele não é meigo, Tigrão? — perguntei, com a voz enrolada para o meu melhor amigo.

— Sim. Muito bonitinho — Luca respondeu rindo. — Agora vamos, Tchuca — continuou a me arrastar.

— Eu acho que quero um brigadeiro — falei, enquanto andava meio cambaleante.

— Vamos providenciar um para você — Thiago garantiu.

— Eu já disse que vocês são os melhores amigos que podem existir? — perguntei sorrindo para eles, embora eles não parassem de se mexer.

— Já. Mas eu espero que depois dessa noite você tenha essa certeza para o resto da vida — Luca disse e não entendi por que ele e Thiago começaram a rir.



Não me lembrava muito bem de como chegamos. A única coisa que lembrava era que tinha conseguido chegar até aqui por causa de Luca e Thiago e que, além de choro comendo brigadeiro,

todo o resto ainda era meio nebuloso para mim. Acordei na casa de Thiago, que depois de me ajudar enquanto colocava as tripas para fora da boca, me disse que achara melhor que eu dormisse ali, em vez de ir para casa para que não vissem o estado em que me encontrava.

Meu Deus! Que vergonha!

Apesar de eles terem avisado onde eu estava, ainda era cedo quando voltei para minha casa, deixando meus dois “anjos da guarda” deitados abraçadinhos durante o sono. O que inevitavelmente me fez rir, mas como eles haviam sido tão bons para mim na noite passada, prometi que só usaria isso contra eles em caso extremo.

Joguei-me na minha cama e voltei a dormir. Depois de acordar ainda de ressaca, passei a manhã toda esgueirada no quarto. Eu sabia que Henrique estaria com Luca e Thiago depois de tanto tempo fora, então nem pude correr para lá novamente. Então quando me vi segura o suficiente para não colocar meus bofes para fora, resolvi levantar.

Papa pareceu perceber que eu não estava de muito bom humor e, quando pedi, deixou que eu pegasse o carro da minha madrastra, mesmo que eu ainda não tivesse carteira, mas Henrique me ensinara a dirigir quando eu tinha 14 anos e por isso ele confiava em mim para permitir. Então, com as chaves na mão, chamei Mariah e Lorena para fazermos a única coisa que ajudava nas melhores e principalmente nas piores horas: compras.

As duas ficaram tão animadas com o convite, e falavam tanto e o tempo todo, que eu já estava ficando com dor de cabeça dessas duas futriqueiras. Permaneci calada, coisa rara, tinha que admitir, mas nada como uma visita na *Farm* e na *Colcci* para sentir o cheiro de roupa nova, experimentar uma montanha delas e sair com um monte de sacolas para nos fazer esquecer os problemas e de cara ainda ficar linda.

Nós três poderíamos ter cartão de crédito e mesadas, mas nossos pais estabeleciam limites para nossas compras. Então era uma coisa de veste, desfila e tira para termos certeza do que íamos levar. Às vezes, quando a roupa era muita cara, a gente dividia o valor entre as três e nos revezávamos para usá-la. Era ótimo porque, além de termos não apenas o biótipo, mas também estilos diferentes, a gente não corria o risco de sair com a roupa igual na rua.

Já era quase noite quando finalmente chegamos em casa. Notei que o carro de Henrique não estava na garagem e acabei suspirando aliviada. Ele havia me mandado mensagem o dia todo, mas eu ainda não sabia se queria encontrá-lo, apesar de ter sido incrível, eu me sentia mal pelo que fiz a Daniel e principalmente pelo que aconteceu depois. A bebida e a ressaca definitivamente não foram o suficiente para esquecer.

Quando estava saindo do carro, cacei meu celular na bolsa e liguei para o celular de Luca.

— Ei, *Tchuca!* — ele disse ao atender.

— Ei, Tigrão. Está em casa? — perguntei batendo a porta do carro.

— Tô. Acabei de chegar. Estava com Thiago e Henrique no Maracanã. — Revirei os olhos, eles decerto haviam ido para o jogo do Flamengo, pois os três nunca perdiam unzinho sequer. — Tomando uma cerveja aqui. Vai?

— Vou. Acabei de chegar do Shopping com Lore e Mariah, só vou deixar minhas compras aqui em casa e apareço aí — respondi, entrando em casa.

— Ok. Até, *Tchuca*. Beijos! — nós nos despedimos e logo desliguei.



Depois de dar “oi” para todo mundo e colocar minhas sacolas no quarto, corri para a casa ao lado da minha. A porta estava aberta, sinal que Luca já havia deixado assim para que eu entrasse, e o fiz dando de cara com tia Paola, que estava na sala conversando com Mariah sobre o encontro que ela teria hoje à noite com seu então namorado, Peter.

Tia Paola era uma mulher meiga, doce e incrivelmente linda. Seus filhos herdaram seus cabelos bem pretos, olhos azuis e traços delicados. Mariah era exatamente igual a ela quando mais nova, pelas fotos que vi. Luca se parecia muito com a mãe, apesar de ter algo parecido com tio August também.

O pai de tia Paola era um fazendeiro italiano grande amigo de meu *Nonno*. Tio August e tia Paola moravam nessa fazenda desde que nasceram, e quando seu *Papa* descobriu que os dois estavam namorando na época que ainda eram adolescentes, ele mandou tio August ir para a capital para estudar e se formar. Ele se formou e se casou com tia Paola logo em seguida e com o dinheiro do dote — sim, dote, família italiana tradicional, lembra? —, ele abriu uma empresa com seu melhor amigo, a *Campanaro & Velasque Empreendimentos*, que rapidamente cresceu.

E desde o que Luca me contou sobre o que viu, que toda vez que vejo tia Paola inevitavelmente me lembrava disso: Anitta Velasque, filha do sócio do seu marido, estava se atracando com tio August. Era horrível, simplesmente nojento. Eu não podia conter o nó no estômago e o sentimento ruim que sentia a cada vez que isso acontecia.

— Oi, Mia, querida — ela me cumprimentou com seu sorriso doce, assim que me avistou.

— Oi, tia. — Engoli em seco. — Desculpe entrar assim, mas Luca deixou a porta aberta, espero que isso não seja incômodo — falei em tom educado.

— Imagina. Você nunca é incômodo, querida. Sabe que é de casa. Sempre será muito bem-vinda aqui. — Ela sorriu docemente. — Estava aqui vendo as compras que fizeram. Já vi que estouraram seus limites hoje — falou, remexendo

as sacolas de Mariah.

— Sim — respondi rindo.

— Mia, você acha que devo usar qual vestido hoje? — Mariah perguntou estendendo dois dos vestidos que comprou, e sentei para pensar sobre a escolha.

— Vocês vão para onde mesmo? — perguntei.

— Para um aniversário daquela menina que Luca pegou da minha sala, Kelly. — Fiz uma careta ao me lembrar da menina, porque ela grudou em Luca depois de um beijo.

— Acho melhor o floral.= — tia Paola deu sua opinião e sua filha voltou a olhar atentamente para o vestido.

— Concordo — respondi, pois achava que o balonê preto com rosas vermelhas ficaria mais bonito para a ocasião.

— É? — Mariah perguntou ainda sem tirar os olhos do vestido. — E o que deveria calçar com ele, então? — perguntou em voz alta, com o dedo no queixo enquanto pensava.

— Uma sapatilha? — tia Paola seu arriscou, mesmo sabendo que de maneira alguma Mariah deixaria de usar salto. Ela e Lorena tinham certo complexo com sapatos sem salto, não usavam um jamais.

— Sério, *Mamma?* — perguntou com o olhar sarcástico para a mãe, que deu de ombros.

— Uma tentativa, filha. Você sabe que é preferível que faça isso, visto que seu namorado só é alguns centímetros mais alto que você — afirmou, fazendo-me rir, mas eu tive que concordar com tia Paola e Mariah nos dirigiu um olhar irritado.

— Já que você não se incomoda com isso, Mah, por que não usa aquela minha plataforma branca com detalhes pretos da *Arezzo?* — perguntei, mesmo sabendo que se ela pensasse nisso antes não me pediria permissão, apenas me avisaria que pegou do meu closet.

— Boa ideia! — respondeu com o olhar iluminado.

— Ei, *Tchuca* — Luca me gritou da porta do fundo da casa.

Ele já não estava mais vestindo a camisa do flamengo autografada que sempre usava para ir aos jogos, pois dizia lhe dar sorte, usava apenas uma bermuda jeans e segurava uma lata de cerveja na mão.

— Você já não acha que fez muita coisa de menina hoje? Acho que você e

Peter estão precisando de um pouco de testosterona — Luca falou com a nítida intenção de provocar Mariah, que lhe deu o dedo em resposta, e inevitavelmente tia Paola e eu começamos a rir.



Eu estava bebendo cerveja com Coca-Cola para tentar não ficar muito bêbada na hora do jantar. Hoje era domingo, então era ainda mais necessária a presença de todos da família na mesa. Algumas pessoas fazem do almoço de domingo um banquete, lá em casa era a janta que era um banquete. Então, sabendo que teria de encarar Henrique, eu nem precisei chamar Luca e Thiago — que por sinal estava muito mal-humorado esse noite —, para jantar lá em casa, porque eles costumavam fazer isso aos domingos.

Minha dinda me ligou para avisar que o jantar estava na mesa e eu sabia que era a hora. No caminho todo para a minha casa — ou seja, quase nada — Luca e Thiago fizeram questão de soltar comentários sarcásticos sobre mim e Henrique. Eu teria ficado seriamente irritada, se estivesse prestando atenção, mas eu realmente estava nervosa demais para isso. O frio na minha barriga me dizia que algo estava prestes a acontecer.

Quando chegamos à sala de jantar, toda família já estava reunida. Meu *Nonno* estava com uma taça de vinho em sua frente, assim como minha Dinda. *Papa* e Henrique estavam cada um com uma lata de cerveja nas mãos, enquanto conversavam. Lorena discutia sobre alguma coisa com Leonardo e quando nos viram entrando na sala, todos se viraram para nós.

— Boa noite — Luca e Thiago disseram pegando seus lugares habituais.

— Boa noite — minha família respondeu em uníssono, enquanto eu me sentava perto dos meninos, longe do meu lugar cativo.

— Henrique, pegue uma cerveja para os meninos — meu pai ordenou, e ele correu até a geladeira, para obedecer.

Aí estava mais uma coisa sobre os italianos, seus convidados sempre eram bem recepcionados. Não importava que os meninos fossem de casa, eram recebidos com a maior cortesia. Outra coisa importante era que sempre, eu digo sempre mesmo, haverá um lugar para mais um, pois a mesa de uma família italiana costumava ser grande o suficiente para vários convidados.

Era fato conhecido e comprovado que minha madrastra era uma cozinheira realmente incrível. O jantar em família era sempre farto, então era o suficiente para alimentar um batalhão inteiro. Não que sobrasse muito, tendo quatro meninos adolescentes com um apetite de monstro como era Henrique, Léo, Luca e Thiago.

Nós comíamos normalmente comidas brasileiras mesmo, mas para meu *Nonno* não podia faltar macarrão à mesa. Então hoje o jantar tinha além de massa, pernil de porco assado ao vinho, salpicão de frango, maionese de lagosta, entre outras delícias. Graças a Deus eu não tinha comido muito, senão teria explodido e não teria espaço para comer o mousse de maracujá e brigadeiro que estávamos comendo agora.

— Então, Luca, como estão os shows? — meu pai começou seu interrogatório costumeiro.

— Bom, tio. — Ele terminou de mastigar antes de continuar: — Não recebo lá grandes coisas, mas faço porque gosto mesmo. — Meu pai concordou.

Luca cantava e tocava e ele era realmente muito bom nisso. Eu não entendia por que ele tinha escolhido fazer Economia, em vez de faculdade de Música, embora ele sempre dissesse que era isso que ele queria fazer. Ele já tinha um considerável número de fãs que sempre o acompanhavam aonde ele tocava e já tinha até mesmo recebido uma proposta de gravadora, mas a recusara.

— E o de sexta-feira acabou bem tarde, não é? — ele voltou a perguntar, olhando de mim para ele. — Não vi a hora que Mia chegou em casa. Que horas Daniel te trouxe? — perguntou, fazendo-me engolir em seco quando percebi o tom acusatório que meu pai usara.

Merda! Será que ele estava desconfiando de alguma coisa? Será que ele sabia de algo? Ai, Deus! O que eu poderia fazer?

Pela primeira vez durante nosso jantar olhei para Henrique, que estava tão pálido quanto eu deveria estar nesse momento. Olhando em meus olhos, percebi que ele também estava com tanto medo de ser descoberto quanto eu estava. Um milhão de respostas passavam pela minha cabeça, mas nenhuma me parecia boa o suficiente.

— Uh... Acabou tarde sim — Thiago gaguejou a resposta, intervindo, e olhei para ele em choque pela mentira, mas ainda assim agradecida.

— É. Houve um problema com o som e comecei a tocar de madrugada. Eu disse a Daniel que traria Mia para casa — Luca completou a mentira e meu pai assentiu, parecendo acreditar no que lhe foi dito.

Tentei conter o suspiro de alívio que pareceu sair de minha boca e sorri para meu pai, tentando disfarçar, antes de me virar para meus amigos e fazer meus murmúrios de agradecimentos.

Os homens já emendaram uma conversa de futebol, assunto anterior logo esquecido. Lorena tinha acabado de voltar do nosso quarto onde estava terminou de se arrumar para sair com Caio,

Mariah e Peter. Ainda estávamos à mesa depois que terminamos a sobremesa, coisa que fazíamos vez ou outra. Normalmente falávamos sobre nossa semana ou contávamos alguma novidade sobre alguém ou eram feitos os comunicados oficiais da família.

Notei que hoje seria um desses dias de comunicados quando percebi meu pai em uma conversa sussurrada com minha Dinda. Um frio percorreu minha espinha, porque de alguma forma, eu sabia que alguma coisa ali tinha a ver comigo. Meu pai limpou a garganta e todos se calaram, lhe dando atenção.

— Bom. Temos duas coisas para comunicar a vocês. — O silêncio agora era assustador. — Antes de mais nada, quero dizer que que Socorro e eu pensamos muito sobre ambas as coisas e tomamos uma decisão mútua quanto a elas. — Olhei para Henrique e ele também parecia saber que algo estava por vir.

— Dindo — Henrique começou —, por favor, não nos assuste e desembucha logo — disse, tentando descontrair o clima, e deu certo, porque meu pai riu.

— Tudo bem. A primeira notícia é que, como vocês já estão quase colocando os pés para fora dessa casa, decidimos adotar uma criança. — Um segundo de silêncio se passou antes de todos pularem da mesa e comemorarem.

— Ai, que bom! — gritei pulando da cadeira até meu pai. — Sempre quis ter um irmãozinho! — falei sorrindo radiante.

— Uou! Isso é bom demais, mãinha! — Henrique gritou a agarrando, antes de girá-la em um abraço.

— Isso é maravilha, meu filho! — Nonno apertou a mão de meu pai com orgulho, antes de abraçá-lo. — Criança nessa casa é algo que realmente faz falta — afirmou e todo mundo acabou concordando.

Passamos os próximos cinco minutos animados falando sobre uma criança e o quão bom seria. Meu pai e tia Socorro pareciam satisfeitos com a recepção que todos da casa tiveram, sem exceção. Pelo que nos contaram, eles já andaram visitando lares adotivos e pretendiam adotar um menino.

Bom, era oficial, nossa casa agora seria intitulada como aquele filme: “Os seus, os meus e os nossos!”.

— Espera, tio — Leonardo falou, chamando a atenção de todos depois de um tempo. — O Sr. não havia dito que eram duas notícias? — perguntou, e nos viramos automaticamente de volta a ele, à espera da próxima.

— É verdade. — Meu pai pareceu se dar conta. — Bom, a segunda coisa diz respeito à Mia — falou, fazendo-me engolir em seco.

Diabos! Eu sabia que tinha algo a ver comigo! Oh, merda! O que seria?

— Mia, estivemos conversando sobre você — minha madrinha começou a falar animada. — E depois de muito conversarmos, fui até sua escola e tive uma reunião com a diretoria e seus professores. Suas notas sempre foram ótimas e você já passou no seu último ano. Concordamos que talvez seja bom você ir junto com Henrique e Luca para a Itália — disse com um sorriso enorme no rosto, que refletia o do meu pai.

Oh, meu Deus! Isso não poderia estar acontecendo! Eles só podiam estar brincando, certo?

— Eu? — perguntei gaguejando, ainda incrédula e querendo ter certeza de que tinha escutado direito.

— Sim. Você tem duas semanas para fazer uma avaliação para a escola, para darem por encerrado seu ensino médio. Entrei em contato com a escola que os meninos estudarão em Roma e eles têm uma grade extensa para que possa escolher o que quer. Até ter certeza do que quer, você pode começar a fazer aula de Italiano e as matérias básicas. — Minha boca caiu aberta, em choque, quando ela terminou de falar.

Oi?

— Inferno, sim! — Luca me puxou da cadeira ao lado para um abraço. — Graças a Deus não vou ter que aguentar Henrique sozinho! — Ele me apertou ainda mais forte.

Eu ainda não estava acreditando. Não estava conseguindo assimilar tudo que fora dito.

— Papa? — chamei por ele quando me afastei de Luca e finalmente consegui recuperar minha voz, o que, felizmente, o restante da mesa, além dos meus pais e nonno, que haviam engatado em uma conversa animada, pareciam ter perdido também. — Isso é sério também?

— Sim, princesa. Em três semanas você terá que aguentar esses dois aí — brincou, me fazendo ofegar.

Eu acho que perdi um pouco do meu ar! Ou todo!

— Mãinha... E eu? — Lorena perguntou em um tom quase desesperador.

— Você? Você terá que me provar que pode se manter a distância até o final do próximo ano. Caso contrário, nada de Itália ou qualquer lugar para você, Lorena Ferraz Oliveira — minha madrastra disse em tom de aviso.

— Papa... — Engoli em seco. — ... podemos conversar? — perguntei

querendo falar apenas com ele.

Henrique suspendeu o olhar para mim e fiquei surpresa ao perceber que ele não parecia nem um pouco triste. Muito pelo contrário, parecia até feliz e aliviado com a notícia. O que eu não sabia se era bom ou ruim.

— Tudo bem — meu pai concordou, embora parecesse desconfiado do meu pedido.

Depois de se despedir da minha dinda com um beijo, eu o acompanhei. Eu realmente queria ter um momento com ele e entender o que estava acontecendo. Precisava entender o motivo da sua decisão de me mandar embora.

— Pai, por que isso? — perguntei no momento em que a porta se fechou atrás de nós.

— Porque você precisa, filha. — Sua resposta veio depois de um suspiro.

— Por quê? — perguntei à beira das lágrimas.

— Porque eu vejo o quão quebrada você está, minha princesa — ele respondeu acariciando meu rosto com carinho. — E me mata vê-la assim, sem poder fazer nada — completou, fazendo-me engolir em seco, e ainda assim não pude negar o que ele dizia, não podia.

— Me mandar para outro país não resolverá nada disso. — disse, tentando soar firme, mas minha voz me traindo.

— Mas vai lhe mandar para longe do que lhe faz mal — afirmou, sua voz também estava quebrada quando me disse isso.

Será? Será mesmo?

Olhei para meu pai e vi ali naquele enorme homem alguém que parecia capaz de tudo para me dar o mundo, e eu sabia que faria. Meu pai era grande e forte. E para mim sempre fora invencível. Meu super-herói. Não conseguia vê-lo assim, tão... impotente. Sabia que ele se culpava por tanta coisa, mal sabia ele que não tinha culpa de nada. Muito pelo contrário, ele era vítima também.

Então eu soube exatamente o que tinha que fazer para acabar com isso. E fiz:

— Tudo bem. Eu vou para a Itália — falei com o coração na boca e, por mais que estivesse nervosa, sabia que estava tomando a decisão certa quando meu pai sorriu antes de me abraçar.

Tempos Atuais...

Depois do susto que nos deu, nonno ficou mais alguns dias no hospital e agora felizmente já estava em casa se recuperando. Ele reclamava em todas as refeições sobre sua dieta, pois dizia se sentir um pinto doente, comendo apenas salada ou sopas de verduras batidas no liquidificador, como fora recomendado pelo médico. Ele dizia sentir falta de comer macarrão e mesmo que ele reclamasse pelos cotovelos, massa estava terminantemente proibida no seu cardápio.

Mia não havia voltado para Nova Iorque e, embora não desse sinais de quando voltaria, eu me via cada dia mais agoniado com sua iminente partida e queria resolver de uma vez por todas nossa situação. Mas em vão, pois por mais que tivesse tentado conversar com ela mais de uma vez, ela sempre dava um jeito de fugir de mim como o diabo fugia da cruz, e eu acabava frustrado. Como sempre.

Thiago decidira finalmente pedir Mariah em casamento, e como ele exigia nossa presença, acabou comigo e Mia tendo que viajar para Manaus, pois ele havia feito toda uma presepada para isso acontecer. O que devo confessar, foi lindo e digno de novela.

Nós estávamos à espreita no restaurante de Mariah enquanto ele fazia o pedido, mas quando ele começou a falar, não tive como tirar meus olhos de Mia, porque eu entendi exatamente o que ele estava colocando em palavras:

— Mariah Catherine Di Palacci Campanaro, eu conheço você há tantos anos, mas é como se tivesse começado realmente a viver quando me descobri apaixonado por você. Não sei explicar como isso aconteceu, mas aconteceu, e eu não poderia estar mais feliz por isso. Quero poder acordar todos os dias com o seu sorriso, que me mostra motivos pra sorrir quando mais a vida parece triste, pois ele é o mais encantador que existe. Quero poder acordar todos os dias com o seu olhar, que faz com que eu me apaixone por você todos os dias. Quero poder acordar todos os dias com o seu jeito de criança, de menina mimada, mas que tanto me dá carinho. Quero poder acordar todos os dias com a mulher que é meu amuleto da sorte, que faz abrir caminhos. Quero acordar com seu corpo perfeito colado ao meu, pois tenho a mulher mais linda do mundo ao meu lado. Quero poder ter a chance de viver ao seu lado, caminharmos juntos e nos momentos difíceis, quero poder ter a chance de ouvir suas palavras que tocam muito mais do que só ouvidos, tocam o coração, esse coração que é a metade do meu. Você, com todos os seus detalhes, é o motivo do meu amor. Você, amor, é a razão do meu viver. Eu passei tanto tempo sem você, que eu não quero mais passar um dia longe de ti. E por isso te pergunto: Você aceita se casar comigo?

Mia olhou para mim e, quando nossos olhos se encontraram, aquele turbilhão que ela me causava estourou. Por mais que não estivéssemos sozinhos eu queria lhe dizer alguma coisa, queria acabar com essa distância que nos impôs, mas ela não deixou, como todas as vezes, simplesmente fugiu, e novamente fiquei ali vendo-a se afastar.

— Não desista dessa vez, porque se fizer isso vai perdê-la para sempre — Luca falou simplesmente, o tom de aviso estava estampado em sua voz, antes de me dar um tapinha nas costas e sair dali, deixando-me sozinho com meus medos.



Foi uma loucura o que acontecera com Sophia e até agora não entendíamos o que havia ocorrido, o que sabíamos era que o atropelamento fora proposital. Embora estivesse bem, ela ainda permanecia em repouso e depois de tanta confusão envolvendo os dois, ficamos maravilhados quando descobrimos que Sophia estava grávida de Luca. Sophia se machucou, mas felizmente depois de um susto, tudo correu bem com ela e o bebê. Na verdade, os bebês. Ela estava grávida de gêmeos.

Luca estava em um estado de lástima, e mesmo com a recomendação médica ele não saía do lado dele. Apesar de ela e os bebês estarem bem, eu sabia que meu amigo estava se culpando por tudo, e vê-lo sofrer pelo que fizeram estava me quebrando em dois. Eles não mereciam isso. Eles se amavam e eu estava pedindo a Deus que cuidasse deles, para finalmente serem felizes.

O médico mandara Luca sair do quarto e ele agora andava de um lado para o outro, à espera de mais alguma notícia. Ele parecia tão fraco e perdido que senti algo dentro de mim doer por ele. Meu amigo estava sofrendo e me matava não poder ajudá-lo.

— *Tigrão* — Mia chamou por ele, com lágrimas nos olhos, enquanto segurava sua mão.

— Ei, *Thuca* — ele disse com um leve sorriso, que eu tenho certeza que não chegou aos seus olhos.

— Conte para a gente o que houve? — pedi, sem conseguir esconder meu descontentamento depois do que Mia nos falara.

Então ele começou a falar. Thiago não chegou perto enquanto ele fazia isso e nem mesmo depois. Eu sabia por quê. De nós três, ele era o mais próximo a Sophia. Eles se falavam regularmente e se davam muito bem. Eu sabia que Luca não precisaria ter ciúmes dele jamais, primeiro porque Luca era seu irmão e ele nunca faria nada para machucá-lo. Segundo porque ele era louco por Mariah e nós sabíamos. Eu acho que ele também encontrou em Sophia a irmã que ele encontrou em Mia, anos atrás.

— Você não vai perguntar nada, Thiago? — Luca perguntou, mas Thiago lhe deu um olhar que prometia a morte.

— Desculpe, Luca, mas não vou. Estou preocupado com Sophia. Mas também não vou fingir que estou feliz com a sua cara nesse momento — respondeu, nitidamente tentando controlar a voz.

Merda! Lá vamos nós!

— Thiago, por favor! — Mia interveio. — Nenhum de nós gostou de nada do que houve, mas não é o momento de discutir isso. Luca está preocupado, todos nós estamos, nem ele e nem ninguém precisa disso agora — ela terminou de falar sem conseguir esconder sua insatisfação também.

— Foda-se! Eu não posso acreditar que ele fez isso com ela! — Thiago bradou, sem conseguir se conter mais. — Ele nunca tinha sido tão feliz, Mia! Ficamos meses aguentando ele na pior, porque Sophia tinha deixado ele, e agora ele, por causa de umas malditas fotos, vai embora e acontece isso? — ele terminou de falar parecendo muito chocado, e suspirei sabendo que ele estava mais do que certo.

— Thiago. Apenas pare. Ele é idiota e sabemos disso. Agora temos que esquecer isso, até que Sophia se recupere e, aí, sim, a gente possa chutar a bunda dele — falei sério, andando até ele em uma tentativa de detê-lo.

— Eu sou idiota? — Luca perguntou irritado. — Olha quem fala, Henrique Ferraz. Quantos anos mais você acha que precisa para deixar de ser um babaca e assumir que você só vai ser feliz com Mia? — ele falou me desafiando-me a negá-lo.

Cerrei meus punhos e tomei uma respiração profunda. Eu sabia que ele estava certo, mas não podia acreditar que ele falara essa merda agora. Ele foi o único que deu as costas para sua mulher grávida. Eu não podia acreditar que ele estava querendo comparar aquilo com o que aconteceu comigo e Mia. Eu nunca, jamais, faria isso com ela. Iria para o inferno se preciso fosse, mas nunca viraria as costas para mulher que amo como ele fez.

— Luca... — Mia murmurou seu nome quase em um sussurro.

Mia parecia incapaz de acreditar que ele havia falado. Na verdade, nem eu acreditava. Parecia que nosso relacionamento havia virado tabu para os nossos amigos, ninguém falava sobre isso na nossa frente há anos.

— Você também, Mia. — Apontou agora para ela. — Sei que ele fez um monte de merda e te magoou, mas ele não foi o único a errar. Você também errou. Você sabe que é louca por ele. Caso contrário, você teria aceitado os milhares de pedidos de casamento que Paco fez para você! — afirmou sem pesar.

Imediatamente os olhos azuis de Mia se arregalaram. Eu não podia acreditar no que estava ouvindo, era como se pudesse escutar cada batida do meu coração no meu ouvido. Tudo que ele disse viajou dentro de mim e senti meu coração quente de alívio por um momento. Ainda que em parte eu estivesse irado porque seu ex-namorado a pediu em casamento, o que apenas um homem

na sua vida deveria ter feito: eu.

Mas outra parte de mim. A parte possessiva. A parte territorial sobre ela, urrava de contentamento por ela não ter aceitado. Gritava porque isso só confirmava o quanto ela ainda era louca por mim. No fundo eu sabia, mas queria ouvir em palavras. Não foram as palavras dela, mas no momento foi o bastante para que eu me contentasse.

Porra! Ela ainda era minha!

— Basta, homem! — Thiago o cortou. — Você não pode querer comparar os problemas de ninguém ao que fez com Sophia. Você definitivamente não está em posição de julgar ninguém. — Ele apontou o dedo na cara dele, parecendo que tinha nojo do nosso melhor amigo.

— Thiago, deixe-o — falei, o olhando, com raiva de Luca por estar fazendo isso.

— Tudo bem. Podem jogar suas merdas em cima de mim, porque eu sei que mereço. E nada do que vocês me disserem vai me fazer sentir pior do que eu me sinto agora — Luca disse, batendo no seu peito, como um maldito gorila.

Nós três continuamos olhando para ele em silêncio, ainda como se tivesse perdido sua maldita mente. Thiago se aproximou dele, eu iria intervir, mas decidi que não me importava se ele quebrasse um pouco a cara de Luca.

— Mesmo que ela achasse que não poderia estar com você, ela fez. Você sabe o quanto aquelas ameaças a quebraram? — sua pergunta foi retórica, e vi Luca engolirem seco. — Ela sofreu por decidir ficar longe de você. Mas essa escolha foi apenas para mantê-lo em segurança — continuou, apontando o dedo para ele de modo acusatório. — Ela ficou fingindo ser forte, quando o que mais precisava era de você para mantê-la em pé, caralho! — ele bradou e era uma merda, mas tive que concordar, porque era a verdade.

— Thiago... — Mia começou, tentando interrompê-lo mais uma vez:

— Não, Mia, vou falar porque ele tem que saber a merda que fez! — ele gritou.

— Thiago, se acalme. Todo mundo aqui está irritado e cansado. Mas você falar dessa maneira com ele, e muito menos com Mia, não vai resolver caralho de nada — repreendi, porque a última coisa que eu queria era que ele descontasse a merda de Luca em Mia.

Ah! Isso eu não deixaria mesmo!

— Tudo bem — ele concordou e tomou uma respiração profunda, antes de voltar a olhar para Luca. — Ela estava mal. Foi parar no hospital esses dias. Mas não disse por que não queria te preocupar. Carol me disse que ela saiu que nem uma louca correndo atrás de você — contou, e Luca parecia doente pela revelação.

— Sim — ele respondeu com a voz tão fraca, que eu tinha certeza que ele estava se quebrando com cada palavra dita.

— Mas você se importou? Claro que não, porra! — Thiago voltou a gritar, como se ainda não acreditasse no que acontecera. — Porque a primeira coisa que você faz é acreditar no que uma louca despeitada diz e decide ir embora, deixando-a lá naquele estado, sem nem ao menos escutar o que ela queria te dizer. Sabe por quê? Porque você é um idiota! Você nem se importou com os sentimentos dela! Você não se importou consigo mesmo! — ele bradou, e eu tive que ir atrás dele, porque eu vi que sua irritação subiu demais, o que era preocupante pois ele sempre era o mais calmo entre nós três.

— Thiago. Pare. Nós sabemos que você está certo. Agora se acalme — **pedi com firmeza.**

Mariah então chegou com seu rosto e seus olhos tão vermelhos, que quase não pareciam mais azuis. Eu sabia que ela havia chorado muito. Se eu, Thiago e Mia estávamos sofrendo pelo que havia acontecido com Sophia, eu sabia que Mariah estava sofrendo ainda mais.

As duas se davam incrivelmente bem. Se não conhecesse a família Campanaro desde que me entendia por gente, duvidaria que Mariah e Sophia se conheciam há apenas alguns meses. Mas ainda que o tempo fosse curto, nesses meses elas pareceram crescer tão bem juntas. Não se desgrudavam. E não apenas porque Sophia era namorada do seu irmão, mas porque elas se tornaram grandes amigas realmente.

— O que você fez com ela? — ela gritou e Luca se encolheu.

— Mah... — Cheguei até ela, sentindo a necessidade de acalmá-la também. — Por favor, não agora — pedi. — Ele não está bem também. — Eu não queria que ela sofresse ainda mais com tudo isso, e brigar com seu irmão, por mais errado que ele estivesse, a faria se sentir pior.

— Não, Henry. Pouco me importo. Ele não merece meu respeito nesse momento! — **Mariah** voltou a gritar aos prantos.

— *Sorella...* — Luca tentou falar, quase sem voz, e ela balançou a cabeça, parecendo incapaz de ouvi-lo.

— Por quê? — ela voltou a perguntar, gaguejando com as lágrimas.

— Porque ela merece mais — ele confessou derrubando suas primeiras lágrimas, aquelas que tão duramente vinha tentando segurar.

Nós quatro voltamos nossa atenção para ele. Ninguém falava. Talvez porque ninguém realmente estivesse entendendo o que ele estava querendo dizer. Não quando sabíamos o quanto Luca a amava e havia gritado tantas vezes o quanto queria formar uma família e passar o resto da sua vida com ela.

— O que você está querendo dizer com isso? — Mia perguntou incrédula, soltando sua mão como se estivesse com nojo.

— Que merda que você tá dizendo? — Thiago reiterou, pegando sua namorada que ainda chorava pela cintura.

— Vocês não têm ideia de como estou me sentindo — Luca começou a falar e tive que cortá-lo:

— Nos esclareça, porque eu juro que já estou a ponto de deixar a calmaria de lado e dar um murro na sua cara — ameacei.

Luca concordou com a cabeça, porque me conhecia e sabia que eu faria exatamente isso. Sempre fui um tanto irracional e impulsivo, sempre ia de cabeça com a raiva e colocava toda minha frustração para fora, sem me importar realmente com as consequências. Por isso que procurei as artes marciais anos atrás, em uma tentativa de controlar a porra do meu temperamento explosivo.

— Eu a amo, mais do que tudo — confessou sem pestanejar.

— Nossa! Que bela maneira de demonstrar isso você tem, Luca Campanaro! — sua irmã falou com sarcasmo nada habitual, e nós três tivemos que concordar.

— Eu sei que eu deveria tê-la ouvido. Mas a dor que estou sentindo por ter ido embora é maior do que qualquer coisa que já senti — admitiu sem deixar de se importar com as lágrimas que derramavam.

— Luca, se você a ama e está sofrendo, por que merda não a ouviu? Merda! Ela recebeu um vídeo seu com outra na cama, mas ainda assim passou por cima disso e te perdoou! Mas por que tenho a impressão de que você manterá sua decisão de terminar com ela? — Mia perguntou sem acreditar.

— Porque — Porque há semanas venho recebendo ameaças quanto a ela. Ameaças que mandavam que eu me afastasse dela e se esse acidente aconteceu, é por minha causa — Luca admitiu enfim.

— Sim? E aí você abandona ela e acha que tudo vai se resolver? — perguntei com um tom cada vez mais irritado. Embora entendesse sua hesitação.

— Que diabos, Luca! Nunca na minha vida achei que você pudesse ser tão covarde! — Mariah gritou e Thiago segurou-a junto a si, tentando acalmá-la.

— Ele está arrependido — Luca falou por fim, sua voz ainda mais quebrada.

— De quem você está falando, inferno? — perguntei cada vez mais puto, pois ele definitivamente não estava facilitando meu temperamento.

— Erick — respondeu em um sussurro quase inaudível.

Ficamos ali parados sem entender direito o que diabos ele queria dizer com aquilo. O que tinha a ver com eles o fato do ex-namorado idiota de Sophia ter se arrependido de toda merda que fez quando estavam juntos? Que merda isso tinha a ver com a atual situação deles?

Eu sabia que Luca amava Giovanna como se fosse sua filha. Mas ele realmente esperava que Erick assumisse os filhos que eles estavam esperando?

— O que isso tem a ver? — Thiago perguntou furioso.

— Tudo. Eles podem começar uma família — continuou a não fazer sentido.

— Que diabos você quer dizer com isso? — sua irmã perguntou, parecendo cada vez mais

chocada.

— Sophia não terá mais nada o que temer não estando comigo. Erick finalmente vai poder ser o pai que não tinha sido para Giovanna e o homem com quem Sophia pode contar — disse simplesmente.

Que diabos ele quer dizer?

— Espere. — Mariah soltou-se dos braços de Thiago e foi até ele. — Você tá querendo dizer que...

— Que não quero atrapalhar a chance de que eles possam ter uma família — ele a interrompeu, antes de abaixar a cabeça parecendo envergonhado.

Santo Inferno!

Eu achava que finalmente havia entendido. Só não sabia se eu realmente queria entender por que ele estava pensando em fazer essa besteira.

— Luca — sua irmã continuou com a voz calma —, vou te fazer uma pergunta e quero que pense sobre isso. — Ele concordou com um aceno. — Você acha que Sophia te ama? — ela perguntou e nós três esperamos pela resposta.

— Sim. Mas... — Luca respondeu depois de pensar por alguns segundos e ela apenas concordou antes de interrompê-lo:

— Bom. Vou te fazer mais algumas perguntas. O que aconteceu quando Drew a beijou quando estávamos em *Margarita*? — perguntou apenas.

Eu entendia Luca. Conhecia o sentimento, sabia como ele se sentira quando soube que outro cara beijou a boca da mulher que amava. Eu sabia. Sentia isso ao longo desses anos. O sentimento era como se tivesse meu coração sendo perfurado com pequenos pregos.

— Você se lembra de que Sophia não pôde continuar o beijo que Drew deu nela? — Mariah perguntou com a voz ainda mais calma e ele concordou. — Muito bem — ela continuou e nós três chegamos mais perto dele, com a expectativa de que ele entendesse. — Bom, você conhece Sophia, e sabendo a maneira como vocês se sentem sobre o outro, você realmente acredita que mesmo que vocês terminem, ela iria querer alguma coisa com o Erick? — fez a pergunta decisiva sem tirar os olhos dele.

Luca pensou por um tempo e eu sabia o quanto isso doía. Sabia também que no final ele acabaria sentindo um pouco do alívio quando se tocasse que a verdade não era a redenção do Erick que importava, mas, sim, o que queria e Sophia jamais o daria uma nova chance. Ainda assim, quando Luca respondeu não pareceu ter entendido aonde Mariah queria chegar:

— Não. Ela nunca poderia confiar nele — ele respondeu olhando para nós quatro ainda um pouco confuso, e Mariah segurou sua mão para continuar a falar:

— Essa é a última pergunta que vou lhe fazer. Não preciso que me responda, quero que responda para si mesmo — ela disse calmamente e o vi engolir em seco ao assentir. — Sabendo de tudo isso,

conhecendo Sophia como conhece, você honestamente acredita que ela dormiu com o Erick depois de você?

Foda-se! Finalmente lhe baten!

— Eu preciso vê-la. Preciso que ela acorde. Que me perdoe — respondeu como se estivesse agoniado, andando de um lado ao outro, como se estivesse prestes a invadir o centro cirúrgico onde ela se encontrava.

— Sei que sim. Mas vai com calma. Você precisa, em primeiro lugar, se acalmar. Sophia passou por muita merda recentemente. Depois de tantas ameaças, tentaram matá-la e aconteceu o que aconteceu. Fora que você ainda duvidou da sua palavra. Você imagina como estará a cabeça dela quando ela acordar? — Mariah voltou a perguntar e vi meu melhor amigo se sentir ainda mais culpado depois de tudo.

Ele parecia torturado quando pegou seu iPhone e ligava para alguém.

— Marco, preciso que descubra exatamente o que aconteceu. Quero acabar de uma vez por todas com quem quer que seja que está querendo machucar minha família. Nem que para isso eu tenha que matá-lo com minhas próprias mãos.

E eu sabia que meu amigo faria exatamente isso, se preciso fosse.



Eu me sentia um merda olhando para o meu melhor amigo. Ele estava sofrendo ao pensar em perder a mulher que amava. Queria sua família. Eu senti um pouco de inveja, porque queria ter sido forte como ele era com ela para lutar pelo seu amor. Luca nunca desistiu de Sophia, mesmo quando ela disse que não queria mais. Mesmo quando ela disse que beijou outro. E pensando sobre o quanto eles pareciam ser capazes de tudo por amor, percebi que o fiz todos esses anos foi apenas ser um covarde. E eu não queria ser mais esse covarde. Não mais. Nunca mais.

Apesar de Sophia não ter acordado após a cirurgia, felizmente ela estava bem, mas ainda estava em observação e por isso o médico vetou que mais de uma pessoa dormisse no quarto com ela. De alguma maneira Luca conseguiu fazer com que sua permanência fosse possível. E não acho que tenha sido de uma maneira legal.

Então nessa madrugada, apenas Thiago, Mia e eu estávamos no apartamento de Luca, pois até mesmo Mariah havia decidido dormir na casa de Carol, amiga de Sophia. A empregada fez um jantar para nós, mas não parecia que estávamos com fome apesar de ser a primeira refeição decente que tivemos desde o fatídico jantar de noivado de Mariah. Ainda assim, ninguém conseguia comer direito.

Deitado na cama do quarto de hóspedes, eu não conseguia dormir. Minha insônia não me

fazia esquecer tudo que fiz anos atrás. Tudo que deixei de fazer também. Não conseguia deixar de pensar em tudo o que deixei para trás. De tudo que abri mão.

Nunca deveria ter voltado. Eu tinha minha vida toda planejada. Ir para Itália e terminar minha graduação. Depois casaria com a minha namorada, por quem eu era apaixonado desde que me entendia por gente. Teríamos filhos e viveríamos felizes para sempre. Mas o que fiz? Abri mão de tudo isso.

Não era feliz. Nunca consegui ser feliz desde então. Quebrei os nossos corações naquele dia em que aceitei ficar quando seu pai me propôs voltar para o Brasil e ser seu ombro direito na *Guiotto's*. Eu era jovem e imaturo, queria provar para mim mesmo que não seria igual ao meu pai e a deixei sozinha. Talvez eu tenha tomado a decisão certa para mim na época, mas essa era definitivamente a decisão errada para nós.

Seria tarde demais para nós?

Enquanto rolava pela cama, não conseguia deixar de pensar sobre o que Luca dissera mais cedo. Mia tinha sido pedida em casamento e nunca disse “sim”. Eu apenas precisava saber por quê. Eu queria que ela me dissesse. E era isso que perguntaria agora.

Uma noite antes de vir para Manaus, para o noivado surpresa de Mariah, eu já não conseguia dormir e não sabia por quê. Ou talvez soubesse e apenas ignorasse a verdade, como costumava fazer sempre. Aconteceu todo o acidente com Sophia, não dormimos desde então, e mesmo meu corpo estando tão cansado e precisando desesperadamente dormir, eu não conseguia pregar os olhos. Algo sobre hoje me deixara ainda mais fora de eixo.

Talvez tenha sido porque Luca só dissera em voz alta que Henrique não era feliz sem mim. Eu queria esquecer isso, mas então o que fazer quando sentia que, no fundo, também era a verdade sobre mim?

Ouvi a porta se abrir e levantei rapidamente pensando que poderia ter acontecido alguma coisa grave com Sophia para que viessem me avisar. Mas eu estava enganada. De pé ao lado da minha cama, me vi de frente para Henrique. Engoli em seco. Ele estava lindo e delicioso como sempre, vestindo apenas uma cueca boxer, no entanto eu sabia muito bem que ele só estava usando uma porque não estava na sua casa.

Droga! Por que eu tinha que me lembrar disso?

— O que aconteceu? — perguntei, assim que consegui recuperar minha voz e me pus de pé.

— Não conseguia dormir. Eu precisava te perguntar — ele disse, olhando para mim de cima a baixo.

— O que, Henrique? — perguntei nervosa.

— É verdade o que Luca disse? — sua voz soou nervosa, embora um tanto decidida quando indagou.

— O quê? — eu me fiz de desentendida.

— Sobre Paco.

— Isso não é da sua conta — respondi, tentando manter a defensiva.

— Me responde, Mia. É verdade? — insistiu.

— Sim — em um fiapo de voz ele teve sua resposta, embora não fosse o que eu queria realmente fazer.

— Por que você nunca aceitou os pedidos de casamento de Paco? — sua pergunta veio ansiosa.

Não! Ele não poderia me perguntar isso!

Não sabia o que dizer. Sabia que se abrisse a boca e começasse a falar eu estragaria tudo. Acabaria me entregando e confessaria que não poderia casar com um homem que eu não amava. Acabaria confessando que ele estragara isso para mim quando me pediu em casamento há alguns

anos, e depois voltou atrás.

— Por quê? — insistiu e engoli em seco mais uma vez.

— Não é da sua conta! — Dei as costas para ele e voltei a deitar na cama. — Se isso for tudo que você gostaria de saber, por favor, vá embora. Eu realmente preciso dormir — falei simplesmente, esperando que ele entendesse a deixa e saísse dali.

— Não, Mia. Eu não arredarei o pé daqui até que me diga! — exigiu.

— Para que quer saber, Henrique? Para quê? — perguntei, irritada.

— Porque eu preciso saber! — Pareceu um tanto angustiado.

— Vá embora — pedi, tentando controlar as lágrimas que ameaçavam cair.

— Mia...

— Eu não pude, Henrique! Eu não pude! Você estragou para mim qualquer sentimento bom relacionado a casamento! — gritei amarga. — Agora, se você já teve a resposta que queria, por favor, saia. — Apontei para a porta do quarto.

Não me importei com a dor que vi em seus olhos. Não me importei de notar o quão baqueado ele ficara com minhas palavras. Não me importava com ele. Não poderia, porque fazer isso me quebraria mais uma vez.

O problema era que tudo isso era mentira. Só que eu não poderia continuar a limitar minha vida por causa de uma pessoa que jamais deixou de viver a sua por minha causa. Tinha que me lembrar de que nossas idas e vindas já haviam sido o bastante para que eu aceitasse que entre nós não poderia haver mais nada.

— Mais nada, Mia! — falei para mim mesma com raiva, enquanto lágrimas grossas desciam pelo meu rosto.

Nove Anos Atrás...

Na manhã seguinte ao jantar, que posso afirmar que virou minha vida de pernas para o ar, quando me arrastei da cama para a cozinha, já era quase hora do almoço. Eu sabia que provavelmente ninguém estaria aqui, sendo dia de semana normal, estavam todos na escola, Henrique na academia e papai na empresa. Mas encontrei minha madrasta conversando com Sabá.

Murmurei “bom dia” para elas enquanto ia até a geladeira, peguei uma jarra de suco de graviola e o pote de salada de frutas, antes de me sentar à mesa.

— Nós precisamos ter uma conversa. Você e eu, mas não agora — minha madrinha disse, sentando-se ao meu lado.

— Tudo bem — respondi simplesmente, embora tivesse ficado nervosa sobre isso e, tentando disfarçar meu nervosismo, continuei a jogar a aveia e o mel sobre a salada de frutas.

Mas acho que minha tentativa de disfarce não deu certo e eu provavelmente deveria ter uma expressão de completo horror no rosto, porque ela começou a rir.

— Não é uma conversa sobre sexo, eu juro — prometeu, com um sorriso enorme.

— Graças a Deus! — murmurei aliviada, e ouvi Sabá rir, mesmo que continuasse fingindo que não estava prestando atenção em nossa conversa.

— Embora eu tenha que te perguntar: Você está tomando cuidado? — foi a primeira coisa que ela perguntou e eu gostaria de não morrer ali.

— Meu Deus, Dinda! Claro que sim! Você sabe que tomo a pílula — respondi nervosa.

— Mas isso não protege tudo — respondeu séria.

— Dinda, confie em mim, a senhora sabe que não sou uma idiota! — respondi firme, mas no fundo me sentindo péssima, por não lhe dizer que na verdade eu não fiz nada com meu namorado, mas, sim, com seu próprio filho. O filho que ela levava ao médico constantemente.

— Vá ver nosso ginecologista. Vou marcar com ele. Você pode estar desconfortável, mas só estou cuidando do seu bem-estar. — Mesmo com o tom delicado que ela usou, eu senti meu rosto corar.



Já era tarde da noite e eu estava dormindo, quando meu celular começou a tocar. Comecei a xingar baixinho, porque achava que provavelmente era Lorena que tinha esquecido suas chaves ou então queria cobertura para poder dormir fora de casa mais uma vez. Mas fui surpreendida por ser um número desconhecido.

— Alô? — atendi com a voz rouca de sono.

— Mia? — um rapaz falou do outro lado. — Desculpe o incômodo da hora, aqui é Jorge, do Bar do Porão — ele se apressou em explicar.

— Ah... Oi, Jorge — respondi, ainda surpresa, sem saber como diabos ele poderia ter meu número.

— Desculpe ligar, mas é porque aquele seu amigo, o ator que fez Malhação, está aqui caindo de bêbado e achei que você gostaria de vir buscá-lo. Ele realmente não tem condições nenhuma de dirigir — falou, e eu quase não podia acreditar que Thiago fez uma coisa dessas.

Meu Deus! No que ele estava pensando?

— Ah, obrigada por me ligar! Estou a caminho — avisei, me levantando da cama rapidamente. — Você pode segurá-lo para mim? Tome a chave do carro dele, se for preciso — pedi.

— Tudo bem. Pode deixar que seguro ele por aqui, sim — Jorge respondeu antes de desligar.

Passei os olhos na cama ao lado da minha e notei que Lorena realmente não havia chegado ainda. Vesti um short jeans, uma camiseta e uma sandália rasteira, antes de pegar meu celular e sair do quarto. Não queria ter de fazer isso, mas mesmo que eu fosse com Luca para resgatá-lo, sabia que precisaria de mais alguém para dirigir o carro de Thiago, pois a essa hora sempre tinha blitz na Barra da Tijuca, e como eu não tinha carteira, com certeza seria pega.

Respirei fundo e dei uma batidinha na porta, como ele não respondeu, resolvi abrir a porta assim mesmo. E a cena que encontrei quando entrei não era a que eu esperava: Henrique deitado na cama com fone de ouvido enquanto lia um livro. O que me fez piscar duas vezes para conseguir acreditar.

Não era como se ele fosse um idiota tapado, na verdade Henrique era um gênio quando se tratava de números, mas literatura definitivamente não era algo que ele apreciava. Esse *hobby* era mais meu e de Luca.

Fechei a porta ainda sem que ele percebesse minha presença e continuei a olhar para ele. A verdade era que eu ainda estava meio atônita pela cena que presenciava. Somente quando cheguei

em frente a ele e consegui ler o título do livro — *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë —, e me vi chocando mais uma vez que ele então pareceu notar a minha presença, pois tirou os fones de ouvido enquanto me olhava de cima a baixo.

— Foi o *Nonno*? — perguntei em choque por ele estar realmente lendo um dos maiores romances da história.

— Sim — respondeu sentando-se melhor. — O *Nonno* disse que seria bom que eu lesse alguma coisa de vez em quando. — Deu de ombros. — Até que estou gostando — admitiu, e não consegui impedir o sorriso que se espalhou no meu rosto.

Eu realmente estava surpresa. Muito surpresa. Principalmente levando em conta que ele estava gostando.

— Apesar da surpresa, estou feliz de vê-lo abrir sua cabeça para isso — afirmei, e ele concordou com a cabeça. — Ainda não li esse, acho que preciso guardar um tempo para os clássicos — falei mais para mim mesma do que para ele, então decidi voltar para o que me trouxe aqui: — Desculpe entrar assim, mas bati e você não ouviu — tentei me explicar.

— Tudo bem. Não se preocupe com isso. Nunca tivemos esse problema, não seria agora que teríamos — respondeu com um olhar triste.

— Certo. — Respirei fundo, tentando não pensar muito sobre isso. — Er... Me ligaram do Porão dizendo que o Thiago está lá, bêbado e sem condições de dirigir. Pedi para que não o deixassem sair, que iríamos buscá-lo — falei rapidamente.

— Lógico — Henrique disse, se pondo imediatamente de pé.

Abri e fechei a boca sem saber o que fazer quando percebi que ele estava usando apenas uma cueca boxer branca. Pela cara que ele fez, tinha certeza que fizera isso de propósito e sabia muito bem como eu estava me sentindo nesse momento.

Maldito que provocava isso em mim!

— Apreciando a vista? — perguntou em tom provocativo, que me fez recuperar a consciência e fechar a cara para ele.

— Uh... Acho que não. Meu namorado é mais interessante — menti, fazendo minha melhor cara de desdém, tentando me convencer de que realmente fosse verdade.

— Sério? — inquiriu de forma irônica, parecendo saber exatamente a verdade, já mais perto de mim do que deveria estar.

— Lô-logico — gaguejei e respirei fundo tentando manter a compostura.

Força, Mia! Força!

— Continue mentindo para si mesma — falou piscando para mim, antes de deslizar aquelas tentadoras pernas grossas dentro de uma bermuda jeans.

Ah! Eu precisava respondê-lo a altura!

— Um dia o seu ego vai fazer a sua cabeça implodir! — murmurei irritada por ele saber exatamente como eu me sentia, e ele começou a rir, me irritando mais ainda. — Estou lá embaixo esperando por você e Luca — falei, tentando correr dali antes que eu fizesse besteira. Mais uma vez.



Quando chegamos ao Porão, Thiago estava numa mesa de canto parecendo que estava conversando sozinho. Apesar da minha preocupação, comecei a rir, porque agora que vi que ele estava bem, apesar da embriaguez, me sentia aliviada. Fui até Jorge, paguei a última cerveja que Thiago tinha bebido e lhe agradei. Mas o trabalho estava apenas começando.

Foi preciso de Luca e Henrique para conseguir fazer o bêbado levantar e finalmente começar a andar. Thiago estava tão bêbado, que logo deu início a uma canção de amor. Ninguém aguentou sua interpretação e começamos a rir.

Como viemos no carro de Henrique, alguém teria de levar o de Thiago. Henrique disse que de maneira nenhuma Thiago vomitaria no banco de couro dele, então fui com Luca no carro do bebum para o caso de ele passar mal, e eu estaria ali para ajudar.

Durante o caminho para casa eu já não sabia se aguentaria mais de tanto rir, porque já estava ficando sem ar com o repertório de músicas que Thiago cantava sem parar. Mas foi quando o bêbado começou a cantar *Detalhes* de Roberto Carlos que me vi perdendo o resto do ar que me restava, e Luca teve que parar o carro dele no acostamento para não causar um acidente de tanto rir.

Mas nada se comparou à sua declaração para Mariah:

— Luca, meu amigo, você é meu irmão e eu te amo para caralho. Sei que você vai me odiar depois que lhe disser isso, mas sou apaixonado por sua irmã. Eu não aguento mais esconder isso, cara. Não aguento mais vê-la nos braços daquele idiota, não quando os únicos braços em que ela deveria estar são os meus. Me desculpe, mas eu vou lutar por ela e prefiro que você me chute nos ovos a ter que ficar longe dela por mais tempo! — afirmou com a voz enrolada, antes de adormecer em meu colo.

— Oh, Luca! Ele foi tão bonitinho! — falei enquanto ele continuava a rir. — Por que eu tenho a impressão de que você vai fingir que não ouviu isso? — perguntei.

— Porque você me conhece bem, Tchuca — respondeu rindo.

— Meu Deus! Você é tão mau — falei, sem conseguir deixar de rir também.



No dia seguinte, depois de voltar da minha última prova da escola, aquela que me livraria do terceiro ano, comecei a organizar o que levaria comigo para a Itália. Levaria poucas roupas, porque com aqui sendo tão quente como era, tinha quase certeza de que não aproveitaria muitas quando a maioria eram tops, regatas, shorts e saias.

Separei meus jeans, casacos e camisas mais quentinhas. Peguei alguns shortinhos, regatas e vestidos também. Vai que tivesse oportunidade de usar, não custava nada levar. Mas no final não tinha muita coisa para levar quando se vai morar do outro lado do país. Nada como ter uma desculpa para gastar, e pensando nisso já estava mais animada quando continuei a arrumar minhas coisas.

Peguei alguns dos meus livros preferidos, incluindo minha coleção em formação de *Harry Potter*, algumas fotos minhas, da família, dos meninos e até mesmo uma da minha mãe. Uma das últimas coisas que não sabia se colocava na mala eram meus diários.

Como filha única, eu me sentia sozinha e sempre escrevi. Era um refúgio para mim, então comecei com esse hábito desde cedo. Mais ou menos com sete ou oito anos. Eu os mantinha em um baú de madeira trancado com chaves no fundo do meu closet. Lógico que anteriormente escrevia as coisas de maneira superficial, mas posteriormente fui me aprofundando mais sobre meus pensamentos e meus sentimentos, era meio que libertador.

Todo mundo sabia que eu escrevia, no entanto nunca dei permissão para que ninguém lesse. Lorena sempre pedia para ler, porém eu negava sempre e Luca me provocava, dizendo que eu escrevia contos eróticos e secretos. Não era que tivesse vergonha, mas era estranho e acho que sentiria como se alguém estivesse dentro da minha cabeça caso o fizesse.

Mas embora normalmente colocasse meus sentimentos no papel, a verdade era que nem tudo que havia escrito ali era sobre mim, era também sobre a forma como eu via certas coisas que aconteciam com outras pessoas ao meu redor.

Estava distraída terminando de guardá-los de volta ao Baú, depois de decidir levá-los, quando alguém bateu na porta do quarto e, quando eu disse que entrasse, o fez logo em seguida. Depois de ontem achava melhor não ter que dar de cara com Henrique sozinha nesse quarto, e por isso fiquei imensamente aliviada quando vi que ele não estava sozinho, mas, sim, com Luca, que não parara de rir.

— Vamos! Você também precisa ver o que está acontecendo! — Lucas disse

um pouco ofegante de tanto rir.

Enquanto Luca nos explicava que Mariah havia perdido a cabeça com Thiago, nós saímos correndo em direção à sua casa. Ao que parecia, Thiago havia ameaçado Peter, que por causa disso terminara com Mariah, que agora o acusava, totalmente puta com ele.

Eu ainda tentava processar tudo que Luca dissera quando entramos na cozinha e demos de cara com Mariah e Thiago em um beijo devorador. A coisa estava tão quente entre os dois, que eles até mesmo demoraram a nos notar ali, parados com espectadores.

Mariah pareceu satisfeita, meio ária até, mas também um pouco nervosa com o flagra. Thiago parecia que tinha se borrado de medo, estava pálido e decerto queria estar em qualquer lugar, menos ali. Logo de cara notei que Luca brincaria um pouco com os dois, porque ele tirou o sorriso do rosto e levantou a postura “pronto para a Guerra”. Senti um pouco de pena. Mas só um pouco, porque logo me vi mordendo os lábios para não rir e estragar a diversão.

— Que porra está acontecendo aqui, Thiago? — Luca inquiriu com um tom de voz sério e intimidador.

Sem querer me vi apertando a mão de Henrique, ainda tentando muito não rir. Ele me deu uma piscadinha, parecendo também estar se segurando para não estragar a brincadeira.

—Luca, eu, eu... sinto muito, nunca mais... — Thiago gaguejou tentando se desculpar, provavelmente querendo evitar uma morte “iminente”.

Oh, meu Deus! Por que eu não tinha uma filmadora agora?

— Como é, seu veado filho da puta? — Mariah perguntou para ele com a voz estridente, fazendo um bico irritado, nitidamente chocada com o que ele prometera a ela antes e agora recuava, com medo de Luca.

— Vocês acham que sou idiota? — Luca perguntou e por alguns minutos um silêncio constrangedor se fez, antes de ele sorrir. — Vão em frente, porque eu não estava mais aguentando vocês e realmente não sabia o que fazer para deixarem de ser tão idiotas! — afirmou fazendo os dois olharem para ele, pasmos, enquanto Henrique e eu caímos na gargalhada.

Thiago e Mariah pareceram mais chocados com o fato de Luca saber sobre seus sentimentos do que com o próprio flagra, e simplesmente não reagiram.

— Dá para vocês se beijarem logo e acabarem com essa porra? — Luca perguntou com tom sarcástico, indo até a geladeira pegar uma cerveja, como se não tivesse acontecido nada de mais.

— Ai, meu Deus! — exclamei, não me aguentando mais e voltando a cair na

gargalhada.

— Puta merda! — Henrique rosnou o palavrão antes de gargalhar também.

Não nos aguentamos em pé, caímos e acabamos nos embolando no chão de tanto rir. Nunca mais tinha rido tanto e isso foi tão bom. Depois de quase quinze minutos jogados no chão rindo, os dois pombinhos ainda permaneciam ali parados com a cara embasbacada sem piscar, e Luca sentado na cadeira feliz com o show.

Eu já disse que amava meus amigos?

Tempos Atuais...

Os dias seguiram e, mesmo que meu nonno tivesse voltado para casa há mais de um mês, eu ainda estava no Brasil. Eu sabia que uma hora teria de voltar, principalmente porque a vida passava e eu ainda tinha uma, uma vida longe daqui. Mas ainda assim não conseguia partir.

Uma parte minha não havia voltado para Nova Iorque porque queria ter certeza de que meu nonno estava realmente bem, queria estar ao seu lado e por causa disso preferi continuar trabalhando a distância. Mas a outra parte, aquela que eu tentava sobrepujar, sabia que ainda não tinha ido embora porque eu, na verdade, não queria ir.

E isso ficou ainda mais claro para mim em uma manhã em que conversava com minha irmã, no seu quarto infantil.

— Essa é minha faixa e minha coroa de Miss Infantil Rio de Janeiro — ela falava com orgulho.

Lia estendeu a mão, me mostrando sua faixa, que detinha o título que um dia também me pertenceu. A dor me cegou quando a peguei. Não que sentisse falta de participar desses concursos idiotas. Deus sabia que eu odiava fazer isso! Mas, sim, porque Lia gostava, queria seguir os passos que foram meus no passado e agora estava me mostrando com orgulho sua conquista. E eu estava perdendo tudo isso. Eu estava perdendo a vida dos meus irmãos. Estava longe da minha família.

— Você nunca esteve nos meus concursos — Lia falou com a voz triste.

Inferno! Nunca estive em nada!

Com lágrimas nos olhos, a dor que sentia há poucos segundos parecia ter me dominado. Ela estava certa. Há quatro anos eu nem mesmo vinha para casa. Eu nunca tinha estado nos seus concursos, nunca estava aqui. Não estava com eles.

Passei quase dez anos da minha vida tentando fugir da minha realidade e me encontrar. Apesar de todos os progressos e conquistas pessoais, como meu diploma de faculdade, a pós-graduação, além do emprego dos sonhos e um currículo invejável, eu tinha perdido tanto tempo e acabei deixando de lado o que era mais importante do que tudo e qualquer coisa: minha família.

De uma forma ou de outra, acabei levando Lorena também. Sabia que a escolha era sua, mas ela não faria nada disso se não soubesse que era o que o meu desejo. Lorena era como minha irmã, queria estar do meu lado, não queria me deixar sozinha, afinal, nunca estivemos longe uma da outra, com exceção dos meses que passei sozinha na Itália, antes da sua chegada. Mas, ainda assim, ela ainda se mantinha distante por minha causa.

Nossos irmãos cresceram e mesmo que tentássemos, nem eu e nem ela pudemos acompanhar e compartilhar cada etapa da infância deles estando tão longe. Víamo-nos eventualmente durante as férias e falávamos ao telefone ou pela internet todos os dias, mas ainda não era a mesma coisa. Nunca seria.

Deus! Quanto eu não perdi?

Não fazia ideia. Eu não os vi crescendo gradualmente. Não vi suas próprias conquistas. Vittorizinho tinha quase doze anos, agora, e Lia, nove. Eles ainda eram tão novos, mas ainda assim já haviam crescido tanto, aos meus olhos, e eu não estava aqui enquanto isso acontecia, o que me doía muito.

Não queria ter perdido nada. Não queria ter estado tanto tempo longe quando minha família estava a milhares de quilômetros. Meus irmãos por tantas vezes devem ter precisado de mim, tantas vezes precisavam da irmã mais velha, mas fui egoísta demais para perceber isso.

E olhando nos olhos verdes da minha irmã mais nova, tão parecidos com aqueles que me assombravam, eu entendi o que precisava fazer. Não poderia mais me manter longe. Não poderia perder mais. Eu queria estar com eles, mesmo que estar aqui significasse enfrentar todos os meus dragões. E eu enfrentaria tudo e qualquer um por eles.

— Dr. Ferraz, a senhorita Mia está aqui para vê-lo — minha secretária falou quando atendi ao telefone da minha mesa, deixando-me completamente chocado.

— Pode deixá-la entrar — afirmei, sentindo meu coração quase na boca.

Enquanto ela não chegava, tentei me recompor. Tentei controlar as reações que ela me causara apenas com a menção da sua presença. O que definitivamente era uma tarefa árdua, quiçá impossível.

Eu era uma pessoa movida a música, por isso, mesmo que estivesse trabalhando, costumava deixar as canções rolando enquanto estava sozinho. E por causa disso, quando Mia bateu na minha porta e permiti que entrasse, tocava uma canção que não poderia se encaixar melhor: One de Ed Sheeran.

Nós não nos falávamos muito. Na verdade, nós malmente nos cumprimentávamos quando estávamos em família. Ficarmos sozinhos era definitivamente algo que não acontecia há muito tempo. Na verdade, a última vez que isso acontecera foi naquela noite na casa de Luca, que perguntei o que ele havia dito sobre ela ter recusado o pedido de casamento do ex-namorado. E se não fosse tão triste, eu riria do que a canção falava:

*Diga-me que você recusará o homem
Que pedir sua mão
Porque está esperando por mim
E eu sei, você estará longe por um tempo
Mas eu não tenho planos de ir embora
Você levaria meus sonhos e esperanças
E ficaria comigo?
Todos os meus sentidos ganham vida
Enquanto tropeço pela casa mais bêbado do que eu
Jamais estive, e eu nunca mais vou embora
Porque você é única
E todos os meus amigos já foram encontrar
Outro lugar para deixar seus corações colidirem
Só me prometa que você nunca mais vai embora de novo
Porque você é única
Pegue minha mão, meu coração e alma
E eu só terei olhos pra você
E você sabe, tudo muda, mas
Vamos virar estranhos se nós dois continuarmos desse jeito
Você pode ficar entre essas paredes e sangrar
Ou só ficar comigo*

— Olá, Henrique. Desculpe vir sem avisar — ela disse ainda de pé, à porta, parecendo tímida, mas muito mais relutante do que tudo.

— Você não precisa avisar que está vindo. Afinal, você é dona disso tudo — falei com um sorriso, e me levantei para cumprimentá-la.

Não queria passar dos limites e por isso me forcei apenas a dar um beijo em seu rosto, antes de me afastar rapidamente e encostar-me à borda da mesa. Não quis pensar sobre seu doce perfume que me mexia comigo e nem em como ela reagira com meu simples contato, como se a tivesse deixado perturbada, tanto quanto apenas sua presença me fazia sentir. E enquanto analisava cada

reação sua, pude sentir também uma certa relutância: Mia queria me dizer algo, como eu queria lhe dizer coisas e fazer muitas outras.

— Por que veio aqui, Mia? — perguntei com curiosidade. Eu sabia que ela estava lutando com o que me dizer, mas esperava que dissesse.

— Não sei realmente — confessou depois de suspirar, fazendo meu coração disparar.

— O que houve? — insisti, dando um passo para frente, mas ela deu um para trás, me fazendo parar.

— Só me ouça, ok? — pediu com uma das mãos estendida em sinal claro para que eu recuasse. — Decidi que vou voltar para o Brasil — avisou, fazendo-me sentir meu coração na boca.

— Co-como? — gaguejei meu pensamento, querendo ter certeza de que tinha escutado direito o que ela havia dito.

Porra! Isso só podia ser um sonho!

— Vou voltar para o Brasil — reafirmou e, como se subitamente tivesse ganhado forças, completou: — Estou aqui para te falar isso não porque lhe devo satisfação da minha vida, mas porque quero ter certeza de que isso não será um problema para nós.

— E por que seria? — O desafio no meu tom de voz era inconfundível.

— Henrique... — Ela pareceu irritada quando falou meu nome e respirou fundo antes de continuar. — ... não vamos começar esse joguinho novamente. Não somos mais dois adolescentes estúpidos. Ao menos eu não sou — disse a última frase de forma ácida. — Minha decisão de voltar se deu exclusivamente porque quero ficar perto da minha... da nossa família. Como eu disse, só quero ter certeza de que poderemos manter as coisas entre nós como devem ser. — Alçou a sobrancelha, agora era ela quem parecia estar lançando-me um desafio.

— E como deveriam ser as coisas entre nós? — perguntei, ignorando seu pedido silencioso para que me mantivesse longe, e ela recuou mais uma vez, antes de engolir em seco.

Sim. Dois poderiam jogar esse jogo, meu amor!

— Longe. Cada um vivendo sua vida. — Sua voz não saíra tão firme quanto ela esperava e a traiu completamente, o que inevitavelmente me fez sorrir.

— Tem certeza? — perguntei com a voz perigosamente baixa e vi seus olhos se arregalarem.

Nós erámos muito diferentes, mas também parecidos em um determinado quesito: erámos muito teimosos. E por isso, nenhum dos dois cruzou essa fronteira antes. Mas como duas pessoas que sentem inegavelmente mais do que atração uma pela outra poderiam não ceder?

— Sim — afirmou sem firmeza alguma.

— Como você quiser, Mia — falei em seu ouvido, fazendo-a se arrepiar, e sem tirar o sorriso dos lábios subitamente me afastei, deixando-a nitidamente zonza.

Passei anos vendo Mia se afastar, nos braços de quem nunca poderia amá-la como eu amava. Mas nunca pude esquecer-me dela, nem por um segundo. Do seu cheiro, do seu sorriso, do seu olhar. Tudo sobre ela. Depois de nove anos longe, o amor da minha vida finalmente estava voltando. E eu queria, mais do que qualquer coisa, voltar com ela. Mesmo com todas as distrações que tive ao longo dos anos, nunca ninguém chegou a mim como Mia fez. Nunca ninguém significou nada e eu sabia que nunca significaria.

Sim. Eu a amava. Ainda queria que ela fosse minha para sempre. E mais, ela seria!

E olhando para Mia sair pela porta da minha sala após dar uma desculpa esfarrapada e se despedir rapidamente, mesmo havendo prometido recuar depois da nossa conversa e depois do que havia me dito na casa de Luca, minha determinação para ficar longe dela tinha acabado de ficar mais interessante.

— Ah! Isso vai ser tão bom, Henrique Ferraz! — falei para mim mesmo, feliz como há muito não me sentia.

Nove anos atrás...

Capítulo 22

MIA

Enfim setembro chegou e era a época de irmos para a Itália, porque as aulas já estavam começando. Conseguir a cidadania italiana foi bem fácil para mim e Luca, por sermos descendentes de italianos. Já para Henrique, foi um pouco mais complicado, mas logo ele conseguiu seu visto de estudante. Estávamos com tudo pronto. A não ser pelo fato de eu me sentir um tanto incompleta.

Eu era muito apegada à minha família e nunca tinha ficado mais do que alguns dias sem vê-los. Isso, juntamente com outras coisas, estava me deixando um tanto insegura. Ainda assim, na hora de nos despedirmos, entre lágrimas e o coração apertado, me vi sorrindo para eles, porque estava começando a sentir que seria a coisa certa a se fazer.

Nosso apartamento tinha três quartos, uma sala e uma pequena cozinha. Na verdade, todo o apartamento era bem pequeno, apesar de ser realmente muito bom. Todos os quartos tinham uma cama de casal, uma cômoda e um guarda roupa que, eu rapidamente descobri, cabia apenas a metade do que trouxe — que foi quase nada.

Apesar de o prédio não ser no campus da universidade, ele era próximo, então a maioria dos nossos vizinhos eram estudantes também. E por mais incrível que pudesse parecer, a maioria não era italianos. Tinha um monte de americanos, londrinos, escoceses, um argentino e inclusive dois eram brasileiros.

Fizemos amizade com eles rapidamente e logo percebi que eu era uma das poucas mulheres que moravam no prédio. Como cresci rodeada de amigos do sexo masculino, isso não me assustava. Aparentemente, os pais não gostavam muito de enviar suas “filhas” para estudar em um país distante, era bem coisa de *Hogwarts*. Só precisava conversar sobre isso com meu pai, porque apesar das saudades que dizia sentir, ele se dizia muito feliz por eu estar aqui.

Ainda não sabia que curso de graduação fazer, então me mantive matriculada apenas no programa de idiomas e na grade obrigatória dos cursos. Apesar de arranhar com o italiano, a maioria das pessoas era de fora do país, então falávamos inglês e espanhol, praticamente. Meus colegas eram bem receptivos e me vi rodeada de conhecidos tão logo comecei.

Logo no primeiro dia me esbarrei em um carinha moreno, da minha altura, com luzes no cabelo. Fui pedir desculpas para ele em italiano e me atrapalhei, falando embolado com português. Ele começou a rir e disse que era brasileiro também. E pronto, conheci meu novo melhor amigo na Itália.

Zane era meu colega na classe de idiomas, que tinha vindo morar na Itália com os avós maternos quando seus pais se separaram, isso aconteceu quando ele tinha quinze anos. Nós nos demos bem imediatamente e o adorei de forma inexplicável. Ele era hilário e super charmoso, apesar de ser gay. Zane fazia *Design de Moda* e rapidamente tornou-se um dos motivos que me fizeram estar mais tentada a seguir com o curso de Moda.

A faculdade não tinha fraternidades como as famosas americanas, mas normalmente as pessoas gostavam de comemorar e arranjar desculpas para fazer uma festa em seus dormitórios. Logo na primeira semana de chegada, fomos para três e fiquei sabendo que eram diárias essas festas, apesar de eles estarem começando de leve, para não serem proibidos.

Nos primeiros dias aqui, falava direto com todo mundo de casa pelo telefone e também internet. Como meu pai não era muito adepto a tecnologia, ele me ligava todos os dias na hora do almoço, que era manhã no Brasil, e falava comigo e com Henrique. Mas com o decorrer das aulas, me vi falando menos para tentar dar conta dos assuntos e comecei a estudar melhor o que seguiria como carreira.

Henrique e eu não estávamos nos falando ainda. Bem, falando estávamos, porém só o necessário, e nos evitávamos o máximo possível. Íamos para festas e também para faculdade juntos, mas nos separávamos na primeira oportunidade. O que estava deixando Luca completamente louco, pois ele tinha de se dividir entre os dois e eu estava começando a sentir pena do nosso melhor amigo, porque ele não tinha nada a ver com nossos problemas. No entanto eu rapidamente esquecia a pena que sentia e me irritava quando ele vinha tentar fazer com que eu voltasse a falar com Henrique.

Quando completamos um mês em Roma, coincidentemente estaria tendo uma festa na casa de um dos caras mais populares do campus, Paco. Paco era um londrino muito gato, que cursava Engenharia, e o boato que corria era que seus pais eram podres de ricos. Ele morava sozinho em um *loft* enorme, próximo ao campus, e sua cama tinha sido mais frequentada do que as próprias aulas que ele deveria cumprir.

Na véspera da festa, eu estava na biblioteca lendo, enquanto gastava meu tempo até a próxima aula esperando por Zane. Foi quando Paco se sentou ao meu lado. Eu já o tinha visto antes nos corredores, trocamos um ou dois olhares, mas ainda não o conhecia realmente. Por isso que fui surpreendida com sua aproximação.

Meu Deus, Zane estava certo. Ele era gostoso demais mesmo!

Como eu não tinha notado um corpo desses? Ele estava com o casaco aberto, exibindo uma camiseta tão apertada que era possível ver o contorno dos seus músculos. E aquela maldita covinha sedutora e aqueles olhos castanhos...

Oh, Deus! Poderia me derreter!

— Ainda sem saber que carreira seguir? — ele me perguntou em inglês, assim que passou os olhos no livro que eu lia, e assenti, fazendo suas covinhas aumentarem. — Não é muito de conversar? — perguntou como se achasse graça, quando não respondi com palavras.

— Desculpe — respondi, em inglês também. — Eu estava realmente distraída com a leitura, não queria ser grosseira. — Eu me forcei a sorrir para ele.

— Tudo bem — ele disse olhando para mim novamente. — Está em dúvida entre alguns cursos em específico? — perguntou parecendo realmente curioso.

— Sim. — Refleti um pouco. — Estou em dúvida entre Comunicação e Moda — respondi, voltando a pensar sobre o assunto.

— O que mais se vê fazendo? — perguntou, colocando seu cotovelo sobre a mesa, onde apoiou seu queixo, parecendo realmente interessado em minha resposta.

— Acho que algo relacionado à moda — falei. — Talvez seja porque sempre estive envolvida nesse meio — confessei dando de ombros.

— Modelo? — ele perguntou curioso, e ri pela forma como ele reagiu.

— Também. Fiz alguns trabalhos de publicidade e fui *Miss Teen Rio de Janeiro*, e esse ano *Miss Teen Universe*. Mas não é grande coisa. — Corei, porque não gostava muito de falar sobre isso e ainda assim não sabia por que diabos havia tocado nesse assunto.

— Caramba! Miss? — perguntou surpreso, e não tive como não rir da sua reação.

— Sim. Comecei cedo — afirmei, sentindo meu rosto queimar de tão vermelho.

— Não imaginava que fosse brasileira, você fala muito bem inglês — disse com um sorriso no rosto.

— Obrigada — agradei. — Estudei em um colégio americano no Rio de Janeiro, onde nasci, e já viajei um pouco para praticar. — Voltei meu olhar para o dele, que estava sorrindo para mim.

— Você não deveria estar na aula? — Henrique perguntou nervoso, aproximando-se da nossa mesa sem que eu notasse.

— Não tenho aula até as dez, Henrique — respondi friamente, enquanto Paco olhava de mim para ele, que tinha os braços cruzados em nossa frente. — Henrique, este é Paco. — Apontei dele para Paco e fiz questão de continuar: — *Paco, this is Henry, my step-brother!* — terminei em inglês.

Sim. Sabia que estava brincando com fogo, até porque eu odiava que alguém se referisse a nós dois como “meio-irmãos”, como era costume se referirem a uma situação como a nossa fora do Brasil mas não pude resistir a ver como Henrique reagiria a essa apresentação. E tenho que dizer, que nada se comparou à cara de choque e raiva que ele fez para mim. Não pude conter o sorriso de satisfação que escorregou pelos meus lábios.

— Prazer, *Bro*. — Paco estendeu a mão, parecendo aliviado enquanto se apresentava, e Henrique não pôde fazer nada além de retribuir, pois era educado, apesar de tudo.

— Sim. Prazer — respondeu em inglês também, mas sua voz me pareceu mais um rosnado do que qualquer coisa.

— Aí está você, delícia! — Zane disse, sentando do meu outro lado.

— Zane. Estava te esperando para irmos — falei, contente em vê-lo, e lhe dei um abraço.

— Desculpe, querida, mas minha professora de história estava me deixando louco com um trabalho que pediu — respondeu e olhou para os lados, parecendo notar pela primeira vez que não estávamos sozinhos. — Olá, meu nome é Zane, sou amigo de Mia — ele se apresentou em italiano para os dois com um sorriso enorme.

— Prazer, Paco — Paco respondeu gentilmente, parecendo não se importar com seu entusiasmo por estar falando com dois caras lindos.

— Henry — Henrique respondeu, junto com um aceno de cabeça.

— Oh! Bem que minha avó avisou que eu precisava frequentar mais a biblioteca. Meu Deus, que gostosos! — ele sussurrou um

pouco alto demais, acreditando que ninguém entenderia.

Joguei minha cabeça para trás e caí na gargalhada, porque vi a sobrançelha de Henrique subir e ele começou a rir baixinho.

— Zane — comecei a falar quando finalmente parei de rir —, esse é Henrique, filho da minha madrasta, que mora comigo aqui.

— Senti que deveria apresentar, mas voltei a rir quando vi sua bochecha ficar escarlate pela situação.

— Obrigado pela parte que me toca, cara — Henrique brincou, com a sobrançelha levantada e um tom irônico na voz.

— Meu Deus! Que vergonha! Desculpe — Zane desculpou-se sem jeito. — Não sabia que você era você. Mia não havia dito que você era o próximo cara quente da *Men's Health*. — falou, fazendo-nos cair na risada.

Em seguida, expliquei em inglês o que estava acontecendo a Paco, que estava mais perdido do que meus brincos em final de festa, e ele acabou rindo também.

— Vocês deveriam ir para a festa que darei hoje na minha casa. Não quero me gabar, mas minhas festas costumam ser épicas — Paco disse sorrindo diretamente para mim.

— Não sei se... — Henrique começou.

— Estaremos lá — respondi interrompendo Henrique, que bufou em frustração, e sorri de volta para Paco, ignorando-o completamente.

— Ótimo. — Paco aumentou seu sorriso. — Vou te dar meu número de celular — ele disse, pegando uma caneta no bolso.

Abri meu caderno para que anotasse, mas ele pegou minha mão e abriu-a para em seguida anotar na palma dela seu número de telefone. Ri baixinho, enquanto a ponta da esferográfica fazia cócegas, e ignorei o olhar ardente que sentia vindo de Henrique. Sendo sincera comigo mesma, adorei saber que ainda poderia provocar uma cena.

— Preciso ir — Paco disse assim que terminou de escrever seu número. — Estou dez minutos atrasado para a minha aula. — Levantou-se da mesa Paco e se dirigiu a Zane e Henrique para falar: — Até mais tarde, pessoal. — Seus olhos se prenderam nos meus quando ele murmurou: — Até lá, *baby*! — E deu uma piscadinha antes de se retirar.

— Oh, Deus! — Zane colocou em palavras exatamente o que eu estava pensando, enquanto se abanava como se estivesse com calor. — Sem ofensas, gata, mas o cara mais cobiçado do campus está dando em cima de você! — falou, me fazendo corar ainda mais.

— Você não vai sair com esse cara, Mia — Henrique disse me olhando sério, me fazendo olhar de volta para ele.

— Como? — perguntei ironicamente, enquanto Zane olhava de mim para Henrique, visivelmente sem entender a complexidade da coisa entre nós.

— Você entendeu. Ele é um safado. Estamos aqui há apenas um mês e já ouvi várias histórias desse cara. Você não vai sair com ele — repetiu e comecei a rir sem controle, mesmo que na verdade não estivesse achando nada engraçado.

— Você também é um safado, Henrique Ferraz! — Henrique abriu a boca, mas fechou, nitidamente sem argumentos para contestar.

E exatamente por isso continuei:

— Ainda assim não foi um problema e muito menos fui impedida de ficar com você! — falei mais alto do que pretendia, mas ninguém ao redor pareceu notar, a não ser Zane, que estava com o queixo na mesa de tão chocada. — Vamos embora, Zane — chamei meu novo amigo, ignorando Henrique ao sair da mesa.

Meu amigo hesitou por um momento, mas logo me seguiu. Não pretendia perder a cabeça com Henrique, tinha prometido isso para mim mesma que não faria mais isso, no enato ele me provocara. Talvez tenha sido desnecessário, mas eu realmente não aguentei. Precisei colocar para fora minha frustração.

Zane ainda estava em choque quando chegamos à cafeteria, e eu sabia que ele esperava que eu contasse a ele o que havia acontecido.

— Desculpe pela cena. — Tive que me desculpar, porque me senti mal por meu novo amigo presenciar nossa briga.

— Tudo bem, gata — afirmou, pegando minha mão. — Você está bem? — perguntou parecendo genuinamente preocupado.

— Sim e não — confessei frustrada.

— Entendo. — Ele sacudiu a cabeça. — Só estou um pouco confuso, mas entendo. — Concordei rindo levemente.

— Se você está, imagine eu. — disse, prendendo meus cabelos em um coque falso.

— Você quer conversar? — sua pergunta veio seguida de uma ruguinha de preocupação, assim que ele fez nossos pedidos para o garçom.

— Acho que sim. — Suspirei fundo.

Comecei a pensar que talvez fosse bom falar com alguém sobre isso. Não tinha conversado muito com Luca ou qualquer outra pessoa sobre nós. Luca estava envolvido demais e exatamente por isso ficava em uma situação um pouco embaraçosa pelos dois serem seus amigos. Ele não poderia tomar um lado e eu nem queria que tivesse que escolher um.

Apesar de ser uma pessoa adorável, Zane era um pouco solitário como eu. Talvez isso acontecesse quando nós perdemos um pouco dos nossos pais, porque Henrique também pareceu perder um pouco dele nesse processo. Eu sentia que podia confiar em Zane, e não era como se fosse grande coisa mesmo, então por isso me vi contando tudo. Ok, talvez não tudo.

— Gata, se ele disse que te ama, qual o problema? — Zane perguntou, assim que terminei de contar nossa história.

— O problema está justamente aí, Zane. Não sei se ele realmente me ama. Porque se me amasse, ele não teria beijado aquela menina depois de tudo. Ou ao menos teria lutado por nós, certo? — Não esperei que ele respondesse e continuei: — Eu não confio mais nele — admiti arrasada.



À noite, Zane iria lá para casa para me dar carona até a festa na casa de Paco. Eu não queria ir de maneira nenhuma com Henrique no carro que compartilhávamos, até porque não sabia se ele estava blefando quanto a isso, embora Luca tivesse me garantido que os dois iriam para a festa.

Vesti um vestido preto de manga longa, embora fosse bem curto e mega colado, e calcei uma bota preta cano alto de salto. Passei um blush, rímel, lápis de olhos preto, delineador e um batom bem vermelho. Quando achei que estava suficientemente cheirosa e satisfeita com a minha produção, fui para a sala pegar meu casaco para me preparar para sair.

Assim que o barulho do meu salto ecoou no piso de madeira da sala, o olhar de Henrique saiu da televisão, subindo de baixo para cima com admiração pelo meu corpo, enquanto sua boca caía aberta em choque. Ele não parecia capaz de dizer nada e muito menos parar de me olhar.

Ótimo. Exatamente a reação que eu esperava!

— Já indo para a festa? — Luca perguntou com um sorriso de quem entendera minha intenção e não pude deixar de sorrir de volta.

— Sim. Zane está lá embaixo me esperando — respondi simplesmente, enquanto alcançava minha jaqueta de couro da Michael Kors e propositalmente me virava de costas enquanto vestia-o, para que Henrique visse o quão curto meu vestido era.

— Nos vemos lá — Luca respondeu segurando o riso, porque Henrique parecia cada vez mais nervoso passando as mãos pela nuca.

— Uh... O que é isso? — perguntou quando finalmente recuperou a voz, sem tirar os olhos do meu corpo.

— O quê? — perguntei me fazendo de desentendida, mas estava certa de que ele estava se referindo ao meu vestido.

— Você... — Ele parou de boca aberta, nitidamente sem saber o que falar, e então completou: — Nada. — Sacudiu a cabeça enquanto olhava para longe e, naquele momento, eu não poderia negar o sentimento de frustração que senti quando fez isso.

— Que seja! — eu disse irritada. — Estou indo garantir uma noite interessante, com bebidas e um cara quente! — terminei de falar e, sem esperar por mais nada, me virei e bati a porta sem olhar para trás.



Quando Zane e eu chegamos à casa de Paco, estava muito irritada e precisava de uma bebida mais do que qualquer coisa. Assim que tirei meu casaco, o coloquei onde estavam pendurados os outros dos convidados. Depois que fiz isso decidi que precisava dar um fim nessa merda de sentimentos que tinha por Henrique de uma vez por todas. Nem que eu precisasse pegar todos os caras gatos do Campus para isso.

Sim, estava querendo me tornar uma vadia! E foda-se o resto!

O loft de Paco era enorme e todo modernamente decorado. Ninguém do lado de fora diria que dentro desse prédio de tijolos velhos teria um lugar digno de capa da *Vogue*. Quase não havia paredes e os móveis iam de brancos a pretos. Da porta, pude ver que tinha uma escada que levava para o andar superior, que provavelmente era onde ficava seu quarto.

O lugar estava lotado e a música que tocava era tão ensurdecadora que não me surpreenderia se a polícia chegasse e acabasse com a festa. Não que achasse que isso iria realmente acontecer, esperava que não, porque senão atrapalharia a festa que eu mesma

pretendia fazer.

Paco nos avistou assim que coloquei o pé na porta. E se eu não soubesse que ele era um maldito jogador, diria que ele estava realmente esperando minha chegada. Ele estava vestido com uma calça jeans e camisa manga-longa vermelha, bem colada ao seu corpo esculpido.

Sim, ele definitivamente era gostoso!

Tentei o meu melhor para esquecer qualquer merda e tentar aproveitar o passeio. Por isso me vi sorrindo de volta para ele, enquanto ele não estava sendo nada sutil em subir e descer o olhar pelo meu corpo. E Zane riu, parecendo perceber a mesma coisa que eu.

— Ei, linda. Que bom que veio. — Paco apressou-se a vir me dar um beijo na bochecha.

— Ei, você. — Sorri de volta, dando outro beijo na sua bochecha. — Eu disse que viria. Obrigada por me convidar. — Dei um empurrãozinho no seu ombro.

— Você é sempre bem-vinda, linda — afirmou com o sorriso ainda maior.

Ai, assim ficava difícil de resistir com esse sorriso!

— Bom ouvir isso. Lembra de Zane, Paco? — perguntei tentando não deixar meu amigo de lado.

Paco respondeu e cumprimentou Zane de forma educada. Não demorou muito para que meu novo amigo saísse e fosse encontrar outras pessoas conhecidas, mas não sem antes murmurar no meu ouvido para que aproveitasse e desfrutasse da recepção do gostoso que estava babando por mim. Tentei não rir, mas foi um pouco difícil pela cara que fez.

Paco me ofereceu bebida e, quando nos trouxe uma cerveja em copos de plástico, começamos a conversar. Enquanto conversávamos, reparei que Paco estava olhando para meus peitos e me controlei para não revirar os olhos. Era uma merda, mas eu já estava acostumada com isso. Eu tinha herdado as curvas e os seios de minha mãe, e Lorena me provocava dizendo que tudo que eu precisava em uma balada era um decote, um remelexo nos quadris e um “biquinho sexy” para garantir minhas bebidas ou qualquer coisa. Por isso que, por mais que às vezes me sentisse desconfortável, estava acostumada com a reação dos homens.

Não sei quanto tempo ficamos conversando, mas logo constatei que além de lindo, Paco era realmente legal e charmoso. E por que não uma ótima distração?

— Vamos dançar? — Paco sussurrou a pergunta em meu ouvido.

Comecei a pensar seriamente que apesar de bonito e gostoso, eu realmente não queria fazer nada com ele nesse momento. Honestamente, eu queria saber por que diabos Henrique nunca chegava com Luca. Eu quase estava tentada a ir até o banheiro e ligar para saber. Quase.

Odiava o fato de estar sentindo falta dele. E foi por causa desse pensamento, que agarrei sua mão e puxei Paco para pista de dança improvisada na sala de estar do seu *loft*. Eu não podia permitir pensamentos como esse, não com Henrique. Não mais.

Estávamos no meio da pista, e eu de frente para Paco, com os braços levantados acima da minha cabeça, me vi dançando distraída, me entregando à batida rápida da música que tocava. Foi quando avistei de longe Henrique e Luca conversando com algumas meninas que já tinha visto pelo Campus.

A loira que estava flertando com Henrique tinha o cabelo nos ombros e usava um short jeans tão curto que eu podia ver sua bunda saindo pela bainha e em um top branco em conjunto com botas estilo mocassin marrons. Era realmente ridículo ela se vestir como se estivesse no Havaí, quando o frio estava para arrebentar nosso nariz.

Vadia oferecida!

A raiva fez meu corpo estremecer quando vi a loira vadia pegar a mão de Henrique, colocá-la na sua própria cintura e ele dar aquele sorriso estúpido que costumava dar sempre que estava prestes a conseguir o que queria. Eu tinha visto esse sorriso a vida toda e conhecia o sentimento de que ele estava prestes a “entrar na calcinha” de uma vadia qualquer.

Está na hora do show, Mia!

Em um *timing* mais do que perfeito começou a tocar *I’m a slave 4 U* de Britney Spears. Virei-me de costas para Paco e comecei a rebolar contra ele. Eu o ouvi gemer quando agarrou meus quadris para me puxar para mais perto e eu sabia que a questão estava perdida em cada movimento dos meus quadris. Eu era boa nisso, sabia o que fazer com a minha bunda, porque fiz todas as estúpidas aulas de dança e realmente tinha o gingado e requebrado de uma brasileira. Então Paco estava definitivamente em minhas mãos, ou deveria dizer em minha bunda?

Paco me virou de frente para ele novamente, e começou a trilhar seus lábios no meu queixo apenas até atrás da minha orelha.

Uh. Ele era bom!

— Podemos sair daqui se quiser — sussurrou em meu ouvido.

Olhei em seus olhos, pensando se realmente deveria ir. Nesse momento eu já estava meio bêbada, não estava mais me lembrando de Henrique e muito menos de qualquer outra coisa. Não era como se eu fosse perder mais nada de importante.

Sim, por que não?

Sorri para Paco, em resposta, e ele me puxou pela mão, indo em direção à saída. Passei por Zane e pisquei para ele que ficou com a boca aberta em surpresa. De longe vi Luca conversando com Henrique, como se quisesse acalmá-lo, e a loira não estava mais grudada nele.

Luca estava tentando acalmá-lo porque eu estava dançando com Paco? Foda-se. Não me importa mais!

Descemos as escadas e ainda assim era possível ouvir o volume ensurdecedor de *In the End* de Linkin Park, que tocava lá em cima. Caminhamos até seu carro, até pararmos em frente a um *Porsche* vermelho.

Oh, God! Vou mesmo fazer isso?

Paco abriu a porta para que eu entrasse e, quando estava me preparando para isso, ouvi meu nome:

— Mia. Não se atreva a fazer isso! — Assustada, me virei para ver Henrique nos olhando irritado.

Inferno!

Senti-me uma anã quando ele parou ao nosso lado. Henrique era bem mais alto do que Paco e provavelmente com uns vinte quilos a mais de músculos. O contraste entre os dois era impressionante. Acho que eu não tinha percebido o quão grande Henrique era, porque eu estava acostumada a vê-lo com nossos amigos que eram proporcionalmente grande. Fiquei tão chocada com a comparação dos dois que fiz, que acabei me esquecendo de responder a interrupção de Henrique.

— Desculpa, cara, mas sua irmã disse que poderia vir. Achei que não teria problemas — Paco disse dando de ombros tentando se desculpar.

Fiquei puta da vida por Paco achar que eu deveria alguma satisfação a Henrique, porque ele não era meu irmão e eu era bem grandinha para isso. Esperei que Henrique corrigisse, mas o idiota mais uma vez não fez isso. Queria que ele acabasse logo com essa merda e dissesse alguma coisa, porque não dizer absolutamente nada estava me irritando como o inferno.

Porra! Não era da conta dele!

— “A garota aqui” é bem grandinha e pode decidir quem ela quer pegar! — gritei irritada enquanto passava pelos dois.

Não sabia que merda faria, mas resolvi voltar para a festa e beber até não aguentar mais. Eu podia ouvir os passos dos dois seguindo atrás de mim, mas ninguém ousou dizer uma palavra e era melhor mesmo que não dissessem. Assim que passei pela porta, Luca me alcançou e olhou para trás de mim, para os dois idiotas provavelmente. Mas logo em seguida Paco passou por nós e entrou na festa.

— O que aconteceu, *Tchuca*? — Luca perguntou preocupado.

— O que aconteceu? — repeti sua pergunta e apontei para Henrique atrás de mim. — Esse idiota simplesmente acha que pode se meter com quem fico ou deixo de ficar. Pergunte a ele se alguma vez me meti no que ele fazia com as garotas que pegava! — respondi irritada, indo em direção à cozinha que mantinha toda a bebida da festa.

— Que merda você fez, Henrique? Vá pedir desculpas! — ouvi Luca falar com ele atrás de mim.

— Desculpas para quê? Por querer ser protetor e não querer que ela dê para o primeiro galinha que apareceu? — respondeu irritado e passou por mim, indo em direção contrária à minha, para a varanda.

Quando cheguei à cozinha olhei ao meu redor e no canto da sala vi Paco já dançando com uma outra garota. Típica atitude de homens galinha. Homens são tão idiotas, que eu sinceramente não sabia como a humanidade se perpetuou com eles sendo assim.

Decidi que não lamentaria e comecei a procurar pelas dezenas de garrafas sobre o balcão o que poderia tomar. Até que encontrei uma garrafa de tequila que eu havia tomado certa vez e gostei. Quando alcancei o copo do outro lado do balcão, Luca pegou no meu braço.

— De jeito nenhum que você vai fazer isso por causa de Henrique, *Tchuca* — falou me olhando sério e ao seu lado vi Zane

também com o olhar preocupado.

Ignorando-os, enchi o copo com o líquido dourado. Eu sabia que não devia beber a tequila porque já havia bebido várias cervejas durante a noite, mas eu precisava disso em mim o mais rápido possível.

— Já dizia o poeta: Decepção não mata, ensina a beber! — disse, enchendo mais um pouco o copo.

Eu queria esquecer Henrique e qualquer merda que ele poderia estar possivelmente fazendo com alguém nesse momento. Estava decidida a beber até que as células cerebrais do raciocínio morressem.

— Alguém se junta a mim? — perguntei com um sorriso falso, contemplando as carrancas dos meus dois amigos. — Bom! Que se dane então! Por uma nova Mia! — Levantei o copo e levei para os meus lábios, derramando o líquido em minha boca.

O gosto bom e ardente da tequila queimou na minha garganta e me fez bater com o copo na bancada de granito antes de sacudir a cabeça e gritar:

— Uhul!

— Você já fez seu ponto? — Luca perguntou com a sobrancelha cerrada.

— Luca... — Bati carinhosamente em seu rosto. — ... sei que está querendo pegar mais uma garota, em vez de dar uma de babá. Não se preocupe comigo e vá se divertir — eu o incentivei, querendo que ele saísse, já me servindo uma outra dose e ele se adiantou, tomando-a da minha mão.

— O que me importa agora é garantir que minha melhor amiga não vá encher a cara por causa do meu outro melhor amigo, que é idiota o bastante por não assumir o quanto é louco por ela. Você estar chateada com ele eu entendo, só não quero que seja idiota — ele tentou me dissuadir e sorri para ele, antes de pegar meu copo de volta e virar a outra dose.



Antes de voltar para a pista de dança, tomei mais umas duas doses e fui dançar. Perdi-me na batida da música, na iluminação piscando ao meu redor e na sensação do meu corpo suado dançando ao som de *Can't Get You Out Of My Head* de Kylie Minogue.

Era uma droga o quanto essa música dizia exatamente como me sentia. Eu precisava acabar de uma vez por todas nessa merda em que me encontrava e por um cara idiota. Mesmo que esse cara idiota me conhecesse desde sempre e não pudesse ser arrancado da minha vida. Eu sabia que ele não merecia isso, mas isso não impedia que me sentisse dessa forma.

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei dançando, mas sei que quando cambaleei para a cozinha precisando de mais alguma bebida, eu estava mais algumas doses bêbada. Isso se dava justamente pela certeza de que estaria perdendo tempo se dissesse para alguém “não estou bêbada”.

Luca e Zane ficaram perto de mim o tempo todo, para me vigiar, eu supus. Como se eu fosse subir no balcão e fazer um *strip-tease* ou algo do tipo. Não, eu não era tão louca. Ao menos eu acreditava que não fosse. Eles definitivamente não estavam confiando em mim, mesmo dizendo para saírem e aproveitarem a noite. Eu era uma menina grande, não precisava de duas babás.

Olhei para Luca e ele estava me olhando preocupado. Comecei a pensar que talvez fosse mais fácil se eu simplesmente não amasse Henrique e me apaixonasse pelo meu melhor amigo. Ele era tão bonito e um cara maravilhoso. Qualquer mulher teria sorte em tê-lo na sua vida.

Eu sabia que nós já havíamos cometido o erro de nos beijar e quase fizemos algo mais, mas ainda assim não me impediu de pensar dessa forma.

— Por que não me apaixonei por você? — perguntei me aconchegando em seu peito.

— *Cê tá brincando né, Tchuca?* Você sabe que todas as mulheres caem de amor por mim! — ele disse com seu tom brincalhão, mas não consegui rir como sempre costumava fazer.

— Eu amo tanto ele que dói — admiti bêbada e meu melhor amigo assentiu como se realmente soubesse e se inclinou para sussurrar no meu ouvido:

— Acredite em mim, sei o quanto ele é louco por você e a ama também. Sei que é uma merda, mas você tem que ter paciência e voltar a ser você mesma com ele, só assim verá que ele se abrirá para você — falou com carinho.

— Não. — Solucei um pouco. — Preferia ter ido para cama com você naquele dia que nos beijamos, eu com certeza teria esquecido dele se tivesse dado para você — afirmei em meio à minha névoa confusa.

— Vocês o quê? — Ouvi a voz de Henrique rouca atrás de nós e senti Luca ficar tenso colado a mim.

Porra! Dessa vez acho que estávamos encencados!

Tempos Atuais...

Eu não sabia se era porque estava voltando para casa, mas definitivamente mudar para o Brasil foi muito mais fácil do que poderia imaginar que seria. Muito mais fácil até que foi mudar para Nova Iorque, depois de cinco longos anos em Roma.

Quando fui conversar com Lorena sobre minha ideia de nos mudarmos, pensei que talvez ela surtasse ou algo assim, mas ela pareceu estar esperando exatamente que lhe dissesse isso. E estava. Lore pareceu feliz e até mesmo aliviada por isso, o que novamente me fez sentir-me culpada por afastá-la tanto tempo de tudo e todos.

Mas nada se comparava à reação da nossa família, que ficara em êxtase pela notícia do nosso retorno. Nonno disse no seu modo dramático que foi preciso que ele quase morresse para que isso acontecesse, embora não conseguisse controlar o sorriso e o brilho no olhar pela notícia. E claro, o enchemos de beijos por isso.

Papa também fora outro que ficara extremamente feliz pelas suas meninas estarem voltando para casa, e ainda que tivéssemos deixado claro que estaríamos voltando, mas não para sua casa, que continuaríamos a morar em nosso canto, eu, no meu apartamento, e Lorena, finalmente com Caio, ainda assim ele parecia feliz demais para contestar.

Henrique era outro que não conseguia esconder o quanto estava feliz. Por mais que tivesse feito questão de ir falar com ele sobre isso antes de todo mundo, que quisesse ter certeza de que minha volta não seria um problema para nós, como no dia que isso aconteceu, ele virava e mexia soltava uma indireta mais do que direta. Eu tentava ignorar, fingia que não ouvia, achando erroneamente que talvez isso o fizesse parar, mas não lhe dar ousadia só estava me dando a impressão de que ele não facilitaria em nada. Quer dizer, eu tinha mais do que certeza de que ele não facilitaria. Mas por mais que isso me enfurecesse sobremaneira, eu não voltaria atrás na minha decisão, não perderia mais nada por causa do meu egoísmo.

Lorena, minha dinda e eu fomos com o jatinho de meu pai para fazermos nossa mudança. Diferentemente de Roma, eu não tive nenhuma sensação de vazio e peso no peito por partir. Talvez sentisse até mesmo alívio, pois eu apenas sabia agora que era a coisa certa a fazer, ir embora.

Em quatro dias havíamos arrumado tudo e nos vimos prontas para voltar. Minha editora da Vogue compreendeu meus motivos e concordou em manter meu blog ativo, e como não fazia sentido uma brasileira que morava no Brasil continuar com uma coluna da revista fora de Nova Iorque, ela me ofereceu uma nova proposta para a revista e o blog da *Vogue* Brasil.

Papa estava tão feliz com nosso retorno, que além de ter pegado de volta meu apartamento que estava alugado, nos perguntou o que queríamos de presente de boas-vindas. Não dar limites a duas filhas que não tinham muito limites e eram consumistas natas era um verdadeiro perigo, mas ele pareceu disposto a correr esse risco e mais do que feliz a encarar o prejuízo que poderíamos lhe causar.

Eu amava carros. Gostava da sensação que eles me causavam. O som do motor deles por vezes até mesmo me arrepiava. Luca costumava brincar que fui “encomendada” em uma pista de automobilismo ou então que em outra vida eu fora um piloto. Aprendi a dirigir de verdade quando tinha quatorze anos e sempre fui fissurada pelo poder de um possante. Então quando meu pai me perguntou qual o presente eu queria, respondi imediatamente que queria um carro. Mas não só um simples carro, pedi um supercarro, um *Mustang Shelby* com 662 hp.

Achei que meu pai tentaria me dissuadir a mudar de ideia, mas apesar da hesitação inicial ele nada disse contra e, depois de dizer para si mesmo em voz alta “O que eu não faço para ter minha filha de volta?”, me levou no dia seguinte para escolher o que eu queria.

Meu apartamento tinha ficado simplesmente incrível. Mesmo com os preparativos do casamento, ainda assim Sophia conseguira arranjar tempo para fazer a decoração dele. E depois de alguns dias na casa dos meus pais, quando terminei de arrumar tudo, primeira coisa que fiz foi ligar para ela e agradecer pelo completo milagre que tinha feito com a minha casa. Era até mesmo difícil de acreditar que ela conseguiu projetar e organizar toda a reforma em menos de três semanas. E ainda por cima grávida de gêmeos.

Todo o apartamento foi decorado com branco, preto, rosa e lilás. Thiago disse que tudo ali gritava “estrogênio e progesterona”. Lorena ficou azul de inveja e pediu para Sophia remodelar seu apartamento também. Mas óbvio que Caio recusou os tons rosados que ela pedia para enfiar até mesmo no quarto do futuro casal.

Além do quarto incrível que Sophia projetou, invejei-a e pedi a sapateira giratória que ela fez no seu closet. Sim. O closet ficara de

fazer inveja a *Carrie Bradshaw*, quanto mais a mim, reles mortal. Ela também me dera uma sugestão incrível de mandar reformar a antiga penteadeira da nonna, que ficava no meu quarto na fazenda. Antes ela era bege, detalhada em ouro. Então, como surpresa, porque Sophia havia me pedido para deixar isso em suas mãos, agora ela era uma Rosa Shock escândalo.

Mas dentre todas as coisas maravilhosas, eu estava agora no meu cantinho. Mesmo que amasse meu pai, minha dinda, meu Nonno e meus irmãozinhos, gostava de ter meu canto. Há nove anos morava sozinha e não conseguia mais lidar com a falta de liberdade que tinha tendo o meu próprio lugar. Por isso estava realmente feliz e aliviada de estar instalada na minha casa.

Fora que era a primeira vez na vida que eu morava realmente sozinha. Na Itália primeiro foi Luca e Henrique, depois foi Mariah e Lorena. E em Nova Iorque além de Lore também tinha Zane, então era a primeira vez que teria um lugar apenas para mim. Como diria Rachel Green, se eu quisesse andar nua eu andaria. Afinal, quem estaria aqui para me ver?

Estava saindo do apartamento para encontrar com meu novo *personal* de boxe, na academia do prédio, daqui a trinta minutos, mas como estava sem fazer exercício há alguns dias, decidi fazer um pouco de esteira enquanto ele não chegava para me aquecer. Voltei em casa pegar meu iPod e distraída fechei a porta quando tornei a sair, antes de me esbarrar em uma parede de músculos. Virei para pedir desculpas, quando dei de cara com Henrique.

Ele estava ali, completamente suado, sem camisa, usando apenas um short preto e tênis. Foi impossível não acompanhar a gotinha de suor que foi escorrendo do seu pescoço, descendo pelo seu corpo deliciosamente tatuado, passando pelo seu peitoral definido, depois pela sua barriga *sixpack* e se perdendo naquela imensidão de gostosura.

Santo Inferno! Ele estava mais delicioso do que nunca!

Tive que reunir toda minha força de vontade para conseguir a façanha de levantar meus olhos rapidamente, mas disse a mim mesma que eu precisava mantê-los acima de seus ombros, soltar a respiração que estava prendendo e segurar o suspiro que ameaçava romper na minha garganta.

Do jeito arrogante que Henrique sorria quando voltei a olhar para o seu rosto lindo, ele sabia disso. Admitindo ou não, ele me conhecia e podia ler meus pensamentos como ninguém. Isso por si só quebrou o feitiço do Deus seminu na minha frente.

Idiota. Arrogante. Convencido. E gostoso até não acabar mais!

— Bom dia, vizinha! — ele falou se aproximando com seu tom sedutor.

Droga! Cadê seu foco, Mia Guiotto?

Eu sabia que o fato de Mia estar de volta ao Brasil não significava, necessariamente, que a teria de volta na minha vida. Mas tê-la aqui e tão perto definitivamente estava me deixando cada vez mais propenso a cometer uma loucura.

Mia agora era minha vizinha e, como se ela morando ao meu lado já não fosse tentador, encontrá-la de manhã cedo vestida para a academia com um short minúsculo e um top que deixava à mostra a pele alva da sua barriga plana e os músculos delicados deixou-me completamente alucinado.

A forma como ela reagiu à minha presença, esse sinal que seu corpo dava respondendo ao meu, fez com que me sentisse mais compelido a seguir adiante com meu desejo de levá-la não apenas para minha cama, mas, sim, de volta para minha vida como eu a queria.

Mas por mais insano que fosse meu desejo e minha necessidade de tê-la, eu sabia que tinha que ir devagar. Nós nos magoamos demais ao longo dos anos e Mia ainda era a mais magoada e quebrada em toda nossa fodida história. Essas idas e vindas que apenas nos afastaram e fizeram com que chegássemos até aquele momento.

Ainda que soubesse de tudo isso não consegui me conter, dei um passo, movendo-me em sua direção, e, quando vi que ela estava prestes a proferir alguns adjetivos nada bonitos para mim, apressei-me para tocar seu rosto. Quando meus dedos encontraram a maciez de sua pele, um suspiro lhe escapou e ela fechou os olhos, como se desejasse meu toque tanto quanto eu necessitava tocá-la, e ainda assim queria repeli-lo, mas não conseguia.

Eu não chegava tão perto ou tocava-a desse jeito tão íntimo há anos. Tanto tempo que nem sabia como havia suportado. E essa constatação fez meu coração doer, porque mesmo depois de tantos anos e tudo que nos aconteceu, o sentimento inexplicável, a atração desmedida, a paixão desenfreada, estava tudo ali, muito mais intenso do que já estive um dia.

Durante anos não conseguia dormir direito. Eu havia adquirido uma puta de uma insônia que não me deixava descansar. A noite era sempre a pior hora para mim, minha cama simplesmente parecia vazia sem Mia. Eu me sentia vazio sem ela. Era como se as coisas não se encaixassem direito desde então. Como se nada tivesse certo. E não estava. Tudo era incompleto sem ela. Todos esses anos longe de Mia foram como uma tortura para mim. E, no fundo, eu sabia que era por causa do vazio que deixara em minha vida, um vazio que nunca poderia ser preenchido por outra pessoa que não fosse ela.

Durante todos os anos em que ela estava namorando o idiota do Paco, eu tinha pesadelos com ela subindo ao altar com ele e tendo pequenos bebezinhos. Eu quase não suportava vê-los ao redor durante as férias em que ela vinha visitar nossa família no Brasil. Sempre arrumava desculpas para sair de perto do “casal feliz”.

Quando ela se separou dele e ficamos juntos há quatro anos, eu já não tinha mais dúvidas do quanto precisava ficar com ela, estava disposto a levá-la ao altar o quanto antes. Mas então aconteceu tudo aquilo, mais um desencontro e ela pediu para que me afastasse, não me deu ouvidos quando tentei explicar a situação e ainda por cima quebrou meu coração sem dó. Ainda assim, todas as noites, desde então, eu tinha vontade de procurá-la. Tinha vontade de ligar. Eu precisava pelo menos ouvir sua voz e saber que ela estava bem, mas meu orgulho me manteve distante.

Então me afoguei no trabalho. Mantive mulheres ao meu redor, mesmo sabendo que nada poderia substituir e nem mesmo chegar perto do que tive com Mia. Era vazio. Minha vida sem ela era um vazio. Meu coração se sentia vazio, porque ela era o bombeamento dele. Mia era minha própria pulsação.

Seus olhos se abriram quando sentiu minha respiração quente em sua pele, o azul do seu olhar era intenso quando resfolegou e ainda sabendo que não podia negar o que nos movia, Mia tentou se afastar. Uma das mãos encostou-se no meu peito desnudo e suado em uma tentativa de me empurrar, mas foi em vão.

— Deixe-me ir — implorou com um sussurro fraco.

Mordi os lábios e neguei, tentei controlar as batidas incessantes do meu coração quando disse sem hesitar:

— Não vou deixar isso acontecer, não outra vez.

Ela parecia confusa e ainda assim prestes a brigar, mas por mais tentado que estivesse a ir em frente, era a verdade e por isso sabia que dessa vez teria de fazer as coisas certas. Pela primeira vez teria que fazer o que de fato era certo, e não o que eu julgava ser o melhor. Não podia permitir que depois de tudo desse errado novamente. Eu não era mais um adolescente estúpido. Falei sério quando disse que não a deixaria ir.

Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto, enquanto Mía tentava de alguma maneira recuperar sua compostura. E antes que ela tentasse fingir que nossa interação não fora nada, pisquei para ela e me despedi:

— Bom dia, *Miamor*.



De uma simples confeitaria, *La Dolce Lina* acabou se tornando uma das maiores redes de cafeteria e confeitaria do Brasil. Com seu crescimento no mercado nacional, viu-se a necessidade de expandir os horizontes da empresa e em poucos anos, o que era apenas um negócio familiar tornou-se um mega império alimentício, que ia desde doces caseiros, comidas congeladas a redes de fast-food, Assim nasceu a *Guiotto's Indústria e Comércio de Alimentos*.

Meu xará, Henrique Guiotto, havia sido o fundador do que viria a ser a maior empresa de comércio alimentício do país, mas acredito que nem mesmo ele imaginara aonde chegaria. O trono foi passado para seus descendentes e hoje seu bisneto — meu dindo — era o maior nome da empresa, onde conseguiu fazer o faturamento chegar à casa dos bilhões.

Eu era o segundo no comando e me orgulhava disso, afinal, por mais que todo aquele império pertencesse à família que eu tinha como minha, ainda assim eu havia batalhado muito para chegar onde estava. Aprendi com Thiago, que desde que ingressou na TV, que precisava a cada trabalho provar que ele era digno de interpretá-lo e não apenas porque seus pais eram do meio. E era exatamente assim comigo também.

Nunca almejei o cargo de vice-presidente, não, na verdade eu sempre quis mesmo era provar que eu era muito melhor do que o canalha do meu pai. E calar sua boca, onde quer que ele estivesse, no inferno, eu supunha. Queria provar para mim também que eu era capaz. E era, isso era incontestável.

O ramo do comércio de alimentos era extremamente competitivo. Trabalhar mais e mais a cada dia era essencial, pois não podíamos perder nem nossa qualidade e muito menos nossa posição nas vendas. A diversidade era necessária, especialmente quando lidamos com alimentos, porque embora não deixemos de lado os sabores caseiros e tradicionais, inovar sempre era preciso e vez ou outra tínhamos que trazer um novo sabor para o nosso cardápio.

Eu cresci no meio disso tudo, conhecendo cada etapa, desde a produção, à distribuição e também a implantação de cada nova loja ou franquia instalada. E exatamente por isso nunca me vi fazendo nada além de trabalhar, que havia se tornado um pouco a minha casa também.

Desde pequeno era fera em números e cálculos, o que ao longo dos mais de dez anos trabalhando ali acabou me ajudando a fazer a empresa se expandir. E justamente por ter aprendido e crescido como profissional pelos meus próprios méritos, que me tornei o braço direito do meu dindo e a *Guiotto's* se tornava cada vez mais gigantesca.

Amava o que fazia e por isso sempre fui dedicado ao meu trabalho, dando o meu melhor para conseguir os melhores resultados possíveis. Era uma coisa minha, eu mesmo me cobrava, queria me provar. Mas quanto mais os dias passavam, mas eu me desconcentrava e questionava sobre tudo que deixei para trás e abri mão para estar ali.

Eu havia perdido a mulher que eu amava e mesmo depois de conquistar muito mais do que almejei, a impressão que eu tinha era de que havia perdido não apenas meu tempo, mas também a chance de um dia ser feliz. E por mais decido que estivesse em reconquistá-la, estava começando a ter medo de que fosse tarde demais e não tivéssemos mais volta.

Por isso, enquanto a reunião acontecia, em vez de me preocupar em resolver problemas de logística e redução de custo, me via perdido em meus pensamentos, no que eu poderia fazer para trazê-la de novo para mim. Minha cabeça havia dado um nó e tudo que eu pensava não parecia ser o suficiente para minimizar todo o estrago que havia acontecido entre nós dois. Essa minha ansiedade de resolver tudo o quanto antes beirava um princípio de infarto e eu sabia bem que um desses na minha idade poderia ser fatal, então talvez fosse melhor ir com calma.

Para fingir que estava prestando atenção, vez ou outra brincava com a caneta ou movia a pilha de papéis como se estivesse à procura de algo. Possivelmente minha mente.

Quase não percebi que a reunião havia sido dada como encerrada, só dei-me conta disso quando os diretores começaram a se afastar. Em modo automático, despedi-me de todos e estava prestes a sair quando meu dindo me chamou.

— Sim?

— Você tem um minuto, filho? — assenti e, com um sorriso, afirmei o que era verdade:

— Para o senhor sempre, dindo.

Ele sorriu orgulhoso e satisfeito pela minha resposta. E embora o que nós tínhamos fosse o suficiente para mim, quando via a maneira que ele me tratava, que me apoiava, agindo de fato como um pai deveria agir com um filho, mostrando no dia a dia o que ele também me dizia com palavras, que eu era um filho para ele, era impossível não comparar com a maneira que Paulo havia me tratado ao longo dos anos.

Eu não gostava de pensar nele. Nunca. Afinal, para ele eu não passava de um peso, um meio para o fim. No entanto, por mais que não gostasse de sentir nada, nem mesmo raiva, a mágoa por tudo que tive dele ao longo da minha vida borbulha em cada poro meu.

— Está tudo bem? — Assenti. — Tem certeza? — insistiu e, embora eu quisesse gritar que “não”, apenas sorri.

— Claro, dindo. Por que não estaria? — tentei soar casual, mas não sei se ele engoliu muito bem, ante seu cenho franzido.

— Sei que você tem estado bastante atolado de trabalho. — Não foi uma pergunta, ele sabia que era verdade, sua mão apertou meu ombro de modo amigável. — Especialmente depois do que aconteceu com *Papa* e teve que se desdobrar para dar conta de tudo com a minha ausência. Primeiro quero te agradecer por isso, afinal, se você não estivesse aqui para segurar as pontas e ainda por cima conseguido conciliar o trabalho, estando sempre presente durante a recuperação do seu avô, nem sei como teria sido. Você não tem noção do quanto sou grato por tê-lo em nossas vidas, Henrique.

Neguei e abaixei o olhar, envergonhado e emocionado. Foi difícil conter as lágrimas que encheram meus olhos e ameaçaram cair. E a emoção estampada em sua voz embargada, não ajudou em nada como me sentia. Eu que era grato por tê-lo e certamente não saberia o que seria da minha vida se não o tivesse ao meu lado desde que nasci. Não importava a genética, a lei dos homens ou qualquer porra, para mim ele era meu pai.

— Eu não fiz nada esperando agradecimento, dindo. E eu que não tenho como agradecer por ter o senhor em minha vida. — Agora foi a minha voz a embargar.

— Sei que não fez. — O aperto em meu ombro se intensificou. — Ainda assim, só queria dizer o quanto você é importante para todos nós. Você não é apenas meu braço direito na empresa, Henry, você é o suporte da nossa família.

Sem mais uma palavra, nos abraçamos. Ambos emocionados, ambos externando os sentimentos que por vezes acabávamos não confessando por qualquer que fosse o motivo.

A vida era assim, às vezes deixávamos que nos comandasse e esquecíamos que existia algo mais importante do que qualquer coisa supérflua, como os momentos especiais e a família. E sem saber dar a real importância para isso, deixávamos para falar depois o que poderíamos repetir e viver a cada dia.

A gente costuma se preocupar e dar importância para coisas tão pequenas e vem a vida e te dá um tapa na cara, como aconteceu com meu nonno, comigo e com a Mia ao longo dos anos. Depois de tudo, eu não deixaria mais para amanhã o que eu poderia fazer agora. Não deixaria para posterioridade o que poderia ser o meu hoje. Não perderia mais nada, porque eu já havia perdido demais. E o que eu havia perdido lutaria para reconquistar.

— Amo você, dindo. Amo nossa família.

Não tive vergonha de derramar minhas lágrimas, elas eram apenas uma consequência do amor que sentia por eles.

— E nós, amamos você — garantiu apertando minha nuca e encostando sua testa à minha.

— Obrigado. — Embora não tivesse algo realmente específico para agradecer, talvez por tudo, mas ainda era algo que eu sentia que deveria fazer e ele sorriu, parecendo me entender. Ele

sempre me entendera.

— Obrigado também.

Nove anos atrás...

— Henry, podemos explicar, cara — Luca começou a falar e olhei para Henrique me deparando com a cara de ódio que assumiu aquele rosto lindo.

— Explicar? — perguntou incrédulo. — De todas as garotas com quem poderia fazer isso, você fez logo com Mia? — ele estava cada vez mais irritado, era nítido mesmo com todo álcool em meu sangue.

— E qual o problema de ser eu? — perguntei altamente irritada, me soltando dos braços de Luca, que não quis ceder.

Henrique me ignorou e foi para enfrentar Luca, eu me pus em sua frente mais uma vez. Eu não iria deixar isso acontecer entre os dois. Nunca. Eles eram amigos desde sempre e não poderia permitir que a minha merda com Henrique interferisse em uma amizade de uma vida toda. Nunca me perdoaria caso isso acontecesse.

— Henrique, recue — avisei séria, já não parecendo tão bêbada quanto estava há pouco. — Não aconteceu nada de mais entre nós. Não aconteceu, pois nos demos conta de que era uma besteira, de que não poderíamos seguir com isso só porque estávamos magoados com alguma coisa. Nossa amizade vale mais do que uma foda! — afirmei e Luca segurou no meu ombro assentindo, enquanto Henrique fazia uma cara de nojo.

— Exatamente — Luca murmurou em concordância e Henrique olhou de mim para ele, ainda sem entender direito.

— Vocês não foram para a cama? — perguntou um pouco mais relaxado, como se quisesse ter certeza, embora parecesse derrotado também.

— Não — negamos em uníssono.

— A gente se respeita acima de tudo, Henrique. Paramos antes que nos arrependêssemos. Isso aconteceu há meses — meu amigo afirmou, e Zane, que assistia a tudo de camarote, parecia prestes a ter uma síncope de tão chocado.

— Vamos, Mia, vou te levar para casa — Zane falou passando pelos dois e me pegando pela mão. Dessa vez não discordei, apenas o segui.

Eu não me atrevi a olhar para trás, especialmente quando *Ain't It Funny* de Jennifer Lopez começou a tocar. Temia que Henrique me lesse através dessa música e não podia deixar que isso continuasse acontecendo comigo.

*Estou
Loucamente
Apaixonada
Por você
Parecia ser a coisa perfeita para você e eu
É tão irônico, você é o que eu queria que fosse
Mas há fatos em nossas vidas que nós nunca poderemos mudar
Apenas me diga que você entende e sente o mesmo
Este romance perfeito que eu criei em minha cabeça
Eu viveria mil vidas, cada uma com você do meu lado
Mas ainda nos encontramos em uma circunstância menos perfeita
E então parece que nós nunca teremos a chance
Não é engraçado como alguns sentimentos você não pode negar
E você não pode progredir mesmo que você tente
Não é estranho quando seus sentimentos, você não precisa sentir
Oh, eu gostaria que isso pudesse ser real
Não é engraçado como apenas um momento pode mudar sua vida
E você não quer encarar o que está errado ou certo
Não é estranho como o destino pode fazer parte
Na história de seu coração
Às vezes eu penso que nunca pode ser um verdadeiro amor
Eu apenas acredito que, de alguma forma, não era para mim
A vida pode ser cruel
De uma maneira que eu não posso explicar
E eu não acho que eu poderia enfrentar tudo de novo*

Zane me ajudou a passar pela sala lotada e a descer a escada até seu carro estacionado em frente ao prédio. Achei que seríamos apenas nós, mas Luca nos alcançou e Zane ligou a direção.

Quando chegamos ao nosso apartamento, estava abençoadamente silencioso e escuro. Não queria pensar sobre onde Henrique estava e muito menos o que estava fazendo. Luca me levou para seu quarto e entregou para mim uma camiseta sua, para que eu usasse para dormir, e depois murmurou que iria até a cozinha pegar algo para que eu bebesse. Zane me ajudou a sair de meu vestido e o jogou no chão para usar a camisa de Luca, e eu estava longe de me sentir constrangida nesse momento.

Deitei-me na cama e me encolhi embaixo do edredom quente de Luca. Zane me desejou um boa-noite e pediu que eu ligasse para ele assim que acordasse, murmurei alguma coisa em resposta e ele pareceu entender. Luca entrou no quarto um pouco depois que escutei a porta da frente do nosso apartamento bater, provavelmente com Zane indo embora.

— Estou estragando sua noite, *Tigrão* — murmurei triste.

— *Thuca*, para com isso. Eu tenho várias noites para fazer o que quiser e me divertir, mas o que importa para mim agora é que você fique bem — garantiu, deitando ao meu lado, me envolvendo em seus braços como sempre fazia quando deitávamos juntos.

— Obrigada — murmurei para meu melhor amigo antes de finalmente desmaiar.



Não sei bem o que estava sonhando, mas me lembrava de que eu estava realmente contente com alguma coisa durante o sonho. Não sei quanto tempo se passou desde que dormi, mas senti mãos fortes me levantando da cama. Aconcheguei-me mais perto de um peito nu, cheirando meu perfume favorito. Fechei minhas mãos em volta do pescoço dele e suspirei.

— Henrique, deixe-a aqui e vá dormir. Amanhã vocês conversam, porra! — a voz de Luca sussurrava irritada.

— Eu sei. Mas também sei que não posso ficar longe. Apenas preciso dela ao meu lado agora — ouvi a voz de Henrique responder.

Tentei acordar, mas não consegui. O sono estava mais forte do que eu naquele momento.

— Ela vai ficar puta da vida quando acordar. Por favor, não foda isso novamente, porque juro a você que vou me esquecer de que é meu melhor amigo e quebrar a sua cara! — Luca ameaçou.

— Juro que não vou mais magoá-la — prometeu em resposta.

Pouco tempo depois, senti um colchão macio embaixo de mim novamente. Mãos fortes vieram me puxando contra um corpo grande e forte e fiquei feliz em me aconchegar a ele, antes de sentir um edredom quentinho nos cobrir.

— Sinto muito, *Miamor*. Eu te amo — sussurrou a voz do meu anjo antes que eu voltasse a cair em sono profundo em meio a minha uma neblina alcoolizada.



Acordei com o sol entrando na janela do meu quarto. Meu rosto estava esmagado contra o peitoral delicioso e cheio de músculos e percebi que o que me acordara foi justamente o calor e me vi pingando de suor, pois o corpo forte de Henrique estava todo em volta de mim. Ele me

mantinha completamente presa, com uma perna sobre meu quadril e os braços nas minhas costas, me apertando junto a ele.

Seu queixo estava apoiado no topo da minha cabeça. Sua respiração lenta e quente contra minha pele me fazendo estremecer. Mesmo que estivesse bêbada, tinha certeza de que quando dormi na noite passada eu estava dormindo na cama de Luca. Lembrei-me dos sussurros irritados entre os dois durante meio sono e depois de Henrique me trazendo para sua cama.

Não lembrei imediatamente do que aconteceu durante a noite, mas lembrava de ter bebido um monte de tequila e cerveja o que convenhamos, não era uma boa combinação. Ainda bem que não me sentia muito enjoada pela quantidade que bebi, porque provavelmente deveria estar vomitando horrores.

Depois lembrava-me vagamente de ter questionado Luca, chorando, por que não havia me apaixonado por ele e de Henrique ter ficado irritado, porque ouviu que falei sobre termos quase termos transado, o que imediatamente me fez ficar tensa.

Ontem a noite tinha sido péssima! Não, a verdade é que havia sido um fracasso épico!

Tentei me mover, mas foi completamente em vão, porque Henrique era muito grande e seu corpo era pesado demais, e tive como resultado da minha tentativa apenas que ele me apertasse mais junto a ele. Estava começando a achar que até no seu subconsciente sonolento Henrique queria me manter presa a si. Antes que tentasse me soltar novamente, ele respirou mais pesadamente.

— Não tente fugir, você não vai sair dessa cama enquanto não falarmos — sussurrou no meu ouvido, me fazendo estremecer.

— Não sei o que poderíamos dizer — falei, me contorcendo quando senti seus lábios contra meu pescoço e algo pressionando na minha barriga.

Isso era... Ai, Deus!

— Hm... Acho que antes poderíamos nos desejar um bom-dia de uma forma melhor, não? — perguntou com a voz maliciosa, e pude sentir seu sorriso em minha pele, mas achei que ele merecia uma resposta à altura.

Mas estava muito enganada em achar que conseguiria atingi-lo, pois quando bati com meu joelho nele, Henrique antecipou meu golpe e se protegeu.

— Nem ouse, seu idiota! Como pode pensar nisso depois de tudo? — gritei a pergunta irritada e ele riu.

— Tudo bem. Acho que isso foi um “não”... — Ele fez uma pausa antes de seus lábios virarem para cima em um sorriso. — Por enquanto — afirmou de forma arrogante, piscando para mim, e cerrei meu olhar para ele.

— Desembucha logo, que eu quero que você saia o quanto antes da minha cama e do meu quarto! — exige puta da vida.

— Aff... — Henrique respirou pesadamente antes de continuar: — Sei que precisamos conversar. — Soltando um pouco o aperto sobre mim, ele me puxou para sentar em sua frente.

Não me movi quando me colocou entre as suas pernas e pôs suas mãos deliciosas na minha coxa. Na verdade, engoli em seco, porque parecia que o ar ao nosso redor havia ficado mais quente e uma corrente elétrica passava entre nós.

— Desculpe por ontem, eu não tinha o direito de fazer o que fiz. Mas a verdade é que a única razão que tem me feito ir a todas essas festas idiotas é porque meu lado masoquista quer ter certeza de que você não vai se meter com um babaca que só pensa em tirar proveito de você — confessou sem jeito.

— Sei me cuidar sozinha — respondi cruzando os braços, contrariada.

— Eu sei. Mas toda vez que vejo um cara chegando perto de você ou apenas te olhando, peço para que Luca ou Thiago me segurem antes que eu cometa a besteira de quebrar a cara de alguém. E sei o quanto você ficaria irritada e decepcionada comigo, caso fizesse — admitiu, seu tom de voz um tanto áspero.

— Não sei por que isso agora — falei com desdém, mas sentindo meu coração bater mais forte.

— Não é agora. — Ele me olhou como se eu fosse louca por não perceber. — Há anos que me sinto desta maneira, mas depois que ficamos juntos não pude mais me controlar — confessou exalando uma respiração profunda, e fiquei chocada com o fato de ele ter conseguido esconder seus sentimentos por tanto tempo.

— Por que não me disse? Por que continuou esfregando todas aquelas garotas na minha cara? — perguntei chocada, me sentindo ferida e irritada por ele ter feito isso com a gente por tanto tempo.

— Talvez pela mesma razão que você não me disse. — Ele arqueou a sobrancelha para mim. — Por que continuamos fazendo isso se sabemos o que sentimos um pelo outro? — ele perguntou olhando nos meus olhos, verdes nos azuis me deixando sem ter como negar.

— Porque você me traiu beijando aquela garota — respondi tentando me afastar, mas ele me puxou novamente para si.

— Mia, olhe para mim — ele pediu sério e me vi levantando meu olhar para encontrar o seu. — Nunca quis beijar aquela garota, ela me pegou de surpresa. Posso ter sido um galinha e tenho plena consciência de que você mais do que ninguém sabe disso, mas nunca faria isso com você. Muito menos depois do que vivemos. Não estava brincando quando disse que não viria. Eu ficaria

por você. — Engoli em seco com a intensidade do seu olhar.

— Mas você a beijou — afirmei imediatamente, não querendo esquecer a dor que ele me provocou.

— Você também beijou Daniel na minha frente, mesmo tendo me dito que terminaria com ele assim que ele chegasse. Você permitiu que ele fizesse aquilo — respondeu com tom irritado.

Era verdade. Eu tinha dito a Henrique que terminaria com Daniel quando ele chegasse ao bar. Não seria mesmo legal simplesmente terminar com ele pelo telefone, ele não merecia isso. Mas quando Daniel chegou, seu beijo me pegou de surpresa.

— A questão é essa. Eu errei e você também. Ambos temos errado desde então, porque decidimos ignorar o que sentimos um pelo outro sem tentarmos consertar isso — afirmou mais uma vez, sério.

— Fui pega de surpresa pelo beijo de Daniel naquela noite. Sinto muito — confessei e ele me deu um sorriso triste.

— Da mesma maneira que eu, quando Bia me beijou. E confesso que eu também estava um pouco magoado pelo que vi, acho que por isso demorei tanto a reagir. Sinto muito — desculpou-se com o olhar sincero e engoli em seco mais uma vez.

Fiquei em silêncio por um tempo, sem saber o que fazer a partir daí. Henrique tinha razão e eu sabia que ele estava sendo sincero comigo, mas não sabia o que falar. Ainda assim, sabia que o fato de assumirmos nossos erros era um grande passo, no entanto não sabia o que faríamos agora. Mas acho que ele sabia muito bem o que fazer.

Henrique me puxou para mais perto dele, trazendo seu rosto próximo ao meu. Começou a passar seu nariz e sua respiração pela minha bochecha, orelha e pescoço de forma provocativa, me fazendo gemer em resposta, e senti o seu sorriso na minha pele, parecendo gostar da reação que me causava.

— Me diga que não dormiu com Daniel — fez o pedido em um sussurro rouco em meu ouvido, me fazendo fechar os olhos.

— Não. Foi só você — respondi, com a voz fraca, e ele mordiscou o lóbulo da minha orelha, um gemido escapou dos meus lábios em seguida.

— Também não estive com mais ninguém depois de você. Você me estragou para todas, *Miamor*. — Segurando nos cabelos da minha nuca, me fez olhar para ele. — Eu sou seu, Mia, apenas seu. Eu amo você, entendeu? — perguntou com uma mistura de paixão e raiva, que mais me parecia um rosnado.

Meu coração bateu tão forte, que não sabia mais se seria possível respirar. Mas Henrique não me deixou pensar muito sobre isso, porque logo me agarrou e capturou meus lábios em um

beijo, que de tanta paixão chegava a ser doloroso. A necessidade dele era tamanha, que tudo parecia gritar o quanto precisávamos um do outro.

— Ok, então. O que vamos fazer agora? — eu estava curiosa e por isso perguntei quando consegui me afastar dele.

Henrique me deu um olhar malicioso, me mostrando seus pensamentos completamente lascivos e luxuriosos, e tentei, mas eu tive que rir.

— Além disso? — minha pergunta veio juntamente com um olhar de falsa repudia.

Nesse momento, nada mais importava para mim, apenas esqueci tudo. Só existíamos ele e eu, e mais nada entre nós. Sentia tanta falta dele. Sentia falta dos seus lábios nos meus. Sentia falta do seu corpo no meu. Sentia falta de nós e queria isso.

— Você me deixa louco sabia? — sussurrou com a voz rouca, enquanto seus dedos deslizavam por baixo da barra da camisa de Luca, que eu ainda usava, parando na minha coxa. — Eu quero você, minha Mia. Quero muito. Mas me diga primeiro o que você quer? — Ele não estava mentindo, ele queria mesmo, porque eu estava sentindo o desejo dele pressionado contra mim.

Eu não sabia o que dizer, talvez não tivesse realmente o que falar. Por isso apenas agarrei sua nuca e o beijei novamente antes de deslizar minhas mãos pelas suas costas largas. Depois mudei minhas mãos para frente, entrelacei meus dedos no cóis da sua cueca e ele soltou um gemido gutural, fazendo-me sorrir em sua boca.

— Eu também quero você. — *Sempre iria querer*, falei para mim mesma. — Eu te amo — sussurrei em sua boca, antes de voltar a beijá-lo.

Tempos Atuais...

Depois da traição da minha mãe e todo o meu histórico com Henrique, desisti de encontrar verdadeiro amor, o que para mim via apenas como algo fabricado nos filmes e livros para fazer as pessoas acreditarem no impossível. Luca e Sophia renovaram a minha fé. Ele olhava para Sophia como se ela fosse a única mulher no mundo e eu sabia que era verdade. Era como se ela fosse tudo que meu melhor amigo queria na sua vida e estaria perdido se não a tivesse. E ele certamente estaria.

E enquanto via os dois dançarem juntos a coreografia de *Thinking Out Loud* durante a festa lindíssima de casamento deles, me deu um pouco de inveja de tanto amor. Mas não era uma inveja ruim, era apenas um desejo que se reacendeu dentro de mim, pois vê-los juntos era impossível não nos fazer desejar encontrar alguém exatamente assim. Era contagiante.

Era impossível tirar os olhos de Sophia e Luca. Mas além de ser o casamento deles e todos estarem focados nos noivos, havia algo sobre eles juntos que levava-nos para outro lugar. O que eles tinham era épico e todo mundo deveria ter um pouco disso também.

Um término costumava te fazer mais inteligente, a dor te fazer mais forte e a vodca, não se importar com nada disso. Ao menos não quando pensar sobre esse assunto parecia uma tortura para mim. E era por esse motivo que eu bebia, não existia companhia melhor para alguém do que o álcool. Especialmente quando você era o “alguém” sozinho em uma festa de casamento.

— Dança comigo? — a voz de Henrique era grossa e sugestiva quando me perguntou e tentei com todas as forças me distrair dos tremores e arrepios observando a linda festa ao nosso redor.

— Não, obrigada. — Não hesitei em responder, olhando ao meu redor, tentando com todas as forças demonstrar pouco caso da sua presença.

Depois de entrarmos de braços dados na igreja, eu achei que talvez o melhor fosse me afastar. Mas por mais que tentasse, na festa estava me sentindo um tanto deslocada. Eu não sabia se deveria sentar ou ficar em pé parada. Para fins de autopreservação, achei melhor ir para longe de qualquer um que eu conhecesse. Permanecendo longe de Henrique, eu certamente diminuiria exponencialmente a probabilidade de fazer algo estúpido. O que era uma coisa boa quando se estava acostumada a cometer merdas ao longo da vida por causa do mesmo rapaz.

Minha resposta não pareceu suficiente para ele, que se prostrou em minha frente e estendeu a mão como se esperasse a minha. O que era injusto, quando estávamos falando de um cara

delicioso que estava ainda mais tentador com um smoking feito sob medida para ele, os cabelos impecavelmente penteados para trás e em conjunto com tudo “nele” deixava-o parecido com um verdadeiro *lord* inglês.

Tentação era pouco! Era uma provocação à minha saúde mental!

— Vamos — insistiu com um sorriso irresistível em seu rosto.

Era um absurdo que Henrique tivesse um sorriso de derreter os corações de todas, inclusive o meu!

— Vai logo, Mia. É só uma dança — Mariah disse tentando soar casual, surgindo eu não sabia de onde.

— É, Mia, além do mais, não é como se vocês nunca tivessem feito isso antes — Thiago reiterou, colocando-se ao lado dela com a mão em sua cintura.

Porra! Com amigos como eles, quem precisa de inimigos?

Pior que eles tinham razão. Henrique e eu costumávamos dançar juntos em cada oportunidade, e isso acontecia desde antes de começarmos a namorar. Por mais que não quisesse, uma parte minha, ainda assim, estava tentada a descobrir se ainda tínhamos a mesma sintonia de outrora. Embora eu dissesse para mim mesma que faria isso apenas para que nossa família não desconfiasse da minha negativa.

— E por que não? — Eu me forcei a sorrir quando me dei por vencida e estendi minha mão para encontrar a sua, embora meu tom indicasse que amaria essa dança tanto quanto gostaria de receber um tiro na cabeça.

Ainda assim, Henrique não deixou de sorrir, seus dentes brancos e perfeitos tornando-o ainda mais irresistível, enquanto meus dois amigos tinham sorrisos que me fizeram querer chutar o traseiro deles. Ele me arrastou em direção à pista de dança no exato momento em que começava a tocar *93 Million Miles* de Jason Mraz e eu quase desisti, mas ele pareceu perceber minha hesitação e firmou o aperto em minha mão. Puxando meu corpo para o seu, sua mão encontrou a parte nua de minhas costas. Sua pele era a exata mistura de força e calor, e seu toque enviava calafrios através de meu corpo.

*“Toda estrada é uma ladeira escorregadia
Mas sempre há uma mão na qual você pode se segurar*

...

*Apenas tenha certeza de que aonde quer que você vá
Não, você nunca está sozinho
Você sempre voltará para casa...”*

Ele cantarolou e o arrepio por ouvir sua voz grossa me dizendo o que não tinha certeza de que queria ouvir, e ainda por cima sentindo seu toque, me fez ter a certeza que não importava todas as merdas que haviam acontecido entre nós, ele ainda assim mexia comigo. Especialmente quando eu sabia que ele queria dizer aquilo para mim. O que eu sentia por Henrique era completamente irracional.

Seu polegar se moveu sobre a parte inferior das minhas costas e cada célula do meu ser se converteu em uma corrente elétrica ativa. Eu tentei agir como se eu fosse mais forte. Quero dizer, depois de tudo que vivemos, eu deveria ser, certo? Há anos eu procurava por uma explicação biológica, psicológica e espiritual por me sentir da maneira que me sentia por ele, mas tal resposta parecia não existir.

Não queria pensar sobre isso, não queria pensar sobre ele, especialmente quando estava tão perto, praticamente entregue em seus braços. Tentei colocar um pouco de distância entre nós para trazer a racionalidade de que eu precisava, mas isso pareceu atrapalhar um pouco nossa dança, que se tornou tão natural quanto encontrarmos um dinossauro cruzando a Avenida Atlântica.

— Não adianta fugir. — Ele riu, muito próximo do meu pescoço. Estremeci.

Brincando um pouco enquanto dançávamos, Henrique me jogou antes de puxar de volta para ele e seu sorriso de quem sabia exatamente o que me causava tornava-o ainda mais fatal, e a mim, fraca. Eu o odiava por me fazer sentir assim e me odiava ainda mais por querer me entregar a ele completamente.

A música acabou e uma dança se tornou mais uma. Eu poderia negar, me afastar e talvez devesse fazer exatamente isso, mas simplesmente não conseguia. Algo mais forte do que eu me impulsionava a não sair de seus braços. Algo mais forte do que qualquer razão me fazia querer esquecer tudo e me entregar novamente a ele, como se fosse a primeira vez.

Eu não deveria estar tendo uma epifania agora mesmo? Tipo, relembrar-me do quanto ele havia me ferido? Se não, eu ao menos não poderia encontrar algum respeito próprio e dizer para Henrique ir à merda, certo?

E por que mesmo não estava acontecendo exatamente isso, Mia Guiotto?

— Henri...

— Só mais essa, Mia. Por favor. — A súplica em sua voz me fez consentir com um aceno.

Ou se eu fosse sincera comigo mesma, era porque eu, de fato, queria fazer isso. Queria prolongar esse momento o máximo que pudesse, porque quando acabasse, eu importaria novamente a distância necessária entre nós. Mais uma vez seríamos apenas dois estranhos tão conhecidos, que um dia foram amigos, se amaram, mas depois se feriram e se separaram, ainda que naquele momento apenas uma parede de concreto os separasse e não mais um oceano e milhões de

quilômetros.

E a música que começou a tocar me fez acordar do vórtice das fascinações que Henrique me envolvia. Minhas lágrimas foram o primeiro indício de que eu havia chegado ao meu ponto de ruptura.

*“Você deve achar que sou burro
Você deve achar que sou um tolo
Você deve achar que sou novo nisso
Mas já vi isso tudo antes*

*Nunca deixarei você se aproximar de mim
Mesmo que você signifique tudo para mim
Pois sempre que me abro, me dói
Então, jamais me aproximarei de você
Mesmo que eu signifique tudo para você
Caso você me largue na sujeira*

*A cada vez que você me magoa, menos eu choro
A cada vez que você me deixa
Mais rápido essas lágrimas secam
E a cada vez que você sai andando, menos eu te amo
Amor, não temos a menor chance, é triste, mas é verdade...”*

— Mia... — ele tentou falar, mas eu o cortei:

— Não, Henrique, não faz isso. Por favor — pedi, fechando os olhos com força, lágrimas grossas escorreram pelo meu rosto. — Eu só não posso mais.

Nove anos atrás...

Passamos metade do dia na cama e apenas quando nosso estômago não estava mais aguentando a fome que resolvemos nos levantar. Tomamos um banho juntos, porque queríamos economizar água e nos manter aquecidos, claro. Mas não sabia se havíamos sido tão bem-sucedidos na economia.

Encontramos Luca com uma cueca boxer preta, sentado no balcão da cozinha com o laptop em sua frente e uma xícara de café na mão. Ele provavelmente falava com Mariah pelo *Messenger*, nosso novo vício para nos comunicarmos com o Brasil. Assim que ele nos avistou, deu aquele sorriso de quem sabia das coisas.

— Mas olha se não são os pombinhos que resolveram sair do seu ninho de amor — falou em tom irônico. — Eu estava ficando preocupado, achando que a partir de agora teria que colocar comida por baixo da porta — provocou e tive que rir.

— Obrigada. Mas tínhamos algumas coisas para resolver — afirmei com um sorriso no rosto, que só fez com que Luca sorrisse ainda mais e eu sabia que algo daí viria, por isso me preparei.

— Imagino. Afinal, também estava pensando em obter uma parede acústica no meu quarto. — sua voz maliciosa me fez corar e Henrique sorrir, parecendo orgulhoso.

— Talvez você precise passar menos tempo em casa, Luca. Não sei se o isolamento acústico pode ajudá-lo muito — Henrique disse me abraçando pelas costas, enquanto sua boca tentadora provocava minha orelha e Luca caiu na gargalhada.

Sim! Eu estava em apuros!

E apesar de gostar disso, eu entendia que estava mortificada pelo rumo da conversa com nosso melhor amigo.



Algo de estranho acontece quando você está apaixonada, porque fazer coisas absolutamente normais com seu namorado as tornam incríveis. E assistir a um filme deitada de conchinha no sofá com o cara que amamos, enquanto comemos pipoca... definitivamente nunca hão de inventar nada melhor. E eu me sentia plena e realizada enquanto fazia isso com Henrique.

— Seu sorriso está tão lindo, que está tirando todo meu fôlego. O que você está pensando, *Miamor*? E por favor, me diga como posso mantê-lo aí para sempre? — perguntou no meu ouvido,

me fazendo suprimir o gemido, que deu vazão para uma risadinha.

Oh, meu Deus!

Nem em minhas fantasias mais profundas sobre nós dois, eu sonhei em ouvir Henrique dizer coisas tão bonitas para mim. Nunca. Meu coração parecia que ia saltar para fora pela minha garganta. Eu balancei minha cabeça, porque não sabia como descrever o que estava sentindo realmente. Estar assim com ele era um sonho que estava se tornando realidade.

Inclinei-me e coloquei minha cabeça em seu ombro. Trazendo-me mais apertado ainda contra ele, deitou sua cabeça em cima da minha e beijou meu cabelo.

— Tão meigo, meu amor — falei mordendo seus lábios.

— Shh. — O som lhe escapou enquanto colocava um dedo nos meus lábios. — Não diga a ninguém. Não fiz todas essas tatuagens para as pessoas pensarem que sou meigo — falou sarcasticamente, me fazendo rir.

Eu estava tão feliz, que as coisas pareciam surreais. Imaginei que depois de passar tanto tempo querendo estar com Henrique e agora que finalmente era verdade, eu quase não podia acreditar no que estava acontecendo. Fiquei esperando para acordar e estarmos ainda brigando, ou ele dormindo no quarto ao lado, mas era real. Henrique estava comigo, ele realmente me amava. E o melhor: eu acreditava nisso e sentia a cada batida do meu coração.



Na segunda-feira eu tinha apenas um teste na aula de Italiano e depois fiquei esperando Henrique na biblioteca. Nós iríamos nos encontrar com Luca para fazermos um *tour* e passarmos nossa tarde livre na Cidade do Vaticano. Nós queríamos ver a Basílica de São Pedro e tudo mais, o que não fizemos desde que chegamos para morar em Roma.

Luca dizia que desde que Henrique e eu nos acertamos não podíamos esconder o sorriso de felicidade do nosso rosto. E eu estava começando a acreditar que era verdade quando me vi sorrindo para o calendário de provas finais.

Sim. A coisa era séria! Mas não podia me sentir culpada por estar feliz, certo?

Sem que eu estivesse esperando, Paco sentou-se ao meu lado e sorriu para mim. Sorri de volta, mas a verdade era que estava muito constrangida e envergonhada pelo que aconteceu na sexta-feira na sua casa. Eu tinha pensado em me desculpar com ele sobre Henrique, mas eu sinceramente não sabia o que dizer ainda.

— Ei, Linda. Como você está? — perguntou, me dando um beijo na bochecha.

— Uh... Bem — respondi limpando a garganta e ele sorriu.

— Espero que eu não tenha causado problemas com seu irmão — comentou, parecendo

realmente preocupado.

— Er... Sobre isso — comecei nervosa. — É... Eu queria me desculpar sobre o que aconteceu — falei envergonhada.

— Não, tudo bem. — Ele sorriu. — Eu também agiria de forma protecionista, se tivesse uma irmã tão bonita como você. — Mesmo com o rosto vermelho de vergonha, tentei falar, mas ele não deixou e continuou: — Pensei que talvez pudéssemos sair para jantar — sugeri com um sorriso sedutor, me deixando de boca aberta em surpresa.

— Isso não vai acontecer! — Henrique assegurou irritado, estendendo a mão dele para que eu a segurasse e imediatamente me levantei, para evitar brigas.

— Hm... — Paco começou a falar, mas engoliu em seco e em seguida tentou recuperar a postura. — Desculpa, *Bro*, imagino que tenha uma impressão errada de mim, por causa de sexta-feira, mas eu realmente quero conhecer sua irmã direito. Não quero apenas levá-la para a cama. — Henrique endureceu ao meu lado, eu percebi que tinha que intervir quando ele cerrou os dentes e parecia prestes a perder a cabeça.

— Paco, me desculpa. — Apertei a mão de Henrique, tentando acalmá-lo. — Você é muito legal, mas eu realmente não posso... — tentei continuar a explicação, mas ele me interrompeu:

— Por quê? — perguntou, sem entender.

— Porque ela não é minha irmã, ela é minha namorada, idiota! — Henrique falou de forma ameaçadora, fazendo Paco ficar chocado.

— Sim, estou namorando com ele — continuei sem jeito. — É uma história complicada, mas estamos juntos, e-então... — gaguejei. — Se você quiser ser meu amigo. — Dei de ombros, deixando o restante no ar, e foi a vez de Henrique fazer uma cara incrédula e me dar um olhar de “*uma porra que você será amiga dele!*”

— Uh... Tudo bem — Paco disse ficando em pé. — Felicidade para vocês. — Ele olhou para mim e continuou: — A gente se vê por aí, Mia — terminou de falar com uma piscadela, antes de nos dar as costas e sair.

Henrique soltou um rosnado e tive que segurá-lo para não ir atrás de Paco e bater nele. Não entendi muito bem a piscadela de Paco, mas não me importei realmente. Meu namorado era competitivo e, definitivamente, tinha um alto nível de testosterona e qualquer coisa pelo visto seria motivo para ele arrumar briga com um cara por minha causa.

Depois que vi que era seguro, comecei a rir. Henrique me olhou, achando que eu estava maluca possivelmente.

— Que porra é tão engraçada? — perguntou claramente chateado.

— Você e sua atitude de homem das cavernas — respondi, voltando a rir.

— Inferno! Ele está louco se ele acha que você vai ser amiga dele. Acho bom ele manter distância, porque senão quebro a cara daquele filho da puta! — Henrique falou com um rosnado, me fazendo ter um ataque de risos.

— Oh, amor, desculpe! — pedi, lhe dando um beijo leve nos lábios, quando percebi que ele parecia magoado. — Mas é que eu não sabia que você seria tão ciumento — falei mordendo os lábios enquanto ria baixinho.

— Foda-se que você é minha! — afirmou me beijando mais duramente e colocando seus braços na minha cintura. — Você é minha, eu tenho ciúmes de todo homem que respira perto de você. Eu não compartilho, nem com o caralho! — Mordeu meus lábios com um rosnado.

— Sabe que essa sua atitude de Neandertal me deixou com vontade de você? — confessei sussurrando em seu ouvido, e ele estremeceu.

— Vamos. — Ele começou a me puxar para fora da biblioteca.

— Para onde? — perguntei, chocada com a interrupção.

— Para casa — respondeu enquanto passávamos pela porta.

— Amor, Luca deve estar chegando — eu o lembrei, enquanto procurava ver se Luca não estava por perto.

— Ele que espere! Temos coisas mais importantes para fazer em casa nesse momento — prometeu com uma piscadela, que causou pânico na minha calcinha.

Sim. Estava totalmente de acordo. Quem seria eu para contestar?



O clima da casa ficara incrivelmente melhor quando nos acertamos. Nós três finalmente voltamos a fazer tudo juntos, com exceção de dormir, claro, e às vezes éramos acompanhados por Zane também. Os meninos não se importavam com o fato de o meu novo amigo ser gay, muito pelo contrário, até caíam na risada quando Zane fazia algum comentário provocativo com o fato de eles serem “bonitos e apetitosos”.

Eu sentia uma falta terrível de todo mundo lá de casa. Várias vezes Lorena me ligou aos prantos pedindo para voltar para casa, e mesmo chorando negava e dizia que estava esperando por ela no próximo ano. Minha madraستا disse que viria nos visitar no aniversário de Henrique, em novembro, mesmo que já estivéssemos em outubro e que fôssemos voltar para casa para as festas de fim de ano, por alguns dias.

Henrique e eu decidimos manter nosso relacionamento em segredo e não comunicar a ninguém da família por enquanto, ao menos não até que tivéssemos a oportunidade de conversar com todos em casa. Então isso significava que quando minha madraستا viesse, ele estaria voltando

para seu antigo quarto até que ela fosse embora. Não queria nem pensar em como seria manter isso escondido dela.

Se para família nós estávamos escondendo, na universidade era completamente o contrário. Henrique não parecia querer fazer seu ponto para Paco apenas, e sim para todos que tinham bolas. Ele agora me levava até a porta de todas as minhas aulas e se pudesse também me pegava na saída. Ele era ciumento pacas e fazia questão que todos soubessem que estávamos juntos. Tinha horas que eu ficava irritada com sua atitude de Neandertal na frente de todo mundo, mas no fundo eu adorava essa sua possessividade.

Luca, por outro lado, continuou sua vida de safadeza mesmo em Roma. Ele sempre saía com uma mulher diferente a cada vez. Quase nunca repetia a mesma garota. De vez em quando trazia uma mulher para casa à noite, mas usava o antigo quarto de Henrique e nunca as levava para o seu. E de maneira nenhuma passava as noites com ela ou as deixava dormir por aqui.

Eu não me incomodava que ele trouxesse mulheres para cá, mesmo que o rodízio fosse bastante alto, mas achava incrivelmente estranho e engraçado. Sempre soube que Luca não gostava de relacionamentos e dessa forma ele dizia que as mantinha longe e sem criar expectativas exageradas sobre relacionamento.

Antes de Henrique eu nunca havia visto vantagem em dormir nua, mas via agora. Então não me chocava quando o via de cueca boxer pela manhã na cozinha e sozinho, já estava acostumada na verdade, me chocaria se tivesse alguma mulher tomando café com ele, isso sim.

— Ei, *tigrão* — eu o saudei quando me sentei na bancada da nossa cozinha.

— Bom dia, *Thuca* — ele me cumprimentou com um beijo doce na bochecha e, em seguida, nos serviu uma xícara de café fumegante. Agora era nosso vício aqui, além do que, estava começando a ficar terrivelmente frio em Roma.

— Não vi a hora que chegou, achei que finalmente tinha caído na cama de alguma das mulheres — falei rindo enquanto ele negava com a cabeça terminantemente.

— Inferno que não! Estou satisfeito com a minha cama só para mim — afirmou enquanto se sentava ao meu lado e nos servia um Paninni com queijo e tomate.

— Um dia você vai cansar disso, você sabe, né? — avisei séria depois que mordi um pedaço do meu.

— Um dia — ele repetiu as palavras e pareceu pensar sobre isso enquanto mastigava. — Quem sabe se eu achar uma mulher linda, inteligente, engraçada e que me desafia — respondeu, dando de ombros, e comecei a rir.

— Com o tipo “fácil” de mulher com que você sai, acho que como amiga, devo te avisar que você definitivamente está procurando no lugar errado — apontei para ele, que começou a rir junto

comigo.

— Essa é a intenção, *Thuca*. Não estou procurando... Ainda. — Piscou para mim e voltamos a rir.

— Vocês sabem que as pessoas ainda dormem? — Henrique murmurou mal-humorado se arrastando até a geladeira.

— Sim, rabugento! — Luca o alfinetou.

— Bom dia para você também, Amor — falei, fazendo um falso biquinho de magoada.

— Desculpe, *Miamor*, você sabe que acordo mal-humorado — ele se desculpou me dando um beijo e em seguida me abraçando.

— Imagina, ela nunca notou! — Luca disse com uma voz envenenada de desdém e Henrique lhe deu um tapa na nuca. — Ai! — gemeu passando as mãos no lugar onde ele lhe batera. — E o meu bom-dia, Delícia? — Luca perguntou com a nítida intenção de lhe provocar e com um bico nos lábios, como se me imitasse, fez com que eu risse.

— Sai daí! — Henrique respondeu, lhe dando dedo, nos fazendo rir de novo.

Luca adorava tirar Henrique do sério. Todos os dias acontecia algo do tipo e meu amor, como sempre tão “calmo”, acabava caindo na sua provocação. Mas ao menos isso nos garantia boas risadas.

— Nem acredito que Thiago e Mariah vêm com a Dinda. Estou tão contente — falei depois de alguns minutos.

— Eu também — Luca disse sorrindo. — Queria que Mariah e ele pudessem passar mais tempo também, mas *Mamma* disse que suas provas começam logo em seguida. — Concordei.

— É, Lorena me disse. Ela disse que fez mil promessas para a dinda poder trazê-la também, mas de nada adiantou — comentei rindo, ainda assim me sentindo triste com isso.

— E vocês dois? — Luca nos olhou interrogativamente. — Como vão fazer a respeito de tia *Help*? — perguntou preocupado.

— Bom. — Henrique soltou um suspiro. — Preferimos aguardar até o Natal, sei que minha mãe não vai surtar, mas quero falar com o Dindo em primeiro lugar. — Acenei com a cabeça, agradecida pelo respeito que Henrique tinha pelo meu pai.

Ele tinha razão. Apesar de não querer esconder nosso amor de ninguém, ainda assim achava que o melhor mesmo era esperássemos a hora certa de isso acontecer.

— E vocês vão conseguir ficar com as mãos longe um do outro? — Luca perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— Para tudo dá-se um jeito — Henrique respondeu me dando uma piscadinha.

Eu esperava mesmo que sim!

Tempos Atuais...

Mariah estava com Thiago por aí e eu poderia apostar que não queriam que ninguém soubesse, porque não me falaram nem mesmo para onde iriam. Luca estava com Sophia e Giovanna ainda em sua lua de mel prolongada na Europa. Lorena estava com Caio em Angra. Minha família estava na fazenda em Petrópolis e eu só iria para lá daqui a dois dias. Zane, meu companheiro de guerra, estava longe, mais precisamente em *Upper East Side*.

Então foi aí que me vi indo para um Baile Funk, coisa que eu não fazia há... sei lá quantos anos. Apesar de ter ido sozinha, o Baile foi incrível e juro que nunca mais tinha dançado tanto. A noite seria perfeita, se não tivesse uma blitz a caminho de casa.

Calma, Mia! Mantenha a calma!

Nada para se preocupar. Eu só bebi umas duas Caipiroskas... Ou Foram três? Nada de mais eu ter bebido um pouco mais de quatro. Não. Eu bebi umas sete ou oito...

Ai, meu Deus! Sei lá quantas bebi, eu não estava contando! Estava fodida!

Era difícil, mas tentei com todas as minhas forças não entrar em pânico quando o guarda fez sinal para mim, me mandando encostar, e obedeci. Respirei fundo e sorri quando descii a janela do meu *bebê*. O guarda me olhou de esguelha, meio desconfiado, e senti meu sorriso começar a falhar.

— De onde a senhora estava vindo? — perguntou, examinando minha cara e olhando para dentro do meu carro. Provavelmente achando que uma pessoa, com um carro como o meu, só poderia ter vindo para uma favela comprar drogas.

— Uh... Do Baile Funk do Morro — respondi, me odiando por não ter levado um *Hall's* para tentar esconder meu hálito de vodca.

— Documentos. E, por favor, saia do carro — exigiu.

Não disse? Minha cara deveria estar mesmo muito ruim para que ele me achasse com cara de viciada!

— Moço... Quer dizer, Sr. policial, não fui comprar drogas — eu me apressei a dizer, enquanto tentava sair do carro e lhe entregava os documentos que me pedira.

— Sorte sua. Apesar de que outros colegas meus provavelmente iriam revistar seu carro atrás delas, não estou fazendo isso porque você não tem nem aparência e nem unhas de uma dependente...

— Ah, sim! Vou ao salão ali no Leblon... — eu o interrompi, começando a tagarelar sobre minha manicure, mas ele logo tratou de me cortar:

— Não importa, mas estarei fazendo o teste do bafômetro — falou meio cético.

Deus do céu! Ele estava falando sério?

Achei que talvez fosse um blefe. Que talvez estivesse ouvindo coisas, mas vi que não quando ele colocou aquele aparelhinho na minha frente e comecei a achar que entraria em pânico a qualquer momento. A cena aconteceu em câmera lenta. Olhei para o aparelho e ele olhou para mim. Eu quase podia ouvir o bafômetro rindo da minha desgraça.

— Posso fazer uma pergunta? — inquiri, afastando deliberadamente o aparelhinho para o lado.

— Sim — o policial, *Sargento Machado*, seu nome de acordo com que acho que entendi estar no bordado da sua camisa, respondeu em tom contrariado.

— Esse troço é descartável? — apontei para o bafômetro.

— O bocal é — respondeu apenas, voltando a aproximar o troço da minha cara.

— Olha, moço, longe de mim falar nada sobre seu trabalho, mas sou colunista de moda e leio muito, sabe? Li em algum lugar, não sei se foi na *Super Interessante*... — Parei para pensar, porém nada me veio à mente além do fato de estar fodida. — Enfim... A reportagem dizia que o bafômetro é influenciado pelas substâncias químicas do ambiente que se aderem à sua superfície. Ou qualquer coisa assim. Quem pode negar que, talvez o último motorista que fez o teste não deixou seu “álcool” aderido à superfície desse aparelho? Ou até mesmo que meu suor, que está repleto de álcool do ambiente em que eu estava... Não que eu tenha bebido, sabe? Mas vai que aderiu à minha pele e esse troço apita? — perguntei cheia de argumento.

— Senhora — começou a falar nitidamente irritado.

— Senhorita, não sou casada — eu me apressei a explicar e ele bufou.

— Senhoria — frisou a palavra, cada vez menos paciente —, acho melhor colocar a boca nesse maldito bafômetro, antes que eu lhe prenda por desacato a autoridade e embriaguez — falou sem pesar.

Não esperei que ele dissesse mais nada, automaticamente levei o maldito aparelhinho até minha boca e tentei colocar todo o álcool no meu cérebro, em vez de assoprá-lo. Como se eu fosse uma completa asmática, assoprei de leve, tentando diminuir meu dano, mas ainda assim o

aparelhinho apitou como um louco.

Jesus! Eu fui pega na Lei Seca!



Levei um imenso sermão do sargento “*Chato*” Machado sobre bebida e volante, e como a mistura era perigosa enquanto era levada para a delegacia. Nível de álcool, segundo o bafômetro: 2.5. Traduzindo: *Estágio de Excitação, causando sintomas de Instabilidade das emoções, incoordenação muscular. Menor inibição. Perda do julgamento crítico.* O que tentei argumentar com ele, que eu já havia perdido há vários anos, mas juro que o insensível nem mesmo me deu ouvidos.

Como se isso não fosse ruim o suficiente, fiquei tão desligada desde que cheguei, que nem notei que a minha carteira de motorista estava vencida há mais de três anos.

Três anos! Como não notei isso, meu Deus?

Embriaguez e carteira vencida, muita legal essa minha... Só que não. Depois que conseguisse renovar minha carteira, seria um verdadeiro milagre que tivesse algum pontinho para descontar. Acho que o departamento de trânsito deve descontar pontos da minha CNH até a próxima década.

Já não bastava isso tudo, mas não, eles queriam mais. Eles se recusavam a me liberar, ou meu lindo bebê *Mustang*, até que eu apresentasse um condutor habilitado, e ele frisou também que deveria estar sóbrio. Tentei argumentar mais uma vez, dizendo que isso só aconteceu porque briguei com meu “namorado”, até cogitei a possibilidade de acordar Luca ou Thiago para que confirmassem que eram meus namorados ao telefone, já que fiz isso por eles tantas vezes que perdi as contas, mas sargento “*Estupidamente Chato*” Machado disse que não justificava.

Aí eu voltei mais uma vez para o que me levou para o baile naquela noite. Meu pai estava em Petrópolis, eu provavelmente seria deserdada se ligasse para ele, para minha Dinda ou até mesmo para Leonardo, que era tão certinho que não conseguiria não dar com a língua nos dentes. *Nonno* não dirigia, desde 1950, precisamente, época em que ele andava na sua lambreta. Lorena e Caio, ou estavam bêbados ou fazendo o que eu não fazia há tempos, e eu definitivamente não queria interromper. Luca, Mariah e Thiago estavam longe. Zane mais longe ainda.

A única pessoa que me restava para ligar era a última a quem eu queria pedir para me socorrer nessa e ou em qualquer situação que fosse. Poderia deixar meu orgulho de lado? Por acaso, eu não tinha realmente uma escolha.

— Alô. — Sua voz rouca atendeu depois do quarto toque.

— Henrique. Preciso de... — Hesitei antes de completar: — Bem... De sua

ajuda.

— Mia, *baby*, estava tendo um sonho incrível com você. Se precisava de mim na sua cama, era só vir até aqui. Você sabe onde deixei uma cópia das chaves — ronronou, ainda meio sonolento.

— Não, seu idiota! — minha voz soou irritada e olhei para o policial, que me olhava desconfiado. Por isso apenas respirei fundo, tentando me acalmar: — É que estou precisando...

— De mim dentro de você... — continuou a falar suas merdas e revirei os olhos, mesmo que por um segundo, o pensamento foi um pouco, mas só um pouco tentador.

— Henrique Ferraz, estou na delegacia! Preciso que me tire daqui, entendeu? — eu disse de uma vez, não querendo que ele discorresse mais nada de tentador, mesmo que fosse só um pouco, mas só um pouco mesmo, convidativo.

— Que diabos você fez para ser presa? — quando perguntou sua voz já estava acordada, enquanto o escutei mexer em algo no fundo, provavelmente suas roupas.

Não, não vou pensar que ele estava nu! Não, não vou... Ok, talvez um pouco!

— Nada — suspirei. — Quer dizer, só que... Venha logo, por favor — pedi, não querendo ouvir nenhum sermão por telefone.

— Tudo bem, já estou no elevador. — Solto uma longa respiração.

Já? Rápido. Não me lembrava de ele ser tão rápido assim, na verdade, ele era bem sádico quando a intenção era me torturar!

Foi impossível não me lembrar da “surra” que ele costumava me dar e do quanto eu ficava exausta e completamente esgotada quando ele terminava comigo, horas depois.

Então não, ele não era nem um pouco “rápido”!

— Me diga onde está — pediu me tirando do meu torpor.



Já eram mais de três da manhã e eu estava tomando um cafezinho, diga-se de passagem, bem ralo, que o querido e gentil Escrivão, Junior, me ofereceu gentilmente. Eu sinceramente preferia uma dose de algo mais forte, mas não queria abusar da minha sorte com o sargento “*Estupidamente e Incrivelmente Chato*” Machado. Já fazia uns quinze minutos que eu tinha pedido *Help* a Henrique e estava começando a ficar louca com a espera.

Por falta de coisa melhor para fazer, comecei a folhear uma revista velha. A bendita revista era tão velha, que Xuxa estava falando sobre sua gravidez. Um enorme furdunço se formou, porque se tratava da filha da Rainha dos Baixinhos, a futura sucessora do trono *Real Global*. Hoje Sasha estava aí, linda e loira, dando um tapa na cara da sociedade, se recusando a ser famosa.

Eu estava bastante entretida com o milésimo casamento de Fábio Jr., a Gretchen do Sexo Masculino, quando Henrique irrompeu pela porta da delegacia com toda a sua magnificência e beleza. Ele parou assim que me viu sentada, olhou para revista em minha mão e enrugou a testa.

Não sei que diabos me deu, porque me vi jogando a revista de lado e me levantei, jogando-me nos braços dele, antes de começar a chorar. Segurei-o com toda a minha dor e ele me abraçou de volta, forte, e me confortou. Seu cheiro pecaminoso invadiu as minhas narinas, e eu fiquei ali me deliciando com aquele pedaço todo de mau caminho.

Culpei o *Absolut* por isso. Eu deveria estar realmente muito bêbada para que me jogasse assim tão deliberadamente para os braços de Henrique.

Ah, claro! 2.5. Traduzindo: Estágio de Excitação, causando sintomas de Instabilidade das emoções, incoordenação muscular. Menor inibição. Perda do julgamento crítico.

Lembrei-me do meu teste do bafômetro, tentando justificar esse ato totalmente impensado. Afastei-me rapidamente, mesmo que me sentisse um pouco melhor em seus braços, e tentei recobrar um pouco da consciência e lucidez que deveria ter perdido em algum momento naquela noite.

— O que houve, Mia? — ele perguntou, segurando meu queixo e me fazendo olhar para ele.

— É que... — gaguejei sentindo a eletricidade da minha pele sob seu toque e não consegui terminar o que diria.

— Mia, você está me assustando. Por favor, o que houve? — voltou a perguntar, parecendo cada vez mais preocupado.

Eu sabia que não tinha jeito, ele saberia mesmo, além do mais ele tinha vindo até aqui me socorrer no meio da noite e por isso apenas respirei fundo e comecei a falar:

— Assim, eu estava sozinha. Luca, Thiago, Mariah, Lorena, todos fora. Não tinha ninguém aqui. Zane também estava tão longe. Sozinha — divaguei. — Então decidi ir para um baile funk. Estava muito cheio, então muito quente, enquanto eu dançava, por isso comecei a tomar caipirinhas e perdi a conta de quantas bebi. Acho que o Sargento achou que eu tinha ido para o Morro comprar drogas, ou ele realmente não tinha nada para fazer, por isso me parou. Mas aí fui

pega na Lei Seca. E minha carteira está vencida há três anos — falei de uma vez, me sentindo um pouco envergonhada quando terminei.

Henrique olhou para mim, com aqueles profundos olhos verdes que deveriam ser proibidos, e fez algo que eu realmente não esperava: Jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Fiquei irritada, porque esperava um sermão ou pelo menos que ele continuasse me abraçando e dissesse que ia ficar tudo bem. Mas não, o idiota estava rindo de mim.

Não podia acreditar! Esse idiota estava mesmo rindo da minha pobre pessoa desamparada!

— Não tem graça. — Bati em seu peitoral duro, que se contraiu pelo meu toque, que obviamente não fez nem cocegas nele e fez minha mão doer, enquanto ainda ria de mim de uma maneira completamente imperturbável.

— Eu aqui achando... Que v-você tinha feito alguma coisa... tipo arrancar os cabelos de alguma mulher com quem transei por ciúmes — falou, antes de jogar a cabeça para trás novamente, como se tivesse muita graça, e cerrei meu olhar para ele, enquanto batia impacientemente com meu *scarpin* dourado no chão.

— Eu não perderia meu tempo indo atrás das suas vagabundas! Além do que, não sinto ciúmes de você. Jamais — retruquei irritada.

— Tudo bem. Vamos fingir que acreditamos nisso — ele ainda ria enquanto falava, e a minha vontade foi de quebrar sua cara linda. — Vou ver o que posso fazer por você, bebum. — E me deu uma piscadinha.

— O senhor é o “tal namorado”? — sargento. “*Estupidamente Chato e Irritante*” Machado perguntou para Henrique, e abri a boca para dizer que “não”, mas Henrique respondeu:

— Sim. — E me puxou para ele.

— Bem, sua namorada explicou que vocês brigaram, mas, enfim. — Deu de ombros, enquanto Henrique sorria triunfante para mim.

— O meu “amorzinho” é bem temperamental — disse com a nítida intenção de me provocar, e cerrei meu olhar para ele.

— Sim. Eu posso imaginar — o policial afirmou, me dando vontade de quebrar a cara dele também.

Sério, o que fiz para merecer essa provação?

Depois de mais um sermão do sargento “*Estupidamente Chato, Irritante e Inconveniente*” Machado, sobre a condução sob os efeitos do álcool, eu finalmente fui liberada. Como não queria deixar meu bebê lá, Henrique deixou seu carro e pegou o meu. Não queria achar sexy a forma como ele se encaixava no meu carro e o quão tentador ele ficava atrás do volante, mas estava

difícil.

— Vamos para casa, amorzinho? — ele perguntou com ironia e bufei, ficando cada vez mais irritada, mas querendo negar para mim mesma o quanto gostei de ouvi-lo falar assim.

Meu Deus! Como Henrique era irritante! E também era gostoso demais! Eu só precisava aprender a ignorar esse fato. Só isso!

HENRIQUE

Eu não estava esperando uma ligação sua. Muito menos durante a madrugada. Quer dizer, esperando eu estava, só não achava que isso aconteceria. E por mais sacanagens que eu tivesse pensado sobre seu motivo para me ligar, quando ela me disse que estava na delegacia, fiquei louco e em menos de meia hora estava lá, obviamente tendo passado alguns sinais vermelhos e excedendo a velocidade para que isso fosse possível.

Mas fodam-se as multas!

Embora o motivo de ela estar ali ter sido até mesmo engraçado, vê-la tão vulnerável e a ponto de demonstrar isso e mesmo depois de tudo precisar do meu colo para segurá-la, fez com que meu coração doesse por ela.

Eu não havia visto-a tão vulnerável desde o casamento de Luca e Sophia. Desde a dança desastrosa, que achei que estava fazendo algum efeito, quando no final havia sido motivo de mais lágrimas suas derramadas e eu me sentindo o pior homem da face da Terra.

Quando ela se afastou, tudo que eu pensava era no quanto eu já a havia quebrado a ponto de termos chegado até aquele momento. No quanto eu havia sido burro e idiota por ter deixado isso chegar ali.

O arrependimento vinha sendo minha grande companheira de vida, porém a culpa era algo com o qual eu não gostava de lidar. Ao longo desses anos todos, aprendi como amar uma pessoa em silêncio. Talvez o melhor mesmo para nós fosse nos mantermos separados e esquecer. Porém, por mais que tivesse me esforçado para que isso acontecesse, que tivesse deixado várias passarem pela minha vida, elas fizeram apenas isso, passaram, Mia havia ficado e por isso eu simplesmente não podia esquecê-la. Jamais.



Depois de tudo resolvido, após muita insistência, acabei dirigindo seu carro de volta para casa. Ela estava séria, calada, introspectiva, olhando pela janela do carro enquanto uma canção soava na rádio.

Ah, esse tom de voz eu reconheço

Mistura de medo e desejo

Tô aplaudindo a sua coragem de me ligar

Eu pensei que só 'tava alimentando

Uma loucura da minha cabeça

*Mas quando ouvi sua voz respirei aliviado
Tanto amor guardado tanto tempo
A gente se prendendo à toa
Por conta de outra pessoa
Só da pra saber se acontecer
É, e na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes
E na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes
No fundo sempre fomos bons amantes
É o fim daquele medo bobo*

Era incrível como as músicas sempre pareciam dizer tanta coisa sobre nós. Fossem boas ou ruins, elas sempre pareciam contar nossa história. E isso era tão bom quanto era triste, porque nem todas as canções, assim como as histórias de amor, tinham um final feliz.

Suspirei com a constatação e estacionei o carro na sua garagem. Vendo que Mia parecia ainda pior do que quando entrara, decidi ajudá-la, mesmo a contragosto. Mas ela era uma coisinha teimosa, que não costumava dar o braço a torcer tão fácil. Principalmente quando se tratava de mim.

— Me deixe te ajudar — pedi resignado e ela negou, a cabeça se movendo meio cambaleante de um lado para o outro.

— Estou ótima. — Era mentira, sobretudo quando sua voz saía um tanto enrolada e ela seguira andando meio trôpega em direção ao elevador.

Um novo suspiro me escapou e em duas passadas estava me abaixando em sua frente e retirava seus sapatos.

— Ei! O que está fazendo? — ela gritou a pergunta de forma esganiçada.

— Estou tirando seus sapatos, porque eles são assassinos e você obviamente não aguenta se colocar em pé sobre eles — apontei o óbvio, enquanto desafivelava a sandália um pouco mais demoradamente do que o necessário, aproveitando-me para me deliciar com a maciez da sua pele.

— Não fale deles assim! Eles não são simples sapatos, são *Manolos!* — retorquiu de forma defensiva.

Não me importei realmente com o que ela falava e muito menos em perguntar que porra eram *Manolos*, pois seu perfume me provocou. O mesmo perfume inebriante que afetava não só o meu olfato, mas meu paladar também.

Porra, como resistir?

Terminei de tirar seus sapatos e minhas mãos subiram de forma demorada pelas batatas torneadas e levemente douradas de sua perna. Senti quando ela prendeu a respiração e um som suave lhe escapou dos lábios. Estava tonto, queimando, desejando-a mais do que eu sempre quis qualquer uma. Sentimentos conflitantes explodiram dentro de mim e eu sabia que era errado sentir-me assim, como muitas vezes me recusei a sentir antes.

— Acho melhor irmos. — Eu me forcei a afastar-me e me colocar de pé.

Eu não faria isso agora. Por mais louco por Mia que estivesse, não faria isso com ela estando tão vulnerável como estava. Não era tão filho da puta como ela julgava que eu fosse. Ou ao menos era isso que eu insistia em me dizer.

Mia era muito orgulhosa e ainda tentava se manter em pé, tentei ajudá-la a entrar no elevador do nosso prédio porque ela mal se aguentava sozinha, enquanto sua cabeça balançava de um lado para o outro. Ela resmungou alguma coisa indecifrável e quando tentei ajudá-la novamente, dessa vez ela não contestou e deixou-se ser levada por mim. O que de fato era um alívio.

A viagem foi feita em silêncio. Assim que chegamos ao nosso andar, ela tentou se desvencilhar novamente de mim e manter-se de pé, mas não conseguiu mais do que alguns segundos.

— Você está bem, Mia? — perguntei, tentando não rir, enquanto reposicionava meu braço por trás da cintura dela.

— Não. Acho que não estou bem. E você nem pense em rir — ela disse com aquele tom acusatório, que a deixava ainda mais sexy.

— Eu não ousaria — respondi obrigando-me a me manter sério.

Chegamos em frente à sua porta, e como ela não parecia encontrar sua chave na bolsa, não me fiz de rogado e utilizei a cópia que eu havia feito clandestinamente.

— Onde você conseguiu a chave do meu apartamento? — ela resolveu perguntar, parecendo um tanto mais lúcida.

— É melhor você não fazer pergunta difícil agora. — Pisquei um olho e voltei a puxá-la, levando-a para dentro de casa.

Eu quase podia sentir sua mente alcoolizada tentando trabalhar de uma forma que ela certamente não seria capaz, mas ainda assim estava tentando. Seu nariz franziu em uma caretinha

linda e me segurei para não beijá-la ali.

— Você não precisa de mais alguma coisa? Água? Um Engov? Um balde? — brinquei, quando a ajudei a deitar-se na sua bela cama king-size.

— Eu só preciso que você faça tudo parar de rodar. — Fechando os olhos, ela colocou a mão na cabeça e novamente me vi sorrindo.

— Acredite, se eu pudesse, eu faria tudo por você.

Seus olhos azuis voltaram a se abrir e quando olhou diretamente para mim, ela parecia até mesmo sóbria. A dor que vi ali novamente me matou um pouco e engoli em seco. Estava farto dos olhares que Mia sempre me dava, porque ela não entendia nada que fiz e ainda fazia por ela. Estava cansado de querer dizer a ela o que aconteceu, o que lhe escondia, mas sabia que não podia. Por ela.

— Está mentindo. Você sempre mentiu para mim. Não confio mais em você. — A afirmação foi feita em um sussurro e foi tão forte como um soco no meu estômago.

Ouvi-la falar em voz alta fez meus olhos lacrimejarem e meu estômago apertar. Era mesmo possível ficarmos juntos? Talvez não devêssemos. O amor... nem sempre era suficiente. Ao menos não tinha sido o suficiente para nós dois. E o amor sem confiança... era mesmo amor? Talvez não fosse, mas eu ganharia sua confiança mais uma vez.

Preparei-me para responder, pois por mais doloroso que fosse e mesmo que talvez Mia não se lembrasse disso na manhã seguinte, era a coisa certa a se dizer. Porém, ela voltou a fechar os olhos e virou-se de lado.

Engoli em seco e sentei-me ao seu lado quando percebi que era seguro e a ouvi ressonar baixinho. Pensei em tocá-la, mas meus dedos tremeram enquanto os resvalei para longe. Curvei-me e beijei sua testa, fechando meus olhos ao inalar seu cheiro, lutando para manter minha sanidade.

Havia perdido o prazer de sentir seu cheiro e a maciez da sua pele ao longo dos anos. Tocá-la em vez de sonhar com isso era surreal. Eu perdi tanto, mas por mais que soubesse que as coisas seriam difícil entre nós, não queria perder mais nada.

Eu não aguentava mais. Precisava dela como eu a tinha antes. Precisava dela agora antes que eu a perdesse para sempre. E perdê-la mais uma vez estava fora de cogitação.

Cobri seu corpo com o edredom macio de sua cama e eu sabia que essa seria uma noite em que não a deixaria sozinha e velaria seu sono. Olhando para ela completamente entregue ao mundo dos sonhos, mundo este que eu não mais visitava desde que a deixei, foi impossível não lembrar-me de outro momento em que ela havia feito a besteira de beber como fizera essa noite e me confessara dores que talvez não pudéssemos curar um dia...

Nove anos atrás...

Na véspera da chegada da tia Socorro em Roma, relutantemente eu já tinha tirado todas as coisas de Henrique do meu quarto e colocado no seu antigo. Então tivemos que reorganizá-lo, porque apesar de Luca utilizar a cama constantemente, o quarto de Henry tinha virado praticamente um quarto de estudos e uma extensão do meu guarda-roupa.

Naquele dia não havia tido aula, então me sobrou tempo para dar uma arrumada na casa. Não precisei fazer muita coisa, porque a pessoa mais bagunceira do lugar na verdade era eu. Já era final da tarde e estava voltando do supermercado com algumas coisas que estavam faltando na cozinha quando meu celular tocou.

— *Ciao* — atendi com a já familiar saudação italiana e nem ao menos me dignei a olhar para tela.

— *Mia, querida* — a voz da minha dinda falou do outro lado.

— Dinda — eu a cumprimentei contente ao ouvir sua voz, enquanto fechava a porta da geladeira com o pé. — De malas prontas? Não esqueça os casacos, aqui está realmente frio. Já fiz um roteiro de compras para seguirmos — tagarelei enquanto começava a guardar as coisas no armário.

— *Sobre isso, querida...* — ela começou a falar com a voz triste, mas não terminou, porque quando notei seu tom de voz, tratei de cortá-la:

— O que houve, dinda? — perguntei preocupada, largando imediatamente o pote de tomate seco sobre o balcão com um baque.

— Não poderei ir — ela falou com a voz quebrada e um suspiro de pesar lhe escapou. — Acabei de chegar em Ilhéus. Você sabe como painho é teimoso... Ele estava com câncer de próstata e não nos avisou. Marcou a cirurgia e só soubemos quando ele se internou. — Percebi sua voz tremendo enquanto terminava de falar.

— Dinda, está tudo bem com ele? — perguntei realmente preocupada.

— Sim, querida, está. A cirurgia terminou há cerca de uma hora, estou a caminho do hospital e lá saberei de tudo detalhadamente, mas felizmente está indo tudo bem — afirmou.

— Graças a Deus! — falei já me jogando no sofá.

— Sim. — Ela soltou outro suspiro pesaroso. — No entanto, não poderei ir,

ficarei aqui na Bahia por um tempo. Confirmei com Thiago e ele disse que ainda está indo com Mariah sem mim. Só gostaria que você conversasse com Henrique para mim, por favor — pediu.

— Claro, dinda! — respondi imediatamente.

— Sei que têm brigado muito nos últimos tempos e que às vezes isso deve fazer ainda mais difícil a convivência de vocês, mas sei também que você conseguirá fazer com que meu filho entenda melhor minha situação — explicou-se, me fazendo engolir em seco.

— Sem problemas, Dinda, Henrique e eu temos nos dado bem. Pode deixar que conversarei com ele direito — prometi, odiando mentir um pouco para ela. — Por favor, nos mantenha informados, ok? — pedi.

— Sim, querida. Até mais. Se cuidem. Amo você. Beijos — ela se despediu antes de desligar.



Assim como Henrique considerava muito meu *Papa*, ele também considerava muito meu *Nonno* como seu avô de verdade. Seus avôs paternos morreram cedo, então ele só tinha seus avós maternos e meu *Nonno*, por isso ele era realmente louco por seus avós. Quando lhe falei o que estava acontecendo, ele ficara um pouco desnorteado na hora, mas consegui convencê-lo de que estava tudo bem e que sua mãe nos manteria informados, o que o fez relaxar um pouco.

Minha Dinda cumpriu a promessa e ligava constantemente para nos manter atualizados sobre o estado de saúde do seu pai. Ele estava se recuperando bem e já tinha pedido inclusive uma dose de pinga para o médico. Então era oficial: Ele estava mais do que bem.

Quando Thiago e Mariah chegaram no dia seguinte, nosso pequeno apartamento parecia prestes a explodir de alegria. Estava tão feliz que eles estavam conosco que quase esqueci um pequeno detalhe. Enquanto eu pegava um vinho na geladeira e fofocava com Mariah, eles se aglomeraram no sofá em um bate-papo. Lógico que eles ficaram completamente chocados quando reivindiquei o melhor lugar da casa: o colo de Henrique.

— Obrigado por me manterem informado sobre as novidades — Thiago falou sarcasticamente, olhando para nós três.

— Desculpe, Ti — disse sem jeito —, é que pedi para que ninguém contasse nada — terminei e Thiago bufou, nitidamente puto.

— Pelo amor de Deus! Quem diabos eu sou? Por que não podiam contar para mim? — perguntou irritado.

— Abaixe sua voz enquanto fala com ela — Henrique avisou com um tom de voz meio ameaçador.

— Oh, me mate, por favor! Quando você se tornou tão marica? — Thiago perguntou a Henrique que rosnou em resposta, me fazendo rir.

— Sim. Vocês dois são uns maricas das suas meninas e eu sou o único macho transbordando testosterona nessa casa. Agora fechem o bico — Luca exigiu de forma cortante.

— Isso tudo é inveja? — Henrique brincou.

Luca fingiu engasgar e quando levantei meu olhar até o dele, ele revirou os olhos, enquanto Henrique achava uma ótima ideia deixar uma trilha de beijos pela pele do meu pescoço.

— Parem de putaria em minha frente e consigam um quarto — Luca disse com uma careta.

— Deixe-nos em paz. Quando você se apaixonar, você não vai ser diferente — eu disse cutucando-o.

— Graças a Deus que existe uma grande possibilidade de que talvez isso nunca aconteça realmente. Se acontecer, atirem em mim, por favor — ele disse sério, mas me fazendo rir.

— Então acho que vou começar a fazer aula de tiro — graciei, embora, no fundo, soubesse que ele estava completamente enganado.

Durante o jantar, tentávamos colocar o papo em dia. Tentávamos, porque enquanto falavam, Henrique ficava sussurrando safadezas em meu ouvido e provocando-me de tal maneira, que ficava difícil de me concentrar em meu próprio prato. Ele não estava facilitando para mim. Não que eu estivesse reclamando, claro.

— Ugh. Vocês podem parar um pouco? Eu estou tentando comer aqui! — Thiago disse com cara de nojo e eu lhe dei língua. — Isso é chato e uma falta de respeito, sabia? Eu acho que gostava mais de vocês dois quando não estavam fazendo sexo. — Ele terminou de falar, enquanto Henrique achou divertido continuar beijando meu pescoço.

— Bem-vindo ao clube! — Luca resmungou, enquanto jogava uma panqueca no seu prato.

— Mas não éramos tão divertidos — prontamente nos defendi.

— Você quer dizer que vocês não estavam se divertindo tanto. — Thiago

apontou para nós dois nos fazendo rir, mas eu não poderia discordar disso também.



Passamos os próximos dias curtindo e aproveitando tudo que Roma tinha para nos oferecer. Nos últimos dias em que os dois estavam aqui, pegamos o trem e fomos passar o fim de semana em Paris para comemorar o aniversário de Henrique, e foi incrível.

Sempre achei que homens vestidos com roupas de frio eram sexy, mas o jeito que Henrique ficava vestido com uma jaqueta preta de couro, gorro de tricô, suéter cinza escuro, jeans e botas de couro, era realmente o *fetichê de inverno* de toda mulher e eu ficava praticamente babando o tempo todo.

Enquanto respondia uma mensagem de Lorena no celular, quando vi a data. Estava fazendo três anos. Uma dor ameaçou irromper meu peito quando lembrei que há três anos perdi minha mãe e tanto mais, que talvez fosse tudo culpa minha. E exatamente por isso sugeri irmos a um Pub, porque eu precisava muito beber.

Henrique já havia me perguntado várias vezes se estava tudo bem. Eu mentia e dizia que sim, mas não sustentava seu olhar. Sabia que se olhasse em seus olhos ele me “leria” e iria querer conversar sobre isso, mas eu não queria conversar. Eu queria beber.

— Por que não vamos a outro lugar? — ele perguntou quando adentramos um pub estilo londrino.

— Que outro lugar? Ainda acho que beber é uma boa ideia — falei, indo direto para o balcão e pedindo bebida para todos.

Quando estava fazendo meu caminho de volta para a mesa, Henrique me interceptou antes de chegar e olhou para mim com o cenho franzido.

— Você não está bem. — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

— Sim, estou — eu disse, antes de limpar a garganta para completar: — Eu só quero beber e enfiar o pé na jaca.

O olhar de dúvida em seu rosto era esperado. Por mais que vez ou outra bebesse como se não houvesse amanhã, eu não era assim e Henrique sabia disso.



As próximas horas foram regadas a tequila e muitas risadas. Ao menos da minha parte. Eles estavam sempre tentando fazer com que eu não virasse a próxima dose, mas não conseguiam me convencer do contrário. Henrique não parecia nada feliz e até mesmo tinha se afastado de mim, nem ao menos me dirigia um único olhar.

Não queria me importar, mas vê-lo se afastar estava me enfurecendo sobremaneira. Eu não queria que ele fizesse isso, porém também não queria lhe dizer. Ele, mais do que ninguém, deveria me entender.

— Por que está agindo tão estranha, Mia? — Luca perguntou quando Henrique saiu da mesa coma desculpa de ir para o banheiro.

— Estou normal. Eu só estou cansada e acho que realmente preciso beber essa noite — respondi, agitando as minhas mãos para o garçom que passava, lhe pedindo mais uma rodada.

— O que há de errado? — Ele cobriu minha mão com a sua quando fez a pergunta.

— Nada. — Estalei minha língua, começando a ficar impaciente com a quantidade exorbitante de perguntas. Realmente não queria que ele continuasse insistindo nesse assunto. — Não há nada de errado em uma estudante universitária apenas querer sair para beber. — Dei de ombros para ele.

— Você está chateada com algo. Eu te conheço. — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

— Pare com isso, Luca di Palacci Campanaro. Eu estou bem. Apenas não insista — eu pedi, a última parte deliberadamente lenta para que ele entendesse e, no mínimo, reconhecesse que eu não ia falar sobre isso.

Eu realmente não estava bem, mas a última coisa que queria era ter uma sessão de terapia. Apenas precisava de uma dose de álcool para esquecer-me tudo que aconteceu aquela noite. Quando ouvi seu suspiro, eu sabia que ele não estava feliz com a minha resposta, mas também sabia que ele não insistiria e eu tinha conseguido um tempo para mim até que ele voltasse a me pressionar. Eu só precisava seguir adiante com meu plano de embriagar-me.



Uma hora e meia depois, eu aparentemente tinha feito um bom trabalho e finalmente alcancei o status de bêbada. Já havia levantado da mesa há algum tempo e estava na pista de dança tentando colocar para fora tudo que ainda tinha dentro de mim. Eu estava me preparando para a próxima música, mas juro que ouvi a risada de minha mãe, a mesma risada que eu odiava, e isso me paralisou.

Eu deveria estar ouvindo coisas. Com certeza estava, afinal, isso era impossível. Olhei ao meu redor e não a encontrei. Ela não parecia estar ali de qualquer maneira, era apenas a minha louca imaginação criando pegadinha comigo.

Precisava lavar meu rosto e por isso me vi andando em direção ao banheiro, porém no meio

do caminho acabei topando com Paco.

— Paco? — perguntei surpresa, olhando para seus olhos castanho-dourados e cabelos escuros.

Paco era um cara realmente bonito. Ele tinha um corpo magro e era forte como um nadador. Porém, quando se tinha alguém como Henrique como namorado, por mais bonito que fosse, nada de fato poderia se comparar.

— Ei, linda. Que surpresa encontrá-la aqui. — Ele sorriu para mim, parecendo realmente feliz em me encontrar, enquanto eu estava apenas surpresa ao vê-lo longe de casa.

— É realmente uma surpresa.

— Você está com alguém? — perguntou, parecendo procurar por alguém.

— Mais ou menos. Porque no momento planejo passar hoje e amanhã bêbada e estou com a ligeira impressão de que terei de fazer isso sozinha. Mas depois tudo vai voltar ao normal.

Eu ao menos esperava que sim!

— E por que isso? — ele parecendo genuinamente curioso.

Merda! Acho que não deveria ter dito isso em voz alta!

Precisava de uma mudança de assunto, não queria mais ninguém me apertando.

— Você não vai me oferecer uma bebida? — Ele pareceu achar engraçado meu comentário, no entanto, sustentei como pude meu olhar.

— Acho que você ainda tem um. Cadê seu namorado? — Ele pareceu preocupado quando indagou.

— Provavelmente muito puto para vir brigar com você. Não se preocupe. — Eu terminei de virar meu drinque e voltei a falar com ele: — Já que você não irá me oferecer qualquer coisa, acho melhor ir.

— Acredite, o que quero te oferecer você não vai querer aceitar. — Eu ri.

— É uma pena realmente, como você sabe, sou comprometida. Acho melhor ir. — e então, sem mais uma palavra, saí cambaleando em direção ao banheiro.



Estava suando enquanto dançava uma canção qualquer, quando senti as mãos de Henrique em minha cintura. Não importava que eu estivesse bêbada, me movi um centímetro para trás para me apoiar nele um pouco. Eu reconheceria aquele toque em qualquer lugar do mundo, até mesmo em meu estado ébrio. Como poderia ser diferente? Ele era o cara que eu amava e tinha sido ele há tantos anos. Seus quadris mexeram junto com os meus ao som da música e em uma tentativa de

provocá-lo, empurrei meu traseiro contra ele, fazendo-o gemer.

Derreti-me contra ele ainda mais quando eu ouvi isso. Seus lábios provocaram a pele suada do meu pescoço, enquanto a música nos embalava, e, sentindo seu corpo sólido contra as minhas costas, me lembrei da sensação de correr minhas mãos nos seu corpo e perdi completamente o fôlego.

Henrique era tão lindo e gostoso e agora que eu sabia o que ele era capaz de fazer, eu estava prestes a tirá-lo dali para fazer exatamente o que queria com ele. Senti sua boca junto a minha orelha, mordiscando.

— Não se afaste de mim — ele sussurrou, então seu calor desapareceu e eu gemi pela perda.

Sua mão contornou minha cintura e me virou de frente para ele, antes de apertar-me contra seu corpo.

— Fale comigo, Mia — pediu.

— Não. Só cale a boca — foi a minha única resposta e então puxei seu rosto e minha boca encontrou a sua.

Meu corpo respondeu imediatamente à sua paixão ardente e ao calor emanando do seu corpo. Eu o apertei com mais força contra mim e puxei seus cabelos. Eu precisava disso. Eu precisava liberar a minha raiva, ódio e culpa que eu sentia e havia me esquecido de que ele era o único capaz de me curar.



De alguma maneira Henrique conseguiu me arrastar do pub e chegamos ao nosso hotel. Sem novas doses de álcool no sangue, minha lucidez parecia retornar aos poucos e não podia permitir que isso acontecesse. Por isso quando a porta do quarto se bateu atrás de nós, eu voltei a beijar Henrique com necessidade.

Enquanto sua boca beijava a minha com selvageria, minhas mãos tentavam nos livrar das roupas que me impediam de senti-lo completamente. Queria que nos livrar de tudo o quanto antes. Eu queria esquecer tudo o que tinha acontecido. Só queria poder desfrutar desse momento com ele, para quem sabe, conseguir apagar todas as lembranças ruins que pareciam querer me dominar.

Ele começou a se mover novamente e desta vez eu senti algo bater na parte de trás das minhas coxas, então estávamos na cama, com ele sobre mim, mas quando achei que ele me faria sentir bem, Henrique simplesmente parou.

— Vamos conversar — exigiu, ofegante, e desci minha mão entre nós, até sua ereção, em uma tentativa de distraí-lo, e ele fechou os olhos.

— Não quero conversar. A única coisa que quero é você e preciso tê-lo dentro de mim. —

Ele gemeu com as minhas palavras e voltou a me beijar.

Eu não queria conversar. Eu não queria que meu momento de fraqueza sobrepujasse o quão bom erámos juntos. Ele seria minha cura nesse momento, como foi anos atrás.

Eu podia sentir quão duro ele estava agora, e eu não conseguia parar de me mover contra ele. Olhei para Henrique, seus olhos brilhando de tesão e sua boca estava aberta, um breve ofego assoviou entre os dentes, enquanto ele tentava manter o foco. Mas eu não queria que ele fizesse isso, eu o queria descontrolado.

Não importava o quão ruins as coisas pudessem ser, Henrique era uma das únicas constantes que eu tinha em minha vida. Eu sabia que o tempo poderia passar, mas ainda assim eu o amaria com tudo que eu tinha. Não haveria outra pessoa que não fosse ele para mim, essa era a minha certeza.

Quando ele começou a se mover contra mim, minhas costas se arquearam e logo sua boca encontrou meus mamilos rijos.

— Henrique! — gritei seu nome, ensandecida.

Indo cada vez mais rápido, adorei o gemido animalesco que lhe escapou. Eu estava tão perto, mas eu não queria terminar logo, queria que esse momento durasse. Queria que ele continuasse a completar todas as necessidades que eu tinha, que continuasse a me fazer esquecer que existia um mundo lá fora, tudo que eu queria era que ele fosse a única coisa para mim.

— Por favor, fale comigo — ele pediu novamente, a voz torturada.

Inevitavelmente as lágrimas encheram meus olhos. Ele não poderia querer conversar nesse momento. Eu não podia.

— Por favor. Por favor, apenas vá. Mais duro. Eu preciso de você.

— Porra, amor, não diga merdas assim, estou tentando me controlar. — Sua voz caiu um tom, ele parecia angustiado.

— Por favor — voltei a implorar e sua boca desceu com força na minha.

Não importava que estivéssemos juntos o tempo todo, cada minuto sem tê-lo me trazia a falta de seus lábios em mim, porque apenas o seu contanto era o suficiente para me manter sã. Suas mãos exploravam meu corpo, contraste entre sua mão grande me marcando e a carícia doce da outra era o que eu precisava. Ele sabia exatamente como me tocar.

Mordi seu lábio inferior e ele rosnou, retornando o ritmo delicioso, bombeando mais rápido dentro de mim. Eu liberei seu lábio e ele moveu sua boca até o local sob a minha orelha para sussurrar:

— Eu te amo. Eu te amo para caralho! — Eu já não conseguia controlar as lágrimas que insistiam em cair e agarrei-me contra ele enquanto Henrique continuava a falar: — Enquanto eu

viver, eu nunca vou deixar de te amar. Nunca. Porque o meu coração bate por você.

Eu gritei seu nome outra vez e ele rapidamente me seguiu. Ficamos lá por alguns minutos a mais, fortemente inspirando e expirando. Eu não havia parado de chorar, algo sobre esse momento tornou a situação ainda mais difícil para mim.

— Converse comigo. Por favor — implorou, parecendo tão atormentado quanto eu.

Ele me beijou lentamente, com mais calma do que costumava fazer. Era como se ele estivesse calculando cada movimento, cada toque, cada respiração, como se temesse que um passo seu em falso fosse me quebrar.

— Respire — sussurrou o pedido.

— Eu não posso. — Engasguei com minhas próprias lágrimas e ele rapidamente se levantou e se sentou comigo em seu colo. — Eu odeio me sentir assim.

— Fale comigo. Apenas tente — pediu.

Minha respiração se tornou cada vez mais difícil. As paredes ao meu redor pareciam se fechar, como se fossem me esmagar. Tentei dizer a mim mesma para respirar, que as paredes não estavam realmente se aproximando e que eu não iria sucumbir à escuridão que parecia querer me dominar. Que os sentimentos pungidos são apenas sentimentos e um dia eles iriam embora. Que um dia eu não me sentiria bem e amada como era de fato.

— Mia, respire. Olha para mim, estou aqui com você. Sempre estive e sempre estarei. — A voz de Henrique soava distante, enquanto eu sentia alguém me balançar de frente para trás.

Concentrando-me no seu chamado, consegui navegar pela escuridão e as coisas pareceram começar a fazer sentido novamente. Ainda ofegante, segui o comando de Henrique de que inspirasse e respirasse devagar, e aos poucos fui recuperando o ar que me foi tomado. Embalando-me em seus braços, Henrique me segurava com cuidado, como se eu fosse a coisa mais importante do mundo para ele, e olhando para seus olhos verdes ainda nos meus, eu tinha certeza de que era.

— Como está, meu amor? Melhor? — perguntou preocupado, acariciando meu rosto com amor.

— Sim. Me desculpe — pedi envergonhada e ele balançou a cabeça.

— Já disse que você não tem que fazer isso. Não se desculpe. — Segurou meu queixo e beijou meus lábios suavemente.

— A dor... Eu não consigo respirar quando eu começo a lembrar. — Respirei fundo, tentando criar coragem para falar. — Hoje faz três anos — enfim confessei, em um fio de voz, e voltei a fechar os olhos.

Ele me apertou em seus braços, abraçando-me com ardor.

— Me desculpe, amor. Eu deveria ter me lembrado. Mas fiquei tão fora de mim por você

estar me afastando, que esqueci o quão ruim é para você passar por esse dia. — Engoli em seco, não queria falar mais.

Eu não podia fazer isso. As lágrimas estavam começando a vir novamente, então comecei a me afastar, mas ele só me apertou ainda mais contra si.

— Por favor, não faça isso — ele sussurrou —, não se afaste. Não se esconda de mim.

Ele pegou cada lado do meu rosto e olhou nos meus olhos, aqueles olhos verdes brilhantes que eram como minha salvação.

— Vamos ficar bem. Eu vou cuidar de você. — Ele beijou meus lábios úmidos por causa das lágrimas. — Vamos passar por qualquer coisa juntos.

Eu o abracei, tentando acreditar em suas palavras. Mas meu coração continuava apertado contra meu peito, alguma coisa me dizia que não seria assim. Infelizmente, eu estava certa.

Tempos Atuais...

Eu estava em um sono tranquilo quando o som da campainha me acordou. Tentei ignorar, porém o toque prosseguiu e parecia que a pessoa estava com o dedo grudado. Gemendo, abri um olho e olhei para o relógio. Eram seis da manhã.

Quem diabos estava tocando minha campainha às seis da manhã e em um domingo?

Obviamente era alguém que estava pronto para morrer, uma morte sangrenta e extremamente dolorosa. Arrastando-me até o andar inferior, o futuro defunto continuou a tocar insistentemente a campainha. E quando finalmente abri a porta, dei de cara com um Henrique muito acordado, sorridente e lindo demais para o meu gosto.

— Bom dia, docinho! — ele me cumprimentou passando por mim.

— O que diabos você quer tocando a campainha às seis da manhã, Henrique? — perguntei fervilhando de raiva.

— Vim te acordar, porque já passou da hora de levantar e é hora do café — falou com um sorriso ainda maior, indo em direção à cozinha.

— Você não tem o que fazer? — inquiri irritada, seguindo-o, porque ele parecia à vontade demais na minha casa.

— Sim. Temos uma estrada para pegar. Então você tem que acordar — ele afirmou, já ligando a máquina de café expresso.

— Não. Não se acorda às seis da manhã em um domingo. Você costumava fazer isso, em outra vida, eu acho. Você era menos chato — debochei.

— Bom. Isso acontecia antes dos vinte. Já estamos chegando à casa dos trinta, Mia. Está na hora de crescer e superar essa “fase dos vinte e poucos anos” em que você ainda vive — falou escorrendo sarcasmo e lhe dei um sorriso falso, porque seu comentário me deixou puta.

— Bom, como tenho 26, obviamente tenho vinte e tantos anos e não vinte e poucos. Bem vividos e maravilhosamente aproveitados, posso afirmar com toda certeza. O que posso fazer? As festas, as bebidas e os caras me amam. Não posso deixá-los desamparados. Posso me divertir e ser madura ao mesmo tempo. Não preciso ser uma velha em um corpo de jovem. Tenho o melhor dos dois mundos — respondi com orgulho, e com uma carranca irritada ele estendeu uma xícara de café fumegante para mim.

— Acho bom você tomar esse café logo, porque quero sair o quanto antes. — Sua voz estava nitidamente irritada, seu humor anterior completamente esquecido.



Não queria entrar em um carro com ele. Para falar a verdade, não queria estar sozinha com ele. Se não queria nem entrar em uma conversa, quanto mais estar em um carro durante torturantes horas. Isso definitivamente era a última coisa que estava nos meus planos.

Mas que diabos eu poderia fazer agora que estava sem poder dirigir meu próprio carro?

— Melhorou seu humor? — perguntei irônica, porque desde então ele tinha estado com uma carranca.

— Olha quem fala — resmungou.

— Só queria dizer que não sou obrigado a acordar de bom humor.

A vida é de idas e vindas. Muita coisa que vai, volta, mas não a dignidade que você perdeu na balada.

— Me ajuda a procurar uma coisa? — pedi, fazendo minha melhor cara de anjo.

— Claro, o quê? — perguntou, sua atenção indo e voltando para a direção.

— O tempo que perdi com você — falei de pronto.

Quase me bati pelo olhar magoado que me deu, mas sua atenção foi de volta para a direção e, quando achei que ele não diria mais nada, eis que ainda sem olhar para mim ele veio com a resposta:

— Uma pena que você pense assim, porque eu penso exatamente ao contrário. O problema é que, na vida, as melhores coisas custam muito a amadurecer.

Fiquei passada e confusa. Eu não esperava por uma resposta tão intensa dessa maneira e muito menos que arrepiasse meu corpo inteiro. Ainda mais com a voz do *Coldplay* como plano de fundo, agora cantando Fix You.

*“Quando você perde algo que não pode substituir
Quando você ama alguém, mas é desperdiçado
Pode ser pior?”*

— Hmm... — murmurei tentando ganhar tempo, pensando em alguma coisa, pois a voz de *Chris Martin* agora me confundia completamente, mas não consegui dizer mais nada. E achei que talvez fosse melhor ficar calada.



O restante da viagem foi feito praticamente em silêncio e isso estava me matando, porque eu me culpava por isso. Distraída em minha fúria comigo mesma, eu não tinha me dado conta de como seria difícil voltar ali, naquele lugar que fora palco de tantos acontecimentos em minha vida. Fossem eles bons ou ruins.

Por que era tão difícil voltar? Aceitar que as coisas boas chegavam ao fim? Quantas mil vezes eu havia refletido sobre isso?

Porém, esqueci-me completamente dos motivos que me faziam reticente em voltar ali, quando vi que a Fazenda Guiotto estava completamente decorada. Não apenas decorada, parecia que Papai Noel havia vomitado enfeites em toda a casa e adjacências.

Luzes e pisca-piscas multicoloridos cobriam as cercas e as janelas ao redor da construção e dos locais próximos dali. Vermelho, verde e azul brilhavam fora do celeiro e em toda a frente da casa.

— Bem. As coisas mudaram um pouco desde o último Natal em que você esteve aqui. — Henrique foi quem quebrou o silêncio.

— Um pouco? — perguntei incrédula.

Um Papai Noel estava escalando o telhado com um saco dos presentes, enquanto seu trenó estava à sua espera, e à direita da varanda havia suas oito renas. Na varanda também tinham bonecos infláveis de neve e uma neve artificial junto com pinheiros e presentes. Era como se a fazenda tivesse se materializado no Polo Norte.

— É que depois que Lia e Vittoriozinho deixaram de ser bebês, nossos pais ficaram um pouco obcecados com as decorações de Natal — explicou, tentando segurar o riso.

— Acho que percebi — murmurei ainda confusa com a quantidade absurda de coisas natalinas.

Dentro a situação era ainda pior. Uma árvore de Natal gigantesca rodeada de presentes estava no meio da nossa sala. Ao redor da antiga lareira, meias com nossos nomes, sofás cobertos por mantas, almofadas coloridas e brilhantes e mais um monte de objetos com o tema completavam a decoração.

— O que aconteceu aqui? — indaguei cada vez mais incrédula.

— Ho-ho-ho, minha filha chegou! — Fui pega de surpresa com um abraço caloroso do meu pai e, quando me afastei, vi que ele tinha um gorro de papai Noel na cabeça.

Deus! O que aconteceu com essas pessoas?

— Pai... — Emudeci olhando para ele, que ostentava um enorme sorriso.

Eu acho que não era a hora de lhe dizer que Papai Noel não existia, certo?

— Nada não. — Olhei mais uma vez ao meu redor. — Vou subir para levar minhas malas.

— Eu te ajudo — Henrique ofereceu, segurando o riso pela minha reação, e achei melhor deixar para lhe bater depois.

— Voltem logo, porque depois vou lhes mostrar as renas que mandei arrumar para a ceia. — Olhei para ele incrédula, mas ao menos não fui a única, pois Henrique parecia tão chocado quanto eu.

Jesus! Eu estava começando a achar que meu pai estava possuído pelo espírito do Noel!



Meu quarto ainda parecia o mesmo de anos atrás e, ao contrário do que pensei, me senti bem olhando o ambiente ao meu redor. Depois de arrumar minhas coisas, resolvi ligar para Lorena, que até aquele momento não havia chegado, pois o carro de Caio não estava na garagem, quando Henrique estacionou.

— Alô — sua voz doce e melodiosa atendeu.

— Por que você não está aqui ainda? — perguntei de pronto.

— Estamos chegando... Tivemos que parar para fazer uma coisa. — Ela riu baixinho e fez uma careta. — *Ai, meu Deus!* — Lorena, de repente, gritou ao telefone.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupada que pudesse ter acontecido algum acidente ou algo do tipo.

— *Você não vai acreditar* — ela disse quase sem fôlego.

— Jesus, Lore! Que diabos está acontecendo? — inquiri começando a entrar em pânico.

— Eu tenho um cabelo branco — respondeu, com uma carga exagerada de drama, e revirei os olhos, antes de desligar o telefone na sua cara, completamente irritada.

Meu telefone tocou e eu achei que era Lorena me ligando de volta, porém fiquei feliz em ver que era Zane. Meu melhor amigo gay me fazia tanta falta, que às vezes eu tinha vontade de ir até Nova Iorque apenas para trazê-lo para cá à força. Porém eu não tinha direito de fazer isso com ele, pois ele tinha uma vida, um trabalho e um namorado.

— Oi, amor da minha vida — eu o saudei feliz.

— Oi, calda de chocolate do meu sorvete — ele brincou, como costumávamos fazer.

— Como você está? Estou com saudades — admiti, jogando-me em minha cama.

— Estou bem e também estou com muitas, mas muitas saudades — suas palavras fizeram uma lágrima teimosa correr em meu rosto.

— Me diga, a que devo o prazer dessa ligação?

— Amiga, além de estar morrendo de saudades, só queria saber onde vai passar o Ano Novo...

— Em coma, provavelmente — ponderei, fazendo-o cair na gargalhada.

— O que você acha então de virar o ano em coma com o melhor amigo gay do mundo? — perguntou animado, fazendo minha boca abrir em choque.

— Você está falando sério? — perguntei, pondo-me de pé rapidamente.

— Sim. Chego aí dia 30 — falou, deixando-me eufórica.

— Ai, eu nem acredito!



Desatamos a falar sobre sua vinda e o que faríamos quando ele chegasse, o que acabou fazendo com que ficássemos mais de duas horas no telefone. Quando estava saindo do meu quarto, fechei a porta e acabei dando de cara com Henrique no corredor. Seu quarto ficava praticamente em frente ao meu, mas eu devia ter me esquecido desse detalhe. Ainda assim, tentei passar por ele sem uma única palavra, porém ele me segurou, puxando-me contra seu peitoral duro.

— Dá para me soltar? — pedi entre os dentes.

— Não. Eu gosto de tê-la em meus braços. — Sorriu de modo cafajeste, eu bufei, irritada, mas ainda assim todo meu corpo parecia ciente e ansiando por mais dele.

Merda! Por que depois de tanto tempo eu ainda me sentia dessa maneira com ele?

— Me solte, Henrique. Preciso descer para ajudar sua mãe com os preparativos do Natal — menti e ele sorriu, parecendo saber que eu estava apenas arranjando uma desculpa para fugir dele.

— Não se esqueça de se embrulhar de presente para mim — ele me provocou, seu nariz deslizando na minha bochecha, fazendo-me ofegar.

E por mais que sua arrogância e prepotência me irritassem sobremaneira, o

seu toque misturado com sua doce suavidade fez meus nervos pegarem fogo com a memória do que qualquer resvalar poderia fazer com meu corpo. Ele também pareceu recordar-se, porque fechou os olhos e um pequeno som de satisfação lhe escapou, e aproveitei sua distração para empurrá-lo.

— Vai sonhando! Tomara que esse ano o Papai Noel traga muita vergonha na cara de presente pra você! — falei, tentando me recompor, porque ainda me sentia meio zozza.

— Sabe — ele disse me analisando de cima a baixo —, esqueça o embrulho, pretendo te manter nua na minha cama.

Por mais puta que estivesse com sua atitude, ainda assim não podia negar jamais o que ele me provocava. Seria mais fácil se ele fosse um estranho, de quem eu pudesse me desligar, mas eu simplesmente não podia. No entanto, isso não queria dizer que eu cederia facilmente ao que ele e até mesmo meu corpo traidor desejavam.

— Vai pro inferno, Henrique! — gritei, querendo sair dali, e dei as costas para ele para fazer exatamente isso, mas ele se colocou em frente a mim, impedindo minha saída.

— Nossa! Cadê seu espírito natalino? — Henrique perguntou, sua cara sonsa e a voz debochada.

— Você tem razão — eu disse, cruzando os braços. — Vai de trenó para o inferno, enquanto canta *jingle bell* pro capeta! — bradei, antes de empurrá-lo e deixá-lo sozinho no corredor.



O melhor dessa época do ano definitivamente são as festas do mês de dezembro. A melhor coisa que existia nelas é que podíamos usar a desculpa do Natal e Ano Novo para ficar bêbada todo dia sem ser julgada.

Ah, como eu amava esse espírito natalino!

Como qualquer refeição na família Guiotto, a mesa estava farta, mas durante esses dias conseguia ficar ainda mais, por ser ceia de Natal. Peru, Chester, mais milhões de guloseimas acompanhadas de garrafas de vinho *Della Cella* — que pertencia ao Vinhedo da família de Luca, na Itália — e o melhor de tudo: uma família repleta de amor. Mas olhando ao redor da mesa, estava claro que só se podiam esperar duas coisas de mim: A primeira, era que eu comesse até não aguentar mais. E a segunda, que eu bebesse até não aguentar mais. E era exatamente isso que eu

estava fazendo com eficiência.

Depois da Ceia, era a hora dos presentes. Foi impossível não recordar de quando erámos pequenos, Lorena, Leonardo, Henrique e eu ficávamos de pijamas dormindo no sofá em frente à árvore, à espera dos presentes que Papai Noel traria. Era gostoso reviver um pouco disso com meus irmãos, mesmo que o encanto tenha sido quebrado e eles meio que já soubessem que o “bom velhinho” não existia, embora nossos pais tentassem mostrar o contrário.

Na hora que Lorena entregou o presente deles e ambos começaram a desembulhar, com minha taça de vinho na mão sentei para assistir ao espetáculo. Por mais que tivesse tentado falar com Lorena sobre isso, ela era teimosa demais para me dar ouvidos. Não que eu fosse um exemplo de uma pessoa nem um pouco teimosa, porque eu sabia que era também, mas como dizia Henrique, às vezes a caçula dos Ferraz parecia uma mula.

Lia iria gostar, eu sabia, porque mesmo com quase nove anos, ela era muito parecida comigo e Lorena quanto a isso. Meu pai falava o tempo todo o quanto a combinação do meu nome com a inicial de Lorena caíra como uma luva sobre ela, pois Lia era a mistura perfeita de mim e Lorena, com todos os defeitos e qualidades.

Fora toda a semelhança que tinha conosco, ela tinha os cabelos escuros e o jeito ousado de falar, como Lorena. No entanto, os seus olhos e sorriso eram meus. Assim como sua mania de ler e escrever, mas essa parte fora influência do nosso *Nonno*. E o impressionante mesmo era que Lia não havia morado com nós duas a vida toda e eu tinha medo do que não seria se tivesse.

Olhando para meu irmão, eu não tive como não sorrir. Poderiam falar o que quisessem sobre laços sanguíneos, mas Vittoriozinho era Henrique, só que com os olhos castanhos. Eles eram muito parecidos em tudo. Era incrível a semelhança entre eles com a mesma idade. O jeito de falar com autoridade. De nos encarar com uma sobrancelha levantada, quando contrariado. Fora o jeito arrogante e convencido de ser. Era impressionante mesmo. Tinha horas que eu simplesmente esquecia que estava falando com Vittoriozinho e achava que estava falando com Henrique.

Lia era fácil de conquistar, qualquer coisa relacionada à moda e beleza ela adorava. Mas com Vittoriozinho a história era diferente, eu conhecia nosso irmão e eu tinha avisado a ela sobre isso.

— Ai, Deus! Que lindas! — Lia comemorou saltitante, com o mesmo brilho nos olhos que eu achava que deveria ter, quando fazia compras.

— Roupas? — Vittoriozinho perguntou a Lorena, sem conseguir esconder sua insatisfação quanto ao presente.

— Feliz Natal! — Lorena disse animada, como se não tivesse notado seu desagrado.

— Obrigado, mana... mas roupas? — Vittoriozinho indagou.

— Não, querido, é *Calvin Kley* — Lorena corrigiu, com cautela.

— Para mim continua sendo roupas — Vittoriozinho afirmou e todo mundo caiu na risada, com exceção de Lorena, que parecia realmente ofendida.

— Eu avisei — murmurei para ela, sem conseguir esconder meu sorriso enquanto tomava mais um gole do meu vinho.

Depois de todo mundo entregar seus presentes a eles, resolvi que era minha hora. Havia deixado os últimos propositalmente, porque eu queria mostrar quem sabia presentear melhor. Comprei um *iPhone* de última geração que os dois me pediram, um *Playstation* para Vittoriozinho e um novo MacBook para Lia.

Quando rasgaram os embrulhos, eles ficaram radiantes ao verem os presentes. Não importava que eles já tivessem crescido ou que Vittoriozinho já estivesse quase do meu tamanho, o sorriso brilhante que se espalhara pelo rosto deles era sempre a melhor recompensa do mundo para mim.

— Eu não acredito, Mia! — Lia gritou, enquanto dava pulinhos de animação.

— Pow, mana, você é a melhor do mundo! — Vittoriozinho correu para me abraçar, coisa que ele não fazia muito ultimamente, pois estava entrando na puberdade.

— Obrigado pela parte que me toca. — Henrique disse para ele, se sentindo ofendido, e eu quase tive pena da sua cara derrotada. Quase.

— Idem — Leonardo falou desanimado.

— Idem — Lorena repetiu, ainda chocada.

— Desculpem os três — Vittoriozinho começou. — Mas vocês não me deram presentes tão irados, como o meu *iPhone* e o *Playstation*. Aprendam com Mia — ele falou, apontando para eles como um aviso, e ninguém se aguentou e começou a rir.

Sim, definitivamente ele era irmão de Henrique!



Nós costumávamos trocar presentes entre nós e por isso até mesmo para Henrique comprei algo. Não queria que fosse nada muito pessoal, que ele interpretasse de maneira correta, e com isso usasse como mais um motivo para não me deixar sossegada, e por esse motivo comprei para ele a mesma coisa que comprei para Léo, um relógio de pulso, embora os modelos fossem diferentes.

— Eu adorei. Obrigado, Mia. — Ele beijou minha bochecha e esforcei-me a respirar fundo, quando seu gesto demorou mais do que o necessário e fez meu coração bater tão forte quanto eu não gostaria.

— Não precisa agradecer. — Fiz um gesto com as mãos como se não fosse nada, tentando de alguma maneira manter a naturalidade que eu estava longe de sentir.

— Preciso, sim — afirmou com um sorriso misterioso, antes de tirar uma caixinha do seu bolso e me entregar.

A caixa era pequena e eu sabia que era uma joia. Foi impossível não recordar a última joia que ele havia me dado há tantos anos, e por isso temi o que poderia encontrar naquela pequena caixinha de veludo. Procurei pelos seus olhos, que me encaravam com expectativa, e de canto de olho vi Lorena tentando distrair os outros para o que eu fazia. Tremendo, comecei a abrir, sentindo meu coração bater em disparado contra meu peito.

Fechei os olhos e tornei a abri-los após tomar coragem e, dentro de uma pequena caixinha de joalheria de uma grife famosa, onde encontrei um colar em ouro branco e pingente com um diamante seguro por um pequeno pingente que deixava sua forma perfeita à mostra. Era maravilhoso. Singelo. Incrível.

— Posso colocar? — quando Henrique perguntou, mesmo temendo seu gesto, me virei para que ele colocasse a joia em meu pescoço, enquanto falava: — Não sei se você sabe, mas o diamante é a substância mais dura existente no planeta. Por isso que se nome tem origem grega e significa invencível — sussurrando as últimas palavras, ele terminou de explicar, acabando de acabar comigo: — Não importa o que você faça, o quanto tente quebrá-lo, a quais condições seja submetido, ele não pode ser destruído, assim como meu amor por você.

Engoli em seco quando Henrique se afastou e segurei as lágrimas que ameaçaram romper, porque a dor que sentia em meu peito era excruciante. Eu praticamente morri de um ataque cardíaco em pé enquanto o via disfarçar, voltando a conversar com nossa família como se nada de significativo tivesse me dito. Meu coração estava agindo de modo insano, batendo contra meu peito como se ele quisesse fugir. E naquele momento era tudo que eu queria fazer.



Eu havia sido a última a deixar a sala. E só fiz isso porque o dia estava quase amanhecendo e aparentemente os vinhos haviam sumido em um piscar de olhos. Muitas coisas se passavam na minha cabeça naquele momento e, meio cambaleante, segui na direção em que eu certamente deveria passar longe.

Abri a porta de ímpeto, Henrique estava acordado e se assustou com meu rompante, mas

apenas alçou as sobancelhas. Achei que ele diria algo por me ver invadindo a privacidade do seu quarto, porém ele nada disse. Isso deveria me fazer parar, já que eu estava ali justamente à procura de uma briga, porém nem mesmo isso me fez recuar. Eu já estava longe de me sentir constrangida.

Quando ele se pôs de pé, eu queria dar um passo para trás, recuar e desaparecer completamente, ainda assim permaneci onde estava, lutando contra o impulso de correr. Eu sabia que estar a sós com ele de novo, provavelmente, não seria uma boa ideia, no entanto a mesma força que me impulsionara até ali também não conseguia me fazer ficar longe.

— Por que você veio aqui? — Seu olhar ficou desperto com curiosidade, o desafio no seu tom de voz era inconfundível.

Seus olhos passaram sobre a minha pele e enviaram um arrepio para minha espinha. Amaldiçoei-me por usar um vestido curto e por quanta pele estava mostrando. Meus seios pressionaram-se contra o tecido fino de algodão, lembrando-me de que este vestido não combinava com sutiã, o que me deixou sentindo-me ainda mais exposta diante dele. Eu odiava como sua mera presença me deixava fora de equilíbrio e cambaleando.

Fora que ele vestia apenas uma cueca boxer e tornava ainda mais árdua minha tarefa de tentar me concentrar.

A imagem era praticamente um atentado violento ao pudor! Uma bofetada libidinosa!

— O que você veio fazer aqui, Mia? — ele repetiu a pergunta, acordando-me do meu leve torpor.

O que eu tinha ido fazer ali mesmo? Nem eu sabia!

Só que eu precisava de uma resposta.

Ah sim! Era por isso que eu havia esquecido minha própria sensatez e ido até lá! Eu precisava de uma resposta!

— Por que me disse aquilo no carro? Por que me deu esse presente? Por que me disse aquilo? Você quer me enlouquecer? — consegui perguntar, pois suas palavras vinham me martelando a cabeça desde então.

Henrique pareceu surpreso com a minha pergunta, mas não o suficiente para que perdesse aquela altura toda, que me intimidava o bastante. Eu não entendia essa luta desconfortável no meu coração. Por que eu me importava tanto com ele e com o que havia dito? E por que eu desejava não me importar? Como pode uma pessoa me deixar tão confusa toda hora?

Eu deveria ser uma masoquista para continuar a querer me meter com Henrique novamente. Para vir até seu quarto. Por confrontá-lo quando deveria me manter longe como me prometi tantas vezes. Eu precisava de ajuda. Precisava consultar um psiquiatra, ou ser internada em uma clínica para me manterem em uma camisa de força para ver se eu largava de ser doente.

— Quer saber? Não interessa! — Estava pronta para me virar, porém ele respondeu:

— Eu sempre fui idiota, Mia. Mas por mais doloroso que tenha sido para nós dois, precisávamos disso para amadurecer. — Ele levantou meu queixo com um único dedo, fazendo-me encontrar seus olhos.

Tentei dizer alguma coisa, mas não consegui fazer mais nada a não ser me lembrar de respirar. Como eu poderia dizer ou até mesmo prestar atenção em alguma coisa, se até meus fios de cabelo tinham consciência daquele corpo imenso de homem a centímetros do meu?

Ele acariciou meu rosto e meus olhos se fecharam brevemente pela intensidade de suas carícias, e eu inutilmente abri e fechei a boca, incapaz de responder. Sim, inferno, eu estava curiosa. Eu estava curiosa para saber o que sua boca seria capaz de fazer contra a minha pele e seus lábios cobrindo os meus depois de tantos anos.

— Senti tanto sua falta. Eu nunca, em todos esses anos, te esqueci. Eu nunca deixei e nunca vou deixar de te amar.

Eu queria lhe confessar que também havia sentido sua falta. Que também o amava ainda. Que mesmo sendo minha opção tê-lo tirado da minha vida, e ter tentado esquecê-lo, ainda assim ele me fez muita falta. Que, apesar de tudo, eu queria que ele tivesse estado comigo. E foi então que me peguei revirando as lembranças dolorosas do que me causou e me perdi em antigas lágrimas, que tornaram a escorrer, ainda mais fortes e tão dolorosas quanto foram para mim, se não mais. A dor não passava realmente, não ia embora, só nos acostumamos a viver com ela.

Por que o interesse repentino de ir até ali? Seria ânsia de me autodestruir? Nem Freud explicaria!

— Sinto muito, o tempo passou, as coisas mudaram e eu tive que aproveitar para mudar também.

Eu precisava afastar-me agora, isso era a coisa mais esperta e inteligente a se fazer, pois quanto mais eu o deixava ficar próximo de mim, mais certeza eu tinha de que me arrependeria depois. Porém, meu lado ébrio parecia ignorar minha sensatez, porque continuou a falar:

— Sabe o que é bom nisso tudo, Henrique?

— O quê? — Sua pergunta foi feita em um murmúrio fraco.

— Olhar pra você e não sentir mais nada! — era mentira, no entanto ele se encolheu diante minhas palavras.

— Não fale isso. Você sabe que não é verdade — sussurrou com os olhos fechados.

— Nada. Eu não sinto mais nada por você! — repeti. — Agora me dei...

Sua boca estava na minha antes que eu pudesse completar.

Beijá-la depois de tanto tempo era como voltar a respirar depois de anos. Era como matar a fome de uma comida que apenas ela poderia me dar. Era como se estivesse matando a sede da minha sofreguidão. Era como se o mundo tivesse entrado no eixo outra vez. Como se meu coração tivesse voltado a bater novamente.

Eu sonhei com isso por tanto tempo, que eu só queria congelar esse momento. Queria congelar pela eternidade. Eu estava com tanto medo de que pudesse estar sonhando, que nem mesmo conseguia raciocinar, enquanto capturava seus lábios com os meus, beijando-a com tanta paixão que eu queria chorar.

Minhas mãos precisavam desesperadamente tocá-la, porque eu estava alucinado para senti-la e todo o seu corpo estava coberto de arrepios quando finalmente a toquei como queria, e eu sorri em sua boca, sabendo que eu era o responsável pela sua mesma reação.

Eu queria ir devagar, mas tudo o que eu realmente desejava fazer era estar dentro dela. Era senti-la por completo. Acontece que, por mais que eu a quisesse loucamente, também já fiz muitas algumas escolhas erradas, principalmente quando o álcool estava envolvido.

Por mais que soubesse que o momento seria perfeito da maneira que fosse, não desejava arrependimentos no dia seguinte. A única coisa que eu queria era que quando ela fizesse isso, que fizesse porque almejava isso tanto quanto eu, e não porque estava bêbada e isso pudesse vir a gerar um arrependimento. Eu não queria que ela se arrependesse de nós dois novamente. Não mais.

Precisei de uma força hercúlea para conseguir me afastar. Ninguém disse nada por um segundo ou dois, parecíamos atordoados demais com nosso primeiro beijo depois de tanto tempo, mas minha garganta travou e meus olhos encheram-se de lágrimas com o que ela disse quando finalmente se recuperou:

— Eu não quero amar você admitiu, forçando sua voz a sair através do nó de sua garganta, enquanto tentava me bater, e eu respirei fundo, deixando que ela o fizesse.

Ela precisava disso e não me importei. Na verdade, senti-me menos culpado enquanto ela desferia sua raiva contra mim. Eu era o culpado. Eu merecia cada golpe. Merecia que descontasse em mim por tudo que infligi a nós dois. Meus olhos estavam nublados pelas lágrimas não derramadas. Mas eu não me mexi, eu não podia.

Mia continuou a me bater até que seus joelhos ficaram fracos, e eu a agarrei e carreguei-a em meus braços antes que caísse. E com ela ainda chorando em meus braços, andei até seu quarto e a deitei na cama, onde fiquei sentado até que ela caísse completamente no sono e eu pudesse

mergulhar na minha própria miséria.



Quando encontrei Mia mais tarde naquele dia, ela não disse nada sobre o que nos aconteceu. Eu só não sabia se ela estava fingindo não se lembrar do que houve entre nós mais cedo ou se simplesmente não se lembrava de nada mesmo. Independente da opção, eu a conhecia bem demais para saber que Mia estava tentando escapar, e eu havia decidido que daria um tempo para ela antes que voltasse a tocar no assunto.

— Como está o trabalho? Conseguiu terminar a matéria em que você estava trabalhando? — minha mãe perguntou a Mia, durante o jantar.

— Sim, dinda. Enviei hoje de manhã para o meu editor. Ele adorou e já me deu outras matérias para fazer.

— Filha, você tem que trabalhar menos. E os romances? — meu dindo perguntou.

— Só nos livros — afirmou, nos fazendo rir, menos seu pai, que ficou encarando-a pensativo.

— Papito, eu vivo dizendo isso a ela. O último namorado que Mia teve foi Paco. Desse jeito ela vai ficar para “titia” — Lorena disse simplesmente e tive que conter a raiva que senti ao ouvir o nome dele.

— Você é lésbica? — a pergunta foi feita em um sussurro hesitante, assim que ele pareceu sair do seu transe.

Quase cuspi o vinho que estava na minha boca. Tentei segurar minha risada, mas não consegui fazer um ótimo trabalho e realmente não me senti nada constrangido quanto a isso. Leonardo começou a rir, Lorena gargalhou alto e foi como se dessem uma permissão para que eu pudesse fazer o mesmo, então desatei a rir.

— Não, eu não sou lésbica — Mia rebateu incrédula.

— O que é lésbica? — Lia perguntou inocentemente.

— Lésbica é algo que não sou — Mia explicou para nossa caçula, ainda que estivesse irritada.

— É mulher que gosta de mulher! — Vittoriozinho nos surpreendeu com a esclarecimento.

— Você não é lésbica? — Lia voltou a insistir.

— Claro que não, Lia. Isso é loucura da cabeça do papai! — rebateu de pronto.

— Graças a Deus que sua irmã não é! — meu dindo falou, parecendo aliviado.

— *Papa*, dá para parar com isso? O fato de eu não ter um namorado não significa que eu seja lésbica — falou irritada, o rosto alvo adquirindo uma coloração avermelhada.

Não era mesmo! Eu bem sabia!

— Não. Mas isso quer dizer que você está há muito tempo sozinha. Precisa de um namorado. Eu ainda espero vê-la se casando e me dando netos um dia — meu dindo voltou a falar e Mia riu de forma debochada.

— Desculpa. Mas acho que isso não vai acontecer. Deixei de acreditar em conto de fadas há muitos anos, *Papa* — ela disse com convicção e senti um aperto no peito diante suas palavras.



Depois do jantar, no entanto, eu não estava conseguindo mais conter meu temperamento, e quando ela avisou que se retiraria para dormir, logo a segui. Antes que ela pudesse entrar em seu quarto, segurei em seu braço e virei-a para mim.

— Precisamos conversar — afirmei, e ela assentiu, embora tivesse desviado o olhar do meu, e isso me matava.

— Fale — pedi, desvencilhando-se de mim.

— Sobre o que aconteceu de madrugada...

— Nada, Henrique! Não aconteceu nada! — Levantou seu queixo enquanto me encarava com convicção. — Eu estava bêbada e não deveria ter ido lá, porém, isso não muda as coisas entre nós! — Apontou o dedo para mim.

— Como não? — meus olhos se estreitaram quando perguntei.

— Não. — Ela endireitou os ombros e vi que não havia nenhuma maneira que eu pudesse intimidá-la quando terminou de falar: — Não confunda convivência pacífica com amizade ou a volta de alguma coisa que não acontecerá. — Ela mais uma vez deu as costas para mim, e, como um covarde, fiquei ali, deixando-a partir. Novamente. Porém, dessa vez, eu não a deixaria ir sem lutar.

Continua...

Próximo livro:

ENTRE IDAS E VINDAS... *Entre nós de lá!*

Livro 5

A continuação da história de Henrique & Mia

Apaixonados um pelo outro desde pequenos, Henrique e Mia descobriram ainda jovens a paixão e viveram sentimentos tão irresistíveis, lutaram contra dificuldades, dramas e até mesmo conflitos familiares para viverem seu amor.

Depois de muito tempo separados, agora que Mia está de volta e Henrique decide reconquistá-la, nem que para isso tenha que lhe provar seu amor e confessar os segredos que por tanto tempo lhe escondeu e os separou.

No entanto a vida de ambos não é fácil e chegou a hora deles não apenas de enfrentarem os demônios do passado, mas também descobrirem que o verdadeiro amor é capaz de transpor todos os obstáculos, perdoar e finalmente acabar com as idas e vindas que por tanto tempo os separou.

Playlist

Stand By Me - Ben E. King

Story of My life - One Direction

Wherever I go - John Mayer

Wherever Will you GO - The Calling.

Me usa – Mastruz com Leite

Californication - Red Hot Chilli Peppers

Complicated - Avril Lavigne

Epitáfio – Titãs

Detalhes - Roberto Carlos

I'm a slave 4 U - Britney Spears

In the End - Linkin Park

Can't Get You Out Of My Head - Kylie Minogue

Ain't It Funny - Jennifer Lopez

One - Ed Sheeran

Thinking Out Loud - Ed Sheeran

Eu sei de cor – Marília Mendonça

93 Million Miles - Jason Mraz

Medo Bobo – Maiara e Maraísa

Fix You – *Coldplay*

Agradecimentos

Há quase cinco anos comecei a escrever a história de Luca e por mais que fosse uma coisa só minha, que pretendia guardar apenas para mim, quando conheci Henrique e Mia comecei a sentir a necessidade de contar a história deles e enquanto Luca ainda me contava a sua, esses dois foram tomando forma e logo ganharam suas primeiras linhas.

Nunca foi minha pretensão ir tão longe, chegar até aqui, escrever sempre foi um desejo meu, embora ainda não soubesse disso. E agora, depois de tanto tempo guardadinhos, esperando o momento certo de se lançarem para o mundo, eu tenho que agradecer a eles, que são os personagens mais teimosos que eu já tive o prazer de escrever. Obrigada Henry e Mia por me darem a honra de contar essa história tão cheia de idas e vindas, mas que mesmo com os tocos, os desvios, têm o mais importante para um casal: amor.

Falar de amor é tão gostoso, ainda assim de uma responsabilidade enorme. Contar a história de um casal nunca é fácil, mas contar a história desses dois teimosos foi ainda mais difícil, porque aprendi tanto com eles.

Os agradecimentos, por incrível que pareça, sempre são a parte mais difícil para mim de se escrever, porque sou tão grata à pessoas tão especiais para mim, que nunca sei o que escrever, mas a verdade é que me faltam palavras, porque elas parecem tão pequenas diante o que eles têm de importância a cada passo que dou...

Minha família maravilhosa, meus pais, que se dizem meus maiores fãs e meu espelho, eu que sou incondicionalmente fã de vocês! Ao meu marido, por cada incentivo, apoio, por sempre me dizer “Vá, vai dar certo. A gente dá um jeito.” E sempre dá. Tantas louças lavadas e horas de paciência para que eu escreva cada palavra. E André, meu filho, que mesmo tão pequeno parece compreender minhas ausências e está sempre incentivando-me a cada dia... Não sei o que seria de mim sem vocês. De certo nada! Amo mais do que tudo! <3

A Martinha, por me provar que amizade pode ser tão grande quanto a distância que não nos separa. Kamila Cavalcante, por rir e chorar a cada loucura que decido escrever. A Larissa Maps, por ter chegado em minha vida e se instalado de tal forma, mostrando que veio para ficar! Amo vocês! <3

Carlie Ferrer, para sempre. Maria Rosa, eternamente. Amo vocês demais! <3

Taciana, Thais & Thuany, meu amor e gratidão por vocês é eterno. <3

APanela de Pressão: Joice Bittencourt, Evy Maciel (Minha irmã de alma!), Sue Hecker, Kacau Ti Amo, Márcia Lima, Sylmara, Bya Campista, Camila Ferreira... Meu apoio de cada dia! <3

Ao *Lado Purpurinado da Força*: Villar, Paulinha, Liv, Sara, Marta e Kami, por serem a purpurina que faltava em minha vida! Amooooo <3

Minhas princesas lindas, meus leitores queridos, que me acompanham em cada trabalho, por cada palavra de carinho e amizade que recebo, obrigada não apenas por estarem comigo a cada livro, mas principalmente por acreditarem em mim e me darem forças para continuar a escrever para vocês. S2

A minha equipe maravilhosa de divulgação, que propagam meus bebês para o “mundo”: Laís, Paula, May, Alinne, Laiza!<3

A Evelyn Santana, por me deixar louca e também entender minhas maluquices, cuidar dos meus filhos como se fossem seus! Amo você! <3

As minhas colegas talentosas que colore o mundo: Mary Oliveira, Milena Cavalcanti, Ali Graciotte, ALC Alves, Bia Tomaz, Lucy Berhends, Janaína Rico, Nana Pauvolih, S Miller, Ju Mendes e LM Gomes.

Danilo Barbosa, meu agente por não apenas acreditar em mim, mas também cuidar de mim como ninguém! <3

Aos meus queridos Gracielle Rattes, Alinne Leite, Mayse Margarida, Thays Lima, Bianca Patacho, Vanessa Fiorio, Aline Mendes, Aline Silva, Deisi Riewi, Débora Favoretto, Mari Sales, Diana Medeiros, Anne, Ellen, Nilton, Mariana Ornelas, Marianna Rodrigues, Dammy, Veveta, Daiane Marinho e todos os meus parceiros, que me apoiam a cada dia! <3

E você, que por mais que tenha querido me matar durante esse livro chegou até aqui... Obrigada por me deixar contar essa história e espero ter entrado em seu coração! Até a segunda parte...

Até breve,

Míddian Meireles



Sobre a Autora

Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação.

É Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão incontrolável, resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias. E hoje com vinte e tantos anos, encontrou-se na escrita, redescobriu-se através das palavras, novas histórias e personagens.

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Conheça meus outros livros clicando [aqui](#).

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós
autores... <3